UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM MÚSICA

FABRICIA SANTOS SANTANA

A MUSICOTERAPIA NA POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Goiânia
2016

FABRICIA SANTOS SANTANA

A MUSICOTERAPIA NA POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música *Stricto Sensu* da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Música.

Área de Concentração: Música na Contemporaneidade.

Linha de Pesquisa: Música, Educação e Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia Regina de O. Zanini.

Goiânia
2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Santana, Fabricia Santos
A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social
[manuscrito] / Fabricia Santos Santana. - 2016.
CCLXXXI, 281 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Cláudia Regina de Oliveira Zanini.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Escola de
Música e Artes Cênicas (Emac) , Programa de Pós-Graduação em
Música, Goiânia, 2016.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Musicoterapia. 2. Política Pública. 3. Assistência Social. 4.
Sistema Único de Assistência Social – SUAS. I. Zanini, Cláudia Regina
de Oliveira, orient. II. Título.

FABRÍCIA SANTOS SANTANA

“A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social”

Trabalho final de curso defendido e aprovado em onze de abril de dois mil e dezesseis, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Claudia Regina de Oliveira Zanini

Profa. Dra. Claudia Regina de Oliveira Zanini
Orientadora e Presidente da Banca

Nilceia da Silveira Protásio Campos

Prof. Dr. Nilceia da Silveira Protásio Campos
EMAC/UFG

Rosemyriam Cunha

Profa. Dra. Rosemyriam Ribeiro dos Santos Cunha
UNESPAR

Esther Luíza de Souza Lemos

Profa. Dra. Esther Luíza de Souza Lemos
UNIOESTE

DEDICATÓRIA

*À minha família, que sempre apoiou os meus projetos,
me incentivou e não mediu esforços para que eu viesse a
conquistá-los.*

AGRADECIMENTOS

A finalização do Mestrado em Música é mais uma conquista adquirida ao longo destes anos de estudos, tornando-se um fruto de escolhas, esforços e gratidões. Ao concluir esta dissertação quero apresentar a minha gratidão a todos que contribuíram para a sua realização. A todos que, diretamente e indiretamente, me auxiliaram e me motivaram quando as dificuldades e o cansaço apareceram, fazendo-me enxergar que eles poderiam ser superados.

Primeiramente agradeço a Deus pela bondade, misericórdia, amor, cuidado e forças concedidas na minha caminhada, principalmente durante estes dois anos de estudos no mestrado;

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos, cunhado Nilton e cunhada Luamile, pelo carinho, orações, incentivo e presença através de ligações, mensagens e visitas, sendo meus grandes incentivadores. Vocês são a minha referência;

À minha orientadora, Claudia Regina de Oliveira Zanini, por contribuir no meu desenvolvimento pessoal e científico com ricas orientações, compreensão, amizade, parceria e por acreditar na pesquisa proposta dando-me a oportunidade de desenvolvê-la. Obrigada pela dedicação e exemplo!

Agradeço a cada musicoterapeuta que participou do estudo, pela importante contribuição e disponibilidade, pois com muita prontidão aceitaram o convite e compartilharam conosco as suas experiências profissionais;

À Nathália dos Santos Silva e Eurides Santos, pela paciência e inúmeras orientações no uso do software Atlas.ti;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação/Mestrado da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás pelos ensinamentos e contribuições para a minha formação como pesquisadora;

Às professoras, militantes e assistentes sociais Jucileide Nascimento pelas indicações bibliográficas da assistência social e Marlene Merisse pela contribuição na estruturação e adequação da revisão de literatura sobre a assistência social. Muito obrigada! Vocês tiveram uma participação fundamental neste processo.

Às professoras de graduação Eliamar Fleury e Sandra Rocha por acreditarem e recomendarem a minha participação do Programa de Pós-Graduação;

Aos meus amigos Antônio Samuel, Polyana Fernanda, Luamile Mascarenhas, Cláudia Cruz, Rejane Cristina, Elinai Peixoto, Thayane Sandrelle, Keila Camila, Daiane

Vieira, Tônia Gonzaga e Lara Kart por todo apoio, carinho, abraços e palavras de incentivo quando me faltaram forças;

À minha amiga Julyana Saraiva pela acolhida nos momentos de cansaço e grande auxílio nas transcrições das entrevistas;

À minha amiga Cristiane Oliveira, que me acolheu com carinho em seu benefício de viagens tornando possível a minha participação no Congresso Ibero Americano de Musicoterapia realizado na Argentina;

Aos meus colegas do Mestrado (turma de 2014), pelo companheirismo, pelas trocas de aprendizados, ansiedades e incentivos compartilhados nestes dois anos. Quero agradecer em especial a amizade de Felipe Arruda, pelos momentos de alegria, cuidado e descontração.

Aos gestores e amigos da Prefeitura Municipal de Ibotirama, que vivenciaram comigo a preparação para entrada no mestrado e, posteriormente, flexibilizaram os meus horários de trabalho para que eu tivesse condição de cumprir as disciplinas. Grata pela compreensão!

Às minhas amigas Michele Medeiros e Aline Porte, pela preciosa amizade, incentivo, encorajamento e acolhida nos tempos de trabalho-estudo. Serei sempre grata pela por tudo que fizeram por mim.

Aos colegas do Fórum Nacional de Trabalhadoras e Trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social – FNTSUAS, pelos espaços de discussão e crescimento político-científico nas temáticas sobre o SUAS;

Ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, por compartilhar bibliografias impressas a ao Sr. José Ferreira Crus, Diretor de Departamento de Gestão do Sistema Único de Assistência Social, pelas informações atualizadas do Censo SUAS;

À coordenação e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, pela prontidão e disponibilidade sempre que necessitei de orientações e documentações. Muito obrigada!

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG, pela bolsa de pesquisa que viabilizou a minha dedicação na realização do estudo.

“Si cada ser humano en vez de empuñar un arma, se atreviera a jugar un instrumento musical, el mundo sería un paraíso de amor, paz e harmonia”.

Rolando Benenzon –
(Livro Viver em Comunidade)

RESUMO

A Política Nacional de Assistência Social - PNAS apresenta-se como uma Política de Direitos à Seguridade Social, regulamentada em 2004, como um novo modelo de gestão e proteção social sob a responsabilidade dos três níveis de governo e materializada pelo Sistema Único de Assistência Social - SUAS (BRASIL, 2013). Trata-se de um direito do cidadão brasileiro garantido pela Constituição Federal, de 1988. A participação do musicoterapeuta, como profissional também atuante nas Políticas Públicas, impulsionou o presente estudo, onde se objetivou compreender o processo de inserção e atuação do musicoterapeuta na PNAS, buscando aproximações com a Musicoterapia Social e a Musicoterapia Comunitária. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. O projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás - EMAC/UFG, sendo posteriormente autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFG, sob o parecer de nº 926.839. Aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão, a triagem dos participantes foi realizada por meio das Associações Estaduais de Musicoterapia e por indicações. Foram participantes da pesquisa musicoterapeutas que atuam na área da Assistência Social. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas presenciais/virtuais gravadas em áudio, totalizando o número de dez participantes. As análises das entrevistas foram realizadas utilizando-se a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), através da técnica da análise categorial, com auxílio do software *ATLAS.ti*. Os resultados da pesquisa demonstram que a atuação da Musicoterapia ocorre em todos os níveis de proteção do SUAS, sendo realizada nos serviços socioassistenciais e nos espaços de gestão e controle social. A inserção do musicoterapeuta ainda ocorre de forma precária, necessitando de maior efetivação por concurso público e o cumprimento do que preconiza a Norma Operacional Básica de Recursos Humanos - NOB-RH/SUAS para a valorização dos trabalhadores. A prática musicoterapêutica é desenvolvida com referência nos fundamentos da Musicoterapia e nas experiências musicais descritas por Bruscia (2000). A partir das análises e discussões frente aos discursos dos musicoterapeutas participantes do estudo apreendeu-se que o profissional que atua no SUAS, além de ser flexível e tolerante, precisa desenvolver continuamente sua musicalidade clínica e sua habilidade para o trabalho com grupos, além de conhecer a legislação vigente preconizada pela PNAS. Embora a trajetória da Musicoterapia na assistência social seja considerada uma conquista recente, o presente estudo demonstrou que a sua inserção e atuação têm alcançado os principais espaços de execução da política de assistência social, onde a música tem sido utilizada nos equipamentos/espços de acolhimento e escuta, como instrumento de transformação social e de reflexão/ressignificação de histórias de vida. Concluiu-se que o trabalho que vem sendo desenvolvido pelos musicoterapeutas no SUAS tem como referências tanto a Musicoterapia Social como a Musicoterapia Comunitária, sendo ainda um processo em construção.

Palavras-chave: Musicoterapia. Política Pública. Assistência Social. Sistema Único de Assistência Social – SUAS.

ABSTRACT

The National Policy for Social Assistance - PNAS is a Rights Policy to Social Security, regulated in 2004 as a new model of management and social protection under the responsibility of the three levels of government and materialized by the Sistema Único de Assistência Social (Unified Social Assistance System, in literal translation) - SUAS (BRAZIL, 2013). It is a right of Brazilian citizens guaranteed by the Constitution of 1988. The participation of the music therapist, as a professional also active in public policy, boosted this study, where it aimed to understand the process of integration and performance of music therapist in PNAS, seeking approaches to Social Music Therapy and Community Music Therapy. This is an exploratory and descriptive research with a qualitative approach. The project was approved by the Research School of Music and Performing Arts of the Federal University of Goiás - EMAC / UFG, subsequently approved by the Research Ethics Committee - CEP / UFG, with the number 926,839. By applying the inclusion and exclusion criteria, the screening of participants was made by the State of Music Therapy States Associations and by indications. It were participants of this research were music therapists who work with Social Assistance. The data were collected through face / virtual semi-structured interviews recorded in audio, in the total number of ten participants. The analysis of the interviews were conducted using the content analysis methodology proposed by Bardin (1977), through the categorical analysis technique, with the help of ATLAS.ti software. The results of the interviews show that the performance of music therapy occurs in all SUAS protection levels, being held in social assistance services and space management and social control. The insertion of the music therapist is still precarious, requiring more effectuation by public tender and the fulfillment of what advocates the Basic Operational Norm of Human Resources - NOB-RH / SUAS for recovery workers. The music therapy practice is developed with reference in the fundamentals of music therapy and the musical experiences described by Bruscia (2000). From the analysis and forward discussions the speeches of music therapists in the study is apprehended that the professional who works in SUAS, and be flexible and tolerant, must continually develop your clinical musicality and ability to work with groups, in addition to knowing the legislation advocated by PNAS. Although the history of music therapy in social assistance is considered a recent achievement, the present study demonstrated that their integration and performance have reached the main performance spaces of social welfare policy, where music has been used in equipment / spaces host and listening as instrument of social transformation and reflection / reinterpretation of life stories. It was concluded that the work being developed by music therapists in the SUAS has as references both Social Music Therapy as Community Music Therapy and is still an ongoing process.

Keywords: Music therapy. Public policy. Social assistance. Single Social Assistance System - SUAS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Gráfico 1 - Eixos estruturantes da Gestão do SUAS.....	26
Ilustração 2	Quadro 1 – Relação dos níveis de proteção, equipamentos e serviços.....	32
Ilustração 3	Figura 1 - Configuração da Musicoterapia Social e Musicoterapia Comunitária diante a Musicoterapia Preventiva segundo Mendonza (2005).....	42
Ilustração 4	Figura 2 - Procedimento de análise de conteúdo associada aos recursos do <i>Atlas.ti</i> por Silva (2012).....	56
Ilustração 5	Figura 3 - Distribuição dos participantes da pesquisa nas regiões brasileiras...	57
Ilustração 6	Figura 4 – Rede da família/categoria sobre o perfil do musicoterapia no SUAS.....	86
Ilustração 7	Figura 5 – Rede da família/categoria sobre a descrição da MTAS.....	89
Ilustração 8	Figura 6 – Rede da família/categoria sobre as relações da MTAS e MTC.....	94
Ilustração 9	Figura 7 – Rede da família/categoria sobre o discurso transbordante.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACAMT** – Associação Catarinense de Musicoterapia
- AGAMUSI** – Associação Gaúcha de Musicoterapia
- AGMT** – Associação de Musicoterapia de Goiás
- AMT-DF** – Associação de Musicoterapia do Distrito Federal
- AMT-MG** – Associação de Musicoterapia de Minas Gerais
- AMT-PI** – Associação de Musicoterapia do Piauí
- AMT-PR** – Associação de Musicoterapia do Paraná
- AMT-RJ** – Associação de Musicoterapia do Rio de Janeiro
- AMT-NE** – Associação de Musicoterapia do Nordeste
- AMT-SC** – Associação de Musicoterapia do Rio Grande do Sul
- APAE** – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
- APEMESP** – Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo
- ASBAMT** – Associação Baiana de Musicoterapia
- ATLAS-ti** – *Archivfuer Technik, Lebenswelt und Alltagssprache. Text interpretation.*
- BPC** – Benefício de Prestação Continuada
- CAQDAS** – *Computer- Assisted Qualitative Data Analysis Software*
- CBO** – Código Brasileiro de Ocupações
- CEP/UFG** – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás
- CNAS** – Conselho Nacional de Assistência Social
- CNSS** – Conselho Nacional de Serviço Social
- CRAS** – Centros de Referência de Assistência Social
- CREAS** – Centro de Referência Especializada em Assistência Social
- DEGASE** - Departamento Geral de Ações Socioeducativas
- DP** – Documentos Primários
- EMAC** – Escola de Música e Artes Cênicas
- FETSUAS** – Fórum Estadual de Trabalhadoras e Trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social
- FNTSUAS** – Fórum Nacional de Trabalhadoras e Trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social
- GT MT/SUAS** – Grupo de trabalho da Musicoterapia no Sistema Único de Assistência Social
- IPEA** – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ISO – Identidade Sonora Musical

LA – Liberdade Assistida

LBA – Legião Brasileira de Assistência

LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS

MDS – Ministério de Assistência Social e Combate a Fome

MTAS – Musicoterapia na Assistência Social

MS – Musicoterapia Social

MTC – Musicoterapia Comunitária

NOB – Norma Operacional Básica

NOB/RH-SUAS – Norma Operacional Básica de Recurso Humanos do Sistema Único de Assistência Social

ONGs – Organizações sem fins lucrativos

PAEFI – Proteção e Atendimento Especializado a Família e Indivíduo

PAIF – Proteção e Atendimento Integral à Família

PBF – Programa Bolsa Família

PNAS – Política Nacional de Assistência Social

PND – Plano Nacional de Desenvolvimento

PSB – Proteção Social Básica

PSC – Prestação de Serviços à Comunidade

PSE – Proteção Social Especial

SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

SINPAS – Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social

SNAS – Secretaria Nacional de Assistência Social

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UBAM – União Brasileira das Associações de Musicoterapia

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UH – Unidade Hermenêutica

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	18
2.1 A CONSOLIDAÇÃO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL BRASILEIRA: UM PERCURSO EM CONSTRUÇÃO.....	18
2.1.1 A trajetória da Assistência Social.....	18
2.1.2 Política Nacional de Assistência Social e o Sistema Único de Assistência Social...	25
2.1.3 Materialização da Proteção Social da Assistência Social.....	29
2.2 DESCREVENDO A MUSICOTERAPIA.....	33
2.2.1 Breve histórico.....	33
2.2.2 Conceituando a Musicoterapia.....	35
2.2.3 Musicoterapia Social e Musicoterapia Comunitária.....	40
2.2.4 A Inserção da Musicoterapia na Política de Assistência Social.....	43
3 PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	49
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	49
3.2 ASPECTOS ÉTICOS.....	49
3.3 A INSERÇÃO DA PESQUISADORA NO CAMPO.....	51
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	52
3.5 TRIAGEM.....	52
3.6 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ENTREVISTA	53
3.7 ANÁLISE DOS DADOS.....	54
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	57
4.1 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	57
4.2 O QUE DIZEM OS MUSICOTERAPEUTAS.....	59
4.3 ANÁLISE DOS DISCURSOS E O ENCONTRO DOS OLHARES.....	85
4.4 DISCUSSÃO.....	97
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICES.....	121
ANEXOS.....	259

1 INTRODUÇÃO

O avanço e a abrangência das políticas públicas na última década têm demonstrado transformações significativas no panorama brasileiro e revelado um crescimento emergente em vários sistemas de atendimento ao cidadão. As políticas públicas são exemplos desta mudança e vêm alterando o cenário da Educação, Cultura, Saúde, Assistência Social, Economia, dentre outras áreas.

De acordo com Souza (2006), as políticas públicas surgiram nos Estados Unidos (EUA), como área de conhecimento e disciplina acadêmica, para explicar as produções do Governo e do Estado. São conceituadas por Teixeira (2002, p. 2) como:

Diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado. São, nesse caso, políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos (leis, programas, linhas de financiamentos) que orientam ações que normalmente envolvem aplicações de recursos públicos.

As políticas públicas são compreendidas como a concretização da ação governamental, mediante decisões que envolvem questões de ordem pública e que representam o interesse de uma coletividade. Podem ser entendidas como estratégia de atuação pública, estruturadas por um processo decisório e abarcado por variáveis que impactam a realidade. Neste processo, observa-se o desenvolvimento de mecanismos que permitem, cada vez mais, a participação da sociedade civil junto ao Estado (AMABILE, 2012).

A atuação do musicoterapeuta nas políticas públicas impulsionou o estudo proposto, onde se pretendeu verticalizar para a compreensão da atuação musicoterapêutica no âmbito da Política Nacional de Assistência Social. Considerando as necessidades e transformações que emergiram no Brasil na última década, como o aumento e a abrangência das políticas públicas exigindo novas habilidades do profissional, surgiu a preocupação em escrever um trabalho que permitisse ampliar a discussão sobre a Musicoterapia na Assistência Social, buscando subsídios teóricos e práticos para uma área em ascensão.

O tema proposto neste estudo relaciona-se com a trajetória da autora em sua atuação como musicoterapeuta no âmbito da Política Nacional de Assistência Social, nas experiências vivenciadas no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e a formação na área das Políticas Públicas. O ativismo em Musicoterapia também se fez presente na participação da autora nos espaços coletivos de organização política dos/as trabalhadores/as

do SUAS – Fórum Estadual e Nacional de Trabalhadoras e Trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social (FETSUAS/FNTSUAS) e em Conferências de Assistência Social.

Diante a participação do musicoterapeuta na assistência social, alguns questionamentos foram suscitados: quais as semelhanças e diferenças entre a Musicoterapia na Assistência Social, a Musicoterapia Social e a Musicoterapia Comunitária? A Musicoterapia Comunitária e a Musicoterapia Social serviriam como referência teórica e prática para a atuação do musicoterapeuta na Assistência Social?

Com vista a responder estas questões e outras inquietações, o presente trabalho teve como principal objetivo o de compreender o processo de inserção e atuação do musicoterapeuta na Política Nacional de Assistência Social - PNAS. Delimitou-se, como objetivos específicos, os seguintes pontos: compreender a Política Nacional de Assistência Social no Brasil; Investigar conceitos e histórico relacionados à Musicoterapia Social e a Musicoterapia Comunitária; Conhecer os processos de inserção e vínculos do musicoterapeuta na Assistência Social; Identificar os espaços, população e níveis de proteção onde há atuação da Musicoterapia na Assistência Social; Colaborar com a construção do perfil profissional do musicoterapeuta na contemporaneidade, que inclua a atuação nas Políticas Públicas e no âmbito da Assistência Social.

A estrutura deste trabalho apresenta uma revisão de literatura concentrada em dois subcapítulos. No primeiro, para contextualizar a política de assistência social, buscou-se apontamentos históricos sobre a consolidação da assistência social brasileira, desde o assistencialismo até a sua efetivação enquanto política de seguridade social citados por Aldaíza Sposati, Odária Battini, Potyara Pareira, Maria Carmelita Yazbeck e outros.

A assistência social era conhecida com uma prática da igreja católica, uma obra de caridade, benemerência e amor ao próximo. Caracterizava-se como um modelo de ação voluntária, realizada em sua significativa parcela pelas moças caridosas da sociedade, em socorro aos pobres e desvalidos (SPOSATI, 2011).

Segundo a autora, a assistência social constituiu-se como um campo marginal, que alternava entre servir, para o controle dos pobres desvalidos, e legitimar a ideologia do modelo de produção socioeconômica que se instalava no país através do capitalismo industrial. Esse modelo de assistência social, com base nas ações caritativas, ficou conhecido como assistencialismo.

Para superação da assistência social como caridade, várias articulações, debates e posicionamentos sobre a área abarcaram forças para o nascimento da assistência social como uma política democrática de direitos sociais. Em 1988, ano de promulgação da Constituição

Federal - CF, a assistência social conseguiu a sua regulamentação, reconhecendo-a como uma política de direitos da seguridade social – a qual tomou corpo nos artigos 203 e 204 (SPOSATI, 2011).

Nesta perspectiva, também se investigou a implementação da Política Nacional de Assistência Social – PNAS, de 2004, e o Sistema Único de Assistência Social – SUAS, contemplado na política nacional e estruturado na Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social – NOB/SUAS de 2005, os quais geraram transformações conceituais e reordenamento administrativo e político nos processos de gestão e no controle das ações da assistência social (YAZBEK; PAULA, 2013).

A partir do rompimento do assistencialismo e da regulação da assistência social, os benefícios e serviços socioassistenciais foram materializados através da proteção social da assistência social. Assim, o SUAS tornou-se a porta de entrada para o beneficiário da assistência social brasileira, acolhendo os seus beneficiários – famílias e indivíduos que vivessem em situação de vulnerabilidade social decorrente de pobreza, privação (à renda, serviço público, e outros tipos), fragilização dos vínculos afetivos- relacionamentos- pertencimento social e a quem dele necessitasse (BRASIL, 2013a).

Complementando a revisão da literatura, buscou-se fundamentos sobre o histórico da Musicoterapia. A utilização da música como recurso terapêutico não é uma prática recente, como afirma Costa, em seu livro *Caminhos da Musicoterapia*, de 1989. Segundo a autora desde os primórdios da civilização, a música era empregada em objetivos terapêuticos. No início, a sua utilização tinha um caráter mágico-religioso que, ao passar do tempo, amadureceu para uma pretensão racional/científica. A utilização da música no tratamento de doenças mentais, físicas e psicológicas e seus efeitos sobre o homem despertaram o interesse investigativo, culminando nas diferentes aplicabilidades musicoterapêuticas da atualidade.

Os conceitos musicoterapêuticos que fundamentaram este trabalho revelaram que a Musicoterapia diferencia-se das outras terapias na utilização da música “como” elemento terapêutico e nas relações que se desenvolvem através dela como forças dinâmicas de mudança (BRUSCIA, 2000).

Dentre as áreas de atuação do musicoterapeuta, o presente trabalho verticalizou o estudo, focando-se na investigação da Musicoterapia Social e na Musicoterapia Comunitária. Estas áreas são consideradas práticas de aplicação da música e da Musicoterapia que extrapolam o contexto clínico e apresentam possíveis aproximações da atuação da Musicoterapia na Assistência Social.

Para Mendonza (2005), estas duas abordagens são consideradas como modelos de Musicoterapia Preventiva e atuam no âmbito da política pública, tornando-se possível contemplar os fatores econômicos, políticos, sociais e culturais do coletivo.

A inserção da Musicoterapia na Política Pública de Assistência Social também foi abordada na revisão da literatura, contextualizando este processo como um ativismo em Musicoterapia como apresentado por Bruscia (2000) diante do desempenho profissional em movimentos políticos, sociais e culturais através da articulação de seus membros em busca de produzir mudanças. Ainda nesta conjuntura, Barcellos (2013) contextualiza este modelo da Musicoterapia como pertencente às “novas práticas” e à “musicoterapia contemporânea” diante o crescimento das áreas de atuação, aportes teóricos, paradigmas, clientela, serviços, espaços e papéis assumidos pelo musicoterapeuta no âmbito da Política Nacional de Assistência Social - PNAS.

Para entrar em contato com a realidade vivenciada pelos musicoterapeutas brasileiros que atuam na assistência social, realizou-se uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados com base no método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1977) e organizadas/categorizados com auxílio do software *Atlas.ti*.

Diante o estudo apresentado neste trabalho e considerando a importância do trabalho técnico/científico, espera-se que esta dissertação contribua e incentive o desenvolvimento de outras propostas de trabalhos na área, assim como apresente subsídios para a atuação do musicoterapeuta no SUAS.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A CONSOLIDAÇÃO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL BRASILEIRA: UM PERCURSO EM CONSTRUÇÃO

2.1.1 A trajetória da Assistência Social

A literatura aponta que o surgimento da Assistência Social brasileira como política é bem mais antigo do que a Lei Orgânica da Assistência Social LOAS – marca oficial do início da assistência social como política pública. Seu registro de nascimento foi realizado com atraso (SPOSATI, 2011, p. 19). A presente revisão da literatura buscará a compreensão do contexto histórico e político brasileiro, do seu surgimento e do processo pelo qual passou até chegar ao status de política pública de assistência social como a conhecemos hoje.

Dos autores que abordam este histórico, apresenta-se como principal referência a revisão de Aldaíza Sposati. A autora é uma das principais pesquisadoras da assistência social no Brasil e fundamental referência. Na publicação *A Menina Loas* (2004), publicado em comemoração aos 10 anos da LOAS, a mesma recupera a história da assistência social, a sua “paternidade”, e as razões pelas quais somente na Constituição Federal de 1988 adquire o status de política pública, em 1993 tem aprovada a LOAS e em 2004 a Política Nacional de Assistência Social - PNAS é estruturada no Sistema Único de Assistência Social - SUAS.

Historicamente, a Assistência Social brasileira inicia sua prática em fins do século XIX e começo do século XX, no interior da Ação Social da Igreja Católica, na perspectiva caritativa, de benemerência, assistencialista e de amor ao próximo. Envolvendo o laicato, caracterizava-se por ser uma ação voluntária, realizada em sua significativa parcela pelas moças caridosas da sociedade, em socorro aos pobres e desvalidos. Nesta marca de origem, a assistência social vem constituir-se num campo marginal que alterna o servir religioso, o controle sobre os pobres e desvalidos e a legitimação da ideologia do novo modelo de produção socioeconômica que se instalava no país através do capitalismo industrial (SPOSATI, 2011).

Para a autora, durante o fulgor da criação da Direção Geral de Assistência Social, no governo de Getúlio Vargas, ocorreu o nascimento da Previdência Social, aquela que seria dirigida ao trabalhador de carteira assinada. Esta forma de benefício era destinada para o trabalhador formal e compreendida como uma forma de reprimir o trabalho informal que, no Brasil, há anos, apresentava um número maior de trabalhadores. O histórico mostrará o

quanto a LOAS se constituiu em consonância com este trabalhador informal, apartado e excluído (Ibid.).

De acordo Sposati (2011) a Assistência Social passa a ter lugar nas ações do Estado na década de 1940, como forma de ajuda e proteção aos pracinhas e às famílias dos pracinhas mortos na II Guerra Mundial.

A proteção social já era uma pauta antiga nos países europeus que atravessaram a I e a II Guerras Mundiais, em especial a Inglaterra e a Alemanha, os quais estavam há algumas décadas (fins do século XIX) num franco processo de acumulação e instalando o novo modelo de produção fabril, que terá como marco histórico a revolução industrial na Inglaterra. Os modelos de proteção social originados nestes dois países (Bismarkiano na Alemanha e Beveridgiano na Inglaterra), influenciarão decisivamente no modelo construído no Brasil, denominado modelo híbrido (BOSCHETTI, 2008).

Sposati (2011) pontua que a LOAS tem parentesco com as políticas de proteção social inglesas e francesas, as quais, após a Segunda Guerra Mundial, estabeleceram um acordo Sociedade-Estado-Mercado para promover a proteção social de cidadania para todos no pós-guerra, de modo que também fosse oferecida a garantia dos serviços públicos custeados pelo Estado. O orçamento para este custeio seria resultante da receita gerada por impostos e taxas pagas pelo cidadão, com o entendimento de que deveria ser justo e o recolhimento incidir sobre aqueles que tinham mais riqueza. As experiências inglesas e francesas estenderam-se a outros países da Europa.

De acordo com Sposati (2011), as mulheres também exerceram grande participação neste processo histórico da LOAS. No pós-guerra elas foram encaminhadas para os campos de paz, a fim de assistir às crianças e às suas mães necessitadas. Esta ação, futuramente, iria colaborar para o surgimento da Legião Brasileira de Assistência - LBA.

Nesse empenho, em 1942, as ações da LBA foram compartilhadas com a sociedade civil tendo uma finalidade não econômica, traduzindo a Assistência Social como um ato de vontade. Ainda não se pensava na Assistência Social como direito à cidadania. No referido modelo, as abrangências das ações foram ampliadas para que as famílias não previdenciárias também fossem atendidas, assim como as famílias vítimas de calamidades, secas, enchentes, entre outros estados que fragilizavam grupos e coletivos de população (SPOSATI, 2011).

Segundo a autora, à LBA foi delegado o direito de exercer ações de Assistência Social, o espaço tutelar, a representatividade na área social e a articulação com o governo, ações que na maioria das vezes era intermediada pela primeira dama do Estado.

As atividades desempenhadas pela LBA ficaram associadas como filantrópicas, religiosas e beneméritas, permanecendo assim por aproximadamente cinco décadas (ESCORSIM, 2002). A autora afirma que as entidades de cunho assistencial filantrópico pautavam o suprimento das suas necessidades para atendimento dos usuários e para sua sobrevivência, através do provimento de donativos, contribuições simbólicas, voluntariado, apelo à moral solidária da população e das empresas privadas. Dessa forma, as práticas da Assistência Social eram reforçadas segundo a visão assistencialista¹.

Nesse momento histórico/político, a Assistência Social ainda permanecia como um modelo político que não preconizava os direitos de cidadania, o que futuramente seria motivo para mudanças e a efetivação de uma Assistência Social para a democracia política e social da sociedade brasileira. O que era produzido na perspectiva da LBA, segundo Escorsim (2002), eram ações mediante inspirações ideopolíticas, com referências conservadoras e que segundo Sposati (2011), permaneceu ao longo dos anos, pois as colocações eram bem postas no papel e pouco efetivadas na prática, confirmando que ainda haveria vários impasses na gestão da Assistência Social como política de direitos.

Para Sposati (2011), a LBA buscou afirmar o seu caráter político populista visando uma proposta mais próxima do Serviço Social, contudo, ela foi abalada com escândalos em que comprovaram o uso indevido das verbas destinadas para a esse serviço social. Este abalo induziu os trabalhadores da LBA a se mobilizarem em busca do nascimento da LOAS e do Sistema Único de Assistência Social - SUAS. No entanto, a proposta não foi alcançada, causando a extinção da LBA e os trabalhadores dispersados. O cenário da Assistência Social permanecia representando pela tradição patrimonialista, representada pela gestão das esposas de prefeitos e governadores, as quais empregavam seus próprios familiares e, assim, reafirmavam que não tinham domínio nas lições de justiça do direito social.

Passando-se os anos, durante a ditadura militar, uma nova abertura para a Assistência Social ocorre no governo do General Ernesto Geisel, quando é criado o Ministério da Previdência e Assistência Social. Contudo, neste momento, ainda não ocorre a definição da unidade política responsável pela Assistência Social dentro do Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social – SINPAS. Dessa forma, a política permanecia centralizada

¹ As atividades assistencialistas são aquelas que na sua prática realizada, tanto individual quanto coletivamente, concedem benefícios na perspectiva da dependência, não permitem o seguimento das ações e se encerram de imediato. Nesta prática, a prestação de serviços têm uma visão reprodutora, paternalista, opressora e funciona como uma prática profissional unidirecional. Historicamente, o assistencialismo é pontuado como uma atividade que a classe dominante implementava para reduzir a miséria e, assim, perpetuar o sistema de exploração do trabalho (SPOSATI, 2010). Fundamentada no voluntariado, clientelismo e caridade (ESCORSIM, 2006).

na exclusividade da ação federal, desconsiderando a participação dos municípios e dos estados (BRASIL, 2005).

A previdência e a Assistência Social caminharam juntas por um longo tempo. As duas eram consideradas como políticas sociais públicas e parte da relação entre Estado e classe trabalhadora. Segundo Sposati (2011), no ano de 1984, tende-se a questionar a necessidade de separação dos benefícios pelo tipo de benefício e população beneficiada, diante da permanente queixa sobre a natureza orçamentária que dificultava o acesso aos direitos e à proteção.

Sposati (2011) pontua que a realidade da Assistência Social brasileira demonstrou sinais de modificação em 1985, quando foi criado o I Plano Nacional de Desenvolvimento – PND, onde a Assistência Social foi particularizada e o cidadão considerado como sujeito de direitos. Neste mesmo ano tentou-se consolidar uma Nova República, iniciada na criação do novo Ministério da Ação Social, durante o governo do presidente José Sarney. Todavia, na contradição desta proposta, a esposa do presidente (Sr^a Marly Sarney), estava na direção da LBA.

Durante a transição da Assistência Social para uma nova proposta de política, buscou-se agregar conhecimentos e pesquisas que pudessem assegurar, a essa nova base, qualidade e fundamentação científica. O que se presenciava era uma ausência de parceria da gestão com a produção de conhecimentos, revelando uma realidade de ensaio e erro. Segundo Sposati (2011), a interlocução da prática com a produção de conhecimentos científicos consiste em uma busca, até os dias atuais.

A ampliação de conhecimentos na área da Assistência Social tornou-se uma questão também presente para que a mudança da política viesse a ser efetivada (SPOSATI, 2011). Nessa busca, a Secretaria Nacional de Assistência Social – SAS mobilizou-se para que ocorressem seminários e a criação de linhas de financiamento de pesquisas em órgãos federais. Ainda neste engajamento, tornou-se possível o apoio científico para que espaços de debates sobre a Assistência Social fossem suscitados em vários pontos do Brasil e a evolução ocorresse de fato.

No mesmo plano, a LBA ampliou a sua atuação e criou núcleos de pesquisadores, do estado do Amapá ao Rio Grande do Sul. Destas ações participaram líderes comunitários, técnicos e usuários da Assistência Social brasileira, produzindo várias articulações, debates e posicionamentos sobre a área. Assim, o Serviço Social abarcava forças para o nascimento de uma política democrática de direitos sociais (SPOSATI, 2011).

Em 1988, ano de promulgação da Constituição Federal - CF, verifica-se uma aceleração nas articulações para a regulamentação da Assistência Social, reconhecendo-a como uma política de direitos da seguridade social – a qual tomou corpo nos artigos 203 e 204. Segundo Sposati (2011), este reconhecimento reiterava a necessidade de pensar a população brasileira no interior da estrutura social, em meio à produção e reprodução das relações sociais, deixando de concebê-la como marginal ou carente, vitimando-a por suas necessidades, até então consideradas como de responsabilidade individual e/ou pessoal. A assistência social foi reconhecida na CF como uma política social, como política pública.

Durante muito tempo a Assistência Social esteve direcionada de forma compensatória (na ausência do Estado, de trabalho, de salários dignos, tem-se a assistência social como resposta), focalizada e circunstancial, evitando discutir sobre proteção e seguridade social como direito. Na medida em que a Assistência Social é reconhecida na CF 88 como política pública, integrante do sistema de seguridade social brasileira, de direito universal e de responsabilidade do Estado, esse passado tende a ser revisto. A LOAS buscou a igualdade e a equidade dos cidadãos, embora na CF figure que a assistência social é de quem dela necessitar. A LOAS traz um novo paradigma para a assistência social, nega a assistência social conservadora fundamentada em ações caritativas, assistencialistas e compensatórias (SPOSATI, 2011).

A proposta central para justificar a responsabilidade social na Constituição Federativa previa a:

Necessidade de criação de um sistema de assistência social descentralizado, participativo e com garantias de alocação dos recursos financeiros, superação da fragmentação, da descoordenação, da superposição de programas sociais, introdução do controle do setor público sobre os recursos financeiros repassados às entidades privadas com mecanismos de avaliação e controle social (Ibid., p. 52).

No período pós-constituição, enquanto a sociedade brasileira lutava por eleições diretas e democráticas, o Conselho Federal de Serviço Social - CFESS, órgão da categoria dos assistentes sociais, articulava-se para o nascimento da LOAS. Neste empenho, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA formou uma comissão própria para a construção do projeto de Lei Orgânica da Assistência Social, que foi apresentado durante o governo Collor e vetado por ele (SPOSATI, 2011). Estava clara a presença de dois projetos societários: um, que defendia e procurava instalar no país o neoliberalismo, onde o Estado assumiria pouco ou quase nada de responsabilidades sociais (o Estado Mínimo), representado pelo presidente Fernando Collor e outro, expressado na CF no que se refere às políticas públicas/políticas

sociais, sob responsabilidade do Estado. Neste caso, a LOAS representava a concepção de Estado Social, onde caberia ao Estado a responsabilidade sobre as políticas sociais, consideradas de caráter universal.

A luta para a aprovação do projeto permanecia. Nos anos de 1991 e 1992 as contradições exercidas pelo governo Collor provocaram o *impeachment* do presidente, o que adiou novamente a aprovação da LOAS. No novo contexto político já sob direção do então vice-presidente Itamar Franco, o projeto de lei da LOAS foi reapresentado e recusado pelo executivo, forçando a criação de uma Comissão Especial do ministério, apoiada pelo Conselho Nacional de Serviço Social - CNSS, para equacionar os estudos e especificar quais seriam as atribuições da Assistência Social.

Durante as negociações para aprovação do projeto de lei da LOAS, vários debates e emendas foram necessárias, demandando esforços de líderes do governo e entidades de Assistência Social na interlocução para a aprovação do texto básico. Este momento ficou conhecido como a Conferência Zero da Assistência Social (SPOSATI, 2011).

Realizadas as adequações necessárias, em 07 de dezembro de 1993 a LOAS é aprovada, transformando-se em Lei (Lei Federal 8.742/1993), possibilitando à Assistência Social afirmar o *status* de Direito Social, política pública, adquirido na Constituição Federal. Segundo Escorsim (2002), o fato de estar aprovada implicava mais do que o reconhecimento da LOAS como noção legalista e normatizadora. Tornava-se necessário rever as tradicionais dimensões naturalistas e reducionistas da Assistência Social, situando-a em um novo espaço enquanto política pública que representasse o dever legal do Estado e um novo paradigma na história da assistência social brasileira.

Diante da regulamentação da LOAS, o financiamento da política de Assistência Social, assim como o planejamento e sua execução passaram a ser devidos às três esferas de governo - federal, estadual/DF e municipal, com a obrigatoriedade de prever e prover os recursos para sua efetivação no orçamento dos gastos públicos (ESCORSIM, 2002). A partir de então, inicia-se a instalação imediata dos espaços de controle social: os Conselhos de Assistência Social (nacional, estaduais/DF e municipais) com participação de usuários, trabalhadores e entidades de prestação de serviços socioassistenciais, os Fundos de Assistência Social nos respectivos conselhos (que recebiam recursos para a assistência social e participavam da elaboração e acompanhamento do orçamento da política em sua esfera respectiva), os Planos de Assistência Social nas três esferas de governo, prevendo recursos do orçamento público para execução da política. Outro passo importante, foi a inauguração da I Conferência Nacional de Assistência Social (1995), enquanto espaço de controle social com

ampla participação social, discussões e deliberações para construção da política nacional, estaduais, do DF e municipais (SPOSATI, 2011).

A partir das conquistas históricas, o processo de operacionalização da LOAS começa o seu percurso de institucionalidade. A sua aprovação não significou sua estruturação imediata, mesmo diante dos grandes avanços e definições que os processos conferenciais (em grande parte sob a responsabilidade da sociedade civil organizada – com destaque para as entidades de assistência social, representação dos trabalhadores e usuários – e dos conselhos de assistência social) foram delineando. As lutas pela instalação do Sistema da política de assistência social caminhavam em sentido contrário à vontade das gestões do governo federal que se seguiram. Os instrumentos principais da política de assistência social do período compreendido entre 1993 e 2004 foram a LOAS (Lei Federal 8.742/93), o primeiro texto da Política Nacional de Assistência Social - PNAS (1998) e as Normas Operacionais Básicas - NOB da Assistência Social (1997 e 1998) (BRASIL, 2005, p.82).

Como mencionado anteriormente, o governo de Fernando Collor deu entrada ao projeto neoliberal no país. A aprovação da LOAS (por ele vetada) implicava numa medida contrária aos interesses do governo tendo em vista o sistema protetivo aprovado na Constituição Federal de 1988, da qual a assistência social fazia parte. A aprovação da LOAS (sob gestão de Itamar Franco) se deu em meio a várias negociações e mobilização de setores da sociedade política e da sociedade civil. A Conferência Zero, como foi denominada, se realizou em 1993 para dar sustentação ao texto da LOAS na perspectiva de sua aprovação (SPOSATI, 2011).

Segundo Sposati (2011), a partir da aprovação da LOAS, as Conferências de Assistência Social (foro máximo de deliberação e pactuação) deveriam se realizar regularmente visando a construção da política, as correções de percurso, com ampla participação social, dando cumprimento ao texto constitucional e da referida Lei Orgânica. Entretanto, a entrada de Fernando Henrique Cardoso, em continuidade ao projeto neoliberal de Fernando Collor, e sua permanência por dois mandatos consecutivos, possibilitou a realização de apenas três Conferências Nacionais (1995, 1997 e 2001). A gestão do governo Lula adota como primeira ação na perspectiva de afirmação da LOAS, a convocação da IV Conferência Nacional com o tema "Assistência Social como Política de Inclusão: uma Nova Agenda para a Cidadania - LOAS 10 anos" (2003), onde se inicia, de fato, o debate da PNAS nos ditames da LOAS e a aprovação das deliberações na perspectiva de construção do SUAS. Foram onze anos que separaram a LOAS do SUAS.

2.1.2 Política Nacional de Assistência Social e o Sistema Único de Assistência Social

A vivência e a construção da Assistência Social relatada no subcapítulo anterior, com destaque na última década, revelam uma nova trajetória com o esforço coletivo para sua consolidação e legitimação enquanto política pública no campo da Seguridade Social Brasileira.

De acordo Couto, Yazbek e Raichelis (2014), a IV Conferência Nacional de Assistência Social realizada no ano de 2003 contemplou, em suas deliberações, a necessidade de materialização das diretrizes da LOAS e dos princípios da Constituição Federativa de 1988. No ano seguinte, 2004, resultante do intenso e amplo debate nacional, aprova-se a Resolução n. 145 de 15 de outubro de 2004, do Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS criando a Política Nacional de Assistência Social – PNAS. Mediante a criação da PNAS, constitui-se o processo de construção e normatização nacional do Sistema Único de Assistência Social - SUAS, o qual foi aprovado pelo CNAS por meio da Norma Operacional Básica - NOB n. 130, de 15 de julho de 2005. As ações da PNAS e do SUAS passaram a buscar uma participação democrática da sociedade civil, na garantia dos direitos no âmbito da seguridade social e acessibilidade a melhores condições de vida (BATTINI, 2007).

Os avanços históricos apontam que, a partir do reconhecimento da Assistência Social via Constituição Federativa, em conjunto com a aprovação e reconhecimento da LOAS, buscou-se a construção de uma nova cultura da política de Assistência Social para que viesse de fato consolidá-la como política de Estado e direito do cidadão. Fundamentada nesta perspectiva, a Política Nacional de Assistência Social – PNAS de 2004 e o Sistema Único de Assistência Social – SUAS contemplado na política nacional e estruturado na NOB-SUAS de 2005, inicia seu percurso de implantação em todo território nacional, gerando transformações conceituais e reordenamento administrativo e político nos processos de gestão e no controle das ações da Assistência Social (YAZBEK; PAULA, 2013).

A produção intensa compreendida no período de 2004 a 2011, reordenou a política de assistência social em todo cenário nacional, o que provocou a necessidade de introdução do SUAS no texto da LOAS de 1993. Nesta perspectiva, foi aprovada a Lei Federal 12.435, de 6 julho de 2011, que afirma a lei de 1993 e a avança, dispondo sobre a organização da Assistência Social brasileira, a estruturação do SUAS e suas normativas e regulamentação (BRASIL, 2011b).

Couto, Yazbek e Raichelis (2014) afirmam ainda, que o novo modelo da Assistência Social materializada pelo SUAS teria como proposta uma gestão compartilhada e descentralizada, com o cofinanciamento e a cooperação técnica participativa dos três níveis de governo – Federal, Estaduais/DF e Municipais. Neste modelo de gestão, inspirada na CF-88, preconiza-se a provisão de atenções socioassistenciais em consonância com as diretrizes da LOAS e da Norma Operacional Básica do SUAS – NOB/SUAS (2005), defendidas como dever do Estado e direito do cidadão brasileiro.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, responsável pela coordenação e gestão do SUAS no âmbito nacional, este sistema é conceituado como “um sistema público não-contributivo, descentralizado e participativo que tem por função a gestão do conteúdo específico da Assistência Social no campo da proteção social brasileira” (BRASIL, 2005, p. 15), organizado por níveis de proteção - Básica e Especial, considerando a hierarquia das proteções e as complexidades de cada uma. Atuará também como espaço de proteção social na promoção do protagonismo e autonomia dos sujeitos sociais, no âmbito da seguridade social (BATTINI, 2007).

Gráfico 1 – Eixos estruturantes da Gestão do SUAS

Fonte: Norma Operacional Básica do SUAS (BRASIL, 2012, p.17).

O gráfico apresentado demonstra as diretrizes (eixos) estruturantes que norteiam a organização da Gestão do SUAS. Segundo a NOB-SUAS de 2005, a *Territorialização* reconhece que há múltiplos fatores sociais e econômicos que implicam aos indivíduos/famílias viverem em situação de vulnerabilidade e risco social. A partir do diagnóstico sócio-territorial será possível adequar a instalação dos serviços socioassistenciais conforme à diversidade regional dos municípios e regiões do país, porte do município e com referência nas expressões de vulnerabilidade social, no quantitativo da população, respeitando

as diversidades e diferenças das regiões e das características culturais, socioeconômicas e políticas (BRASIL, 2012).

Para a Assistência Social, a *Matricialidade Sociofamiliar* é o centro onde convergem as atenções, considerando-a o núcleo social básico de acolhida dos indivíduos, o lugar onde as contradições da sociedade como um todo mais se evidenciam, o espaço de convívio de seus membros, onde podem ser desenvolvidas potencialidades, autonomia e protagonismo dos sujeitos conviventes no núcleo familiar e no entorno do território, e propiciadas formas de sustentabilidade e renda. O SUAS tem como princípio, o direito à convivência familiar e comunitária das crianças, adolescentes, jovens, idosos, pessoas com deficiência e atribui ao Estado a responsabilidade sobre as condições objetivas para que a família assegure esta convivência, prevista nas seguranças da assistência social (BRASIL, 2012).

As diretrizes que abordam a *valorização e presença no exercício do controle social*, a *participação popular dos cidadãos/usuários* e o *fortalecimento da relação democrática entre Estado e sociedade civil*, consistem na participação de entidades de assistência social, de usuários e de trabalhadores nos espaços de controle social - Conselhos e Conferências de Assistência Social. Os Conselhos, constituídos paritariamente entre sociedade civil (três segmentos) e governo, têm como responsabilidade precípua realizar o controle social sobre a política de assistência social no seu âmbito: participação na elaboração do Plano e do Orçamento da Assistência Social; aprovação do Plano e do Orçamento; fiscalização sobre a execução orçamentária, acompanhamento da execução da política de assistência social; controle sobre a qualidade dos serviços ofertados; acompanhamento dos serviços da assistência social realizados pela rede complementar (parceira); acompanhamento dos recursos repassados à rede complementar e a cobertura dos serviços tipificados; monitoramento sobre os dados territoriais, e outros. No espaço de controle social das Conferências de Assistência Social ocorrem os debates sobre as demandas da política de assistência social, a avaliação da execução dessa política, bem como a destinação de recursos e alocação dos mesmos para financiamento das unidades responsáveis pelas proteções no território e dos serviços tipificados. Na Conferência, sociedade civil e governo deliberam (pactuam) sobre os encaminhamentos que deverão ser seguidos pelos entes federados e conselhos. Como participação social e co-responsabilização no controle social, o SUAS defende a criação de conselhos gestores nas unidades operacionalizadoras do SUAS e a organização dos trabalhadores (BRASIL, 2012).

A *descentralização político-administrativa* expressa quais as competências de cada ente federativo – União, Estado/DF e Município – na gestão do SUAS, visando a integração dos objetivos, ações, programas, projetos, serviços e benefícios ofertados. Nesta diretriz incorpora-se também o *financiamento (com)partilhado entre os entes federados* detalhando a responsabilidade de cada um no financiamento e execução da política (BRASIL, 2012).

A *precedência da gestão pública da política e a informação, monitoramento, avaliação e sistematização dos resultados* também são pautadas pela NOB-SUAS como diretrizes e instrumentos da vigilância socioassistencial, a qual tem um papel fundamental na instalação, operacionalização, monitoramento e avaliação dos serviços socioassistenciais. Estas ações visam produzir e disseminar informações, de modo que, possibilitem a efetivação do SUAS de forma preventiva, proativa e contribua também para a redução dos agravos em situações de vulnerabilidade e riscos sociais (BRASIL, 2012).

Ainda no quadro das diretrizes, a NOB-SUAS destaca os recursos humanos como sendo a principal ferramenta do SUAS. A *qualificação dos recursos humanos* e a valorização dos trabalhadores do SUAS são destacados. Considera que os trabalhadores do SUAS são também aqueles que operacionalizam os serviços socioassistenciais na rede parceira. A capacitação é apontada como necessidade, para todos os trabalhadores, gestores e conselheiros de assistência social, de forma permanente, continuada, sustentável, sistemática, participativa, nacionalizada, descentralizada e que possibilite uma supervisão integrada, com vistas ao aperfeiçoamento daqueles que atuam na oferta dos serviços socioassistenciais (BRASIL, 2011a). Os recursos humanos são normatizados pela Norma Operacional de Recursos Humanos NOB-RH SUAS de 2006.

A busca pela cobertura dos serviços socioassistenciais no território, a ampliação do significado de equipe de referência, o controle social sobre a qualidade dos serviços ofertados, são entendidos como uma “arma de luta” (SPOSATI, 2013, p. 25) na defesa da política de Assistência Social. Ainda nesta perspectiva, Colin e Jaccoud (2013) afirmam que o SUAS será o instrumento utilizado em todo o território brasileiro, responsável por ofertar políticas de proteção social ancoradas na garantia de direitos, de forma obrigatória, continuada e planejada, para proteger o cidadão de todas as formas de violações de direitos e das privações ou insuficiência de renda, visando a autonomia e o protagonismo.

2.1.3 Materialização da Proteção Social de Assistência Social

A padronização para os serviços de proteção social é estabelecida através da Resolução nº 109 do Conselho Nacional de Assistência Social, aprovada em 2009 e conhecida como a Tipificação dos Serviços Socioassistenciais. Este documento estabelece os conteúdos essenciais, o público a ser atendido, o propósito de cada serviço, a articulação em rede (educação, saúde, econômicas, culturais, previdenciárias, entre outras), as formas de acesso, o período de funcionamento, os resultados esperados e outros (BRASIL, 2013a).

A população alvo do SUAS é formada por famílias e indivíduos que vivem em situação de vulnerabilidade social decorrente de pobreza, privação (renda, serviço público, e outros tipos), fragilização dos vínculos afetivos – relacionamentos - pertencimento social. Mediante uma escuta qualificada realizada nas unidades e nos serviços socioassistenciais, o indivíduo (ou sua família) será direcionado e acolhido na Proteção Social de acordo com a necessidade apresentada.

Os serviços prestados pelo SUAS, como pontuam Yazbek e Paula (2013), devem ser ofertados prioritariamente pela gestão (execução direta) mas podem também ser ofertados pelas entidades ou organizações de assistência social, desde que tenham aderido ao SUAS e se comprometam com a sua realização. Este pacto é estabelecido via instrumento jurídico entre as partes denominado convênio. Tais convênios podem ser estabelecidos entre o gestor da política de assistência social e organizações sem fins lucrativos – ONGs, órgãos e instituições públicas federais, estaduais, municipais da administração direta e indireta. Para a execução das demandas e uma atuação com base na territorialização e hierarquização, o sistema foi organizado de acordo com seu grau de complexidade da atenção, como recomendado na NOB/SUAS de 2005 e reorientado na atualização da norma em 2012.

As unidades do SUAS, os serviços e ofertas socioassistenciais fazem parte da proteção social não contributiva e do modelo de assistência social realizada pelo SUAS, a todos os seus usuários na perspectiva do direito. Dos objetivos principais da Proteção Social de Assistência Social, destaca-se o compromisso com o fortalecimento da família e do cidadão, enquanto sujeito de direito, para através deles, proporcionar o acesso dos cidadãos a benefícios, programas, projetos, serviços e ações que garantam o fortalecimento das famílias e a vivência/convivência familiar e comunitária. No interior destes serviços são ofertadas a acolhida, escuta e apoio sociofamiliar (indivíduos e suas famílias), de modo a acessar direitos sociais, construir novos direitos, exercer a cidadania, ter acesso à geração de trabalho e renda, receber orientação e ter encaminhamento para outras políticas públicas ou outros serviços da

rede socioassistencial, receber atendimento mediante seus direitos ameaçados ou violados e o enfrentamento das desigualdades sociais (BRASIL, 2011a).

No campo da segurança de sobrevivência, Colin e Jaccoud (2013) citam os benefícios eventuais e pontuam que eles participam do Sistema de Assistência Social na garantia de renda. São benefícios monetários não contributivos, não condicionados à contribuição prévia. Os propósitos destes benefícios seriam o enfrentamento das situações de insuficiência de renda mínima, reduzir a desigualdade social e a situação de pobreza, de modo que permitam a qualificação da ação preventiva diante de outras situações de vulnerabilidade. Neste âmbito, a política opera dois importantes benefícios - a Programa Bolsa Família (PBF) e o Benefício de Prestação Continuada (BPC).

O BPC é considerado como um marco significativo, que trouxe grande mudança para o padrão da proteção social brasileira. De forma semelhante, o PBF permitiu a inclusão de uma população excluída do sistema de garantia de renda, reforçando a importância das ações da seguridade social sobre a pobreza, na complementação da renda (COLIN; JACCOUD, 2013).

A Proteção Social, no âmbito da Assistência Social, além de materializar-se por meio dos benefícios, também abarca os serviços socioassistenciais. No campo destes serviços tem-se um espaço onde ocorrem as intervenções com intuito de fortificar as potencialidades do cidadão, de modo que também seja possível construir novos ativos sociais, o enfrentamento ao isolamento, abandono e outras situações de violação de direitos, a segurança de acolhida e o convívio (COLIN; JACCOUD, 2013).

Os serviços no SUAS são organizados por níveis de complexidade, diferenciando-se em Proteção Social Básica (PSB) e Proteção Especial (PSE) de Média e Alta Complexidade. Cada nível abarca serviços específicos para populações variadas, equipamentos, objetivos e outros aspectos que os diferenciam nas suas ações (BRASIL, 2013a). Pereira (2007) explica que os níveis de proteção não são meramente colocados em grau maior e menor, mas estão relacionados às diferentes complexidades e ao tamanho do município e mediante a isto, procura-se ofertar os serviços compatíveis a sua estrutura.

Yazbek e Paula (2013), consideram que a Proteção Social Básica configura-se como a porta de entrada para todos os outros serviços socioassistenciais e, a partir da demanda, direciona a acolhida para a Proteção Especial. Para estes autores, a Proteção Social Básica terá um trabalho na perspectiva de prevenção de situações de risco. Suas ações serão baseadas no desenvolvimento de potencialidade e aquisições, assim como no fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Nesta proteção destaca-se a unidade estatal de

referência para acolhida e operacionalização da PSB no território – os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) – e a rede de serviços a ele referenciados (BRASIL, 2013b).

Os serviços socioassistenciais ofertados no âmbito da Proteção Social Básica, segundo a Tipificação (BRASIL, 2013a), são o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e o Serviço de Proteção Social Básica no domicílio para pessoa com deficiência e idosos. As ofertas podem ser operacionalizadas nos espaços do próprio CRAS, nos Centros de Convivência ou nos espaços das entidades e organizações de assistência social, de forma complementar à gestão do SUAS no município. Através das ações do CRAS são ofertados os Benefícios Eventuais, os encaminhamentos para acesso ao BPC e ao PBF.

A Proteção Social Especial, assim como a Proteção Básica, desenvolve as suas ações com base na acolhida. As demandas acolhidas neste nível correspondem a situações de desproteção agravadas em que ocorrem a violação de direitos ou ameaça (violência física, psicológica, abuso ou exploração sexual, abandono, rompimento ou fragilização de vínculo ou afastamento de convívio familiar para cumprimento de medida socioeducativas), como também, no caso de situação de risco pessoal ou social de famílias e indivíduos (BRASIL, 2013b). Esta proteção ainda divide-se em dois níveis de complexidade – médio e alto.

A unidade estatal responsável pela acolhida no campo da Proteção Social Especial é o Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS), que atua em articulação com os demais sistemas de garantia de direitos - Conselho Tutelar, Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Delegacias e outros (BRASIL, 2013b). O Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) também faz parte da PSE de Média Complexidade.

De acordo com a Tipificação, no nível da Proteção Especial de Média Complexidade, são ofertados os Serviços de Proteção e Atendimento Especializado a Família e Indivíduo (PAEFI), Serviço Especializado em Abordagem Social, Serviço de Proteção Social a Adolescente em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC), Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiências, Idosas e suas Famílias e o Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua (BRASIL, 2013a). Pereira (2007) acrescenta que as ações desenvolvidas neste nível, preveem uma atenção especializada e/ou acompanhamento sistemático e monitoramento, possibilitando a sua realização através de abordagens de rua, prestações de cuidado no domicílio e medidas socioeducativas em meio aberto.

Ao nível de média complexidade compete às famílias e indivíduos que tiveram seus direitos violados, mas não houve rompimento de vínculos familiares e sociais. O nível de alta complexidade, ao contrário do nível anterior, abarca famílias e indivíduos que tiveram seus direitos violados, estão com laços familiares esgarçados ou rompidos e não encontram referência ou vivem em situação de ameaça. Diante desta situação, necessitam afastar-se do seu núcleo familiar ou comunitário (BRASIL, 2012).

Na Proteção Especial de Alta Complexidade os serviços ofertados, segundo a Tipificação, são o Serviço de Acolhimento Institucional (Abrigo Institucional, Casa-Lar, Casa de Passagem e Residência Inclusiva), Serviço de Acolhimento em República, Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora, Serviço de Proteção em Situação de Calamidade Pública e de Emergência (BRASIL, 2013a). Neste nível é provida a moradia, a alimentação, as condições de higienização e de trabalho protegidos (PEREIRA, 2007).

Quadro 1 – Níveis de proteção, equipamentos e serviços

Níveis de Proteção		Equipamentos e Serviços
Proteção Social Básica	-----	CRAS Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF); Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos; Serviço de Proteção Social Básica no domicílio para pessoas com deficiência e idosos;
Proteção Social Especial	Proteção Social Especial de Média Complexidade	CREAS; Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua – Centro POP; Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI); Serviço Especializado em Abordagem Social; Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC); Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas Famílias; Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua;
	Proteção Social Especial de Alta Complexidade	Abrigo institucional; Casa-Lar; Casa de Passagem; Residência Inclusiva; Serviço de Acolhimento em República; Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora; Serviço de Proteção em Situações de Calamidades Públicas e Emergências.

Fonte: Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (BRASIL, 2013a., p. 5).

A partir da apresentação anterior, verifica-se a materialização da Proteção Social na Assistência Social consolidada em benefícios, serviços, programas e projetos, juntamente com seus níveis de proteção, equipamentos e população, representando a organização e aplicabilidade da PNAS, para a garantia e efetivação dos direitos socioassistenciais.

2.2 DESCRREVENDO A MUSICOTERAPIA

Seguindo a revisão da literatura, serão apresentadas as literaturas que permitem uma compreensão sobre o histórico da Musicoterapia, com foco na Musicoterapia Social e Musicoterapia Comunitária, e a sua inserção no campo da política pública de Assistência Social.

2.2.1 Breve histórico

A utilização da música como recurso terapêutico não é uma prática recente, como afirma Costa (1989). Segundo a autora, desde os primórdios da civilização, a música era empregada em objetivos terapêuticos. No início, a sua utilização tinha um caráter mágico-religioso que, ao passar do tempo, amadureceu para uma pretensão racional/científica.

O histórico da Musicoterapia tem sido objeto de estudo para vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros, como Lia Rejane Mendes Barcellos, Clarice Moura Costa, Rolando Benenzon, Kenneth Bruscia e Even Ruud, a fim de evidenciar e explicar os aportes teóricos e práticos da área. Segundo Carvalho (1975), em *A Musicoterapia e o seu Desenvolvimento no Rio de Janeiro*, um dos escritos que abordam o surgimento da Musicoterapia no Brasil, estudos científicos eram realizados apresentando as aplicações da música na função terapêutica. Os estudos iniciais desenvolveram-se mediante a utilização da música no tratamento de doenças mentais, físicas e psicológicas e seus efeitos sobre o homem, despertando o interesse investigativo de músicos, médicos, psicólogos, filósofos e educadores.

As experimentações que utilizavam a música como elemento terapêutico iniciaram no campo da Psiquiatria, Neurologia, Cirurgia, Fisioterapia, Geriatria, Criminologia, Educação Terapêutica, Psicologia Social e Preventiva. A Musicoterapia era considerada como uma especialização paramédica, a qual atuava no plano físico, emocional e social (CARVALHO, 1975).

Os Estados Unidos iniciaram os experimentos com a Musicoterapia, inserindo-a em hospitais de tratamento de feridos pós-guerra mundial, buscando a recuperação dos ditos neuróticos. No mesmo caminho, a Argentina utilizou a Musicoterapia no tratamento de sobreviventes a uma epidemia de poliomielite, a qual deixou sequelas graves e vários indivíduos apresentaram depressão profunda. Costa (1989), no livro *Caminhos da Musicoterapia*, afirma que estas utilizações da música como terapia levaram à criação dos primeiros cursos de formação de musicoterapeutas nestes países.

De acordo com Carvalho (1975), a utilização da música no tratamento de doenças e como elemento de experimentações em outros campos disciplinares, ampliou a aplicabilidade da música no âmbito terapêutico, incentivando que as observações isoladas caminhassem para uma abordagem científica. Assim revelou-se a importância da atuação multidisciplinar.

Os Estados Unidos, juntamente com a Suíça, Alemanha, Inglaterra, Iugoslávia, França e outros países, iniciaram os registros da profissão com a fundação da *National Association of Music Therapy*, em 1950. Neste contexto universal, outras possibilidades de intensificar o interesse na área foram surgindo, resultando na realização de congressos, seminários e simpósios (CARVALHO, 1975).

A realização de eventos na área da Musicoterapia passou a ser difundida em todos os continentes, ocorrendo a multiplicação das associações de musicoterapia e o aparecimento de publicações específicas da área, com a divulgação de resultados (COSTA, 1989).

Os apontamentos históricos datam que a aplicabilidade da Musicoterapia no Brasil iniciou-se nos estados do Rio de Janeiro e no Paraná. De acordo Carvalho (1975), somente a partir do ano de 1972 o Brasil passou a oferecer cursos especializados no campo. Anterior a esta data, a inclusão da música no programa educativo da Pestalozzi do Brasil no Instituto de Neuropsiquiatria e Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), mobilizou para que fossem traçadas orientações para os profissionais que atuavam no campo, contemplando o contexto da Musicoterapia. O mesmo avanço ocorreu no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, ao possibilitar que estudos sobre a utilização da música no tratamento de pacientes como esquizofrenia fossem realizados, estimulando o estudo e a prática de terapias para atenção ao psicótico (COSTA, 1989).

Ainda em 1975, Carvalho afirma que, no intuito de organizar e orientar a aplicabilidade da música como elemento terapêutico, vários professores de diversas áreas reuniram-se para organizar um programa que favorecesse a orientação de novos alunos. Neste percurso, a participação do Brasil nas primeiras Jornadas Latinoamericanas de Musicoterapia, realizadas na Argentina em 1968, incentivou um grupo de professores da Educação Musical que trabalhavam em setores terapêuticos, juntamente com o Dr. Roberto Alexandre Q. Correa - médico psiquiatra, para que fundassem em 21 de setembro de 1968, a Associação Brasileira de Musicoterapia, ligada ao Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil - IPUB.

Considerando que a utilização da música como terapia era uma especialização científica, a direção cultural do Conservatório Brasileiro de Música - CBM pleiteou, em 1972, o primeiro curso de formação de musicoterapeutas. A estruturação do curso tinha como

proposta inicial a duração de um ano letivo, passando posteriormente para quatro anos. O propósito do curso fundamentava-se na formação devidamente habilitada em Musicoterapia, com base nos fundamentos técnicos musicais e técnicos científicos, para atuação em escolas especializadas, serviços de ação preventiva, clínicas e hospitais, na condição de Auxiliar Terapêutico. Defendia que a atuação deveria contemplar a proposta interdisciplinar de diferentes equipes médicas e psicopedagógicas (CARVALHO, 1975).

No decorrer desse processo histórico, o curso de Musicoterapia foi implementado em outras instituições de ensino, atualmente em onze instituições brasileiras reconhecidas pela União Brasileira das Associações Musicoterapia – UBAM, sendo seis cursos em nível de graduação (Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais) e nove em nível de especialização (São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Pará, Ceará, Santa Catarina, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro). O que ampliou consequentemente, o número de profissionais formados na área e de Associações Estaduais de Musicoterapia (UBAM, 2015).

Esse avanço da Musicoterapia, também possibilitou a inclusão do profissional musicoterapeuta no Código Brasileiro de Ocupações (CBO) com o código 2263-05, correspondente à categoria de Profissionais das Terapias Criativas, Equoterápicas e Naturológicas. Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, os profissionais desta categoria são assim descritos no documento:

Realizam atendimento terapêutico em pacientes, clientes, praticantes utilizando programas, métodos e técnicas específicas de arteterapia, musicoterapia, equoterapia e naturologia. Atuam na orientação de pacientes, integrantes, clientes, praticantes, familiares e cuidadores, Desenvolvem programas de prevenção, promoção de saúde e qualidade de vida. Exercem atividades técnicas-científicas através da realização de pesquisa, trabalhos específicos, organização e participação em eventos científicos (BRASIL, 2013c).

Os aspectos históricos da Musicoterapia demonstram o avanço da profissão, com o amadurecimento para contemplar os espaços nos quais a música tem adentrado como elemento terapêutico.

2.2.2 Conceituando a Musicoterapia

Diante o percurso histórico e a prática musicoterapêutica, conceituar a sua atuação não tem sido uma tarefa fácil, como pontuam Costa (1990) e Bruscia (2000). Ainda assim, as tentativas de conceituar a utilização da música no contexto terapêutico e as relações estabelecidas por ela, encaminharam terapeutas e associações de musicoterapia para a criação

de uma definição que refletisse a prática do seu país. Segundo a *World Federation of Music Therapy* (2011), a Musicoterapia foi definida como:

Musicoterapia é a utilização profissional da música e seus elementos, para a intervenção em ambientes médicos, educacionais e cotidiano com indivíduos, grupos, famílias ou comunidades que procuram otimizar a sua qualidade de vida e melhorar suas condições físicas, sociais, comunicativas, emocionais, intelectuais, espirituais, de saúde e bem estar. A investigação, a educação, a prática e o ensino clínico em Musicoterapia são baseados em padrões profissionais de acordo com contextos culturais, sociais e políticos.

Bruscia (2000) considera que a Musicoterapia é diferente para diversas pessoas devido a sua natureza elusiva. O autor remete a sua afirmação, considerando que o conhecimento e a prática musicoterapêutica formam-se em um campo híbrido transdisciplinar de dois campos principais – Música e Terapia. São campos que não possuem fronteiras claras e difíceis de definir. Para ele, a Musicoterapia é, ao mesmo tempo, uma arte, uma ciência e um processo interpessoal. É uma modalidade de tratamento que possui uma diversidade na sua aplicabilidade, assim como nos objetivos, métodos e orientações teóricas. Do mesmo modo que, está sujeita às diferenças culturais. Ruud (1990) acrescenta que a definição da Musicoterapia frequentemente baseia-se no grupo atendido e na base filosófica terapêutica do terapeuta.

De acordo Bruscia (2000), a Musicoterapia é considerada transdisciplinar, não se qualificando como uma disciplina isolada e singular, mas fruto de uma combinação dinâmica de muitas disciplinas, o que permite a liberdade de transitar entre as disciplinas englobando toda a multiplicidade sem perder a integridade. Em consonância com este pensamento Meliante e Volpi (2008) acrescentam que, embora não ocorra limites entre as disciplinas, elas mantêm igual importância e a partir da transdisciplinaridade, permitem a ruptura da separação dos saberes.

Esse estudo tomará como referência as definições da Musicoterapia abordadas pela *World Federation of Music Therapy* (2011) e por Bruscia (2000). Acredita-se que o caráter híbrido da Musicoterapia permitirá uma melhor compreensão da prática na assistência social. Cabe ressaltar que nem todas as áreas da Musicoterapia assumiram uma prática transdisciplinar.

Para Bruscia (2000), o que diferencia a Musicoterapia das outras terapias é a utilização da música “como” elemento terapêutico e as relações que se desenvolvem através dela como forças dinâmicas de mudança. O autor exemplifica a utilização da música no contexto terapêutico diferenciando-a com duas preposições “na” e “como”. Explica que a

utilização da música “na” terapia seria como plano de fundo durante um procedimento terapêutico. Já na sua utilização “como” terapia, a música seria o elemento principal na relação entre terapeuta e cliente, como primeiro plano no processo terapêutico.

Na prática da Musicoterapia, a música estará presente em diversos contextos, apresentando-se como um elemento intermediário e/ou integrador nas relações como afirmam Millecco Filho, Brandão e Millecco (2001). Esses autores afirmam que a principal função da música estará relacionada com a necessidade do homem expressar o seu mundo interno, subjetivo, onde as emoções têm nuances e que estão próximas de uma descrição discursiva. Craveiro de Sá (2003) considera essa a dinâmica interna apresentada pela máquina musical como transbordante por natureza. Desta forma, as forças dinâmicas existentes dentro da música seriam jogadas uma contra a outra, espalhando-se para fora, criando linhas de fuga, abrindo possibilidades e formando blocos que, no contexto terapêutico, apresentam-se como fenômenos tanto audíveis quanto não-audíveis, visíveis e invisíveis. Permitindo que a música, uma linguagem não-verbal, seja utilizada para resgatar/promover a espontaneidade criativa natural do indivíduo (COSTA,1989).

A prática musicoterapêutica tem sido baseada em princípios, experiências, métodos e técnicas, recorrendo também a outras teorias para compreender e instrumentar a sua técnica, como afirma Costa (1989). A orientação da prática também se dará conforme os aspectos da filosofia e fundamentação teórica do musicoterapeuta e mediante aos fatores sociais, econômicos, culturais, políticos vivenciados nos espaços de atuação (CUNHA; VOLPI, 2008).

No campo de princípios, métodos, experiências e técnicas musicoterapêuticas, apresenta-se os estudos de Benenzon (1988; 2012) e Bruscia (2000) como possíveis leituras norteadoras da relação terapeuta – grupo/indivíduo.

A Identidade Sonora Musical – ISO é apresentada por Benenzon no *Manual de Musicoterapia* (1988) e a atualizada na obra *El juego del espejo y su oscuridad* (2012), como uma nova dinâmica presente em cada ser humano, que o caracteriza e o diferencia do outro.

O ISO é distinguido por Benenzon (2012) em ISO Universal (ISOu), ISO Gestáltico (ISOG), ISO Cultural (ISOC), ISO Ambiental (ISOA), ISO Complementário (ISOCo), ISO Grupal (ISOGr), ISO Comunitário (ISOCm), ISO Familiar (ISOF), ISO de Interação (ISO I) e ISO Transcultural (ISO Tr), os quais formam o “espiral dos ISOs” (p. 284) como uma metáfora da personalidade que ressoa dentro e fora do ser humano e em forma de espiral, que transcende e vai para outro ISO.

Apresenta-se, a seguir, apenas os tipos de ISo que emergem a partir da interação com o outro. As experiências sonoras que nutrem o ISoC são aquelas adquiridas através da energia do outro, do ecossistema e da biosfera. Assim, reconhecidas mais facilmente por fazerem parte dos elementos do cotidiano, produzidas depois do nascimento (BENENZON, 1988).

Também resultante da relação com o outro, o ISo Ambiental (ISoA) apresenta o acúmulo de energias geradas por sons e fenômenos analógicos que se encontram para formar um ecossistema, seja ele uma instituição, escola, hospital, empresa e outros. Para Benenzon (2012), cada ambiente tem sua própria identidade (som, odor, temperatura, textura, forma e cor), a qual caracteriza sua Identidade Sonora Ambiental, em conjunto com as demais identidades características das pessoas – ISoU, ISoG, ISoC.

O ISo Complementário (ISoC) é construído com as mudanças do dia-a-dia, por efeito de circunstâncias ambientais específicas (BENENZON, 1988). Está associado às relações que o ser humano estabelece com os outros, proporcionando o acúmulo de energias. Estas podem aparecer ou desaparecer dependendo do estado de ânimo do ser humano. A formação do ISoC está relacionada com o dia-a-dia do homem, com o seu cotidiano, sendo que a expressão das energias acumuladas neste ISo demonstrarão o estado particular do indivíduo a um estado circunstancial (BENENZON, 2012).

Para o autor, a interação com o outro, as formas de manifestar suas expressões e tensões são responsáveis pelo acúmulo de energias, ocasionando a formação do ISo Grupal (ISoGr). Este ISo representa a identidade corpórea, sonora e não-verbal de um coletivo de pessoas, as quais se agregam com objetivos comuns. O ISoGr é aquele ligado intimamente à cultura e o aspecto social em que o indivíduo faz parte (BENENZON, 1988).

O ISo Comunitário (ISoCm) é formado pelo conjunto de energias expressas nos fenômenos não-verbais e códigos da comunicação não-verbal, que caracteriza um grupo de indivíduos que se relacionam em um determinado lugar e com um princípio comum. A diferença entre o ISoCm e os outros tipos de ISo está nos elementos históricos, no *habitat*, na natureza e no comum. Assim como os gestos, as vozes, os movimentos, o modo de caminhar, de arrastar objetos, de fechar e abrir portas, a variação da temperatura que representam a identidade própria de um lugar, serão modos expressivos no ISoCm. O ISo encontrado em uma comunidade pode ser um material rico para trabalhos de recriação da comunicação não verbal da própria comunidade, fluidificando os canais intra e inter comunitários (BENENZON, 2012).

De acordo Benenzon (1988), o ISO Familiar (ISoF) resulta do acúmulo de energias vivenciadas através dos sons, dos movimentos, da pausa, dos odores e de outras formas de expressividade que caracterizam um grupo familiar.

A união dinâmica dos ISos apresentados, quando condensados, expressaria o ISO de Interação (ISoI) caracterizando o vínculo entre as pessoas. Sua representatividade apresenta o intercâmbio da comunicação produzida nas relações humanas (BENENZON, 2012).

O Iso Transcultural (ISo Tr) representa a identidade sonora de um grupo humano que teve a necessidade de migrar, assimilar e se adaptar em outro grupo humano. Nesta transculturação as energias são mescladas, permitindo uma recriação do modo de comunicar-se, favorecendo a comunicação não verbal e a integração entre os indivíduos (BENENZON, 2012).

Assim como os conceitos trazidos anteriormente, a leitura das experiências musicais está sempre presente no processo musicoterapêutico. Bruscia (2000) apresenta quatro tipos distintos de experiências musicais – improvisar, recriar, compor e escutar. Cada experiência envolve um conjunto de comportamento sensório-motores distintos, como também exige diferentes habilidades perceptivas e cognitivas, engajamento do processo interpessoal e envolvimento emocional. As experiências são consideradas distintas e apresentam seus próprios potenciais e aplicações terapêuticas.

Segundo Bruscia (2000) a experiência de improvisação acontece quando o indivíduo faz música com o terapeuta tocando ou cantando, criando uma melodia, uma sequência rítmica, uma canção, uma peça musical de improviso. Na experiência de recriar, o indivíduo aprende ou executa músicas vocais ou instrumentais, considerando também as atividades musicais estruturadas em jogos.

A experiência de composição se desenvolve quando o terapeuta auxilia o indivíduo a escrever canções, letras, peças instrumentais ou a criar um produto musical como a gravação de vídeos de música, CDs e outros. A experiência receptiva ocorre quando o indivíduo ouve uma música e responde ao estímulo de forma silenciosa, verbalmente ou do modo que melhor conseguir se expressar (BRUSCIA, 2000).

Para o autor, as experiências musicais podem apresentar variações na execução e são vivências individualmente, em dueto ou grupal, todas com o suporte do musicoterapeuta. Cada experiência apresenta, como meio musical a utilização da voz, sons corporais, percussão, instrumentos musicais e outros recursos que se façam necessários para o seu engajamento e alcance dos objetivos terapêuticos.

Diante o caráter híbrido da aplicabilidade da Musicoterapia, observa-se uma diversidade na sua aplicabilidade, onde este trabalho buscará descrever as áreas de atuação que mais se aproximam do estudo proposto.

2.2.3 Musicoterapia Social e Musicoterapia Comunitária

Dentre os campos de atuação da Musicoterapia, este subcapítulo apresentará uma breve revisão da literatura sobre a Musicoterapia Social e a Musicoterapia Comunitária, consideradas como práticas que extrapolam o contexto clínico e se aproximam da atuação da Musicoterapia na assistência social.

De acordo com Cunha e Volpi (2008), a prática da Musicoterapia Social desenvolve ações que se configuram como espaço de trocas de ideias, formulação de alternativas, convívio social e o diálogo autêntico, mediado pela musicalidade do grupo/indivíduo, tornando a vivência cotidiana mais prazerosa e autêntica.

Na Musicoterapia Comunitária há um duplo objetivo: primeiro consiste em “preparar o cliente para participar das funções comunitárias e tornar-se um membro valorizado pela comunidade e preparar a comunidade para aceitar e acolher os clientes ajudando seus membros a compreender e interagir com os clientes” (BRUSCIA, 2000, p. 245).

Diante a prática musicoterapêutica, apresentou-se a necessidade de expansão da noção de cliente para também incluir a comunidade, o ambiente, a família, a sociedade, a cultura, tanto no nível individual quanto comunitário. Tem-se que as possíveis mudanças ocorridas serão refletidas em ambos (BRUSCIA, 2000).

Segundo Mendonza (2005), a Musicoterapia no contexto social e comunitário, também conhecida como uma prática preventiva, surge como uma possibilidade de atuação musicoterapêutica no âmbito da política pública. Para Teixeira (2002, p. 2):

Políticas públicas são diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado. São, nesse caso, políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos (leis, programas, linhas de financiamentos) que orientam ações que normalmente envolvem aplicações de recursos públicos.

As Políticas Públicas são compreendidas como a concretização da ação governamental, mediante decisões que envolvem questões de ordem pública e que representam o interesse de uma coletividade (AMABILE, 2012). De acordo Barcellos (2013)

há musicoterapeutas atuando nesses espaços da política pública, considerada como uma atuação na perspectiva da Musicoterapia Contemporânea e nas novas práticas.

Pode-se considerar que as *novas práticas* são frutos da Musicoterapia Contemporânea, considerada como o exercício da profissão em atividades que extrapolam as estruturas já conhecidas e permitem ao musicoterapeuta atuar nas políticas públicas, supervisões de estágios com discussões de práticas, exercer pesquisas de iniciação científica e atuar em atividades junto à comunidade como as ações complementares e projetos de extensão universitária.

As *novas práticas* são apresentadas pela autora como adequações do musicoterapeuta às variadas populações (crianças, adolescentes, idosos) e aos novos espaços terapêuticos. Segundo a autora, as *novas práticas* são aquelas que se diferenciam das atuais e permitem que o musicoterapeuta tenha contato com novas populações, novos espaços, novas áreas de atuação. Assim, faz-se necessário adequar os procedimentos tradicionais ou até mesmo criar novos, utilizando novas teorias, empregando novas técnicas, assumindo papéis não desempenhados anteriormente, empregando novas ferramentas para análise e avaliação dos processos terapêuticos, dentre outros aspectos.

Neste âmbito de atuação musicoterapêutica, que extrapola as estruturas conhecidas, cita-se o trabalho de Zanini (2009) na inserção e implantação da Musicoterapia no tratamento da hipertensão arterial realizado no campo da saúde pública. Os atendimentos de Musicoterapia permitiram o acesso da comunidade a estes serviços, reconhecendo que esta clientela não teria acesso aos atendimentos musicoterapêuticos na modalidade ambulatorial.

A Musicoterapia Social e a Musicoterapia Comunitária serão a referência da atuação do musicoterapeuta no âmbito da Assistência Social. Embora tenham práticas semelhantes, elas se diferenciam como afirma Mendonza (2005). Para a autora, na Musicoterapia Comunitária o musicoterapeuta produz conhecimentos com os saberes trazidos pela comunidade, enquanto na Musicoterapia Social, o musicoterapeuta se posiciona de forma mais distante da comunidade para estabelecer objetivos, conforme a sua leitura e percepção para que o grupo seja potencializado e busque as modificações.

As duas abordagens são consideradas por Mendonza (2005) como modelos de Musicoterapia Preventiva, que também atuam no âmbito da política pública e, nesta ótica de investigação, torna-se possível contemplar os fatores econômicos, políticos, sociais e culturais do coletivo. Atua-se com uma proposta de proteção, promoção e prevenção primária.

Figura 1 – Configuração da Musicoterapia Social e Musicoterapia Comunitária diante a Musicoterapia Preventiva segundo Mendonza (2005).

Nas duas áreas, Musicoterapia Social e Musicoterapia Comunitária, pode-se observar a aplicabilidade da musicoterapia como um campo híbrido e disciplinar, uma característica que também é da musicoterapia como afirma Bruscia (2000).

Segundo Mendonza (2005), a Musicoterapia Comunitária utiliza a energia gerada pelas expressões sonoras e musicais dos grupos sociais como catalizador para alcance das necessidades sociais. Neste âmbito é possível observar como a sonoridade que resulta desta experiência grupal, reflete a valorização da expressão musical e cultural.

As dimensões da Musicoterapia Comunitária e da Musicoterapia Social diferem-se da abordagem clínica, ao assumir uma nova atividade e por terem a cultura diretamente relacionada à realidade vivida, um espaço onde o profissional musicoterapeuta também se encontra imerso. Como sugerem Stige e Aarø (2012), é impossível desenvolver um processo de Musicoterapia Comunitária desarticulado da cultura local.

Pellizzari e Rodríguez (2005) afirmam que o ser humano vive um contexto sociocultural constituído a partir da mediação entre comunicação e cultura, juntamente com o seu processo de desenvolvimento básico. Os autores consideram que a família será a sua matriz para o desenvolvimento básico, para a formação de valores e vínculos e deve ser considerada como o primeiro espaço de planejamento preventivo, destacando que a Musicoterapia Preventiva será um processo de ressignificação das concepções culturais, teóricas e práticas.

No âmbito comunitário, o musicoterapeuta se aproximará da comunidade, priorizando o trabalho interdisciplinar, de modo que seja possível exercer ações de proteção,

promoção e prevenção primária no âmbito da política pública (PELLIZZARI; RODRÍGUEZ, 2005). Os autores ainda destacam que a atuação profissional neste âmbito, requer um alto grau de conscientização cidadã e humildade. Assim como, a capacidade de flexibilidade, tolerância ao diferente, compromisso com o trabalho comunitário em consonância com o desafio de construir significados compartilhados e acordados coletivamente. Para que desta forma, possa contribuir para a comunicação, indivíduo, comunidade e política pública, com sabedoria.

Neste contexto da Musicoterapia Social e Comunitária, nota-se a ampliação das relações musicoterapêuticas. Do mesmo modo que o profissional consegue migrar para outros espaços sem perder a essência da musicoterapia na promoção, prevenção e proteção do indivíduo e da comunidade, extrapolando o setting para exercer outras formas de atuação política, social e cultural.

Os conteúdos apresentados neste subcapítulo apresentam a revisão da literatura encontrada até o momento. Cabe ressaltar que, outros estudos encontram-se em processo de construção e futuramente, poderão apresentar um material bibliográfico que contribua com uma maior clareza e a distinção entre as duas práticas tratadas.

2.2.4 A Inserção da Musicoterapia na Política de Assistência Social

O crescimento da Musicoterapia em relação a aspectos como área de atuação, aportes teóricos, paradigmas, clientela, serviços, espaços, papéis assumidos pelo musicoterapeuta, dentre outros, foram notórios nos capítulos anteriores. A atuação, no nível social comunitário, tem sido realizada por musicoterapeutas de outros países e continentes, no trabalho junto às comunidades. Em reflexo a esta prática, surge a atuação do musicoterapeuta brasileiro no âmbito da Política Nacional de Assistência Social - PNAS.

As experiências vivenciadas com a formação em Políticas Públicas e na atuação como musicoterapeuta na Assistência Social, estiveram presentes na trajetória da autora deste estudo suscitando reflexões sobre o tema. Do mesmo modo que a participação nos espaços coletivos de organização política dos/as trabalhadores/as do SUAS – Fórum Estadual de Trabalhadoras e Trabalhadores do SUAS da Bahia (FETSUAS-BA) e Fórum Nacional de Trabalhadoras e Trabalhadores do SUAS (FNTSUAS) e em Conferências de Assistência Social têm despertado o ativismo em Musicoterapia culminando em algumas vivências relatadas a seguir.

Os apontamentos históricos revelam que a mobilização política para construção e o reconhecimento da prática musicoterapêutica na PNAS, iniciaram-se no Estado do Paraná, com a participação de musicoterapeutas paranaenses. Segundo Guazina et al (2011), a vivência de profissionais que atuavam em instituições regidas pela Assistência Social, assim como, o movimento político e as crescentes perspectivas sociais dos últimos anos, ressoaram na mobilização para o reconhecimento da musicoterapia na Assistência Social.

A formação do grupo de trabalho da Musicoterapia no Sistema Único de Assistência Social - GT MT/SUAS, da União Brasileira das Associações de Musicoterapia – UBAM, colaborou para consolidação e o reconhecimento da profissão no campo. As ações do GT MT/SUAS da UBAM perduram até os dias atuais, buscando fortalecer o trabalho musicoterapêutico nesta perspectiva e o desenvolvimento de pesquisas na área.

A formação inicial do GT MT/SUAS contou a participação dos musicoterapeutas Laize Gauzina (PR), Jakeline Silvestre (PR), Camila S. G. Acosta Gonçalves (PR), Rosângela Landgraf do Nascimento (PR), Leonardo Mendes da Cunha (BA), Andressa Dias (SC), Alcides Valeriano (PI), Magali Dias (PR), Ana Bispo (RJ) e Rosemyriam Cunha (PR). O coletivo formado pelo GT MT/SUAS atuava diretamente com o Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS (GUAZINA et al., 2011).

Segundo os autores citados (2011), os primeiros passos de mobilização foram construídos pela musicoterapeuta Jakeline Silvestre, na ocasião estudante do curso de especialização em Gestão de Políticas Públicas. A vivência nesse meio acadêmico favoreceu a participação da musicoterapeuta nas emergentes discussões sobre o trabalho no âmbito do SUAS, que contemplavam a formação da equipe de referência dos serviços socioassistenciais.

A mobilização política da musicoterapeuta nesses espaços iniciou-se em 2010, um ano de conferências municipais, estaduais e nacional de Assistência Social. Estes espaços também seriam utilizados para ampliar a discussão sobre a musicoterapia no SUAS. Neste mesmo ano ocorreu a Reunião Ampliada do Estado do Paraná Preparatória para o Encontro Nacional dos Trabalhadores da Assistência Social Região Sul, contando com a participação da musicoterapeuta Jakeline Silvestre na representatividade da Associação de Musicoterapia do Paraná – AMT-PR (Ibid.).

Ainda de acordo com os autores, as ações da musicoterapia nos eventos de discussões sobre Assistência Social resultaram na ampliação da participação, passando a musicoterapia a estar mais participativa nos espaços de âmbito estadual e nacional. Em resposta a este avanço, naquele momento, a musicoterapeuta Laize Guazina assumiu a representatividade da Musicoterapia junto ao CNAS. Na sequência à participação e

mobilização política, as musicoterapeutas Laize Guazina e Jakeline Silvestre, durante o Encontro Regional dos Trabalhadores da Assistência Social do Paraná, entregaram à plenária do encontro um documento solicitando a inclusão de representantes dos musicoterapeutas nas discussões do SUAS.

A partir das mobilizações das musicoterapeutas citadas anteriormente, reforçou-se a necessidade de ampliar os esforços e convocar outros musicoterapeutas para participar destes espaços de discussão. Mediante a esta necessidade, formou-se o Grupo de Trabalho MT/SUAS em 2010.

A formação do grupo foi um passo importante para a articulação política da Musicoterapia junto ao SUAS. A partir daquele momento o trabalho passou a ser organizado através de reuniões mensais com os membros do grupo, a fim de debater sobre o SUAS e construir as ações políticas. Segundo Guazina et al. (2011), uma das ações do grupo foi a realização do levantamento nacional dos musicoterapeutas que estavam atuando nos equipamentos e serviços na Assistência Social. Os dados do levantamento foram extraídos através de protocolo enviados aos musicoterapeutas e para as associações estaduais de Musicoterapia.

O resultado obtido a partir dos retornos dos protocolos comprovou a existência de musicoterapeutas atuando na área, o que impulsionou a construção do primeiro documento do GT com as diretrizes iniciais para a regulamentação do musicoterapeuta no SUAS, conhecido como “Manifesto da UBAM junto ao Conselho Nacional de Assistência Social para Inclusão dos Musicoterapeutas no Sistema Único de Assistência Social” (GUAZINA et al., 2011).

O manifesto também contemplou a descrição do perfil do musicoterapeuta social, pontuando primeiramente, que o exercício da musicoterapia é realizado por um profissional com formação específica em Musicoterapia a nível de graduação ou pós-graduação/especialização (cursada até o momento de regularização da profissão no país). As demais características foram distribuídas em dezessete atribuição, mencionados abaixo (Ibid., p. 14-15):

- 1) Atender famílias, grupos e comunidades sob a perspectiva das abordagens sociais em Musicoterapia;
- 2) Conhecer as realidades socioculturais dos sujeitos atendidos, acolhendo todas manifestações expressivas como legítimas do campo social;
- 3) Atuar profissionalmente em consonância com os contextos socioculturais em que se inserem as histórias de vida e de atendimento dos usuários da rede socioassistencial;

- 4) Trabalhar em interface com outros profissionais, participando de equipe multiprofissional, de maneira multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar;
- 5) Atuar em espaços múltiplos e a partir das realidades socioculturais dos sujeitos atendidos na rede;
- 6) Proporcionar escuta qualificada para o acolhimento e atendimento dos usuários na rede socioassistencial;
- 7) Compreender e utilizar a música como um dispositivo social que proporciona a construção de sociabilidades e de ampliação dos campos de ação dos sujeitos nas suas realidades;
- 8) Compreender e utilizar a música como uma construção situada sócio culturalmente e, portanto, como um fenômeno a ser problematizado, desnaturalizado e criteriosamente utilizado na ação musicoterapêutica;
- 9) Desenvolver atividades musicais-musicoterapêuticas como um dispositivo de ação social para a construção de laços de solidariedade, para o estabelecimento de interações positivas e para acionar forças de pertencimento entre os sujeitos atendidos;
- 10) Promover a garantia de direitos, a proteção e a construção de possibilidades de enfrentamento de vulnerabilidades e riscos sociais por meio da ação musicoterapêutica;
- 11) Promover a construção de novas perspectivas de vida baseadas em autoestima, empoderamento, autonomia, solidariedade, criatividade, musicalidade, dignidade e cidadania por meio da ação musicoterapêutica;
- 12) Propiciar atendimento e supervisão a equipes profissionais;
- 13) Atuar em todos os níveis dos serviços de proteção social;
- 14) Elaborar e/ou participar da elaboração de relatórios e pareceres técnicos em sua área de especialidade e em equipe profissional;
- 15) Assessorar, prestar consultorias e/ou gerir projetos e programas sociais;
- 16) Trabalhar dentro dos parâmetros do Código de Ética da Musicoterapia;
- 17) Conhecer as políticas sociais pertinentes ao seu trabalho.

Ainda para os autores, a prática musicoterapêutica na assistência social, o documento e as cópias das grades curriculares dos cursos de musicoterapia no Brasil, foram protocolados no Conselho Nacional de Assistência Social endossando o pedido de reconhecimento da Musicoterapia no SUAS.

A articulação política e as mobilizações realizadas pelo GT MT/SUAS na representatividade da UBAM, culminaram com o convite para participação no Encontro Nacional dos Trabalhadores do SUAS, realizado em 30 e 31 de Março de 2011. Neste encontro o musicoterapeuta foi reconhecido como trabalhador do SUAS, tornando-se uma das

novas carreiras de nível superior presentes na equipe multiprofissional da Assistência Social (GUAZINA et al., 2011).

A consolidação da inclusão do musicoterapeuta na equipe do SUAS veio em 20 de junho de 2011 através a Resolução nº 17 do CNAS, que reconhece as categorias dos profissionais de nível superior que atuarão nos serviços socioassistenciais e as funções essenciais de gestão no sistema. O documento é considerado com um marco regulatório na inserção da musicoterapia no SUAS.

A resolução nº 17 orienta como devem ser formadas as equipes que, preferencialmente, atuarão nos serviços socioassistenciais. O Art. 2, §3º da resolução descreve que “são categorias profissionais de nível superior que, preferencialmente, poderão atender as especificidades dos serviços socioassistenciais: Antropólogo; Economista Doméstico; Pedagogo; Sociólogo; Terapeuta ocupacional; e Musicoterapeuta” (BRASIL, 2011a, p. 139).

Acredita-se que o reconhecimento da musicoterapia no SUAS oportunizou ao musicoterapeuta sair da invisibilidade para uma participação na política como trabalhador de nível superior que também atua na equipe de referência. Os Censos SUAS 2011 à 2014, período de reconhecimento na resolução até a realização desse estudo, apontam que em 2013 haviam 2 musicoterapeutas atuando na gestão estadual (BRASIL, 2013d); em 2014 haviam 111 musicoterapeutas atuando na gestão municipal e 367 em Centros de Convivência e Fortalecimento de Vínculo (BRASIL, 2014). Os Censos SUAS de 2011 e 2012 não apresentaram registro de musicoterapeutas. Ressalta-se ainda, que o Censo não especifica a região, município e vínculo empregatício deste profissionais e a inclusão do musicoterapeuta na equipe ainda é feita de forma compulsória, permanecendo a mobilização para ampliar o reconhecimento da categoria e implantação efetiva.

Após apresentação do documento, o GT MT/SUAS permaneceu em atividade passando a se chamar Comissão de Musicoterapeutas no SUAS da UBAM. Hoje é composta por novos profissionais musicoterapeutas de diversos estados brasileiros – Renato Sampaio (MG), Gildásio Januário (SP), Fabrícia Santana (BA), Jakeline Silvestre (PR), Camila S. G. Acosta Gonçalves (PR) e os estudantes de musicoterapia Ricardo Augusto (SP) e Andreia Alvim (SP).

A comissão têm desempenhado participações em Conferências Municipais, Regionais, Estaduais e Nacional da Assistência Social, Fóruns de Trabalhadores e Trabalhadoras do Sistema Único de Assistência Social – FETSUAS e FNTSUAS.

Os encontros para discussão sobre o trabalho do musicoterapeuta no SUAS e a criação de ações que venham ampliar os espaços de participação política e o engajamento de outros profissionais musicoterapeutas no ativismo em Musicoterapia permanecem.

O ativismo em Musicoterapia é apresentado por Bruscia (2000) como o desempenho profissional em movimentos políticos, sociais e culturais, através da articulação de seus membros em busca da produção de mudanças.

Para Vitor et al. (2012), as ações desenvolvidas pela Comissão Nacional de Musicoterapeuta no SUAS da UBAM tratam-se de estratégias para consolidação do trabalho musicoterapêutico no SUAS, na perspectiva de responsabilizar o Estado para a oferta de serviço com qualidade, pautado na garantia de direito do usuário que recebe e para o trabalhador que oferece o atendimento. Destaca-se a importância da oferta de vínculos empregatícios qualificados para garantir o planejamento, a continuidade e a efetividade do atendimento aos usuários.

A partir de todos estes apontamentos, nota-se o quanto a participação política do profissional musicoterapeuta em espaços de discussão sobre a Política Nacional de Assistência Social tem contribuído para o avanço da profissão.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE PESQUISA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, tomando como abordagem do problema a natureza qualitativa. Segundo Triviños (2007), a pesquisa qualitativa compreende uma atividade de investigação que pode ser considerada específica e, por outro lado, pode se caracterizar por traços comuns. Esse tipo de pesquisa permite ao investigador envolver-se na vida da comunidade com todas suas coisas essenciais e acidentais visando descrever seus achados com um olhar científico. Desta forma também é possível pensar sobre o que se faz e interpretar suas ações, dentro ou a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2000).

O caráter exploratório permite maiores informações sobre um assunto, assim como, facilita na delimitação de um tema de trabalho, na definição de objetivos, na formulação de hipóteses ou na descoberta outro enfoque de pesquisa. Também é considerado como um trabalho preparatório para outro tipo de pesquisa (ANDRADE, 2003).

Para o autor, a pesquisa descritiva consiste em apresentar os dados sem a manipulação do pesquisador. Os fatos são observados, registrados, analisados, categorizados e interpretados sem a interferência do pesquisador.

3.2 ASPECTOS ÉTICOS

Diante do exposto e seguindo as normas da Resolução nº 466/12, a pesquisa apresentada nesta dissertação foi submetida à Comissão de Pesquisa da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás - EMAC/UFG, sendo posteriormente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFG, sob o parecer de nº 926.839², permitindo assim, o início da pesquisa de campo.

A cada entrevista para a de coleta de dados, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE³ foi aplicado impresso ou em modo virtual, condizente ao tipo de procedimento. Primeiramente, distribuiu-se ou encaminhou-se uma cópia do TCLE, por e-mail, para o participante, para que este acompanhasse a leitura realizada pela pesquisadora

² Ver Anexo I

³ Ver Apêndice I

antes da coleta de dados. Durante esta explanação o participante era esclarecido sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa e que a entrevista teria seu registro em áudio, com aquiescência do entrevistado.

Depois de apresentadas as informações e esclarecidas as dúvidas, o participante que concordou em participar do estudo, preencheu o TCLE assinando/assinando o termo em duas vias de igual teor, uma ficou com a participante e outra com a pesquisadora. No caso do termo de compromisso de modo virtual, ao final do mesmo, era disponibilizado um campo onde o participante manifestava o aceite ou não em participar da pesquisa, assinalando a opção *sim* ou *não*.

Para cada participante, foi dada a garantia de que poderia retirar o seu consentimento a qualquer momento. A participação na pesquisa ocorreu de forma voluntária, garantindo um acompanhamento ético com preservação das identidades. Caso o participante desejasse ter seu nome identificado nos resultados publicados da pesquisa, assim como a autorização para o uso da imagem. No final do TCLE havia dois boxes para que a autorização fosse manifestada separadamente.

Considerando os riscos físicos, emocionais, morais, culturais ou sobre as crenças de cada indivíduo que participou da pesquisa, acredita-se que o instrumento de coleta de dados – Entrevista, não apresentou estes tipos de risco para os participantes. A pesquisa possivelmente ofereceu riscos não físicos transitórios, diante da exposição da vida pessoal e íntima apresentada na atividade laboral.

A minimização dos possíveis riscos se deu por uma abordagem de forma ética, oferecendo informações claras, o direito ao sigilo, anonimato e respeito à privacidade de cada participante, seguindo-se o princípio da não maleficência. Do mesmo modo, durante a realização da pesquisa, a pesquisadora esteve em acompanhamento por supervisão técnica (orientadora da dissertação no programa de pós-graduação).

Como a participação na pesquisa foi voluntária, para a seleção e triagem dos participantes seguiram-se os critérios de inclusão e exclusão, caso não fosse alcançado o número mínimo de cinco participantes necessários para o início da pesquisa, seria realizada uma nova triagem. Caso ainda não se conseguisse o necessário de profissionais musicoterapeutas com perfil para participação na pesquisa, a pesquisa seria encerrada.

3.3 A INSERÇÃO DA PESQUISADORA NO CAMPO

A inserção da pesquisadora ocorreu após apreciação e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás.

Dada a aprovação da pesquisa, a pesquisadora encaminhou um convite⁴ para todas as Associações Estaduais de Musicoterapia explicando a pesquisa e solicitando a parceria das associações para encaminhamento/indicação de possíveis participantes. Recebido os retornos das associações, a pesquisadora entrava em contato com o musicoterapeuta encaminhado/indicado.

O convite foi inicialmente encaminhado as seguintes associações: Associação Baiana de Musicoterapia (ASBAMT), Associação Catarinense de Musicoterapia (ACAMT), Associação de Musicoterapia do Distrito Federal (AMT-DF), Associação de Musicoterapia de Goiás (AGMT), Associação de Musicoterapia de Minas Gerais (AMT-MG), Associação de Musicoterapia do Nordeste (AMT-NE), Associação de Musicoterapia do Piauí (AMT-PI), Associação de Musicoterapia do Paraná (AMT-PR), Associação de Musicoterapia do Rio de Janeiro (AMT-RJ), Associação de Musicoterapia do Rio Grande do Sul (AMT-SC), Associação Gaúcha de Musicoterapia (AGAMUSI) e Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo (APEMESP).

A pesquisa foi apresentada aos possíveis participantes, primeiramente através de contatos por e-mail e havendo interesse/disponibilidade do participante, assim como, a contemplação dos critérios de inclusão na pesquisa, os participantes eram convidados a participarem do estudo. Depois de lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e sanadas todas as dúvidas, os participantes que concordaram, por livre e espontânea vontade, em participar da pesquisa, preencheram o TCLE com os seus respectivos dados assinando/assinalando os boxes, em duas vias de igual teor, ficando uma com o participante e outra com a pesquisadora.

A pesquisa de campo teve a duração de três meses e foi realizada através de entrevistas individuais agendadas previamente e em comum acordo com o entrevistado.

⁴ Ver Apêndice II.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Quanto aos critérios de inclusão

Dos profissionais musicoterapeutas pré-selecionados para participarem na pesquisa, considerou-se como critérios de inclusão aqueles que atuavam na área da Assistência Social; Concordaram em participar da pesquisa assinando/assinalando o TCLE; Tinham idade acima de 21 (vinte e um) anos; Apresentaram capacidade cognitiva preservada e tinham condições físicas e/ou emocionais para responder as questões da entrevista e estavam vinculados a uma das Associações Estaduais de Musicoterapia ou que fossem indicados por algum colega para participar da pesquisa.

Após o contato com as Associações Estaduais de Musicoterapia, os dados dos musicoterapeutas encaminhados, formaram uma lista de possíveis participantes. Nesta lista constava o nome, e-mail, local de trabalho, estado, usuários contemplados no serviço e outras informações relevantes. O número de participantes encaminhados ultrapassou o previsto no projeto. Assim, buscou-se diversificar a participação dos musicoterapeutas entrevistados, tendo em vista o estado e os usuários contemplados pelo serviço desse profissional, para se obter, com a realização da presente pesquisa, maior variedade das atividades desenvolvidas pelo musicoterapeuta na Assistência Social.

Quanto aos critérios de exclusão

Como critérios de exclusão considerou-se os profissionais musicoterapeutas que não atuavam na área da Assistência Social; Musicoterapeutas que não concordaram em participar do estudo; Musicoterapeutas com idade inferior a 21 (vinte e um) anos; Aqueles que não tinham capacidade cognitiva preservada e que não tinham condições físicas e/ou emocionais para responder as questões da entrevista e não possuíam vínculo a uma Associação Estadual de Musicoterapia.

3.5 TRIAGEM

A triagem foi realizada aleatoriamente entre profissionais vinculados a alguma Associação Estadual de Musicoterapia ou por indicação de profissionais musicoterapeutas que tivessem o conhecimento de colegas que atuem na assistência social. Todos foram

esclarecidos previamente sobre o projeto de pesquisa, bem como quais os critérios de inclusão e exclusão adotados para a pesquisa.

Realizou-se um contato com os prováveis participantes através do e-mail, para apresentação do projeto de pesquisa, verificando se o mesmo atendia aos critérios de inclusão propostos. Mediante esta confirmação, a pesquisa foi encaminhada para a realização das entrevistas individuais. Ocorrendo alguma desistência durante a realização da pesquisa, o procedimento de triagem seria realizado novamente com outro profissional musicoterapeuta.

3.6 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ENTREVISTA

A entrevista semi-estruturada⁵ serviu como principal instrumento de coleta de dados para a realização do presente estudo. Este instrumento permitiu a aquisição de subsídios tanto para a posterior análise dos dados, como auxiliou para elencar os resultados alcançados.

Foram realizadas 10 (dez) entrevistas individuais de forma presencial e virtual (Skype), em dias e horários pré-agendados, com profissionais musicoterapeutas que atuam na assistência social. Cada procedimento (entrevista) foi realizado em duas etapas. Na primeira etapa houve o contato com o profissional, convite e agendamento da entrevista. A segunda etapa aplicou-se o TCLE colhendo a assinatura/autorização para participação no estudo e em seguida a realização da entrevista com gravação do áudio.

O local das entrevistas presenciais ficou a escolha do participante, os quais deram preferência para que esta fosse realizada em suas residências. A entrevista no modo virtual priorizou-se a utilização do *Skype*, que é um software de comunicação pela internet que permite conexões de voz e imagem entre os participantes da conversa. Apenas uma das entrevistas foi realizada por meio da ligação de vídeo disponível no aplicativo do *Facebook*.

Cada entrevista teve a duração média de 60 (sessenta) a 90 (noventa) minutos e, para sua realização, seguiu-se um roteiro igual para todos os participantes. O roteiro estava dividido em três blocos e abarcava 18 (dezoito) perguntas. O primeiro bloco consultou informações de identificação dos participantes (nome, idade, local de trabalho, dentre outros). O segundo bloco apresentou perguntas sobre a inserção profissional no campo/espacos de atuação. O terceiro e último bloco exibiu perguntas sobre a atuação musicoterapêutica.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio para posterior transcrição e análise dos conteúdos. O áudio das entrevistas ficará sob a responsabilidade da pesquisadora e foi

⁵ Ver Apêndice III.

dada a total garantia de que seria utilizado apenas para este estudo. Após cinco anos, este material coletado impresso e em forma de áudio digital (Mp3), será deletado.

3.7 ANÁLISE DOS DADOS

A partir das transcrições⁶ das entrevistas, os dados obtidos foram pré-analisados, categorizados e na sequência analisados através do método qualitativo de análise de conteúdo, seguindo a técnica da análise categorial (BARDIN, 1977). Através da análise de conteúdo busca-se ultrapassar o que é construído em senso comum e subjetivismo, na busca de alcançar uma interpretação cifrada e uma leitura crítica (MINAYO, 2000).

Para Bardin (1977), a análise de conteúdo tem como foco o encontro de núcleos de sentido na comunicação do material estudado, observando a sua frequência em relação aos objetivos do estudo. É realizada em três etapas: pré-análise, a exploração do material e o tratamento e interpretação dos resultados. Na fase da pré-análise os dados são organizados para serem analisados, permitindo um contato através da leitura flutuante. A etapa de exploração do material consiste na codificação dos dados. Na etapa de tratamento e interpretação, os resultados brutos são tratados de modo que seja possível validá-los.

Para a análise de conteúdo, utilizou-se como auxílio os recursos do software *Atlas.ti*. Esse Software é considerado como recurso para análise dos dados coletados em pesquisas qualitativas, apresentando uma eficácia na organização do material como demonstrado por Walter e Bach (2009). Segundo as autoras, o modelo tradicional de análise de conteúdo desenvolvido por meio de colagens e uma categorização manual demandariam mais tempo do que utilizando o software. O *Atlas.ti* permitirá uma análise simultânea de vários dados em uma única interface (imagens, vídeo, texto, áudio...) através da codificação, da criação de notas de pesquisa e de comentários. Do mesmo modo que se torna possível o estabelecimento de relações entre os elementos analisados, o agrupamento e o gerenciamento destes elementos, chegando ao final da análise com a visualização gráfica de todos os procedimentos realizados.

A primeira edição comercial desse *software* foi disponibilizada em 1993, sendo empregada em pesquisas nas áreas da Administração e Educação, sendo posteriormente expandida para outras metodologias na análise de conteúdo. O *Atlas.ti* teve o seu surgimento na Alemanha (*Computer- Assisted Qualitative Data Analysis Software – CAQDAS*). A sigla “Atlas” significa *Archivfuer Technik, Lebensweltund Alltagssprache* e pode ser traduzida para

⁶ Ver Apêndice IV.

o português como “arquivo para tecnologia, o mundone a linguagem cotidiana”. Enquanto a sigla “ti” advém de *text interpretation*, ou seja, interpretação de texto (WALTER; BACH, 2009).

O uso do *software* é considerado flexível, possibilitando adaptações para diferentes tipos de pesquisa, dados, objetivos e estratégias de pesquisa. De acordo Walter; Bach (2009), ele é mais bem aproveitado em pesquisas qualitativas e subjetivas, diferenciando-se de outros *softwares* que também são utilizados na pesquisa qualitativa, mas apresentam dados quantitativos.

Segundo Ariza et al (2015), o *Atlas.ti* possui um conjunto de recursos característicos – Unidade Hermenêutica, Documentos Primários, Citação, Codificação, Códigos, Comentários, Notas, Famílias, Superfamílias, Redes de Categoria e a junção destes recursos formarão o processo de análise.

A Unidade Hermenêutica (UH) consiste na estrutura que recebe os dados para o projeto. O nível básico da UH é constituída pelos Documentos Primários (DP). Os DPs são os arquivos adicionados a um projeto em formato de vídeos, fotos, textos, áudio (ARIZA et al., 2015).

Explorando o documento primário, torna-se possível fazer a citação e estas são identificadas automaticamente pelo software. No decorrer deste processo, a citação é codificada mediante o processo de associar um código/unidade de registro à citação (ARIZA et al., 2015).

Ainda no intuito explicativo, Ariza et al. (2015) pontuam que as Notas e Comentários são utilizados pelo pesquisador sempre que necessários registrar palavras-chave, pois estão ligadas as Citações, Códigos ou Famílias específicas. As famílias são uma maneira de agrupar os documentos primários, códigos/unidades de registro e/ou comentários e notas, para facilitar a manipulação das informações durante a análise. A formação da família é semelhante à criação dos códigos/unidades de registro, supercódigo e superfamílias, pois fazem parte do processo de indução ou dedução do pesquisador. As superfamílias permitem a formação de uma família em um nível maior por agregação/categorização.

O resultado do processo de análise de dados representado pelo *Atlas.ti* pode ser visualizado através das Redes de Categorização, as quais permitem ligar elementos semelhantes em um diagrama visual e assim, expressar relações entre códigos, citações, documentos primários, família e superfamílias (ARIZA et al., 2015).

A junção do processo da análise de conteúdo sugerido por Bardin (1977) e os recursos do *Atlas.ti* são representados por Silva (2012) através da Figura 2, demonstrando como esse *software* permite uma aproximação fiel ao estudo proposto.

Figura 2 – Procedimento de análise de conteúdo associada aos recursos do *Atlas.ti*, por Silva (2012).

Durante a fase da *pré-análise* (BARDIN, 1977), os registros das entrevistas estão sendo organizados e transcritos. Ainda nesta etapa estes registros serão lidos várias vezes buscando uma reflexão sobre os dados coletados. Do mesmo modo, que permitirão a identificação de aspectos relevantes sobre o objeto de pesquisa.

Na sequência da análise, buscará a partir da leitura realizar a *exploração do material*, identificando frases e palavras recorrentes que tivessem a possibilidade de serem agrupadas por semelhança de sentido. Um processo que possibilitará a criação das unidades de registro/códigos para as etapas futuras. Os códigos estabelecidos serão agrupados conforme a sua característica comum a fim de condensar unidades de contexto para favorecer o entendimento. Este processo será configurado como a etapa de categorização como sugerido (Ibid.).

Os comentários serão realizados sempre que necessários, fazendo referência à bibliografia estudada, um processo que facilitará posteriormente na discussão, síntese e significação dos resultados.

A *interpretação e tratamento dos resultados* (Ibid.) correspondem à última fase do processo, realizada através da visualização da gráfica das famílias a partir da rede de elementos registrados no *Atlas.ti*.

Durante o processo de análise de conteúdo, a interlocução dos dados coletados com a bibliografia pesquisada será uma constante, permitindo a sustentação do estudo e a verificação dos objetivos traçados inicialmente. Finalizando o estudo de campo e análise, os resultados estarão apresentados na sequência deste trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa foram profissionais musicoterapeutas que atuam no âmbito da Assistência Social brasileira. Todos os entrevistados possuíam formação em Musicoterapia em nível de graduação e/ou pós-graduação – especialização ou mestrado.

A lista de pré-selecionados para participarem do estudo, mediante indicação das Associações Estaduais de Musicoterapia ou por outros profissionais musicoterapeutas, compreendeu no total de 17 (dezessete) possíveis participantes. Quando aplicados os critérios de inclusão e exclusão, a lista de participantes abarcou o número de 10 (dez) musicoterapeutas como previsto no projeto da pesquisa.

Os musicoterapeutas que participaram da pesquisa atuam nas regiões nordeste (dois), centro-oeste (três), sudeste (dois) e sul (três) do Brasil, nos Estados do Piauí, Bahia, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e no Distrito Federal. Na imagem abaixo (Figura 3), pode-se visualizar a distribuição desses profissionais.

Figura 3 - Distribuição dos participantes da pesquisa nas regiões brasileiras.

A idade dos participantes apresentou uma variação entre 29 (vinte e nove) e 51 (cinquenta e um) anos, sendo 6 (seis) mulheres e 4 (quatro) homens.

Das associações filiadas, os registros dos participantes entrevistados tinham como referência a associação do respectivo estado, sendo elas a Associação de Musicoterapia do Paraná (AMTP-PR), Associação de Musicoterapia do Piauí (AMT-PI), Associação de Profissionais e Estudante de Musicoterapia do Estado de São Paulo (APEMESP), Associação Goiana de Musicoterapia (AGMT), Associação de Musicoterapia do Rio Grande do Sul (AMT-RS), Associação de Musicoterapia do Rio de Janeiro (AMT-RJ), Associação Baiana de Musicoterapia (ASBAMT) e Associação de Musicoterapia do Distrito Federal (AMT-DF).

Os musicoterapeutas entrevistados tinham de 1 (um) a 6 (seis) anos de experiência de atuação no âmbito da Assistência Social no momento da pesquisa de campo. Alguns, além de atuarem na intervenção musicoterapêutica, também ocupavam cargos de gestão, controle social⁷ e participação política em espaços sobre o trabalho no SUAS⁸.

Os espaços de atuação dos participantes demonstraram que, dentre os selecionados, quatro musicoterapeutas (Mt. 2; Mt. 3; Mt. 5 e Mt. 9) atuavam em instituições ligadas ao Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE. Apesar de não estarem vinculados a um equipamento do SUAS no momento da entrevista, ao serem convidados para o estudo, colocaram-se como trabalhadores do SUAS. Assim, devido às atuações musicoterapêuticas anteriores (estágios acadêmicos, pesquisas científicas e outros) em espaços e com usuários do SUAS relatadas por esses profissionais, considerou-se que estes poderiam ser incluídos no estudo.

- **Mt. 1** – Alcides, mora em Teresina – PI, tem 51 (cinquenta e um) anos, trabalhou no CRAS II Região Sudeste e filiado a AMT-PI
- **Mt. 2** – Cristiana, mora em Niterói – RJ, tem 35 (trinta e cinco) anos, trabalha no Departamento Geral de Ações Socioeducativas – DEGASE e filiada a AMT-RJ.
- **Mt. 3** – Fernanda, mora em Goiânia – GO, tem 33 (trinta e três) anos, trabalha no Centro de Internação para Adolescentes – CIA e filiada a AGMT.

⁷ Conselheira do Conselho Municipal de Assistência Social.

⁸ Fóruns Estaduais de Trabalhadoras e Trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social (FETSUAS) e Fórum Nacional de Trabalhadoras e Trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social (FNTSUAS).

- **Mt. 4** – Gildásio, mora em São Paulo – SP, tem 32 (trinta e dois) anos, trabalha na Organização Não-Governamental São Paulo Woman's Clube e filiado a APEMESP.
- **Mt. 5** – Hermes, mora em Goiânia – GO, tem 43 (quarenta e três) anos, trabalha no Centro de Atendimento Socioeducativo - CASE e filiado a AGMT.
- **Mt. 6** – Lilian, mora em Ponta Grossa – PR, tem 51 (cinquenta e um) anos, trabalha na Prefeitura Municipal de Ponta Grossa Paraná - Secretaria de Assistência Social – Gerência de Proteção Social Básica e filiada a AMT-PR
- **Mt. 7** – Luísa, mora em Sobradinho – DF, tem 29 (vinte e nove) anos, trabalha no Centro de Convivência de Sobradinho e filiada a AMT-DF.
- **Mt. 8** – Jakeline, mora em Curitiba – PR, tem 32 (trinta e dois) anos, trabalha na UNIARTE – Universidade Livre do Artesanato e Cultura Popular do Paraná ONG / Conselho Municipal de Assistência Social de Curitiba /AMTPR-Vice Presidente / FETSUAS-PR (representante titular AMTPR) / FNTSUAS / CEFÚRIA – Trabalho com população de situação de rua e filiada a AMT-PR.
- **Mt. 9** – Rogério, mora em Salvador – BA, tem 51 (cinquenta e um) anos, trabalha na FUNDAC: Fundação da Criança e do Adolescente – CASE Salvador.
- **Mt. 10** – Sofia, mora em São Leopoldo – RS, tem 35 (trinta e cinco) anos, trabalha no Município de Sapucaia do Sul – CRAS Central.

4.2 O QUE DIZEM OS MUSICOTERAPEUTAS

As entrevistas realizadas para este estudo foram todas gravadas e tiveram autorização expressa dos participantes. A conduta da gravação justificou-se pelo fato de permitir uma posterior análise do material coletado, detectando as possíveis lacunas e, até mesmo, o não-verbal ocorridos nas entrevistas, as quais complementaríamos os resultados alcançados.

Neste subcapítulo serão apresentados os excertos das 10 (dez) entrevistas⁹ retirados após transcrição. As entrevistas na íntegra serão expostas como um dos apêndices da presente dissertação.

As transcrições das entrevistas compreenderam um processo importante para a análise dos dados. Buscou-se concentração para a anotação fidedigna das falas dos participantes. Para a escrita das entrevistas, buscou-se respeitar, as características próprias da oralidade de cada participante. Contudo, as falas que apresentaram repetições de palavras, eventuais incorreções na concordância verbal, gênero e/ou número, aspectos próprios da oralidade, repetição de palavras redundantes, foram retificados para melhor apresentação e clareza do discurso.

Salienta-se, ainda, que ao longo das entrevistas, houve perguntas cujas respostas foram espontaneamente dadas em perguntas anteriores. Deste modo, na organização do dados, optou-se por considerar a resposta mesmo que apresentada anterior a devida pergunta, considerando-a como um complemento pertinente à questão e ao seu conteúdo.

Das dez entrevistas realizadas, os nomes dos participantes apresentados nos discursos, correspondem a sua real identidade, pois expressaram autorização via TCLE permitindo a sua identificação no resultados da pesquisa.

No decorrer deste subcapítulo, primeiramente, serão apresentados os participantes das entrevistas e, na sequência, os excertos iniciais, ou seja, as informações que se destacaram nos discursos, mantendo-as como originalmente apresentadas e relacionando-os à pergunta correspondente. A ordem de apresentação dos discursos seguirá o roteiro da entrevista.

Sobre a inserção profissional na área...

1) Há quanto tempo você atua como musicoterapeuta na área social?

Mt. 1 – Sei anos, foram seis anos (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - São dois anos e meio (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Desde dois mil e nove [...] Sete anos (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Nós ficamos mais ou menos dois anos [...] (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Quatro anos (SANTOS, 2015);

Mt. 6 – Na área social apenas um ano (SILVA, L. A., 2015);

⁹ As entrevistas encontram-se disponibilizadas na íntegra no apêndice IV.

Mt. 7 - Há mais ou menos uns três anos [...] Dentro da assistência social não é de musicoterapeuta, ele é de educadora social (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Quatro anos [...] Cinco anos! [...]O conselho é mais recente, mas o FET é de dois mil e dez (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Três anos (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Desde 2010 (DREHER, 2015);

2) Qual a sua formação?

Mt. 1 - Eu sou formado em Educação Artística pela Universidade Federal do Piauí, com habilitação em Música e a minha Especialização em Musicoterapia pela própria Universidade Federal do Piauí (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Graduação em Musicoterapia [...] Depois fiz pós-graduação em Psicomotricidade... Então eu sou musicoterapeuta, psicomotricista e terapeuta corporal (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Musicoterapeuta. Eu tenho especialização em Educação Social para Atendimento de Adolescentes Autores de Ato Infracional, pela Faculdade de Educação da UFG e Mestrado em Música (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Bacharelado em Musicoterapia e terminei a pós agora em psicopedagogia (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – A formação de Musicoterapia, formação mestrado em música na EMAC. Tenho formação musical também, bacharelado em flauta, fiz licenciatura em filosofia e tenho graduação incompleta, não cheguei a terminar, em teologia. Esta época eu fui frade Francisco durante 12 anos [...] Eu tenho também uma especialização de EAD na área de Educação Inclusiva (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - Sou bacharel em Musicoterapia [...] Especialização em Educação Musical [...] Estou fazendo especialização em [...] Arteterapia Analítica (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Eu sou Educadora Musical, licenciada em Música e sou especialista em Musicoterapia (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Eu sou graduada em Musicoterapia e especialista em Políticas Públicas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná de dois mil e onze. O nome é Especialização em Programas Projetos e Políticas Públicas (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Eu sou musicoterapeuta, tenho pós-graduação em Metodologia de Ensino Superior e Biofeedback e Neurofeedback (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Eu tenho Bacharelado em Musicoterapia pela FAP, aí eu fiz uma especialização em Comunicação Semiótica na PUC do Paraná e fiz meu mestrado em Filosofia aqui na UNISINOS universidade aqui de São Leopoldo (DREHER, 2015);

3) Você conhece os princípios e diretrizes do Sistema Único de Assistência Social - SUAS? Se sim, é possível comentar?

Mt. 1 – Sim. Eu não estou lembrado do texto específico, mas como eu vivenciei muito isto nas conferência talvez agora eu não me lembre basicamente, mas se você citar talvez eu consiga me lembrar (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Olha eu já dei uma lida, mas eu não saberia te dizer assim. Eu não tenho o menor contato com isto, com esta parte teórica, e de verdade, embora eu atendo os adolescentes que estão em risco social (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Conheço. Já li, já estudei. Eu tenho um monte de cartilhas aqui em casa. Já li a LOAS, já li sobre PIA, já li sobre essa atenção básica, já li tudo (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Eu tenho procurado me inteirar mais [...] Vou ser sincero que eu ainda preciso me aprofundar mais (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Não, não (SANTOS, 2015);

Mt. 6 Eu conheço alguma coisa porque eu tenho participado das capacitações. Na verdade eh... [silêncio] Veja bem, eu tenho receio de assim de falar de uma forma assim que eu possa está [silêncio] [...] Eu gostaria de te falar mais tarde [...] Porque eu responderia assim com mais propriedade. Pode ser? (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Sim, conheço. Um deles é a matricialidade familiar (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Sim [...]Os princípios são a matricialidade sociofamiliar, eu não lembro assim, se você pode me ajudar... (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Conheço as diretrizes sim [...] Olha! Você me pegou num momento que eu não estou com estas informações muito claras na minha cabeça agora, porque eu tenho receio de me remeter a um universo de informações que na verdade faz um tempo que eu não estou acessando (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Eu tenho acompanhado as discussões, assim, pela UBAM então sempre que vem material a gente está lendo, se informando (DREHER, 2015).

4) Você sabe em qual nível de proteção da Assistência Social está inserido? Qual?

Mt. 1 - Proteção Básica (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Deve ser de alta complexidade né? (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Não tenho noção [...] Eu acho que é o de alta. Pra mim é de alta complexidade. Primeiro que é de internação... Na verdade, o adolescente já está na última instância. Já foi pra família, já foi pra escola, já foi pra sociedade e aí vai pra internação. Eu acho que eu estou na ponta (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - [...] era proteção especial de média complexidade (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Eu diria que é de alta complexidade. O socioeducativo é (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - Sim, estou na gerência de proteção básica (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Eu estou na proteção básica, no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Eu estou na Proteção Social Básica e Proteção Social Média de Alta Complexidade (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Então eu tenho entendimento que nosso atendimento é de alta complexidade (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Não, não. Eu não saberia te dizer (DREHER, 2015).

5) Qual o seu vínculo empregatício?

Mt. 1 - Eu era contratado, terceirizado. [...] Então a gente era contratado como instrutor através de uma firma terceirizada (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Eu sou estatutária (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Concurso. Concursada desde dois mil e dez. Eu entrei em dois mil e nove, mas em dois mil e dez[...] Antes do concurso. Eu estava contratada pela instituição (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - RPA [...] Recibo de Prestação de serviço de Autônomo (SOUZA, 2015);

Mt. 5 - Servidor público [...] Concursado (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - Eu sou concursada (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Eu sou concursada, como servidora efetiva (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Eu sou contratada em um trabalho como instrutora de atividades artísticas e culturais. Este é o meu cargo e a função é musicoterapeuta [...]É pregão eletrônico na verdade [...]é pior que a terceirização (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Eu tenho contrato de trabalho de trinta horas com a FUNDAC – Fundação da Criança e do Adolescente, que por sua vez ela tem todo o quadro contratado via Fundação José Silveira [...] É, CLT (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Eu sou RPA, tá, Fabrícia, não é carteira assinada. Desde 2010 foi assim [...] Sou um funcionário terceirizado [...]eu presto serviços e, no mês em que eu prestei o serviço, eu recebo esse pagamento, né? E, no mês em que eu não atuo eu não recebo pagamento (DREHER, 2015).

6) No período em que atuou como musicoterapeuta na Assistência Social, você recebeu/buscou algum tipo de capacitação? Qual?

Mt. 1 - a gente tinha muitas capacitações de como estar trabalhando com cada clientela de cada região e a gente sempre tinha manualmente capacitação dentro do trabalho social, do trabalho da prefeitura, sempre tinha as reuniões, as capacitações, as reuniões com psicólogos e outros profissionais que atuavam na área (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Em relação a isto não! Mas em relação a minha área de atuação lá dentro que é no núcleo de saúde mental [...] Inclusive eu estou, aguardando hoje o resultado porque eu quero [...] uma especialização em saúde mental e atenção psicossocial [...], não tenho capacitação, tem para psicólogo, tem para assistente social mas para musicoterapeuta, pra quem está na saúde mental assim são coisa mais específicas da saúde mental. Para musicoterapeuta não (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Eu fiz essa especialização pela Faculdade de Educação [...] Na verdade foi feito um sorteio, mas a gente que se candidatava pra fazer. Foi feito um sorteio até na época de dois mil e nove, que eu nem era concursada, aí eu fui sorteada e fiz a especialização [...]eu fiz a especialização e os outros cursos todos que eles dão de formação continuada. De todos eu participei [...]Sempre tem [...]Eu fiz primeiro um de defesa pessoal, que eles falam de... Mas só que a gente vê mais é ECA, a gente vê mais dos direitos da criança e do adolescente, mas não voltado pra assistência social: “Olha, você vai encaminhar o adolescente tal pra isso assim assado...” “A política de se trabalhar com a criança...”. Dos panfletinhos que eu fiquei um tempo na secretaria, então eu pegava. Sobre o CRAS, CREAS, por exemplo, pra ler. LA (Liberdade Assistida), ou prestação de serviço à comunidade... (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Não. Capacitação nós não tivemos nenhuma capacitação não. Nós começamos a desenvolver mediando aquilo que a gente foi percebendo qual era a demanda do grupo (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Recebi. Lá a gente teve, eu fui indicado para fazer um curso, durou praticamente o primeiro semestre inteiro de 2015. Foi o curso de formação continuada para socioeducadores (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - Na verdade teve uma capacitação sobre vigilância né, que é mais específico para assistente social e eu pedi para que eu pudesse participar tal e participei [...] Sim, a minha gerência é muito, tem uma visão muito boa com relação a isto. Sempre tem me convidado para participar sim mesmo sabendo que existe esse interesse da minha parte (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Não, não. Diferente da pós-graduação, não (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Vários... Seminários, os próprios Fóruns é um espaço de formação política, os Fóruns estaduais, nacionais. A atuação política ela exige uma capacitação porque você está a todo tempo pensando na política [...] Aqui no Paraná como conselheira através do portal da prefeitura que oferece curso a conselheiros, eu participei também para falar sobre a política, sobre a

garantia de direitos, níveis de proteção, então eu participei de vários momentos [...] Agora eu acredito que não é uma coisa comum, os trabalhadores que estão nesta situação de precarização eles não participam porque não dão conta do próprio trabalho formal (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Já fiz várias capacitações. Na verdade tenho participado de congressos, de palestra, não muitas coisas, mas tenho [...] Tem sido uma busca minha e a FUNDAC também tem oferecido (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Não (DREHER, 2015);

7) De que forma ocorreu a sua inserção como musicoterapeuta neste campo de atuação?

Mt. 1 – Eu já trabalhava no CRAS, antes fazer a especialização, eu trabalhava com Coral neste CRAS que na época não era nem CRAS [...] Quando a política entrou, eu estava acabando de fazer a especialização em Musicoterapia e vi que o meu trabalho que já fazia anteriormente, tinha todo o cunho terapêutico eu já tinha que ter esta visão para montar o coral de crianças que tinham problemas [...] Quando eu fiz minha especialização, as pessoas da unidade ficaram sabendo da minha condição de musicoterapeuta e viam que o trabalho que eu fazia, realmente tinha que ter este caráter [...] os profissionais que tinham este perfil terapêutico eles ficaram, no caso eu e mais uns dois professores, instrutores de teatro e outro de dança. A gente ficou porque tinha o perfil do trabalhador que o CRAS necessitava, que a Assistência Social queria, precisava aliás (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Concurso (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - A minha foi por contrato, primeiro, mas depois por concurso (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Eu sempre trabalhei na área social. Eu migrei do administrativo, depois eu fui fazer Musicoterapia e nesse meio você vai conhecendo muitas pessoas. Então eu fiz algumas amizades e aí uma colega minha de serviço de uma outra instituição, ela ainda é gerente deste serviço da proteção especial. Ela me convidou [...] começamos a realizar este trabalho de Musicoterapia, mas foi a partir de uma amizade que eu tinha com uma pessoa [...] Eu apresentei um mini currículo, eu fui lá conversar com a equipe (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Desde quando eu estava entrando na ordem Franciscana até antes de entrar, o meu projeto era trabalhar com as pessoas mais desfavorecidas, eu sempre gostei [...] Esta inserção social não é assim, digamos, a máxima pelo menos na região onde eu trabalhava. Não era o foco principal. Diante desta insatisfação e tantas outras, quando eu fiz o curso de Musicoterapia eu percebi claramente “eu encontrei com o que eu quero trabalhar” [...] Terminei o mestrado e surgiu a oportunidade de fazer este concurso, que foi o primeiro concurso do socioeducativo do Estado de Goiás, que ninguém sabia para qual era o trabalho. Todo que fez o concurso não sabia que um dia iria para dentro de uma unidade de internação de adolescentes em conflito com a lei (SANTOS, 2015);

Mt. 6 – Eu sou concursada. Quando o musicoterapeuta entrou na Assistência Social, já começou a trabalhar na Assistência Social eu fiquei meio que namorando esta vaga. Então quando surgiu a oportunidade eu falei olha eu quero, eu quero. Isso começou quando eu precisei fazer estágio de Arteterapia e eu procurei falar com o secretário de Assistência Social pra ir... Falei olha eu tenho muito interesse, eu amo trabalhar em grupo, eu tenho perfil para musicoterapia social e diante disto houve esta oportunidade e estou agora ali por causa desta oportunidade, eu aproveitei esta oportunidade (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Eu entrei num concurso como educadora social de música [...] E aí, quando saiu a Resolução 17, eu muito me interessei e, diante disso, eu escrevi um projeto no qual eu propunha vários tipos de atendimento de musicoterapia voltados para a assistência. Entreguei pra minha gerência de competência [...] eles avaliaram o projeto, fizeram algumas ressalvas e me deixaram aplicar três vezes por semana, sendo que nos outros dois dias eu teria que atuar somente como educadora (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Através da formação. A formação que me abriu caminhos, mas a formação a pós, não a graduação. Eu acho que, claro que sim também, a graduação falar que não é muita coisa, mas eu acho que foram caminhos que foram se abrindo [...] eu acho que é uma busca pessoal de certa forma profissional, enquanto ser humano, um descontentamento com a realidade social aí você procura de alguma com teu trabalho contribuir para um melhoria na qualidade de vida das pessoas [...]mas antes disto eu já tinha esta necessidade de contribuir para esta transformação social e na graduação isso foi impulsionado através dos campos de atuação [...]Eu participei de processo seletivo junto a outros profissionais e fui aprovada e comecei a trabalhar [...]No que se refere a inserção política no conselho foi por este conhecimento político da importância da participação do musicoterapeuta nos espaços de discussão da política (VITOR., 2015);

Mt. 9 – A Associação de Musicoterapia me indicou para um cargo que vagou de musicoterapia. Cristiano saiu então a Associação me indicou para este cargo (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - A assistente social do município ficou sabendo do meu trabalho, foi lá assistir, e ela me disse: “Olha, S., eu fiz um projeto. Na época que eu fiz o projeto eu incluí musicoterapia, só que eu não conhecia nenhum musicoterapeuta. E eu fiquei procurando, procurando, procurando e não achei. Aí eu fiquei sabendo que você estava aqui e vim atrás de você, porque o projeto já foi aprovado. Tem a verba, mas eu não tenho musicoterapeuta.”. Então foi justamente o contrário do processo. Assim, ela elaborou o projeto, incluiu o profissional, mas não tinha ninguém, né? Então depois é que ela foi à caça. Então ela me encontrou e eu comecei a trabalhar nesse projeto (DREHER, 2015).

Sobre a atuação musicoterapêutica...

- 8) Quais são os espaços onde ocorre o serviço de Musicoterapia? Poderia descrevê-lo(s)?**

Mt. 1 - Os espaços eram no auditório, lá tinha um auditório muito grande com um espaço bom, com cadeiras bem confortáveis e tinha espaço tanto para fazer atividades sentadas como para fazer atividades lúdicas e etc [...] Fiquei foi anos como representante da Associação de Musicoterapia de Teresina dentro do Fórum Estadual de Trabalhadores da Assistência Social (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - O espaço dentro da unidade onde eu atuo, nós temos uma sala, que é a sala do núcleo de saúde mental. E nessa sala eu tenho instrumentos, tenho armário que eu posso guardar estes instrumentos. Mais quando não é possível eu uso qualquer outro espaço que seja, que tenha qualquer um nível de reservado, mas no DEGASE não tem isso [...] as salas não tem porta, é tudo aberto assim, para as pessoas sempre olharem e ver o que está acontecendo [...] eu já usei a quadra, eu já usei refeitório, eu já usei auditório, mas eu gosto quando eu uso essa salinha fechada. Esta sala é compartilhada (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Eu já trabalhei nas três unidades. No CIA, no CIP e no CASE. O CASE que é o Centro de Atendimento Socioeducativo. O CIA e o CIP são os que menos têm estrutura física, que é o antigo presídio dos policiais militares. Então, ele era uma escola que depois tinham salas de aula que transformaram em celas, que na verdade a gente chama de alojamentos. E aí não tem sala pra atendimento. Você atende no... Na sala de informática é onde eu atendo, eu atendo na sala técnica, eu atendo na sala da psicologia [...] é uma sala que também é compartilhada com a sala de aula às vezes. Às vezes eu faço até na sala de aula. É... Onde tiver uma sala disponível, mas é uma sala compartilhada, por exemplo: a assistência social, a psicologia, eu, e, se tiver que fazer qualquer coisa, é só nessas salas (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - [...] nós tínhamos sempre uma sala reservada onde a gente podia as nossas atividade de musicoterapia. Dentro da instituição no espaço do projeto da Proteção Especial especificamente [...] eu trabalhei no Centro para Juventude que é um serviço da Proteção Básica é um serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos [...] Tinha uma sala (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Lá na unidade tem as salas próprias para o atendimento ao lado da sala de aula. Eu geralmente faço os atendimento ali. Tem um outro espaço que se chama “Artecasa” que tem até escrito Musicoterapia, Arterapia, Terapia Ocupacional na parede, mas para ir para este lugar tem pedir escolta aos policiais (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - Na gerência de proteção social básica eu tenho uma sala ali, mas a minha sala é de passagem digamos assim. na minha sala eu fico pra fazer relatório. Sexta-feira é um dia que eu não saio e fico fazendo tudo isso. O meu trabalho é ir nos CRAS Centro de Assistência Social os CRAS né, aqui em Ponta Grossa nós temos dez CRAS [...] na verdade é um espaço aberto (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Tinha uma sala em que eu fazia o atendimento a gestantes, juntamente com a psicóloga do CRAS, que era dentro do próprio CRAS, e existia uma sala dentro do Centro de Convivência, onde eu fazia o atendimento de idosos e do grupo das crianças [...] É o mesmo complexo de prédios, só que como se fosse uma faculdade, que é dividida em blocos. O CRAS fica de um lado e o Centro de Convivência fica do outro lado (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Na Proteção Social Básica são o CRAS que o Centro de Referência de Assistência Social, Igrejas, Associações, os CATs Centro de Atenção a Terceira idade. São nestes que eu faço atendimento [...] Tem umas que são no salão paroquial da igreja, uns que são salas da igreja católica, mas eu sei que tem igrejas evangélicas também, tem uma sala que é desenvolvida o trabalho, mas não é uma sala para a Musicoterapia. É uma sala do serviço que naquele dia ela recebe as famílias. Não é um espaço que é específico para a Musicoterapia a gente compartilhar com outros profissionais também estes espaços, mas naquele momento é da Musicoterapia [...] A gente tem hoje uma sala de diversos profissionais que são improvisadas e acontece também o trabalho, em algum momentos na praça, algumas apresentações que a gente faz, alguns eventos, em grandes auditórios quando tem eventos do prefeito [...] em Lar de Repouso, as vezes a gente sai da unidade para ir em outra unidade fazer o trabalho também, em clubes, eu já fiz apresentações em clubes [...] CMAS é um espaço que é oferecido pela gestão [...] No caso do Fórum Estadual é importante a gente ter sempre uma casa “casa própria”, atualmente no Paraná é Conselho Regional de Psicologia que recebe o Fórum, mas a gente já teve o Conselho Regional de Serviço Social [...] No caso do Fórum Nacional ele hoje acontece de forma centralizada em Brasília (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Temos setting de Musicoterapia, eu posso dizer que praticamente completo (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - É uma sala dentro do CRAS Central, nesse momento. A primeira vez que nós começamos, era feito num galpão ao lado do Ginásio Municipal. Esse era o espaço que nós tínhamos, né? Então, não só pra musicoterapia mas pra vários outros. Depois nós fomos pro Prato Popular, eu não sei se vocês têm isso aí [...] Isso também vai modificando muito, assim, as outras oficinas também. Uma hora tem aqui, outra hora... Que é por causa dos aluguéis também, né [...] Que na verdade era a casa de uma pessoa, um bar com mesa de sinuca e tudo. Ele fechava o bar para a gente poder fazer a sessão e depois ele abria o bar de novo (DREHER, 2015);

9) Quais são as ações desenvolvidas pelo musicoterapeuta neste(s) espaço(s)?

Mt. 1 – “Canto Terapêutico” [...] eu usava mais a questão do canto o Coral infanto-juvenil e o Canto Terapêutico, para que pudesse estar no coral todos, com grupos maiores [...] Fiz um trabalho voltado para o folclore, utilizei a música folclórica aqui da nossa região, um trabalho musical [...] Todos os grupos que eu trabalhei no CRAS era com o canto [...] A gente tinha duas figuras e eu cheguei a trabalhar com este recurso deste material que a gente tinha para trabalhar com os adolescentes. Mantendo o trabalho folclórico com as músicas do reisado [...] A gente se reunia mensalmente para ter, das ações do fórum dentro das conferência a gente fazia parte das mesas, das reivindicações dos trabalhadores [...] Eu fiquei até como vice presidente do fórum uma época (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Olha, e... vai muito da minha forma, da minha leitura do que seja musicoterapia e da minha forma de trabalhar né? Então assim, e... (silêncio). Até chegar na música para alguns adolescentes é difícil. Então eu vou por

outros caminhos, não sei se ele vai chegar na música se ele deseja isso [...] Eu gosto muito quando a música já faz parte do contexto musicoterapêutico, eu gosto de trabalhar com composição. Já trabalhei com improvisação me eles são bem tímidos, ao contrário do que as pessoas imaginam, eles ficam muito retraídos né. Então já trabalhei com composição e um resultado bem bacana assim (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Eu posso falar assim pra você quase nada. Mas é quase tudo. Que é a escuta [...] Eu entro junto com os educadores pra fazer as revistas, assim, fica acompanhando, mas você acaba pegando um trenzinho ali pra olhar, entrada e saída de pertences. Você que pega material às vezes pra adolescente, você que aplica medida disciplinar, você que acolhe adolescente que chegou pra preencher ficha psicossocial, é você que preenche. A ficha de acolhimento é você que preenche. Atendimento familiar a gente faz também. Então você se vira nos trinta. Acompanha visita. Faz visita assistida e é você que acompanha. Entrevista é você também que faz com a... Por exemplo, com a namorada ou uma tia, é você que faz a entrevista. Então você faz de tudo na unidade. O que eu menos faço é tocar e cantar (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - [...] nosso trabalho era um trabalho mais de escuta [...] a gente procurava escutar quais eram as demandas iniciais dos pais e com isso a gente iam propondo as nossas atividades. Geralmente era um trabalho de musicoterapia mais receptiva mesmo [...] Atuei na gestão. Eu tinha uma equipe de funcionários, então era responsável por esta equipe, responsável pelo planejamento das ações [...] responsáveis pelas atividades que estavam sendo propostas para estes adolescentes, atividades externas [...] o trabalho em rede da Proteção Básica daquele CRAS onde eu estava trabalhando [...] fazer acontecer a grade de atividades semestrais [...] Sensibilizá-los para esta questão do Sistema Único de Assistência. O que é o Sistema Único de Assistência, o que é o CRAS, o que é o CREAS. Formações neste sentido mais gerais [...] Também era um papel da coordenação fazer prestação de contas (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – À medida em que eu estou escutando adolescentes, eu já estou pensando numa intervenção. Estou tentando me preparar dentro de casa lendo algumas coisas pra eu poder ver como eu posso ampliar essas intervenções. Essas intervenções que eu trabalho de um forma cada vez mais holística, pelo musical [...]eu já faço são as que eu falei, por exemplo, improvisação e composição. Eu acho que acaba que elas têm uma perspectiva de maior possibilidade de intervenção do que só a audição. Pelo menos a audição no contexto dessa realidade exilar onde se está. Porque lá, a que veio pro meu lugar, porque ela é muito mais passiva [...] Cada técnico tinha um dia que tinha que acompanhar o banho de sol na ala dos homens, ajudando os educadores. Quando era minha vez, eu comecei a levar um amplificador, a levar um notebook pra lá pra botar umas músicas, que eles escolhiam (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - [...] meu trabalho é fortalecer esse vínculo, trabalhar é claro que nós temos o subjetivo. Nós trabalhamos cidadania, trabalhamos identidade, pertencimento então eu procuro trabalhar voz, pra você ter voz na tua vida né. Foi muito interessante, não sei se eu posso estar contando alguma atividade que eu [...] eu trabalho de uma maneira assim, eu sou vista por elas “ah aquela pessoa que vem nos abraçar, que vem trazer alegria para nós” [fala dos participantes do grupo de musicoterapia] e eu falo muito sobre isto.

Sobre eu ser uma agente de saúde [...] Eu começo com a biodança, eu começo com a dança circular pra depois eu estar fazendo esta percussão corporal (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Eu iniciava a sessão com as gestantes (elas aconteciam todas as quartas-feiras), eu iniciava colocando a musicoterapia nessa perspectiva do fortalecimento de vínculos entre mãe e bebê. Então eu sempre fazia algum tipo de aquecimento com a musicoterapia, em uma sessão eu usava o canto, em outra sessão eu usava a audição, na outra eu usava automassagem, e aí a gente fazia alguma dinâmica que fizesse com que elas interagissem com esse bebê de alguma forma. E aí, depois que eu tinha feito essa mobilização, a psicóloga introduzia o tema que era a questão dos direitos da gestante, dos acessos aos serviços do CRAS, etc., sempre ligado ao que eu tinha produzido no início [...] com os idosos, que eram o segundo grupo que eu tinha, era o coro terapêutico. Então a gente fazia o trabalho de campo oral, só que sempre eu levava algum tema ligado às músicas, a gente fazia sempre uma parte de reflexão, de falar um pouco sobre a vida, de revivenciar as experiências através das músicas, da voz (LIRA, 2015);

Mt. 8 - São as próprias técnicas da Musicoterapia, por exemplo, no caso do trabalho especializado eu trabalho muito com improvisação, com a recriação, com jogos musicais através de parlendas, paródias, brincadeiras cantadas, trabalho na perspectiva da roda de tambores, aquela perspectiva trazida por Paulo Suzuki eu acho que dá muito certo na área da Assistência. Trabalho também com oficina de confecção de instrumentos musicais com materiais reciclados, eu acho que é uma proposta que dá muito certo também. A gente não tem material, a gente não tem instrumentos musicais e a oficina ela te dá esta possibilidade de todos terem o acesso aos instrumentos. Composição também é algo que a gente trabalha, o canto é algo que a gente estimula bastante (VITOR, 2015);

Mt. 9 – A minha metodologia Musicoterapia Neuroativa, que antes era aplicada apenas a pessoas com lesão cerebral, eu adaptei para atender a demanda desta clientela que é falta e necessidade de autocontenção, percepção de limite, controle e desenvolvimento da inteligência emocional. Então eu utilizo a minha metodologia da Musicoterapia Neuroativa para estimular o sistema nervoso, a nível de formar ou desenvolver o saber neurofisiológico através de associações de diversas informações que ele vai realizando fisicamente [...] Fiz a banda FUNDAC, juntei profissionais de várias unidades e formamos o Bandão da FUNDAC. Na unidade também eu reúno vários profissionais para tocarem durante os eventos que ocorre [...] Eu trabalho muito a questão da oralidade e a questão do movimento (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 – A gente tem uma sessão por semana, de uma hora. O que que eu procuro trabalhar? Assim, por exemplo, com um grupo de idosos. A questão maior que eles trouxeram, que eles estavam procurando convivência [...]então eu comecei a trabalhar, porque eles moravam numa mesma cidade mas muitos não se conheciam, assim, muita gente que veio do interior, de outras cidades em busca de oportunidade de trabalho, de outras coisas. Então no primeiro momento eu comecei a trabalhar com essas histórias [...]nesse sentido que eu estava te falando. E foi interessante que em dois mil e... vou chutar 2011, eu não tenho certeza agora, a gente acabou gravando o CD com as paródias [...] É sempre um discussão em conjunto, eu não decido nada sozinha. Posso até levar propostas Fabrícia, mas a gente sempre vai estar

discutindo com eles qual o interesse deles [...] Eu trabalho muito com questão corporais também. Brincadeiras que a gente fazia de infância [...] Atividades também de memória, eu canto uma canção “Era uma casa muito engraçada, não tinha teto não tinha nada” e aí eu seguro a minha parte do barbante e passo o barbante para outra pessoa (DREHER, 2015);

10) Quais os usuários contemplados no serviço de Musicoterapia no qual você é responsável?

Mt. 1 - Idosos que eu acompanhei mais tempo, o Projovem quando existia a política que atendia os jovens eu fiz um trabalho com eles e as crianças também a partir de nove anos até doze (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - São apenas adolescentes. De quatorze até dezoito anos (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Adolescentes Autores de Ato Infracional [...] Tem a família. A família também pode participar quando eu sou a responsável pelo grupo [...] (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - [...] Eram mães de adolescentes em medida socioeducativa em meio aberto [...] às vezes nós contamos com a participação de alguns adolescentes, mas geralmente eram as mães, os pais também tinha alguma participação mas era muito pouco com relação as mães, mas nós tivemos participação de pais também. Às vezes alguma crianças que iam junto com as mães. Os técnicos também [...] adolescentes em medida socioeducativa de Liberdade Assistida, de prestação de serviço à comunidade ou de semiliberdade também recebíamos. Adolescentes em abrigo, adolescentes encaminhados pelo Conselho Tutelar ou adolescente encaminhado pelo CRAS (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Socioeducativo você está lidando com jovens que estavam no mundo infracional, no mundo do crime e de repente eles são aprendidos e são colocados literalmente dentro de uma cadeia (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - Meu trabalho é com a pessoa idosa [...] tem o grupo de mulheres e nesse grupo de mulheres tem mulheres mais jovens, que aí é especificamente mulheres (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Então, eram as gestantes que recebem o auxílio-maternidade. [silêncio]. Os idosos é demanda espontânea [...] o encaminhamento das crianças no Centro de Convivência são bem misturados. Assim, tem a demanda espontânea, que hoje é bem menor, e tem as crianças que vêm de medida protetiva, que já sofreram alguma violação de direitos e estão reingressando ao Centro de Convivência [...] tinha um grupo de famílias (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Idosos, pessoa com deficiência, pessoas em situação de rua e as famílias. Famílias envolvem crianças, acho que toda população da área da assistência, a gente consegue abarcar com este serviço, embora eu esteja em serviço especializado (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Nós lidamos com quadro de alteração de conduta, de humor, gravíssimos com pessoas que cometem ato infracional de alta gravidade e outro que apresentem quadro suicidas, outros que apresentam quadro de agressividade [...] Os usuários que apresentam quadro melancólicos, depressivos, suicidas, que sofreu abuso sexual, apáticos, que apresentam agressividade, que apresentam quadro de surto, que apresentam problemas de espancamento, de lesão cerebral por espancamento. Os quadros mais clínicos que na verdade demandam de muitas ações terapêuticas [...] São menores que cometem atos infracionais no Estado da Bahia [...] Os familiares tem um atendimento (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 – Era trabalho com as família [...] Era aberto porque era para as famílias, mas como era durante o dia também Fabrícia tinha só o dono da casa que era homem, porque os outros estavam trabalhando. A maioria eram mulheres com crianças [...] eu comecei a trabalhar com os idosos (DREHER, 2015).

11) Quais os recursos/instrumentos utilizados nas ações de Musicoterapia?

Mt. 1 – Eu utilizava, como na maioria era canto, na sala nós tínhamos os instrumentos de percussão, atabaques, tambores, triângulos [...] com os adolescentes do Projovem eu cheguei a usar o pandeiros, triângulos, instrumentos básicos e o trabalho que eu fiz também com a parte do folclore. A gente tinha na unidade um boi, umas aburrendas do reisado [...] O bumba meu boi, a burrinha dos caretas [...] eu sempre utilizei o violão como instrumento de condução para ir trabalhando esta questão do grupo. (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Eu tenho violão, dois tantos, uma caixa, tenho panderola, tenho clava, e... tenho tamborim, eu uso e... eu gosto de usar muitos jogos, eu já... na verdade eu uso muito xadrez, e... eu uso desenho, folhas, canetinhas, lápis de cor, tem adolescente que a gente está escrevendo um livro, tem adolescente que a gente está escrevendo um gibi, tem... eu uso gravador pra gravar a voz do adolescente e aí que ele vai se dando conta da mudança da voz dele, e... já utilizei CD, já gravamos CD de composição do adolescente, enfim, são muitos materiais aí (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Eu uso o violão, a voz, o som, e CDs meus. Músicas minhas [...] Eu que levo. Do meu arquivo próprio, das minhas coisas próprias. Eu que levo o meu material [...] Tudo meu. Muitos anos. Por exemplo, o som eu consegui de doação [...] Agora tem violão na unidade (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - [...] utilizava de recurso o som que a gente utilizava, colchonete [...] Nós levávamos os instrumentos também quando a gente usava para fazer a atividade [...] A gente levava às vezes instrumentos percussivos aqueles pequenininho de percussão, o violão, conduzia a gente também utilizava, basicamente, aparelho de som a gente também utilizava, algumas xerox a gente utilizada [...] a gente levou alguns CDs, conduzia, violão, basicamente, o aparelho de som [...] datashow, tinha material de escritório, tinha notebook (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – O principal tem sido o notebook, porque lá tem internet WiFi. Cai muito, mas funciona. Pra poder pegar a música que está naquele momento, que o adolescente está sentindo naquele momento que ele quer ouvir.

Facilita bem mais o número de música que a gente pode ter acesso. O violão já tem lá dentro, eu utilizo o violão [...]costumo levar o meu teclado. Tenho um teclado que é só pra musicoterapia, um teclado antigo, daquela linha da Yamaha. Estava levando muito alguns atabaques meus (SANTOS, 2015);

Mt. 6 – Eu utilizo muito o lenço pra dança [...] quando eu entrei na Assistência Social não tinha material nenhum em termo de instrumento, eu tinha outros materiais de artesanato no caso pra Arteterapia eu até tinha, mas para Musicoterapia eu não tinha nada. Então eu pedi para uma pessoa, mas é uma pessoa amiga minha fazer as claves com cabos de vassoura daí eu fiz muitos desses instrumentos [...] Com o corpo eu faço muito, muito, muito. Eu trabalho muito com o corpo para fazer percussão com expressão corporal [...] um teclado e também esse rapaz que ficou doente me emprestou um violão, me emprestou... Esse violão tem afinador e eu tenho alguns instrumentos de percussão, mas são meus. Eu tenho caxixi, eu tenho meia lua, eu tenho pandeiro, mas são meus, triângulo [...]e tem grupo que eu tenho três sanfoneiros (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - [...] eu utilizei teclado e a voz, e em algumas sessões eu utilizei flauta doce [silêncio], e aparelhos de som [...] aparelhos de som, papel e caneta, barbantes, colchonetes... Basicamente isso [...] Para as crianças eu levava toda aquela bandinha, não sei se você conhece aquele kit bandinha, que tem tamborzinho, que tem agogô [...] Tambor, reco-reco, agogô, é... Como que a gente fala, as clavas, o pandeiro [...]. Além do teclado e da voz (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Eu toco teclado, instrumento harmônico o teclado, o pandeiro como instrumento de percussão, eu utilizo também. Tem em alguns equipamento eu tenho o xilofone, o metalofone, tambor, deixa eu ver, aqueles Blun, não se você conhece? Aqueles coloridos, aqueles canos [...] Material impresso, imagens, trabalho bastante com imagens. Imagens e som. Deixa eu ver o que mais, ah... rádio! Às vezes tem rádio, tem música que utilizo a rádio [...] as vezes microfone, se tiver apresentação [...] Recurso da amplificação do som [...] Canções impressas. Eu trabalho com alguns grupo com as pastas das canções que eles vão pedindo (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Eu tenho lá uma bateria, eu tenho um baixo, uma guitarra, tenho cinco violões, tenho vinte flautas, tenho dois saxofones, dois clarinetes, dois trompetes, dois trombones, tenho timbau, tantãs, um tantã grande, um tantã médio, três repiques de mão, três pandeiros, tenho três tamborins e dois xequerê, dois teclados, tenho uma equipamento de som, ar condicionado, tatame e uma sala [...] As figuras geométricas [...] Voz e movimento (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Eu levo tudo, tá, Fabrícia? Quer dizer, o que a gente tem são as cadeiras. É uma sala também que o pessoal... Por exemplo, tem três máquinas de costura ao fundo, que é o local também onde o pessoal do artesanato faz. Então, eu levo violão, eu levo instrumentos, eu levo paraquedas, eu levo tudo que é material meu eu levo [...] No grupo a gente tem um gaiteiro, que inclusive ele é músico e compositor então ele me acompanha com a gaita. Eu levo instrumentos de percussão, mas não é toda semana que eu levo. Tem dias que a gente vai trabalhar só com a voz e com movimentação corporal [...]Eu trabalho também com bolinhas (DREHER, 2015);

12) Suas ações são desenvolvidas em equipe? Quais são os profissionais envolvidos?

Mt. 1 - Eu trabalhei com um professor de flauta [...] Assistentes sociais quando os psicólogos [...] Tinha o sindicato dos psicólogos, os dos fisioterapeutas, o de assistência social, o sindicato dos trabalhadores da Secretaria Estadual de Assistência Social do sindicato, o antigo SindCREFITTO, tinha também a categoria da contabilidade (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Olha, no momento não! Já fiz parceria com a terapeuta ocupacional e com a psicóloga, mas não é sempre por causa da demanda da instituição mesmo, e assim, as cargas horárias cada uma distribui em dias diferentes (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - [...] eu participo junto com a equipe [...] eu atendo com a psicóloga, eu atendo com a assistência social, eu atendo com a pedagoga [...] Orientador não participa muito não. Já participou, mas não tem muito esse vínculo não (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Participava eu e o outro musicoterapeuta [...] Geralmente tinham dois técnicos que acompanhavam o nosso trabalho [...] Da Psicologia, do Serviço Social, do Direito, da Pedagogia que são os profissionais deste nível de categoria da Proteção Especial no caso das medidas socioeducativas [...] Eu tinha orientador socioeducativo da equipe especializada, assistente técnico, auxiliares de serviço geral e uma cozinheira (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Musicoterapeuta lá é técnico, juntamente com os psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, enfermeiros [...] Às vezes conta com a participação de outro técnico [...] Porque tem os técnicos e os educadores. Os educadores são aqueles que têm um vínculo maior dentro dos espaços com os adolescentes. Eles que abrem e fecham grades, que levam alimentação, que levam ao banheiro, aquela coisa toda. Os educadores são mais próximos (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - O pessoal da equipe eles estão em outras atividades, mas eles estão sempre prontos se eu preciso de algo [...] Só atendem as minhas necessidades (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Somente as das gestantes, porque ficava junta com a psicóloga, as outras não [...] eu escrevi esse projeto, eu escrevi juntamente a uma arteterapeuta, e a proposta era minha e dela [...] Porém a gente nunca conseguiu trabalhar juntas (LIRA, 2015);

Mt. 8 - É difícil responder esta pergunta, porque o ideal é que seja, mas eu me sinto muito sozinha. Eu tento passar todo o meu planejamento, o desenvolvimento do trabalho, os objetivos, com a equipe só que em nenhum momento eu sou chamada para reunião de equipe. Quando eu faço um trabalho, cada dia da semana eu estou em um grupo diferente em um CRAS diferente então eu não tenho muito tempo para participar da reunião de equipe. O dia que eu vou não é o dia da reunião é o dia de eu atender o grupo. Então este é um desafio também [...] É em alguns equipamentos eu tenho a ajuda do educador social e já tive ajuda, ajuda no sentido de pensar o trabalho junto com a assistente social, a psicóloga, com a pedagoga, tem um grupo que eu trabalho com a terapeuta ocupacional então a gente atende uma

hora meia hora minha e meia hora dela [...]Sim, eu já tive momentos, mas eu acredito que é importante que a gente tenha mais momentos [...]Eu não estou sozinha, eu procuro fazer um planejamento conjunto, discutir com a equipe aquele trabalho que eu estou desenvolvendo. Isso é uma iniciativa minha [...]Precisa ser mais interdisciplinar, está muito longe de ser interdisciplinar (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Eu faço meio que um link com os outros profissionais e aproveito também da música para sociabilizar, inserir outros profissionais em atividades musicais que muitas vezes eles não tem espaço, não tem organização para fazer, então eu organizo o espaço. [...]São desenvolvidas em equipe sim [...]Na verdade, diretamente, tem o psicólogo, o assistente social, o educador de medida e os orientadores do alojamento. Então para cada um destes daí, nós trabalhamos em conjunto (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Ninguém participa [...]Quando era esse trabalho no bairro que eu te falei com as famílias a assistente social ficava a sessão inteira. Fazia as atividades com a gente, participava e aquilo que te falei, no início dos trabalhos com os idosos que era aquela outra equipe de assistência social sempre tinha alguém junto ou era estagiário de assistência social, ou era estagiário de psicologia. Sempre tinha alguém que acompanhava o grupo até mesmo para dar recados (DREHER, 2015);

13) Como você descreveria as habilidades necessárias ao musicoterapeuta que atua no âmbito social?

Mt. 1 - Primeiro ele precisa gostar de gente, eu acho que é fundamental gostar de gente, se você não gostar de gente, do ser humano, não tiver empatia você não vai conseguir realizar o trabalho [...]Gostar do que faz e ser um especialista, ter um conhecimento do produto que você vai trabalhar senão você não vai conseguir desenvolver seu trabalho com magnitude, dignidade e resultados positivos [...]Ter capacitação, ser um cara que tenha conhecimento, tenha estudo para poder não estar fazendo as coisas improvisadas. Tem de ter o conhecimento do que vai fazer, tanto conhecimento da sua condição profissional quando da clientela que você vai ser dispor a trabalhar (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Eu acho que deveria conhecer bem tudo que envolve, né? Então assim, por exemplo eu não sei nada sobre o SUAS, sobre SUS, mas tenho curiosidade e vou ouvindo algumas pessoas falando[...] Saber rede, a onde recorrer, aonde encaminhar, mas isso é meu. E... Então eu acho que o musicoterapeuta tem que estar bem ligado até para poder mostrar a cara da musicoterapia mesmo [...] o musicoterapeuta ele precisa estar sempre estudando música, mas não vejo como primeiro lugar não, porque a leitura musicoterapêutica não é a leitura da música. Nem a leitura de um terapeuta, é uma leitura musicoterapêutica. E esta leitura musicoterapêutica ela é multi, então ela é musical, ela é terapêutica, ela é uma porção de coisas, artística. Política inclusive [...] as coisas que ele vai estudando, as formações que ele vai fazendo, isso tudo entra no atendimento (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Jogo de cintura, muita escuta, [silêncio] acolhimento... Tem que saber acolher [...]Acho que o principal é a escuta, ouvir, saber falar [...] Que

não falte a ética você tem que ter demais, exemplo, a sua ação, sua conduta [...] Postura (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Eu acho que o musicoterapeuta precisa estudar sobre o Sistema Único de Assistência, entender quais são as demandas, por exemplo, das áreas de atuação [...] talvez um olhar diferente [...] a meu ver, as habilidades é observar qual é a proteção que ele está trabalhando, escutar e a partir destas demandas ele propor o trabalho que ele acha que é necessário (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Em primeiro lugar, tem que ter uma compreensão mais larga da realidade do ato infracional [...] Quanto maior a habilidade musical o musicoterapeuta tiver, mais sucesso ele vai ter no setting, de trabalhar, por exemplo, conhecimento de intervalos musicais que vai possibilitar em tempo real que ele tire melodias, seja no teclado, seja com a voz, seja modificações diversas modificando os tons no violão [...] Então a musicalidade nesse sentido de ter essa versatilidade de trabalhar com material musical, de mudar um tom, achar um tom, no momento real ali, com facilidade. Seja no teclado, seja no piano, pra promover inclusive o fazer, (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - Claro que é muito importante a ética profissional, conhecer as técnicas, é muito importante conhecer da teoria, é muito importante ter a musicalidade clínica, é muito importante realmente saber o que está fazendo no sentido das intervenções porque é uma responsabilidade muito grande da gente [...] Claro que é muito importante nós conhecermos a musicoterapia de uma maneira tão profunda em termos de ciência, em termos de saúde, em termos de resultados, em termos de técnica nós temos sempre que estar nos atualizando [...] nesta área precisa realmente ter a empatia, ter a alegria [...] Musicoterapia Social nós temos que ter esse perfil. Esse perfil, eu tenho amor por eles, eu tenho carinho por eles, eu tenho preocupação, eu tenho olhar terapêutico, mas eu tenho um olhar, digamos assim, com carinho mesmo (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Assim, eu acho que tem que ter uma escuta. Não uma escuta musical, mas uma escuta humana, sabe? Muito desenvolvida, tem que estar bastante aberto a se flexibilizar, a sair do planejamento. Eu acho que você tem que estar bastante aberto a ver situações muito impactantes [silêncio] e você tem que estar bastante disposto, você se dispõe muito, você gasta bastante energia [...] e ao mesmo tempo conseguir manejar a musicoterapia pra ela não se tornar uma musicoterapia clínica (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Precisa ser um profissional que tenha habilidade musicais, talvez seja esta a nossa característica que difere dos outros e que tenha condições de desenvolver um trabalho que promova a transformação social através da música, do discurso musical, através da melodia, do ritmo, da harmonia, da improvisação, da recriação, da composição. É uma profissional que utiliza destes recursos para atender os objetivos da política que é também esta participação social, trabalham a perspectiva de responsabilizar este gestor das suas competências [...] Que tenha um trabalho que através desta utilização destes recursos musicais, da promoção da garantia de direitos ele possa ter uma centralidade nos coletivos. Desenvolver uma ação estratégica, planejada, não é nada pontual e acabado. É algo que precisa sempre estar pensando, dialogando com os serviços, com os programas, com os projetos realizados pela Assistência Social (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Primeiro a pessoa tem que ter um compromisso com o país, um compromisso com a humanidade para que possa trabalhar com um cidadão que é o mais excluídos dos excluídos, dos excluídos do país [...]o musicoterapeuta precisa ser muito sensível para lidar com esta fragilidade com bastante paciência, com bastante tolerância, com bastante amor porque mais que tudo, estas são pessoas muito carentes de atenção. Então o musicoterapeuta precisa ser muito atencioso e precisa ter muita musicalidade (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Acho que tem uma pessoa, tem que ter uma afetividade principalmente com os idosos porque são pessoas bem carentes de relações, tem que ser uma pessoa que tem uma cabeça bem aberta porque você lida com muitos conflitos, desde assim a Lei Marinha da Penha, “meu filho é drogado” [...]Tem que ser uma pessoa disposta a trabalhar com grupo e com grupo que vai ser refazendo a cada semana [...]Então você tem estar aberto também para ir modificando a proposta de trabalho. Acho que isso é todo o musicoterapeuta. O repertório modifica muito, mesmo dentro do grupo tem gente que gosta de sertanejo e tem gente que não gosta, gente que quer música gospel e gente que quer música gauchesca, gente que quer marchinha de carnaval. Então é lidar com heterogeneidade musical do grupo. Tem que ser uma pessoa aprender a tirar eles um pouco deste buraco, nem que seja por aqueles minutinhos, as vezes você tem que ser um pouco palhaço e fazer alguma coisa mais divertida para que eles possam respirar um pouco [...] Habilidade vocal sem dúvida nenhuma, nestes trabalho com grupo a voz é muito usada, o violão (DREHER, 2015);

14) Quais os objetivos da Musicoterapia no campo social?

Mt. 1 - A gente trabalhava a questão da qualidade de vida, no caso dos idosos a interação social [...] a socialização com a família [...] Esta questão da socialização entre familiares e os próprios idosos [...] Fortalecimento dos vínculos com as famílias. Muitos falavam precisamos fortalecer os vínculos familiares e a música era uma forma de juntar quando as visitas dos pais nas reuniões, a gente procurava estar fortalecendo estes vínculos dos próprios familiares entre eles (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - a musicoterapia entra como possibilidade terapêutica de uma equipe multidisciplinar e transdisciplinar de saúde mental. Acolhimento e acompanhamento de casos considerados graves, com os manejos próprios da Musicoterapia tais como técnicas e métodos, ampliando para uma musicalização terapêutica (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - a ampliação de visão de mundo [...] Pra outras culturas, outro tudo [...] escuta de parar, ouvir, sentir, perceber, a sensibilidade, a emoção [...] Não só a ação em si, o físico. O apoio social mesmo, dele se fortalecer [...] O apoio familiar [...] resgatar através da música o que era bom (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - [...] os objetivos da Musicoterapia neste campo eu vou, eu acho que é a questão da socialização [...] Socialização, auto expressão, autoconhecimento [...] O diálogo, a conversa (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – É formar um vínculo diferenciado, porque, principalmente no socioeducativo, o vínculo é o mais prejudicado, o vínculo com a realidade

[...] Formar um vínculo de acolhida, formar um vínculo de atenção é o primeiro objetivo. Pra proporcionar essa escuta, esse acolhimento do adolescente. Sobretudo o lado emocional [...]Então um dos objetivos que eu tenho é de valorizar os mínimos passos de expressão que o adolescente promove e de divulgar isso. Promover, digamos, uma visibilidade disso dentro da unidade e, quando possível, até fora da unidade [...] Proporcionar pequenas mudanças e pequenas atitudes transformadoras que adquiram visibilidade (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - Em termos de pessoa idosa seria mais isso mesmo dela se colocar, dela ter essa identidade, dela experimentar [...] para que elas sintam como elas vão agir lá diante as suas dificuldades, os seus problemas [...] Então eu tenho trabalhado muito neste sentido, mostrando para eles que algo que queremos aperfeiçoar existe uma técnica [...] Eu falo muito sobre problema real e problema imaginário, medo real e medo imaginário. Aquilo que a gente está acrescentando e poderia evitar né (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Eu acredito que os objetivos que a Tipificação nacional coloca, eles podem muito bem ser atingidos com a musicoterapia, né? Que é melhorar a interação social, reintegrar o indivíduo à sociedade, fortalecer a família [...] O fortalecimento de vínculos familiares. Sociais e familiares. O empoderamento do indivíduo também, o descobrimento de novos potenciais, o trabalho com a autoestima (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Então o nosso papel enquanto musicoterapeuta ele está voltado a reinserção das famílias a estes territórios, por exemplo, em trabalho que eu desenvolvi nas comunidades com família, após o trabalho elas, lógico todo um trabalho planejado, construído com a equipe, através da improvisação, recreação, a gente conseguiu despertar um tipo de construção e reflexão naquelas famílias da importância de cuidar daquele lugar onde elas moram [...]Promover o enfrentamento das situações de vulnerabilidade e risco social, através da música. Eu acho que promover esta transformação através da música na perspectiva de garantia de direitos. A gente precisa assegurar direitos através destes recursos que a gente utiliza que é a música, deste espaço de reflexão, deste espaço de escuta que a gente promove através dos atendimentos, então promover através disto este enfrentamento [...]Sempre o recurso vai ser a música, a música vai ser a grande mediadora. Então a habilidade para mim é usar este recurso musical (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Que ele perceba a importância do autocontrolar, do autoconter-se, de ter domínio de si mesmo, domínio espacial, localização espacial, auto controle físico [...] Os objetivos da musicoterapia é principalmente desenvolver um quadro biopsicossocial no adolescente onde ele possa conviver em qualquer lugar sem alterar a ordem social. Que ele entenda o quanto ele é um ser que faz parte de uma sociedade e que deve ser adequar as condutas pertinentes a um cidadão. Então nós trabalhamos para que ele resgate esta cidadania através do empoderamento das suas potencialidade e da sua saúde, o valor da liberdade, o valor do convívio familiar, a importância de fazer parte do processo educativo, de estarem inseridos na escola. Os valores humanos e sociais que ele devem ter para ter uma vida social saudável (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Tinha e ainda tem muita violência, muita droga e aí muita gente de cada lado e não tinha formação de grupo, de bairro, de consciência de comunidade então o meu trabalho ali foi diferente, foi trabalhar também de

novo a identidade de cada um, mas tentando formar uma identidade desta comunidade [...] O primeiro objetivo que eles colocam que é sair deste isolamento e procurar a convivência [...] Segundo como são idosos eu procuro trabalhar muito a questão de exercícios de memória, envolvendo esta questão cerebral. Terceiro e te diria que são corporal porque eu procuro bater muito nesta tecla com eles por causa do sedentarismo. (DREHER, 2015);

15) Você estabeleceria alguma relação entre a Musicoterapia na Assistência Social e a Musicoterapia Comunitária? Quais?

Mt. 1 - Sim, eu acho muito parecido. Primeiro que você está trabalhando com grupos [...] Eu acho que Musicoterapia Comunitária também trata disso de trabalhar com grupos, porque é um trabalho muito agrupamento de pessoas, ela também tem esta característica de estar juntando pessoas [...] Eu acho que trabalhar com grupos é uma forma de você estar atingindo e trabalhando com várias pessoas ao mesmo tempo de diferentes idades, comportamentos, diferentes características, eu acho que tem muito haver (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - [suspiro] Olha eu precisaria ler mesmo sobre a Assistência Social é claro que deve ter, mas eu não tenho este conhecimento [...] eu Cristiana não tenho esse conhecimento não. Não queria falar besteira. [risos] (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Como é institucionalizado, tem. Tem relação sim com a musicoterapia comunitária. Mesmo sendo todos institucionalizados ali, né? Que estão dentro dessa instituição fechada, mas tem sim [...] ouvir o que o grupo tem [...] o que o grupo tem pra te oferecer, o que o grupo traz, qual é a cultura desse grupo, qual é o repertório desse grupo, o que esse grupo gosta de ouvir. Então eu acho que isso tem muito a ver. Eu acho que uma das principais coisas que tem é isso. E esse apoio social. Que eles têm um com o outro. Acho que é mais isso com a musicoterapia comunitária [...] Musicoterapia comunitária parece que está muito longe da realidade que eu vivo, sabe? Assim, eu sinto essa... Ou muito pouco acesso que eu acho que eu tive ou tenho ou não pesquisei muito sobre musicoterapia porque você vai fazendo as outras coisas nas outras áreas (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Eu acredito que sim. Eu acho que é só nomenclaturas. Eu não sei como é definido o sistema de Assistência, vamos dizer assim, na Argentina, mas eu acho que tem sim uma aproximação entre elas (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – A musicoterapia comunitária, eu tenho pouco contato, mas sabendo dos objetivos dela, de algumas coisas que eu já li, eu acho que perfeitamente dá pra fazer ações em conjunto. Principalmente quando trata da família [...]Então, pensar algo vinculado a isso, com a musicoterapia comunitária. Ainda não tentei, ainda não pesquisei nem especulei, mas acredito que, pensando em termos de comunidade socioeducativa [...] E, sobretudo, também com os outros profissionais. Essas ações, elas já são ações comunitárias, como a do aniversário e do dia da família (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - [...] eu penso que sim né só que no sentido, os objetivos eu acredito que devem um pouco diferentes penso eu. Que na Assistência Social existem

objetivos que são muito próprios da Assistência Social no sentido da vulnerabilidade. Veja talvez não sei, porque eu nunca trabalhei com a comunitária talvez eu também não tenha muito conhecimento, não sei. Mais eu penso que a comunitária é uma coisa assim, com objetivo geral (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Eu não conheço a musicoterapia comunitária [...] eu não faço a relação porque eu realmente não conheço (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Eu conheço pouco da Musicoterapia Comunitária, para falar bem a verdade eu vi algumas pessoas apresentando trabalhos e eu não saberia te dizer exatamente como seria este trabalho. Talvez eu tenha que aprender mais sobre isto, mas para mim a Assistência Social, a Musicoterapia na área da Assistência e a Comunitária atende o mesmo público. Para mim a diferença está da abordagem, da carreira porque algumas pessoas trabalham com Musicoterapia Comunitária e outras na Assistência Social. Para mim são os mesmo públicos, mas o olhar é diferente [...] Para mim a Musicoterapia na área da Assistência e Comunitária elas abrangem um leque, um guarda-chuva de possibilidade de ação que está conversando, dialogando com as diretrizes da Política de Assistência Social. Enquanto que a Comunitária ela, na própria política de Assistência ela traz o termo comunitário, mas ela está falando da comunidade (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Estabeleço sim. Eu acho que a Musicoterapia Comunitária, se houver ela acontecendo em algum lugar, que ela se expanda. Porque se nós tivéssemos atendimentos de Musicoterapia nas escolas, na comunidade, nos centros culturais, em vários lugares, a gente evitaria a proliferação deste tipo de adolescente, porque ele já iria encontrar uma ação profilática anterior (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 – Sim! [...]Naquele primeiro trabalho que eu fiz ali nas comunidades que envolviam as famílias, para mim ele era muito comunitário [...]Então para mim foi bem um trabalho de terapia comunitária neste sentido, por mais que o projeto inicial não tenha partido neste intuito, mas eu ia construindo com eles o que eles queriam trabalhar (DREHER, 2015).

16) Como você definiria a Musicoterapia na Assistência Social?

Mt. 1 - É um serviço importante, é um serviço importantíssimo, porque pode ele pode trabalhar com inúmeras vertentes. Você trabalhar em parceria com uma psicóloga, você pode trabalhar em parceria com uma assistente social. É uma área de atuação que dá esta liberdade e essa possibilidade de você estar trabalhando com outros profissionais [...] Um trabalho disciplinar (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - Olha eu não faço ideia, mas eu vou tentar aqui [...] Talvez fosse mais fácil contar casos do que ficar definindo, porque eu não faço, eu não tenho essas conexões [...] eu talvez se você perguntasse coisas específicas, talvez eu tivesse um monte de histórias pra contar [...] Não precisa ser resultado musical tem tanta coisa né, tem instrumento, tem voz, tem vários agenciamentos né [...] é acolhendo esse desejo dela, acolhendo o desejo do adolescente, cruzando as duas coisas, ajeitando as duas coisas dentro do que é possível (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Eu acho que é a capacidade ou habilidade que ela consegue desenvolver [...] O olhar do outro, essa escuta. Pra mim é essa a função da musicoterapia na assistência social [...] A escuta e o olhar do outro. E de si. De si e do outro. A escuta dele. Como eu me percebo ouvindo essa música, o que essa música provoca em mim, e no outro também. Pra mim, acho que é uma das principais coisas [...] despertar a sensibilidade, despertar a emoção, despertar a sensação de que essa música mexe comigo, eu tenho (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Muito bom, estou pensando [...] Eu que você está fazendo isto, mais do que atuação nos trabalhos sociais, tem essa questão política [...] a atuação da Musicoterapia no Sistema Único de Assistência Social vai muito além do que só atuação em si, atuação direta vamos dizer assim (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Ela é uma possibilidade de ampliação da escuta, da compreensão da realidade, seja por parte do profissional, seja por parte dos outros profissionais envolvidos, quando participam, e sobretudo dos usuários, dos sujeitos que são focos do atendimento. É a possibilidade de formar vínculos diferenciados, né? onde é levantado... experimentado outras formas de expressão, ... outra forma de compreender aqueles mesmos valores que são colocados, mas que, como a relação com ele já está desgastada por causa da desesperança colocada pela sociedade, o desgaste que existe. (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - Eu definiria que é uma pena que ainda não está como técnica de referência [...] É um papel importantíssimo a musicoterapeuta na Assistência Social em termos de prevenção então as assistentes sociais elas estão apagando incêndio, elas não tem a oportunidade de fazer com que isso não aconteça. E o papel do musicoterapeuta é exatamente isso é a prevenção, é o antes do acontecer, é ensinar ser protagonista da sua história, a ter voz, a se identificar, a valorizar os cursos que a Assistência Social oferece (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Pra ser muito honesta, eu acho que é um embrião que precisa de um útero pra dar certo [...] Eu acho que a musicoterapia na assistência social é mais pra potencializar as ações do indivíduo com o outro, e não exatamente só com ele mesmo. Como ele vai responder à sociedade, como ele vai se inserir dentro de um contexto social (LIRA, 2015);

Mt. 8 - A Musicoterapia na Assistência Social é uma trabalho que tem como objetivo a superação das dificuldades destas pessoas, família, sujeitos enfrentam na vida na perspectiva do direito. É um trabalho que precisa promover direito (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Eu defino a Musicoterapia na Assistência Social, como um instrumento sistemático de reinserção de todas as funções biopsicossocial do indivíduo, pois vai fortalecer a sua autoestima, devolver para ele a consciência de que ele é capaz de superar as suas dificuldades e agir de forma adequada dentro de uma sociedade (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 - Eu acho que foge muito desta coisa do consultório, porque o consultório tem esta coisa demanda individual e no trabalho social é uma demanda muito mais grupal, comunitária das relações, porque tu não tem tempo para poder entrar nestas demandas individuais de cada um. Então uma

das grandes características é isto de você trabalhar com este aspecto do grupo, da sociedade, da comunidade e não adentrar nesta... (DREHER, 2015);

17) Tem alguma música¹⁰ que você usaria para definir a tua atuação como musicoterapeuta na área comunitária?

Mt. 1 – “Viver e ser um eterno aprendiz” [trecho cantado] [...] é uma música que sempre retrata as coisas que a gente está buscando aprender, a beleza de ser um eterno aprendiz, é a vida, é bonita, é bonita. Essa música eu acho que ela define a minha atuação dentro deste trabalho eu vivi [...] A primeira música que veio na minha cabeça foi esta e fazendo uma análise ela é a música que se define e posso dizer que representa este trabalho que eu venho desenvolvendo (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - É uma música em parceria e os atendimentos meus pelo menos, eu sempre procuro trabalhar na parceria com o adolescente [...] Esses adolescentes eles não tem vivência de parceira [...] Aí como eu vou acolhendo, escutando, essas coisas todas, e assim eu vou tentando trabalhar num lugar bem sensível fazendo com que ele faça parceria comigo (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Eu acho que eu teria duas. Acho que “É preciso saber viver”... Acho que umas três [risos]. Em grau, certo. Bom, a primeira que veio é “É preciso saber viver”. [...] A segunda seria “Tente outra vez”, do Raul [...] Seria “Tocando em frente”, do Almir [...] É, que todos os dias é um espinho que você tem que tirar, mas toda flor que tem espinho você pode se arranhar assim, que está ali, que você vê um ser humano na sua frente, mas que está cheio de espinhos, que você vai se machucar, que eles vão te machucar. Mas vocês tem que saber viver, sabe? Por isso que vem o “Tente outra vez” pra você conseguir... (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz [...] Eu acho que, por exemplo, trabalhar na Proteção Especial e depois eu vi para a Básica eu percebia nitidamente quando eu fazia os encontros de família com as famílias dos meus adolescentes na Proteção Básica. Ter passado pela Proteção Especial tudo isso me ajudou. [...] A gente está sempre aprendendo. Sempre está aprendendo (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Tem uma canção que uma adolescente fez [...] O nome da canção é Minha História [...] Caso essa música eu não consiga autorização, que é complicado de colocar, seria... uma música que me acompanha muito aquela que o Caetano... gravou. Quer dizer, a música é dele, a Gal gravou, o Roberto Carlos também gravou, que se chama “Força Estranha” (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - E tem uma música que, até as idosas cantaram, que é Se Depender de Nós [...] Essa música, quando eu fui convidada pra trabalhar no CRAS porque quando eu fui para Assistência Social eu não sabia qual seria o meu trabalho [...] se depender... entende? [...] Porque eles não estão ali por acaso.

¹⁰ As partituras e letras das músicas encontram-se no Anexo II

Eles estão ali com profissionais que eles possam se tornar pessoas melhores, eles têm que se tornarem pessoas melhores se não o nosso trabalho não tem sentido (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Eu acho que sim. A Banda (LIRA, 2015);

Mt. 8 - Tocando em Frente” se fosse uma música minha [...] Outra que acho que é boa também é Geraldo Vandré aquela [...] Pra Não Dizer que Não Falei das Flores? [...] Isso! Isso é uma música que eu também acho que inspira (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Eu compus uma música, que na verdade é uma música que eu compus para eles [...] é um Hip Hop (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 – A primeira que vem na minha cabeça, falam que a gente tem que falar a primeira que vem na cabeça. É Maria, Maria do Milton Nascimento (DREHER, 2015).

18) Você teria algo mais a acrescentar?

Mt. 1 - Eu acho que a gente precisa fortalecer esse movimento da Musicoterapia dentro da Assistência Social que ainda está muito tímido. As pessoas nem conhece o trabalho do musicoterapeuta, porque parece que está se formando o perfil deste terapeuta ainda está se definindo, algumas coisas ainda estão sendo questionadas e eu acho que falta um conhecimento do profissionais, dos gestores, dentro da polícia nacional, estadual principalmente do conhecimento destas atividades e destas ações que o musicoterapeuta pode estar possibilitando. Mas eu acho que cabe a nós, cabe ao profissional fazer com esta mentalidade, esta forma de ver a musicoterapeuta dentro da Assistência Social como uma coisa que realmente vale a pena, que não seja apenas entretenimento, mas que tenha resultados que possam estar contribuindo com o fortalecimento de vínculos, com a mudança, não é nem mudança com qualidade de vida, fazendo com que as pessoas se socializem mais, passe a viver cada vez melhor (OLIVEIRA, 2015);

Mt. 2 - [silêncio] Talvez tenha, mas eu acho importante o trabalho que você está fazendo [...] Se não tiver musicoterapeuta inseridos nos lugares, escrevendo sobre os lugares não tem quem saiba e não é uma área historicamente e culturalmente de interesse mesmo do musicoterapeuta. Eu acho muito legal quando passar a ser né. É a musicoterapia mostrando que está no mundo, que está contextualizada, que está bem atenta ao que está acontecendo politicamente, culturalmente e socialmente. É um desafio né? Eu fico imaginando que é um desafio, porque se já é difícil a arte está inserida nisto que dirá, se a saúde está difícil ser inserida nisto, como é que a musicoterapia [risos] cruza todas estas coisas para estar inserida. Eu acho que é um lugar de sensibilização mesmo, não é um lugar de endurecimento não [...] Já estou mobilizada! Eu entendo como um ponto de partida até pra mim né. Eu fiquei curiosa de saber estas coisas todas. (ALMEIDA, 2015);

Mt. 3 - Não. Na verdade me deu uma curiosidade de saber mais, sabe? Assim, onde a minha prática se encaixa dentro do SUAS, o que é musicoterapia comunitária, o que é assistência social, sabe? Assim, onde que você está? [...] É, me instigou. Eu falo assim: “Nossa, que vontade de pegar

meus livros lá pra dar uma lida”. [risos] Fazer uma leitura nos meus livros assim vai. Aí eu fiquei mais assim: “Cadê”? Eu quero ler sobre isso, eu quero estudar sobre essa prática (SILVA, F. O., 2015);

Mt. 4 - Na formação nossa como musicoterapeuta eu sinto que as vezes falta falar da área social, da Musicoterapia Comunitária porque a gente acaba falando tanto da saúde, da reabilitação. Estou falando do meu caso aqui em São Paulo, não sei como é a realidade de fora. As vezes eu sinto que a Musicoterapia no âmbito Social Comunitário se fala muito pouco [...] talvez essa nossa formação enquanto musicoterapeuta, talvez ser pensado esta questão no âmbito social, político porque eu acho que esse o tom que a gente tem recebido depois desse caminhar e ter conseguido a inclusão no SUAS, a inclusão procedimentos no SUAS, a inclusão de número no CBO. Eu acho que a Musicoterapia vem fazendo outro movimento (SOUZA, 2015);

Mt. 5 – Não dá pra pensar assim “ah esse adolescentes não querem nada com nada, eles só querem ouvir o rap deles, o rap de apologia”. Então vamos ouvir o rap de apologia, que inclusive são raps de arrepiar os cabelos e discutir [...] Não, eu acho que nesse momento eu me dou por satisfeito. Eu acho que eu já consegui falar e.... já dei outras entrevistas e eu sempre consigo transbordar (SANTOS, 2015);

Mt. 6 - [...] eu falei sobre a necessidade de musicoterapeuta ser reconhecido no SUAS é depende nós, não depende de outro profissional. Porque nós que sabemos do nosso valor, nós que sabemos do que nós podemos fazer e mudar, transformar e contribuir na verdade. Então assim, o meu recado é para os musicoterapeutas. Que se façam presentes sabe, que batalhem mesmo pra que a Musicoterapia possa crescer, principalmente no SUAS. Que ela possa ter voz com propriedade. Não de uma maneira escondidinha, “oh, ah eu tenho um professor de música, eu tenho uma musi...” [expressão de voz baixa] [...] talvez se a musicoterapia fosse psicomusicoterapia não sei, mas algo que não ficasse de uma maneira tão banalizada [...]rever certas coisas da Musicoterapia para que ele vejam que nós somos pessoas, que nós trabalhamos com a alma, que nós trabalhamos com a psique, nós trabalhamos com o inconsciente. Que o nosso trabalho é um trabalho sério, que nosso trabalho é um trabalho que tem ciência. Então eu acho que isso está faltando. Está faltando muito na Musicoterapia e eu ouço todo dia! (SILVA, L. A., 2015);

Mt. 7 - Não, acho que não [...] (LIRA, 2015);

Mt. 8 - É uma responsabilidade da academia fazer esta discussão, porque estas pesquisas são financiadas com dinheiro público. Então elas precisam ser devolvidas para a sociedade. Acontece alguma coisa na academia é que este fazer está muito distante da nossa discussão política. Eu não sei qual que é, mas enquanto militante eu percebo esta necessidade de esse olhares e estas discussões se aproximem e para mim é uma responsabilidade da academia desenvolver estas pesquisa cada vez mais próxima do campo político, porque este é o papel da academia, produzir pesquisas que sejam devolvidas e contribuam para a sociedade de alguma maneira [...]A academia tem que constantemente fazer estes questionamento e produzir trabalho que contribuam para uma discussão (VITOR, 2015);

Mt. 9 – Eu acrescento que o musicoterapeuta, dentro deste espaço, ele tem que além de promover o bem estar do adolescente, ele tem que inserir os

cuidadores destes adolescentes. Porque estes cuidadores também são pessoas que muitas vezes vivem do mesmo nível social, no mesmo ambiente que estes adolescentes que eles estão cuidando e que também sofrem as mesmas carências, as mesmas falta de assistência e o musicoterapeuta ele pode sim ajudar muito a diminuir a tensão, diminuir o stress do profissional que está de frente atuando com esta clientela (FERREIRA, 2015);

Mt. 10 – Eu acho que isso é o lado ruim de se trabalhar na área social, esse envolvimento de lado negativo da política. Não é uma política boa no sentido de discutir. Você fica à mercê de gestão que as vezes não entendem e por boicote de alguma atividade acabam boicotando o teu trabalho. Então esse é o lado que te desgasta um pouco, te desmotiva a querer continuar (DREHER, 2015).

4.3 ANÁLISE DOS DISCURSOS E O ENCONTRO DOS OLHARES

Neste subcapítulo, serão apresentados os dados obtidos na segunda etapa da análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), consiste na exploração do material de modo que seja possível estabelecer semelhança de sentidos.

Conforme mencionado anteriormente, o tratamento dos dados deu-se através do Atlas.ti, a partir da elaboração da lista de unidades de registro/códigos, a identificação dos códigos nas falas dos participantes e, por final, a categorização dos códigos com a formação das famílias/categorias.

Seguindo o roteiro da entrevista, procurou-se estabelecer para cada questão uma unidade de registro/código sendo o mesmo utilizado nas demais transcrições para destacar os excertos que tivessem referência aquela questão/código. Alguns participantes apresentaram as informações anteriores à pergunta ou no decorrer da entrevista complementaram a resposta dada. Também ocorreu da entrevista ser complementada posteriormente por e-mail. Nesses casos, a resposta foi validada como parte da entrevista e considerada tomando como referência o seu devido questionamento.

Para unidade de registro utilizou-se 21 (vinte e um) códigos que, posteriormente, foram distribuídos em 4 (quatro) famílias/categorias. O quadro abaixo apresentará a relação de códigos e a sua fundamentação (quantas vezes utilizado).

Tabela 1 – Relação de unidades de registro/códigos utilizados no Atlas.ti e a sua fundamentação.

Unidades de registro/códigos	Fundamentação
Tempo de atuação	13
Formação	15
Conhecimento sobre o SUAS	18
Nível de Proteção	11
Vínculo Empregatício	21
Capacitação	21
Inserção no Campo	30
Espaços de Atuação	33
Ações Desenvolvidas	24
Ações Musicoterapêuticas	55
Usuários do serviço	27
Recursos materiais e instrumentos musicais	46
Trabalho Multiprofissional	34
Profissionais da Equipe	20
Habilidades do musicoterapeuta	34
Objetivos da Musicoterapia	32
Relações da MTAS e MTC	22
Definição da MTAS	17
Canção das Caminhada	28
Complementações do participante	20
Entraves da atuação	49

A primeira família/categoria apresenta os códigos que fazem relação com o perfil do musicoterapeuta e permitem a descrição do profissional que atua na área da Assistência Social. Os códigos agregados nesta família, denominada como *o musicoterapeuta no SUAS: um perfil em construção*, são: tempo de atuação, formação, conhecimento sobre o SUAS, vínculo empregatício, inserção no campo, capacitação e habilidades do musicoterapeuta (figura 4).

Figura 4 – Rede da família/categoria sobre o perfil do musicoterapeuta que atua no SUAS

O questionamento sobre o tempo de atuação demonstrou que os musicoterapeutas entrevistados tinham entre um e sete anos de atuação no campo da Assistência Social. Todos tinham formação em Musicoterapia em nível de graduação/especialização. Os que tinham especialização em Musicoterapia como habilitação para o exercício profissional, realizaram a primeira formação (graduação) em Educação Artística, Bacharelado em Instrumento Musical e Licenciatura em Educação Musical.

Ainda no quesito formação, o questionamento também revelou que todos tinham realizado uma pós-graduação *lato sensu* nas áreas da Psicopedagogia, Psicomotricidade, Educação Social para Atendimento de Adolescentes Autores de Ato Infracional, Educação Inclusiva, Educação Musical, Arteterapia Analítica, em Programas Projetos e Políticas Públicas, Metodologia de Ensino Superior, *Biofeedback* e *Neurofeedback*, Comunicação e Semiótica e Musicoterapia. Desses, três também tinham pós-graduação *stricto sensu* em Música e Filosofia. As respostas também revelaram formações complementares em Massoterapia, Terapia Corporal e Teologia.

Na sequência de questionamentos relacionados ao perfil do musicoterapeuta, verificou-se o conhecimento dos princípios e diretrizes do SUAS. Os participantes relataram terem o contato com o conteúdo durante as participações em espaços de discussão sobre SUAS (Fóruns, Conferências e Conselhos), informativos da UBAM e em normativos da política. A maioria afirmou conhecer, contudo, quando foi solicitado comentar sobre eles, relatando a necessidade de ter algum material de apoio naquele momento, fazer leituras, buscas bibliográficas, responder em outro momento, a necessidade de aprofundar mais para responderem com propriedade. Apenas duas participantes citaram uma diretriz do SUAS.

O vínculo empregatício também foi consultado, revelando que há musicoterapeutas concursados (cinco), contratados através de Recibo de Prestação de serviço de Autônomo – RPA (dois), Consolidação das Leis do Trabalho – CLT (um), empresas terceirizadas e pregão eletrônico (dois). Dos cinco musicoterapeutas concursados, apenas duas Mt 6 e Mt. 7, estão diretamente vinculadas ao SUAS. As respostas evidenciaram que, embora atuem como musicoterapeutas, o cargo e função não oficializam a atuação como musicoterapeuta. Esses profissionais são vinculados a outros cargos/funções, como analistas, instrutores ou oficineiros.

A inserção do musicoterapeuta deu-se por diversas formas: a indicação de conhecidos, a participação em projetos, as necessidades de adequação do serviço à PNAS, a indicação da associação de Musicoterapia estadual e a admissão via concurso público. Alguns participantes relataram que tinham o desejo de trabalhar na área social antes da formação em

Musicoterapia, em função do descontentamento com a desigualdade social e a vontade de ajudar aos menos favorecidos. A formação foi considerada como um caminho para o trabalho na área, permitindo a aplicabilidade das habilidades musicais com os objetivos da Musicoterapia. Os profissionais pontuaram que o direcionamento para a área foi estabelecido durante a formação, nos estágios realizados. Aconteceu, em dois casos, dos participantes estarem inseridos na política, trabalhando em outras funções, e sentirem a necessidade de exercer um trabalho especializado, levando-os à formação em Musicoterapia. Do mesmo modo que, três participantes foram inseridos a partir de instituições conveniadas ou na execução de projetos, que demandavam, entre os profissionais, de um musicoterapeuta.

A capacitação do musicoterapeuta também foi questionada entre os participantes, tendo como referência um processo ocorrido após a sua inserção no campo. Dos entrevistados, apenas quatro afirmaram não ter recebido capacitação, mas que procuram por conta própria. Este processo de capacitação tem sido proporcionado tanto pela gestão quanto pela busca do musicoterapeuta e ocorreu através de: participações em reuniões com os demais profissionais, especializações, cursos, capacitação sobre vigilância socioassistencial, curso para conselheiros e Fóruns de trabalhadores do SUAS.

Quanto às habilidades que são necessárias para a atuação na Assistência Social, foram relacionadas: gostar de “trabalhar com gente”; ter empatia; se capacitar; ter conhecimento sobre os usuários e seus contextos; conhecer a rede socioassistencial e o SUAS; ter “jogo de cintura”; proporcionar uma escuta musical e humana, visando acolher; possuir uma postura ética; compreender sobre o ato infracional; ter musicalidade; ter amor/afetividade pelos usuários; estar aberto para flexibilizar o planejamento; manejar a Musicoterapia para ela não ser tornar uma Musicoterapia clínica; desenvolver um trabalho que utilize a música na transformação social por meio da melodia, do ritmo, da harmonia, da improvisação, da recriação, da composição para promover a garantia dos direitos; desenvolver uma ação estratégica dialogando com os serviços, programas e projetos; ser sensível para trabalhar com a fragilidade do outro; ser paciente, tolerante e atencioso; estar disposto a trabalhar com grupos abertos; e, saber lidar com a heterogeneidade musical. Foram pontuados, por quase todos os participantes, como principais habilidades de: trabalhar com grupos; gostar da área, considerando os usuários e suas vulnerabilidades; ter conhecimento sobre a PNAS; ter postura ética; ser flexível na atuação e no planejamento; dar importância à musicalidade.

A segunda família/categoria estabelecida, *Descrevendo o serviço da Musicoterapia na Assistência Social* (Figura 5), considerou os seguintes códigos que possibilitaram fazer referência à atuação musicoterapêutica dos entrevistados: nível de

proteção, ações desenvolvidas, ações musicoterapêuticas, recursos materiais e instrumentos musicais, trabalho multiprofissional, profissionais da equipe, objetivos da MTAS, definição da MTAS, usuários e espaços de atuação. Optou-se por separar as ações desenvolvidas e as ações musicoterapêuticas, entendendo que nem todas as ações relatadas eram exclusivas da Musicoterapia, podendo ser realizadas por todos os profissionais da equipe. A mesma separação deu-se na relação dos profissionais em perceber que nem todas as atividades eram desenvolvidas em parceria com outro(s) profissional(is).

Figura 5 - Rede da família/categoria sobre a descrição da MTAS no SUAS.

O primeiro questionamento desta família/categoria, consultou o conhecimento dos participantes sobre o nível de proteção a qual estavam vinculados. Para aqueles que desconheciam, citou-se os níveis estabelecidos na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais para que se possível estabelecessem uma relação. Verificou-se que há musicoterapeuta trabalhando nos dois níveis de proteção Básico e Especial e no especial as atuações ocorrem tanto no nível de Média Complexidade, quanto no de Alta Complexidade. Nem todos demonstraram conhecer o nível que estava inserido e como previsto, ao compartilhar sobre a divisão da Tipificação enquadravam suas atuações. Apenas uma participante não soube responder o questionamento.

Ainda sobre a atuação musicoterapêutica, investigou-se sobre em quais espaços ocorriam o serviço de Musicoterapia. Os espaços mencionados pelos participantes variaram

conforme a unidade em que o serviço era ofertado, podendo ser em sedes próprias do CRAS, auditórios, Centro de Convivência, abrigos, clubes, na sala de saúde mental, na sala da informática, sala de outros profissionais/técnicos, em sala de aula, em igrejas, associações, Centros de Referência da Terceira Idade, Lar de repouso, Conselhos de Assistência Social, nos espaços disponibilizados para reuniões dos Fóruns de Trabalhadores do SUAS, no *setting* de Musicoterapia, em galpão de ginásio de esportes, na recepção do restaurante Prato Popular e em um bar que era casa de um usuário. As atuações também poderiam ocorrer em ambientes externos, durante apresentações culturais. Nessa questão, alguns participantes destacaram que, embora não tenham espaços fixos, com a estrutura e recursos materiais esperados para o serviço musicoterapêutico, o espaço não pode ser improvisado. O musicoterapeuta deve ter um cuidado/planejamento conforme o espaço que lhe é oferecido para atuar.

Ainda no contexto de planejamento do serviço de Musicoterapia, questionou-se quais os recursos materiais e instrumentos musicais utilizados durante as ações. Dos relatos apresentados, os instrumentos musicais eram de percussão, harmônicos e melódicos, tendo o relevante uso do violão e da voz como recursos que mais facilitavam a interação e a execução do fazer musical do grupo. Os demais instrumentos utilizados foram atabaques, tambores, triângulos, tantãs, caixa, pandeola, clava, caxixi, meia lua, pandeiro, teclado, sanfona, flauta doce, gaita, agogô, reco-reco, xilofone, o metalofone, tambor, blun, bateria, baixo, guitarra, saxofones, clarinetes, trompetes, trombones, timbau, tantãs, repiques de mão, tamborins e xquerê. Destaca-se que a maior parte dos instrumentos utilizados eram do próprio musicoterapeuta, pois o local de atuação não dispunha desses recursos.

Quanto a outros recursos utilizados, os participantes citaram: aparelho de som, amplificador de som, microfone, gibis, figuras do folclore como bumba-meu-boi, burrinha dos caretas, jogo de xadrez, desenhos, canetinhas, lápis de cor, gravador de voz, notebook, CDs diversos, gravuras, colchonete, aparelho de datashow, tintas, massinha de modelar, argila, bola, papel amassado, lenço, barbantes, figuras geométricas e jogo paraquedas. Diante dessa lista de recursos, percebe-se que o musicoterapeuta utiliza o recurso que está disponível, que se aproxima da sua habilidade musical e que permite interação grupal, visando o alcance dos objetivos traçados no serviço de Musicoterapia.

As ações desenvolvidas pelo musicoterapeuta na Assistência Social também foram questionadas. Nas respostas dadas pelos participantes, observou-se que havia ações específicas da Musicoterapia e ações que poderiam ser desempenhadas em comum por todos os profissionais. Desse modo, optou-se então, a codificação em *ações desenvolvidas* considerando as ações gerais e *ações musicoterapêuticas* para aquelas que eram realizadas

especificamente pelo musicoterapeuta.

Das ações desenvolvidas, os musicoterapeutas entrevistados relataram a participação em Fóruns Estaduais e Nacional sobre o trabalho no SUAS e, nestes espaços, exercerem função na coordenação dos fóruns. As ações também eram exercidas através da participação em Conferências de Assistência Social, no Conselho Municipal de Assistência Social, além de outras situações, como: auxiliar o usuário a escrever um livro/gibi, na aplicação da medida socioeducativa, fazer revista de pertences nas entradas das visitas para os adolescentes infratores, preenchimento da ficha psicossocial, atendimento familiar, visita assistida, assistência à coordenação, gerência de serviço, planejamento das ações da equipe socioassistencial, acompanhamento dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, organização do momento de celebração dos aniversariantes do mês, organização do dia de beleza para as mães e do dia da família. Percebe-se que estas realizadas pelo(s) musicoterapeuta(s) também poderiam ser realizadas por outros profissionais da equipe.

Ainda no questionamento sobre as ações desenvolvidas, apareceram conteúdos específicos do serviço de Musicoterapia, onde eram realizadas atividades de canto coral, canto terapêutico, trabalhos utilizando a música folclórica da região, o trabalho com as experiências/métodos musicais de composição, re-criação, improvisação e receptivas, descritas por Bruscia (2000). Além dessas ações, constaram nas respostas: preenchimento da ficha musicoterapêutica; intercâmbio com músicos de hip hop; contato dos usuários com os instrumentos musicais; trabalho com a biodança, danças circulares e cantigas de roda; auto massagem; jogos musicais com parlendas; criação de paródias; brincadeiras cantadas e da infância; atividades rítmicas/corporais; roda de tambores, gravação de CD do grupo; apresentações musicais externas; e, oficina de confecção de instrumentos musicais. Um participante afirmou ter desenvolvido uma metodologia própria para o trabalho na área, utilizando a Musicoterapia Neuroativa para o desenvolvimento emocional dos usuários.

As ações desenvolvidas, dentre elas aquelas específicas da Musicoterapia revelaram aspectos significativos da atuação do musicoterapeuta no SUAS que, segundo os participantes, as atividades realizadas aconteciam de forma grupal. O processo de escolha do repertório musical era feito com a participação do grupo/usuários e envolvendo aspectos da cultura regional. A escuta ocorria em quase todos os momentos, permitindo uma leitura do verbal, não-verbal e a acolhida do que traziam os usuários sobre suas histórias de vida.

O musical também era utilizado na produção de consciência para reflexão sobre o ato infracional e empoderamento dos usuários, a fim de ressignificar o processo de

institucionalização e o despertar para a participação cidadã.

A situação de vulnerabilidade social, o ambiente onde eram realizadas as ações, a religiosidade dos usuários, a cultura local, a condição de liberdade e o vínculo com os familiares, foram colocados como aspectos significativos no momento de planejamento das ações. Além desses aspectos, a população alvo também era considerada.

Os usuários que participavam do serviço de Musicoterapia eram crianças, idosos, adolescentes, mulheres, gestantes, famílias, população em situação de rua, adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Todos os musicoterapeutas relataram a participação de técnicos, estagiários e instrutores nas atividades.

As relações do musicoterapeuta com a equipe e com o trabalho multiprofissional também foram questionadas. Quando questionados se as ações musicoterapêuticas ocorriam em equipe e quais os profissionais que participavam, os participantes pontuaram que em alguns momentos este trabalho multiprofissional ocorreu, mas que nem todos permaneciam do mesmo modo. Percebeu-se que, embora na equipe houvesse psicólogos, assistentes sociais, orientadores, pedagogos, estagiários, terapeutas ocupacionais, instrutores, gerente do serviço, esses profissionais não participavam das atividades de musicoterapia com frequência e de forma ativa, pois estavam disponíveis apenas para auxiliar “se fosse necessário”, para passar recados administrativos, organizar os serviços e fazer os planejamentos da equipe.

Houve relatos de participantes que, durante todo o seu período de vínculo com o serviço, não sabiam informar quem eram os responsáveis pela gestão do equipamento ou colegas do serviço. Também pontuaram que por transitarem em vários equipamentos (CRAS) não era possível planejar este trabalho multiprofissional porque cada um estabelecia seu horário e atividades distintas. Essa situação, também dificultava a participação do musicoterapeuta nas reuniões de equipe e nos planejamentos.

Do mesmo modo que alguns pontuaram não atuar de forma multiprofissional, houve também aqueles que afirmaram ter a participação de outro técnico, instrutor e estagiários nas ações musicoterapêuticas. As equipes geralmente eram formadas por psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, enfermeiros, advogados, educadores, auxiliares de serviços gerais, auxiliar de enfermagem, arteterapeuta, terapeuta ocupacional, médicos, dentistas, porteiros, auxiliares da alimentação, seguranças, orientadores sociais, professores de teatro, de música e de dança. Os profissionais da equipe variavam conforme o equipamento, nível e população.

Diante dos níveis de proteção aos quais estavam vinculados, os espaços onde ocorriam as ações musicoterapêuticas, os recursos materiais e os instrumentos musicais

utilizados, juntamente com as referências do trabalho multiprofissional, os participantes foram questionados de quais seriam os objetivos da Musicoterapia na Assistência Social e como poderiam defini-la.

Dos objetivos apontados, duas participantes afirmaram ter como referencial os objetivos traçados pela política de Assistência Social. Os demais participantes pontuaram que os objetivos consistiam em promover a busca pela qualidade de vida, interação social, formação, socialização e fortalecimento de vínculos com a família, acolhimento e acompanhamento de casos considerados graves no caso dos adolescentes sob medida socioeducativa, a ampliação da visão de mundo, apoio familiar, autoexpressão, autoconhecimento, promover a visibilidade do usuário, trabalhar cidadania, identidade, pertencimento, interação social, reintegrar o indivíduo à sociedade, o empoderamento do indivíduo, proporcionar a descoberta de novos potenciais, reinserção das famílias nos territórios, promover o enfrentamento das situações de vulnerabilidade e risco social, trabalhar a perspectiva da garantia de direitos, trabalhar o autocontrolar, do autoconter-se, de ter domínio de si mesmo e formar uma identidade da comunidade. A busca para o alcance destes objetivos ocorre através da utilização da música como o principal instrumento de transformação social.

O último questionamento desta categoria buscou identificar como os musicoterapeutas que atuam na área conceituariam a Musicoterapia na Assistência Social. Alguns consideraram difícil esta conceituação, mas buscaram estabelecer relações entre os objetivos e as ações para conceituá-la. Os participantes avaliam que a atuação neste âmbito é importante e que possibilita trabalhar com inúmeras vertentes ao considerar a possibilidade do trabalho multidisciplinar. Uma das participantes pontuou que nem sempre esta atuação terá resultados musicais, devido a diversidade de agenciamentos, mas que ela possibilitaria a ampliação dos olhares, diante da relação construída. Houve participante que a considerasse uma atuação que também engloba um viés político.

Nessa perspectiva, as informações suscitadas nas entrevistas apontam que se trata de prática que não é semelhante à prática de consultório e que não prevê atendimentos individuais, mas que direciona a sua atuação para uma prática grupal, envolvendo as relações comunitárias e da sociedade, para que ocorra a superação das dificuldades e a garantia de direitos.

A terceira família/categoria abordou códigos que permitissem estabelecer *interfaces entre a Musicoterapia na Assistência Social, a Musicoterapia Social e a Musicoterapia Comunitária*. Nesta família, associaram-se códigos que também foram

apresentados em outras famílias, mas que, dentre as características apresentadas, trouxeram referências para compreender e relacionar as duas práticas. A figura abaixo apresenta as relações de códigos criados para esta família.

Figura 6 - Rede da família/categoria sobre as relações da MTAS, MS e MTC.

Dos códigos apresentados nesta família, a relação entre MTAS e MTC é o único que não foi citado anteriormente. O questionamento aos participantes investigou se eles estabeleciam alguma relação entre a Musicoterapia na Assistência Social e a Musicoterapia Comunitária e qual seria. Todas as respostas dadas, apresentaram uma situação de incerteza, mesmo quando os participantes acreditavam que elas poderiam ter uma relação.

As relações estabelecidas permitiram associar os demais códigos, usuários, habilidades do musicoterapeuta, espaços de atuação e objetivos da Musicoterapia. A condição do atendimento grupal foi pontuado por oito participantes como uma semelhança entre as áreas. Destacaram que o trabalho grupal permitia o apoio social, a acolhida e o acesso de várias pessoas de diferentes faixas etárias, comportamentos, gêneros e características, em uma ação conjunta. Neste ponto contempla-se as famílias, os usuários do meio socioeducativo, crianças, adolescentes, idosos, população de rua, mulheres e tantos outros que vivenciem uma situação de vulnerabilidade e/ou risco social.

Do mesmo modo, relacionaram que os objetivos seriam os mesmos devido aos espaços e à população também serem semelhantes, assim como os espaços de atuação. Embora algumas atuações acontecessem em instituições de internamento de adolescentes que cometeram ato infracional, os participantes consideraram o ambiente como um espaço

comunitário e de acolhida aos adolescentes e as famílias.

Dois participantes relataram que as práticas eram iguais e o que modificava era apenas a nomenclatura, mas houve aqueles que apresentaram uma consideração contrária, afirmando que entre as práticas, embora o público fosse o mesmo, havia diferenciação no olhar e na abordagem. Mesmo diante de colocações sobre as diferenças, uma participante afirmou que ambas são como um guarda-chuva e que diante as suas possibilidades de atuação, podem contemplar as proposições da Política de Assistência Social.

Neste questionamento sobre as relações entre a MTAS e MTC percebe-se que a falta de conhecimento sobre as práticas, principalmente sobre a MTC, cria uma barreira para que ela seja utilizada como referência na prática da MTAS. Embora sejam consideradas semelhantes, não há a aplicabilidade teórica e prática da MTAS de forma consciente.

A última família/categoria relaciona os códigos criados, tomando como referência um discurso significativo para o estudo e que, aparentemente, não se enquadrava às famílias anteriores. Estas informações foram recorrentes em mais de duas entrevistas, consideradas desta forma, como um *discurso transbordante*. A figura abaixo apresenta os códigos relacionados (Figura 7).

Figura 7 - Rede da família/categoria sobre o discurso transbordante.

Durante os discursos, percebeu-se que os participantes colocavam, entre os questionamentos, algumas dificuldades da sua atuação musicoterapêutica e da participação na política. Parte destes discursos também apareceram no último questionamento, quando foi dada a oportunidade para que fosse acrescentada livremente, alguma complementação sobre o tema abordado na entrevista.

Dos entraves encontrados, o musicoterapeuta Oliveira (2015) fez referência às capacitações recebidas. Os participantes afirmaram ser orientados a se capacitar para trabalhar com todo o tipo da população alvo do SUAS. Neste quesito, a capacitação para o trabalho com diversas populações, foi considerada realmente necessária, contudo esta colocação já sinalizou que o profissional teria que acompanhar simultaneamente vários grupos, assim sobrecarregando a carga horária e a transitoriedade entre os equipamentos. A falta de vínculo com os demais profissionais do equipamento, devido ao fato de estar cada dia trabalhando em um espaço, foi pontuado por duas participantes, o que também ocasionava a falta de planejamento coletivo e dificultava a participação nas reuniões de equipe. Apenas os profissionais que atuam em serviços socioeducativos não transitavam entre as instituições.

A questão da remuneração foi igualmente pontuada como um aspecto que gerava desânimo em permanecer no serviço e ocasionou a desistência de alguns participantes, motivando o abandono da atuação no SUAS. Esses trocaram ou complementaram a sua atuação com atuações clínicas porque *“precisavam sobreviver”*. O vínculo empregatício precário, a falta da realização de concursos públicos com vaga para musicoterapeutas e a falta de valorização da equipe em que trabalham acabam reforçando este desânimo.

A falta de recursos materiais nos equipamentos, demandando que os musicoterapeutas utilizassem os seus próprios instrumentos musicais e ainda providenciassem o deslocamento deles para os espaços onde seriam realizados os serviços, também foi notificado como um entrave na atuação. Do mesmo modo, mencionaram a questão da falta de segurança ao estar em espaço com alta periculosidade e ser até mesmo escoltados para realizar o serviço.

A precarização da situação do musicoterapeuta nos espaços de trabalho vai além da falta de recursos, remuneração adequada ao nível profissional e falta de segurança. Os relatos também pontuaram que há espaços onde as condições físicas vivenciadas também são precárias, pois falta piso no chão, não tem água para beber e, mesmo assim, sentem-se pressionados a desenvolver as ações porque aquele foi o único espaço disponibilizado.

Os discursos em que os participantes fazem complementações sobre o tema abordado apresentam entraves, mas também apresentam possibilidades para melhoria da atuação. Nas complementações, os profissionais sugeriram que estudos como este (a presente dissertação) sejam realizados com maior frequência para dar visibilidade à atuação do musicoterapeuta no SUAS. Acreditam ser essa uma missão também da academia ao financiar os estudos e retorná-los para comunidade e que, desta forma, o “movimento da Musicoterapia” poderá ser fortalecido, pois é considerado por alguns participantes, ainda

muito tímido.

Ainda nesse pensamento, colocam que a participação política também é importante para que haja outras ocupações ou espaços profissionais, fazendo com que a Musicoterapia ganhe visibilidade conforme a sua seriedade, compromisso e contribuições com o serviço e destacando que esta visibilidade deve ocorrer tanto dentro da própria área quanto nos espaços externos que acolhem todos os trabalhadores/serviços do SUAS.

A formação do musicoterapeuta foi igualmente citada, como um espaço possível para o início das discussões e construção da atuação, conforme o que é esperado para o perfil do musicoterapeuta que atuará no SUAS. Destaca-se a sugestão de que na formação tenha um estudo voltado para as Políticas Públicas.

Ainda sobre as últimas considerações citadas, alguns participantes relataram que os questionamentos da entrevista os instigaram a procurar ampliar o conhecimento sobre a política, tomando como referência as perguntas que os questionaram sobre a política e não foram respondidas com propriedade. O mesmo ocorreu ao relacionarem a MTAS e a MTC.

O questionamento sobre a canção que representasse a atuação como musicoterapeuta no SUAS suscitou músicas de diversos estilos, desde composição em parceria com usuários a músicas que gostavam e sentiam-se inspirados ouvindo. São musicoterapeutas que se consideram “*eternos aprendizes*” devido a sua busca pelo aprendizado e, embora tenham dificuldades, consideram que a “*vida é bonita, é bonita, é bonita*”. A música “*É preciso saber viver*” também foi colocada como representativa deste momento, o que novamente remete a uma reflexão sobre a vida, uma vida que, mesmo acompanhada de situações desafiadoras, os demandava a “*tentar outra vez*” e ir “*tocando em frente*”. Foram trazidas canções como uma “*força estranha*”, que os inspiram a estar no trabalho com as “*Marias*” do SUAS.

Todas essas ponderações foram apresentadas nos discursos dos participantes, constituindo o conjunto de dados coletados e suporte para o embasamento do estudo proposto. Proporcionaram o encontro dos olhares dos participantes e da pesquisadora para a compreensão da atuação musicoterapêutica no âmbito da política de Assistência Social.

4.4 DISCUSSÃO

Nesta parte do trabalho serão apresentadas as discussões sobre o estudo proposto, buscando uma interpretação cifrada (TRIVIÑOS, 2007) de todo material coletado e analisado anteriormente, em triangulação com a revisão de literatura.

A discussão será apresentada através das categorias temáticas que emergiram da análise de conteúdo: 1) O musicoterapeuta que atua na Assistência Social: um perfil em construção; 2) Descrevendo o serviço da Musicoterapia na Assistência Social; 3) Interfaces entre a Musicoterapia na Assistência Social, a Musicoterapia Social e a Musicoterapia Comunitária; 4) O discurso transbordante.

O musicoterapeuta que atua na Assistência Social: um perfil em construção

Refletir sobre o perfil profissional do musicoterapeuta que atua no âmbito da Assistência Social, não se configura como uma tarefa fácil, mas desafiadora, assim como a proposta investigativa para conhecer esse profissional com todos os seus achados e essências.

Essa família/categoria nos permitiu encontrar pontos comuns e distantes entre as falas dos participantes, contudo todas as respostas contribuíram para a construção do perfil do musicoterapeuta no SUAS.

O tempo de atuação dos participantes no SUAS, de um a sete anos, confirmou que a entrada do musicoterapeuta no SUAS ocorreu antes da aprovação da Resolução do CNAS nº17 de 2011, que reconhece as categorias dos profissionais de nível superior que poderão nos serviços socioassistenciais e oportunizou a abertura de novos espaços para a atuação do musicoterapeuta no SUAS, como afirma uma das entrevistadas “quando saiu a Resolução 17, eu muito me interessei e, diante disso, eu escrevi um projeto no qual eu propunha vários tipos de atendimento de musicoterapia voltados para a assistência” (LIRA, 2015).

O empenho e a participação política do Grupo de Trabalho dos Musicoterapeutas no SUAS, formado pela UBAM, na produção do documento apresentado ao CNAS para o reconhecimento da Musicoterapia no SUAS, também é considerado como um movimento importante. Baseado no olhar trazido por Bruscia (2000), pode se dizer que essa ação se configura como um ativismo na Musicoterapia, caracterizado a partir do desempenho profissional em movimentos políticos, sociais e culturais, através da articulação de seus membros em busca da produção de mudanças.

Ainda no processo de inserção/atuação, os participantes demonstraram o descontentamento e a precariedade diante dos vínculos empregatícios, como relatam alguns participantes:

Eu era contratado, terceirizado. A secretaria contratava alguns instrutores, na verdade eu não tinha dentro do trabalho, a gente não é reconhecido como “o musicoterapeuta” (OLIVEIRA, 2015).

Sou um funcionário terceirizado [...] eu presto serviços e, no mês em que eu prestei

o serviço, eu recebo esse pagamento, né? E, no mês em que eu não atuo eu não recebo pagamento (DREHER, 2015).

A maior parte dos participantes entrevistados, ligados diretamente ao SUAS, apresentava vínculos precários através de contratos com empresas terceirizadas, projetos, RPA e pregão eletrônico, ao contrário do que é previsto na Política de Assistência Social. De acordo com os princípios e diretrizes nacionais para a gestão do trabalho no âmbito do SUAS, descritos na NOB-RH/SUAS (BRASIL, 2011a), a equipe de referência deve ser constituída por profissionais concursados na quantidade necessária à execução da gestão e dos serviços socioassistenciais. Desse modo, caberá à gestão do trabalho no SUAS, garantir a despreciação dos vínculos dos trabalhadores e o fim da terceirização, com a oferta de vínculos empregatícios qualificados.

De acordo a NOB-RH/SUAS (BRASIL, 2011a), os recursos humanos devem atender as atribuições e competências de cada esfera e para os cargos de nível superior, como o caso da Musicoterapia, devem ser academicamente qualificados. Nesse ponto, verificou-se que todos os participantes contemplavam essa diretriz para o exercício da profissão, pois tinham formação específica em Musicoterapia. O mesmo ponto é pautado no documento do GT de musicoterapeutas no SUAS e na descrição do perfil do musicoterapeuta que atua na área. Guazina et al. (2001) destacam que, para o exercício da Musicoterapia, é necessário formação específica em Musicoterapia a nível de graduação ou pós-graduação/especialização (cursada até o momento de regulamentação da profissão no país).

Os participantes da pesquisa também foram questionados sobre o processo de capacitação, revelando que a maioria, por busca própria ou por cursos ofertados pela gestão, capacitou-se para atuar na área. A capacitação é defendida na NOB-RH/SUAS (BRASIL, 2011a) como um processo de qualificação e valorização dos recursos humanos, necessárias para todos os trabalhadores, gestores e conselheiros. Essa deve ser de caráter permanente, continuada, sustentável, sistemática, participativa, nacionalizada, descentralizada e que possibilite uma supervisão integrada, com vistas ao aperfeiçoamento daqueles que atuam na oferta dos serviços socioassistenciais. Contudo, os discursos também revelaram que nem sempre o acesso à capacitação é de forma igualitária e como previsto na norma, como destaca uma participante ao compartilhar que a capacitação é ofertada primeiramente para outros profissionais.

[...] não tenho capacitação, tem para psicólogo, tem para assistente social, mas para musicoterapeuta, pra quem está na saúde mental assim são coisas mais específicas da saúde mental. Para musicoterapeuta não! (ALMEIDA, 2015).

Para participarem das capacitações, os profissionais precisam ser contemplados em sorteios ou devem procurar e solicitar à gestão. Quando não há oferta, buscam de forma individualizada a aquisição de materiais para leitura.

Na verdade foi feito um sorteio, mas a gente que se candidatava pra fazer. Foi feito um sorteio até na época de dois mil e nove, que eu nem era concursada, aí eu fui sorteada e fiz a especialização (SILVA, F. O., 2015).

Não. Capacitação nós não tivemos nenhuma capacitação não. Nós começamos a desenvolver mediando aquilo que a gente foi percebendo qual era a demanda do grupo [...] Era um busca nossa mesmo (SOUZA, 2015).

Os musicoterapeutas que receberam capacitações compartilharam a satisfação com a sua gestão por oportunizar a participação nesse processo e o quanto foi importante a compreensão da Política de Assistência Social. Acredita-se que este processo contribuiu significativamente para a atuação musicoterapêutica no que é esperado para o trabalho socioassistencial.

Sim, a minha gerência tem uma visão muito boa com relação a isto. Sempre tem me convidado para participar sim mesmo sabendo que existe esse interesse da minha parte (SILVA, L. A., 2015).

Na verdade teve uma capacitação sobre vigilância né que é mais específico para assistente social e eu pedi para que eu pudesse participar tal e participei. Desse momento foi bem no comecinho que estava na Assistência Social muitas dúvidas surgiram, mas foi rico pra mim para que eu pudesse compreender um pouco da vigilância da Assistência Social (SILVA, F. O., 2015).

Dentre o perfil do musicoterapeuta que atua na assistência social, questionou-se quais as habilidades necessárias. Segundo a visão de cada participante os destaques foram primeiramente para a afinidade do trabalho com o outro e com grupos. O trabalho grupal é pontuado por Bruscia (2000), Mendonza (2005) e Pellizzari & Rodríguez (2005) como um elemento presente no trabalho musicoterapêutico, destacando as áreas abordadas neste trabalho, da Musicoterapia Social e Musicoterapia Comunitária.

O grupo é um espaço onde as relações serão estabelecidas e as potencialidades desenvolvidas, para que ocorra a busca das modificações. Os grupos apresentados pelos participantes são formados pelos diversos usuários contemplados pelo SUAS – crianças, adolescentes, idosos, mulheres, pessoas com deficiência, os quais vivenciam uma situação vulnerabilidade e risco social. Segundo Dreher (2015), uma das participantes da pesquisa, o musicoterapeuta que atua na assistência social “tem que ser uma pessoa disposta a trabalhar com grupo e com grupo que vai se refazendo a cada semana”. A profissional destaca que a

rotatividade entre os usuários possibilitam em sua maioria, grupos abertos, demandando do musicoterapeuta um alto grau de flexibilidade e habilidade para esse trabalho.

Pellizzari & Rodríguez (2005) assinalam que a atuação profissional neste âmbito requer um alto grau de conscientização cidadã e humildade, assim como a capacidade de flexibilidade, tolerância ao diferente, compromisso com o trabalho comunitário em consonância com o desafio de construir significados compartilhados e acordados coletivamente. Dessa forma, pode-se contribuir para a comunicação entre indivíduo, comunidade e política pública, com sabedoria.

Os participantes ainda acrescentaram que, além das habilidades citadas no documento do GT MT/SUAS da UBAM, para o trabalho no âmbito da assistência social é necessário: empatia com a área e com grupo de usuários a ser trabalhado; ter o conhecimento da política para aplicar os aportes musicoterapêuticos conforme os objetivos traçados; habilidade de escuta e acolhida; domínio da musicalidade para conduzir o grupo e lidar com a heterogeneidade musical; e, atuação dentro de princípios da ética.

Nos discursos a seguir, trazidos por alguns dos participantes entrevistados, percebe-se os apontamentos sobre a musicalidade do musicoterapeuta e a utilização da música no serviço de Musicoterapia ofertado na Assistência Social.

Assim, eu acho que tem que ter uma escuta. Não uma escuta musical, mas uma escuta humana, sabe? Muito desenvolvida, tem que estar bastante aberto a se flexibilizar, a sair do planejamento (LIRA, 2015).

Então a musicalidade nesse sentido de ter essa versatilidade de trabalhar com material musical, de mudar um tom, achar um tom, no momento real ali, com facilidade. Seja no teclado, seja no piano, pra promover inclusive o fazer (SANTOS, 2015).

Então você tem estar aberto também para ir modificando a proposta de trabalho. Acho que isso é todo o musicoterapeuta. O repertório modifica muito, mesmo dentro do grupo tem gente que gosta de sertanejo e tem gente que não gosta, gente que quer música gospel e gente que quer música gauchesca, gente que quer marchinha de carnaval. Então é lidar com heterogeneidade musical do grupo (DREHER, 2015).

Acredita-se que a utilização da música pelo musicoterapeuta e no contexto socioassistencial precisa ser amplamente explicitado a fim de diferenciar a utilização da música por outros profissionais. A utilização da música não é uma responsabilidade exclusiva do musicoterapeuta, pois, outros profissionais utilizam-na no decorrer de suas atividades. Contudo, atentamos para diferenciar a utilização da música nesses contextos, tomando como referência um pensar sobre “figura” e “fundo”, a música “na” e “como” elemento terapêutico.

Buscando uma definição da Musicoterapia, Bruscia (2000) apresenta a diferença da utilização da música na Musicoterapia e em outras aplicabilidades ou contextos. O autor exemplifica que a utilização da música “na” terapia seria como plano de fundo durante um procedimento terapêutico. Já na sua utilização “como” terapia, a música seria o elemento principal na relação.

A utilização da música na Musicoterapia se desenvolve na perspectiva da música “como” e, no contexto da política de assistência social, ela assume o papel de instrumento de transformação social, dentro das relações que se desenvolvem como forças dinâmicas de mudança. Essa habilidade pode ser confirmada no discurso de Vitor (2015):

[...] precisa ser um profissional que tenha habilidades musicais, talvez seja esta a nossa característica que difere dos outros e que tenha condições de desenvolver um trabalho que promova a transformação social através da música, do discurso musical, através da melodia, do ritmo, da harmonia, da improvisação, da recriação, da composição. É um profissional que utiliza destes recursos para atender os objetivos da política que é também esta participação social.

Acredita-se que o fazer musical, no contexto socioassistencial, terá em sua base a leitura da Identidade Sonora - ISo dos usuários/grupos. Dentre o ISos destacados por Benenzon (2012), nem todos eles são explorados durante o serviço da Musicoterapia no SUAS. Devido aos atendimentos acontecerem, em sua maioria, de forma grupal, os ISos de caracterização individual (ISo Universal e ISo Gestáltico) não são trabalhados *a priori*. Assim, pode-se estabelecer uma leitura com base nos ISo Cultural (IsoC), ISo Ambiental (IsoA), ISo Complementário (IsoCo), ISo Grupal (IsoGr), ISo Comunitário (IsoCm), Iso de Interação (Iso I) e Iso Transcultural (Iso Tr), com destaque para o ISo Familiar (IsoF).

O ISo Familiar estará em consonância com o eixo estruturado do SUAS, referente à Matricialidade Sociofamiliar, o qual considera a família o núcleo social básico, espaço de convívio entre os membros, onde as contradições da sociedade mais se evidenciam, ao mesmo tempo em que se torna fértil para o desenvolvimento das potencialidades, autonomias e protagonismos de todos os pertencentes ao núcleo familiar e no entorno do território (BRASIL, 2012). Será nesse espaço a partir da identificação do ISo Familiar, que o musicoterapeuta terá suporte para a utilização da música como instrumento social na melhoria da qualidade da convivência familiar e comunitária de todos os envolvidos.

Ainda no contexto das habilidades do musicoterapeuta social, Guazina *et al* (2011) destacam que as habilidades também devem contemplar a desenvoltura para o trabalho em diversos contextos e espaços socioculturais e para o trabalho em equipe multiprofissional

na perspectiva multi, inter e transdisciplinar. Desse modo, é importante que tenham habilidade para proporcionar atendimento e supervisão a equipes multiprofissionais para atuar em todos os níveis da proteção, elaborar e/ou participar da elaboração de relatórios e pareceres técnicos em sua área de especialidade e, em equipe profissional, assessorar, prestar consultorias e/ou gerir projetos e programas sociais.

Diante do conteúdo exposto para descrever o perfil do musicoterapeuta no SUAS, percebe-se que este processo ainda está em construção e a cada ampliação da aplicabilidade da Musicoterapia no contexto socioassistencial, outras demandas, usuários, espaços, situação de vulnerabilidades e riscos sociais surgirão, exigindo do musicoterapeuta uma nova adequação ao serviço e a ampliação ou adaptação de suas habilidades. Destaca-se que, das habilidades apresentadas até o presente momento, a utilização da música como instrumento de transformação social para o alcance da garantia de direitos, empoderamento social, prevenção e redução da vulnerabilidade e riscos sociais configura-se como uma das principais habilidades, tornando-se indispensável para a Musicoterapia na assistência social.

Descrevendo o serviço da Musicoterapia na Assistência Social – MTAS

Diante a diversidade da aplicabilidade da Musicoterapia, os diferentes públicos-alvo, espaços, objetivos, práxis da atuação profissional, ações desenvolvidas e recursos utilizados, essa família buscará apontamentos nos discursos e na literatura, que permitam melhor compreensão sobre a Musicoterapia na Assistência Social - MTAS.

A inserção da Musicoterapia no contexto da política pública é pautada por Barcellos (2013) como uma atuação na perspectiva da *Musicoterapia Contemporânea* e nas *novas práticas*. A autora descrever que as *novas práticas* são adequações do musicoterapeuta ao ter contato com novas populações, novos espaços e novas áreas de atuação. Torna-se necessário adequar os procedimentos tradicionais ou até mesmo criar novos, utilizando novas teorias, empregando novas técnicas, assumindo papéis não desempenhados anteriormente, empregando novas ferramentas para análise e avaliação dos processos terapêuticos, dentre outros aspectos.

As nomenclaturas comumente utilizadas para as descrições na Musicoterapia clínica, como cliente e *setting* (BRUSCIA, 2000), serão alteradas na MTAS para usuário, unidade/equipamento, serviço, programa e projetos. Os usuários serão os beneficiários da Musicoterapia que será ofertada nas unidades/equipamentos, serviços, programas e projetos. Esses são os termos utilizados na PNAS e tem sido incorporados aos discursos do

musicoterapeuta que atua na assistência social, reforçando a necessidade de adequações da Musicoterapia a esta área, que tem sido considerada uma nova prática.

A presente pesquisa revelou que os usuários atualmente contemplados pelo serviço da MTAS são famílias, crianças, idosos, população em situação de rua, adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, mulheres e profissionais da equipe, correspondendo aos que são previstos pela PNAS. A CF-88 destaca que a Assistência Social brasileira buscará a equidade entre os cidadãos brasileiros e será destinada a quem dela necessitar, priorizando indivíduos/famílias que apresentem alguma situação de vulnerabilidade e/ou risco social, de modo que seja garantido o direito de convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2012).

As unidades/equipamentos onde ocorrem a atuação do musicoterapeuta no SUAS - Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE), Centros de Atendimento Socioeducativo (CASE), Lares de repouso, organizações não governamentais (ONGs) e Centros de acolhimento de população em situação de rua - demonstram as diferentes complexidades onde a Musicoterapia está inserida. Segundo os níveis de proteção sociais tipificados na Proteção Social Básica (PSB) e na Proteção Social Especial (PSE) de Média e Alta complexidade, nota-se que há, entre os participantes da pesquisa, atuação musicoterapêutica em todos os níveis do SUAS.

O estudo também revelou que o serviço de Musicoterapia é desenvolvido em diversos espaços, os quais se alternam conforme a unidade/equipamentos em que o serviço é ofertado. Estes espaços variam de acordo com o nível de complexidade e da situação de vulnerabilidade e risco social do usuário. No caso das atividades que eram realizadas em Centros de Atendimento Socioeducativo, houve relatos de que os espaços não tinham portas ou precisavam ser mantidos abertos para a efetiva vigilância dos agentes socioeducativos. Neste ponto, questiona-se, como era possível garantir a privacidade do usuário diante da falta de sigilo? Um dos entrevistados assinala: “as salas não tem porta, é tudo aberto assim, para as pessoas sempre olharem e ver o que está acontecendo. Na sala do núcleo tem uma porta, a gente acredita que... além do sigilo, este espaço garantido é importante” (ALMEIDA, 2015).

A NOB-RH/SUAS coloca como um dos princípios éticos para os trabalhadores da assistência social a proteção à privacidade dos usuários, observando o sigilo profissional e a preservando sua privacidade (BRASIL, 2011b). Nota-se que nem todos os espaços possibilitam o cumprimento deste princípio devido às condições físicas da unidade/equipamento.

A estrutura dos espaços e a falta de recursos/instrumentos musicais também revelaram a precarização da condição de trabalho à qual o musicoterapeuta está exposto. Os espaços, em sua maioria, eram adaptados para o atendimento porque originalmente tinham sido projetados como: sala de espera, auditório, sala de informática, refeitórios, alojamento, dentre outros. O mesmo acontecia com os instrumentos musicais, pois não eram fornecidos pela gestão demandando que o musicoterapeuta acessasse estes instrumentos através de doações ou utilizavam seus próprios instrumentos, como podemos constatar nas seguintes falas:

Eu que levo. Do meu arquivo próprio, das minhas coisas próprias. Eu que levo o meu material [...] Tudo meu. Muitos anos. Por exemplo, o som eu consegui de doação [...] Não tenho muito ainda porque existe todo um processo para que a gente consiga adquirir, mas eu tenho alguns instrumentos, tenho meu material (SILVA, L. A., 2015).

Cada equipamento da Assistência Social é projetado conforme orientações da política. O caderno de orientações do CRAS reconhece que este espaço é um lócus onde serão assegurados os direitos sociais e, para isto, precisa apresentar requisitos mínimos para uma oferta adequada dos serviços socioassistenciais. O espaço adequado deve ser organizado para que sirva como referência para as famílias do território de abrangência, não podendo ser instalado em edificações inadequadas e improvisadas (MDS, 2009). Contudo, a realidade encontrada pelo musicoterapeuta, na maior parte dos equipamentos detalhados nesse estudo, revelaram espaços físicos inadequados e precários. Uma das entrevistadas afirmou:

Tem lugares que a gente vai trabalhar que chove dentro e não tem piso no chão, não tem água para beber, a questão da estrutura. No CRAS eles são equipamentos de Referência então eles tem um padrão e de certa maneira uma qualidade, mas por exemplo, a divisão entre as salas não tem isolamento acústico então eu divido na sexta-feira uma sala, eu atendo um grupo de idosos e daí tem teatro que faz trabalho com os adolescentes. Então a gente fica ouvindo o que está acontecendo do outro lado (VITOR, 2015).

Nesse mesmo contexto, de espaços e recursos materiais/instrumentos musicais, houve relatos em direção distinta, de musicoterapeutas que demonstravam satisfação pelo espaço (sala de musicoterapia) equipado com vários instrumentos musicais de percussão, melódicos, harmônicos e que possibilitava uma ampla aplicabilidade das experiências musicais, envolvendo tanto os usuários quanto os profissionais da equipe. Pode-se atestar essa realidade na resposta a seguir:

Eu tenho lá uma bateria, eu tenho um baixo, uma guitarra, tenho cinco violões, tenho vinte flautas, tenho dois saxofones, dois clarinetes, dois trompetes, dois trombones, tenho timbau, tantãs, um tantã grande, um tantã médio, três repiques de mão, três pandeiros, tenho três tamborins e dois xequerê, dois teclados, tenho uma equipamento de som, ar condicionado, tatame e uma sala (FERREIRA, 2015).

Os discursos também demonstraram que, embora os participantes da pesquisa atuassem na mesma política, cada um adequou a sua prática musicoterapêutica conforme a cultura local, o espaço em que estava inserido, às características da comunidade e, principalmente, aos usuários contemplados. Em alguns casos, associaram suas ações a outra formação do seu domínio. Cunha e Volpi (2008) ressaltam que a orientação da prática se dará conforme os aspectos da filosofia e fundamentação teórica do musicoterapeuta e mediante aos fatores sociais, econômicos, culturais, políticos vivenciados nos espaços de atuação, justificando assim a diversidade das ações musicoterapêuticas. Já em 1989, Costa afirmava que a prática musicoterapêutica deveria ser baseada em princípios, experiências, métodos e técnicas, recorrendo também a outras teorias para compreender e instrumentar a sua técnica. Assim, notamos esta forma de adaptação aos contextos nas falas a seguir:

Fiz um trabalho voltado para o folclore, utilizei a música folclórica aqui da nossa região, um trabalho musical [...] A gente tinha duas figuras e eu cheguei a trabalhar com este recurso deste material que a gente tinha para trabalhar com os adolescentes. Mantendo o trabalho folclórico com as músicas do reisado (OLIVEIRA, 2015).

Então para mim isto é Territorialização, você desenvolver um trabalho de pertencimento aquele território, através da música, para que as pessoas desenvolvam aquela consciência da importância do cuidado e de que neste momento elas pertencem aquele contexto (VITOR, 2015).

As ações são desenvolvidas tomando como referência principal os aspectos da territorialização. A NOB-SUAS de 2005 apresenta a territorialização como um dos eixos estruturantes do SUAS, que permite uma avaliação do território sócio-territorial, para adequar o serviço à diversidade regional dos municípios e regiões do país, porte do município e com referência nas expressões de vulnerabilidade social, de modo que também seja possível considerar o quantitativo da população, respeitando as diversidades e diferenças das regiões e das características culturais, socioeconômicas e políticas (BRASIL, 2012).

As experiências musicais propostas por Bruscia (2000) estão presentes nesse contexto e são usadas para o alcance dos objetivos do serviço socioassistencial. O improvisar, recriar, compor e escutar são pontuadas como referência no planejamento musicoterapêutico. Segundo o autor, cada uma dessas experiências envolve um conjunto de comportamento

sensório-motores distintos, como também exige diferentes habilidades perceptivas e cognitivas, engajamento do processo interpessoal e envolvimento emocional. Nos discursos dos musicoterapeutas, observamos que as experiências eram associadas às ações de escuta e acolhimento durante o fazer musical, como evidenciado abaixo:

[...] a gente fazia uma atividade mais receptiva com Musicoterapia [...] o nosso trabalho era um trabalho mais de escuta (SOUZA, 2015).

[...] eu já faço são as que eu falei, por exemplo, improvisação e composição. Eu acho que acaba que elas têm uma perspectiva de maior possibilidade de intervenção do que só a audição (SANTOS, 2015).

São as próprias técnicas da Musicoterapia, por exemplo, no caso do trabalho especializado eu trabalho muito com improvisação, com a recriação, com jogos musicais através de parlendas, paródias, brincadeiras cantadas, trabalho na perspectiva da roda de tambores, aquela perspectiva trazida por Paulo Suzuki eu acho que dá muito certo na área da Assistência (VITOR, 2015).

Destaca-se também, que além das ações musicoterapêuticas, os musicoterapeutas que atuam no SUAS desempenham outras ações que são comuns para todos os trabalhadores do equipamento, extrapolando o contexto musical. Essa característica é pontuada por Barcellos (2013), que aborda as atividades desempenhadas pelo musicoterapeuta, assinalando que as mesmas extrapolam as estruturas já conhecidas, permitindo outras atuações como ocorre em atividades junto à comunidade e nas políticas públicas. Os participantes relataram que em seus equipamentos assumiram cargos de gestão na coordenação da equipe do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, faziam revistas de pertences nas visitas das famílias aos adolescentes internados nos centros socioeducativos, acompanhavam o banho de sol desses adolescentes, organizavam o aniversário do mês, aplicavam medida socioeducativa, orientavam as famílias, entre outras atividades. Assim, percebe-se que neste contexto a atuação do musicoterapeuta tem sido ampliada, como nota-se nos discursos a seguir:

[...] cada técnico tinha um dia que tinha que acompanhar o banho de sol na ala dos homens, ajudando os educadores. Quando era minha vez, eu comecei a levar um amplificador, a levar um notebook pra lá pra botar umas músicas, que eles escolhiam. Assim, só pra poder fazer o banho de sol ficar um pouco mais agradável (SANTOS, 2015).

Que é uma conversa que nós temos com os familiares, sobre a importância da visita para que seja entendido que o adolescente tem um núcleo familiar para absorvê-lo quando o mesmo for liberado (FERREIRA, 2015).

Eu trabalhei no Centro para Juventude que é um serviço da Proteção Básica é um serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Atuei na gestão. Eu tinha uma equipe de funcionários, então era responsável por esta equipe, responsável pelo planejamento das ações (SOUZA, 2015).

Dentre as ações desenvolvidas, o musicoterapeuta também atua em espaços de organização política de trabalhadores do SUAS (Fóruns Estaduais e Nacional de Trabalhadoras e Trabalhadores do SUAS), no Conselho Municipal de Assistência Social e em Conferências de Assistência Social no três níveis – municipal, estadual e nacional. Essas participações podem ser ampliadas para outros espaços de organização política e reforçam as diretrizes que demandam a valorização e presença no exercício do controle social, a participação popular dos cidadãos/usuários e o fortalecimento da relação democrática entre Estado e sociedade civil, através da participação de entidades de assistência social, de usuários e de trabalhadores nos espaços de controle social como pontuado pela NOB SUAS (BRASIL, 2012). Ressalta-se que esses espaços também oportunizam a ampliação do conhecimento sobre a Política de Assistência Social, trocas de ideias, formulação de alternativas e o convívio social com os outros participantes da política.

O trabalho multiprofissional está presente em quase todas as ações desenvolvidas pelo musicoterapeuta no SUAS. Contudo, essa multiplicidade de profissionais ainda não certifica que o trabalho multiprofissional seja efetivo em todos os equipamentos, mesmo com as existentes recomendações sobre a política de assistência social referindo que o trabalho no SUAS seja multiprofissional e interdisciplinar, de acordo a NOB-RH-SUAS (BRASIL, 2012). Os relatos dos participantes confirmam que, embora o equipamento fosse formado por outros profissionais (assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, advogados, orientadores sociais, enfermeiros, médicos, educadores, terapeutas ocupacionais e outros), as atividades geralmente eram realizadas apenas pelo musicoterapeuta. A disponibilidade dos outros profissionais no horário das ações musicoterapêuticas quase não ocorria e, quando era possível, o profissional de posicionava no ambiente apenas para compartilhar informativos sobre a política, como notamos na frase: “Olha, no momento não! Já fiz parceria com a terapeuta ocupacional e com a psicóloga, mas não é sempre por causa da demanda da instituição mesmo, e assim, as cargas horárias cada uma distribui em dias diferentes” (ALMEIDA, 2015).

Os horários distintos e a rotatividade dos profissionais entrevistados nos equipamentos em que realizavam o serviço de Musicoterapia, também revelaram foram pontuadas como obstáculos para que o trabalho multiprofissional acontecesse efetivamente.

As discussões apresentadas até o presente momento buscaram trazer subsídios para uma compreensão da Musicoterapia na Assistência Social, com base no estudo realizado. Dos questionamentos suscitados, buscou-se, a partir de cada entrevista e de cada

pergunta/resposta elaborada, construir uma possível definição da Musicoterapia na Assistência Social e quais os objetivos trabalhados nessa área. Bruscia (2000) considera que definir a Musicoterapia não se configura como um processo fácil devido ao campo híbrido em que ela se fundamenta. Contudo, ainda tomados por esta dificuldade de estabelecer uma conceituação, os participantes do presente estudo trouxeram definições significativas que abrem uma possibilidade para a conceituação da MTAS.

A primeira característica para definição da MTAS, pontuada pelos participantes, é que ela se difere da Musicoterapia clínica nos usuários, espaços/equipamentos e, principalmente, por traçar os seus objetivos conforme os princípios e diretrizes da Política de Assistência Social. As respostas que se seguem evidenciam um pensar, ambas numa perspectiva de fortalecimento do indivíduo, de seus direitos e da sociedade:

Eu acredito que os objetivos que a Tipificação nacional coloca, eles podem muito bem ser atingidos com a musicoterapia, né? Que é melhorar a interação social, reintegrar o indivíduo à sociedade, fortalecer a família [...] O fortalecimento de vínculos familiares. Sociais e familiares. O empoderamento do indivíduo também, o descobrimento de novos potenciais, o trabalho com a autoestima (LIRA, 2015).

Promover o enfrentamento das situações de vulnerabilidade e risco social, através da música. Eu acho que promover esta transformação através da música na perspectiva de garantia de direitos. A gente precisa assegurar direitos através destes recursos que a gente utiliza que é a música, deste espaço de reflexão, deste espaço de escuta que a gente promove através dos atendimentos, então promover através disto este enfrentamento (VITOR, 2015).

A definição da MTAS segue entrelaçada aos objetivos, conseguindo se firmar como uma prática na Musicoterapia Contemporânea, que utiliza de todo o fundamento da Musicoterapia na junção com as proposições da Política Nacional de Assistência Social para o trabalho de prevenção e redução das situações de vulnerabilidade e riscos sociais, através da acolhida e escuta de indivíduo/famílias e comunidades. Promove um trabalho com base na garantia de direitos e empoderamento do usuário, utilizando a música como principal instrumento de transformação social.

Interfaces entre a Musicoterapia na Assistência Social, Musicoterapia Social e a Musicoterapia Comunitária

Diante a aplicabilidade da Musicoterapia na assistência social e as áreas de atuação da Musicoterapia, esse estudou buscou abordagens da Musicoterapia que

apresentassem práticas semelhantes as que são desenvolvidas no SUAS, encontrando aproximações com a Musicoterapia Comunitária.

As práticas revelaram que nem todas as formas e campos de atuação tinham semelhança com a Musicoterapia Comunitária, devido a postura do musicoterapeuta diante os usuários. Segundo Mendonza (2005), na Musicoterapia Comunitária o musicoterapeuta produz conhecimentos com os saberes trazidos pela comunidade. Contudo, nem todos os participantes demonstraram assumir esta postura, se posicionavam de forma mais distante para observar os usuários e estabeleciam os objetivos conforme a sua leitura e percepção. Essas ações ocorriam com mais frequência nos Centros de Atenção Socioeducativa. Para a autora, esse tipo de atuação tem referência na Musicoterapia Social. Desse modo, percebe-se que a atuação do musicoterapeuta no SUAS pode ser conduzida tomando como referência tanto a Musicoterapia Comunitária quanto a Musicoterapia Social. Ambas direcionarão o trabalho para objetivos traçados diferenciando-se na postura do profissional.

Mendonza (2005) afirma que essas duas abordagens são modelos de Musicoterapia Preventiva, atuam no âmbito da política pública e contemplam fatores econômicos, políticos, sociais e culturais do coletivo, por meio da proteção, promoção e prevenção primária. Essas características entram em consonância ao que é proposto na Política Nacional de Assistência Social, reforçando um trabalho na perspectiva de prevenção de situações de risco.

O presente estudo revelou que o público-alvo, as habilidades, os objetivos e os espaços de atuação da MTAS e MTC são semelhantes, como apontam alguns discursos:

Sim, eu acho muito parecido. Primeiro que você está trabalhando com grupos (OLIVEIRA, 2015).

É, o que o grupo tem pra te oferecer, o que o grupo traz, qual é a cultura desse grupo, qual é o repertório desse grupo, o que esse grupo gosta de ouvir. Então eu acho que isso tem muito a ver. Eu acho que uma das principais coisas que tem é isso. E esse apoio social, que eles têm um com o outro. Acho que é mais isso com a musicoterapia comunitária (SILVA, F. O., 2015).

[...] a musicoterapia comunitária, eu tenho pouco contato, mas sabendo dos objetivos dela, de algumas coisas que eu já li, eu acho que perfeitamente dá pra fazer ações em conjunto. Principalmente quando trata da família (SANTOS, 2015).

[...] Para mim a diferença está da abordagem, da carreira porque algumas pessoas trabalham com Musicoterapia Comunitária e outras na Assistência Social. Para mim são os mesmos públicos, mas o olhar é diferente (VITOR, 2015).

Nota-se também que os participantes não conheciam a Musicoterapia Comunitária com propriedade e isto pode ter dificultado as relações na atuação. Alguns participantes associam esta falta de conhecimento sobre a MTC com a atual formação do musicoterapeuta brasileiro, pois os cursos de formação comentados priorizam outras abordagens, como saúde e educação, como ressalta um dos participantes: “Na formação nossa como musicoterapeuta eu sinto que as vezes falta falar da área social, da Musicoterapia Comunitária porque a gente acaba falando tanto da saúde, da reabilitação” (SOUZA, 2015).

O discurso apresentado confirma a necessidade de amadurecimento da atual formação do musicoterapeuta para que outras abordagens sejam contempladas e exploradas com equidade às demais. Acredita-se que, dessa forma, teremos uma formação ampliada para uma atuação musicoterapêutica qualificada nas novas práticas.

O discurso transbordante

Os questionamentos do estudo mobilizaram os participantes, levando-os a discorrer sobre outros assuntos também relacionados ao tema, que foram emergindo e sendo expostos em seus discursos. Todo o conteúdo complementar ao questionamento foi considerado como discurso transbordante, ou seja, um discurso carregado de informações significativas que permitiram uma compreensão melhor da participação do musicoterapeuta no SUAS. Dos conteúdos considerados para esta última família extraída dos dados coletados, procurou-se as falas livres e informações recorrentes entre os discursos.

As condições de trabalho, a precarização do vínculo, a necessidade de formação específica para o trabalho na assistência social e a importância da mobilização política foram os questionamentos/confirmações apresentados como entraves e complementações dos participantes.

Eu saí mais da Assistência Social por questões financeiras, porque o trabalho que eles me pagavam como instrutor de música, eu recebi propostas para trabalhar ganhando um salário bem melhor do que eu estava fazendo. Eu senti muito quando eu garanti o trabalho, principalmente o trabalho que eu fazia com os idosos [...] Porque a gente precisa sobreviver, a gente que faz um trabalho com amor, sabe que tem perfil,

Percebe-se que os profissionais estão em situação de vulnerabilidade tanto quanto os usuários, demandando a troca da atuação na assistência social por outra área mais valorizada por uma questão de sobrevivência. Acredita-se que, assim como a política preconiza em seus objetivos a oferta de melhor qualidade de vida e condições de

sobrevivência para os usuários (BRASIL, 2012), o mesmo precisaria ser assegurado aos trabalhadores em questão.

Quando os trabalhadores se encontram com vínculos precários, sem recursos materiais/instrumentos musicais para o desenvolvimento do trabalho, alocados em espaços sem estrutura física adequada e sobrecarregados, devido à rotatividade nos equipamentos, percebe-se o quanto estas situações comprometem a efetivação da política com qualidade, ocasionando a fragilidade do vínculo com os usuários e com os membros da equipe profissional.

Os pontos apresentados anteriormente e considerados como entraves da atuação musicoterapêutica demonstram que a recomendação sobre a qualidade do serviço socioassistencial, apresentada na NOB-RH/SUAS, não está sendo alcançada ainda. A recomendação afirma que a estruturação do trabalho, a qualificação e a valorização dos trabalhadores atuantes no SUAS serão importantes para a implementação do SUAS e o alcance dos objetivos da PNAS/2004 (BRASIL, 2005). Diante dos entraves, percebe-se uma caminhada e um amadurecimento da Musicoterapia na ocupação dos espaços de mobilização política, com discussões emergentes para a valorização do musicoterapeuta no SUAS, como apresenta Souza (2015):

Eu acho que temos tentado caminhar neste sentido, uma vez que ainda os musicoterapeutas não estão totalmente inseridos dentro do Sistema Único de Assistência Social. Eu acho que a atuação da Musicoterapia no Sistema Único de Assistência Social vai muito além do que só atuação em si, atuação direta vamos dizer assim. Acho também que é uma atuação política é algo importante.

Nesse discurso transbordante, abraçado por dificuldades e entraves da atuação, também é possível perceber o esforço do musicoterapeuta para levar uma ação musicoterapêutica com qualidade e em consonância com a política vigente e com o que se atestou a partir da fundamentação teórica. Afinal, há de se valorizar aqueles profissionais que acreditam na música como instrumento de transformação social e se colocam naquele espaço para assegurar aos usuários/famílias melhor qualidade de vida diante de suas vulnerabilidades e riscos sociais, levando-os ao empoderamento de suas potências, mesmo que latentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a realidade sobre a participação do musicoterapeuta na assistência social brasileira foi a principal questão propulsora para a realização do presente estudo, culminando com o objetivo principal de compreender o processo de inserção e atuação do musicoterapeuta na Política Nacional de Assistência Social - PNAS.

Diante do objetivo traçado, a realização da pesquisa científica tornou-se um desafio, por exigir o distanciamento da prática profissional da autora no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, no intuito de descrever outras práticas com um olhar científico, uma ação que se tornou possível por meio da pesquisa qualitativa.

A compreensão da Política Nacional de Assistência Social – PNAS configurou-se como um passo importante para a realização deste estudo, pois não seria possível compreender a inserção e a atuação do musicoterapeuta no SUAS sem antes compreender o processo histórico da política e em qual perspectiva seus serviços/benefícios são ofertados.

Este estudo também investigou os processos de inserção e vínculo dos musicoterapeutas que atuam na assistência social, assim como os espaços, a população e os níveis de proteção onde os serviços são realizados. Para tanto, a participação dos musicoterapeutas que atuam no SUAS foi crucial.

Dos 480 musicoterapeutas informados no Censo SUAS de 2013 e 2014 como profissionais vinculados ao sistema (BRASIL, 2013d; BRASIL, 2014), esperava-se que o processo de inclusão de participantes no estudo fosse realizado mais facilmente. No entanto, este processo demandou um empenho maior, tornando-se possível com a parceria das Associações Estaduais de Musicoterapia e indicações de outros musicoterapeutas.

Para contemplar a amplitude da atuação do musicoterapeuta no SUAS, procurou-se incluir musicoterapeutas de regiões distintas e que atuassem em níveis de proteção diferentes. Deste modo, acredita-se que o estudo conseguiu abarcar a multiplicidade da atuação musicoterapêutica, contribuindo para a construção de um perfil do musicoterapeuta que atua na assistência social.

O perfil do musicoterapeuta demonstrou uma caminhada com persistência. Diante das adversidades do trabalho no SUAS com a precarização dos vínculos, falta de concursos públicos para a categoria, necessidade de criação do cargo de musicoterapeuta, dificuldade de acesso às capacitações e a falta de instrumentos musicais próprios do equipamento (órgão onde o usuário é atendido). Os profissionais buscam superar esta condição e acreditam que é

*preciso saber viver e que toda pedra no caminho pode ser retirada*¹¹.

A utilização da música, de forma qualificada, permanece como principal instrumento de trabalho do musicoterapeuta, diferenciando-o dos demais profissionais. Notou-se que o fazer musical tem oportunizado a interação entre todos os envolvidos, como forças dinâmicas de mudança (CRAVEIRO DE SÁ, 2003), permitindo um espaço de acolhimento, escuta e reflexão de histórias de vida. Do mesmo modo, a Musicoterapia tem oportunizado a transformação social, o empoderamento e a confiança de todos os envolvidos, pois acreditam que *quem sabe faz a hora, não espera acontecer*¹².

O musicoterapeuta apresentado nesta pesquisa tem a humildade de reconhecer a sua recente trajetória no SUAS e que ainda há necessidade de outras conquistas para alcançar uma participação igualitária na política. Contudo, ele reconhece a sua *voz tamanha e que não pode parar*¹³. Percebe-se que este mesmo musicoterapeuta tem procurado ultrapassar as barreiras e, de forma ética, contribuir para o crescimento da assistência social na prestação de serviços socioassistenciais, em consonância com as diretrizes da LOAS e da NOB/SUAS, assim como vem se envolvendo nas atividades de fortalecimento da relação democrática e na participação dos espaços de controle social.

Considera-se importante o reconhecimento da Musicoterapia em todos os espaços do SUAS. O estudo revelou a atuação musicoterapêutica, tanto nos serviços socioassistenciais quanto nos espaços de gestão da política. Acredita-se que essa participação na gestão ainda será uma “batalha a ser vencida”, pois a Resolução do CNAS nº 17, de 2011, não reconhece a Musicoterapia como uma categoria profissional de nível superior que, preferencialmente, poderá compor a gestão do SUAS. Assim, os musicoterapeutas têm a consciência de que *É de batalhas que se vive a vida*¹⁴!

Dentre as conquistas esperadas, acredita-se que a criação do cargo de musicoterapeuta em todas as esferas de governo e a efetivação por concurso público são, igualmente, emergentes e importantes. Espera-se que a precarização ressaltada neste estudo venha reforçar a necessidade de amadurecimento da gestão para o cumprimento do que preconiza a NOB-RH/SUAS na valorização dos trabalhadores.

O presente estudo também investigou os conceitos e o histórico da Musicoterapia Social e da Musicoterapia Comunitária, buscando fundamentações para o trabalho da Musicoterapia no SUAS. Diante da revisão de literatura, percebeu-se que ambas poderiam

¹¹ É Preciso Saber Viver – Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Intérprete: Titãs.

¹² Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores – Geraldo Vandré

¹³ Força Estranha – Caetano Veloso

¹⁴ Tente Outra Vez – Raul Seixas

contribuir para a atuação do musicoterapeuta na PNAS. Contudo, a aplicabilidade Social ou Comunitária depende, primeiramente, do espaço onde o serviço é realizado. Notou-se que a Musicoterapia em equipamentos socioeducativos tinham uma desenvoltura aproximada da Musicoterapia Social, enquanto a atuação nos demais equipamentos (CRAS, Centros de Convivência e outros) possibilitavam ações em consonância com a Musicoterapia Comunitária.

Destaca-se que a orientação da prática do musicoterapeuta para a área Social ou Comunitária, dependerá da fundamentação e orientação filosófica do profissional (CUNHA; VOLPI, 2008). Considera-se pretensioso elencar apenas uma área para fundamentar a Musicoterapia no SUAS, devido à complexidade de equipamentos e usuários atendidos.

Todavia, identificou-se que tanto a Musicoterapia na Assistência Social, quanto a Musicoterapia Social e a Musicoterapia Comunitária, desenvolvem seus trabalhos na perspectiva grupal, de modo que contemplem a comunidade, o ambiente, a família, a sociedade, a cultura, os fatores econômicos e políticos de um grupo/indivíduo.

A musicalidade do musicoterapeuta também é considerada importante, assim como a capacidade de ser flexível, tolerante, ter afetividade pelos usuários e compromisso com o trabalho na assistência social. É preciso compreender que *a gente sofrida despediu-se da dor*¹⁵ da invisibilidade enquanto cidadão de direitos e *hoje leva esse sorriso, porque já chorou demais*¹⁶. São cidadãos que *compõem a sua história e carregam em si, o dom de ser capaz*.

Cabe ressaltar que este estudo não considera a Musicoterapia na Assistência Social como uma abordagem, mas uma prática da Musicoterapia Contemporânea (BARCELLOS, 2013), a qual exerce suas ações no âmbito da política pública e na perspectiva da garantia de direitos, empoderamento social, prevenção e redução da vulnerabilidade e dos riscos sociais.

Considera-se necessário e relevante, uma reflexão da atual formação do musicoterapeuta brasileiro, com vistas ao amadurecimento, para que as novas práticas sejam contempladas e exploradas com equidade às demais e atendam as necessidades da Musicoterapia Contemporânea.

Para aqueles que estão no campo e desejam atuar na política pública, a capacitação pode ser uma forte aliada para o bom desempenho profissional, visto que o conhecimento nunca será suficiente, pois é necessário viver *a beleza de ser um eterno*

¹⁵ A Banda – Chico Buarque

¹⁶ Tocando em Frente – Almir Sater

*aprendiz*¹⁷ e os avanços da política exigirão essa formação continuada.

*É preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre*¹⁸! Espera-se que o estudo realizado venha contribuir para melhor compreensão sobre a Musicoterapia na PNAS e não se esgote neste momento, colocando-se como incentivo para o surgimento de outras propostas de trabalhos na área. Do mesmo modo, que apresente subsídios para a atuação do musicoterapeuta no SUAS.

Conclui-se com uma frase que carrega um sentido para a caminhada do musicoterapeuta e da Musicoterapia: *Se depender de nós o futuro será razão de seguirmos em frente*¹⁹!

¹⁷ O que é O que é – Gonzaguinha

¹⁸ Maria, Maria – Milton Nascimento

¹⁹ Se Depender de Nós - Integração Jr.

REFERÊNCIAS

AMABILE, A. E. de N. Políticas Públicas. In: CASTRO, C. L. F.; GONTIJO, C. R. B.; AMABILE, A. E. de N. (Org.). **Dicionário de Políticas Públicas**. Barbacena: EdUEMG, 2012. p. 390-391.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 6 ed. São Paulo: Atlas; 2003.

ARIZA, L. G. A. et al. Articulações Metodológicas da Análise Textual Discursiva com o ATLAS.ti. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 4, 2015, Aracaju. **Anais eletrônicos...** Aracaju, 2015. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/index>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

BARCELLOS, L. R M. **Diálogo entre as novas práticas da musicoterapia e os cursos de formação de musicoterapeutas**. XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. V Fórum de Musicoterapia (AMT-RS). S. Leopoldo, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 1977. 70 f.

BATTINI, Odária. SUAS: Conquistas sociais e desafios. In: BATTINI, Odária (Org.). **SUAS: Sistema Único de Assistência Social em debate**. Curitiba: CIPEC, 2007. p. 9-17.

BENENZON, Rolando. **El Juego del Espejo e su Oscuridade: la dimensión creadora**. La Plata: la dimensión creadora, 2012.

_____. **Teoria da Musicoterapia: contribuição ao contexto não-verbal**. São Paulo: Summus, 1988.

BOSCHETTI, I. **Seguridade Social e Trabalho: Paradoxos na Construção das Políticas de Previdência e Assistência Social no Brasil**. 1ª ed. Brasília: Letras Livres e UNB, 2008.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. **Censo SUAS 2014**. 2014.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Reimpressão 2014. Brasília: MDS, 2013a.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **CapacitaSUAS**. Caderno 2: Proteção de Assistência Social: Segurança de Acesso a Benefício e Serviços de Qualidade. Brasília: MDS, 2013b.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego, 2013c. **Código Brasileiro de Ocupações – Musicoterapeuta**. Disponível em <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>> Acesso em: 15 de ago. 2015.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. **Censo SUAS 2013**. 2013d.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Conselho Nacional de Assistência Social. **Norma operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social** (NOB/SUAS). 2012.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Conselho Nacional de Assistência Social. **Norma operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social** (NOB-RH/SUAS). 2011a.

_____. Conselho Nacional de Assistência Social. Lei nº 12.435, de 2011. Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 7 jul. 2011b.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social** (PNAS/2004), Brasília: MDS, 2005.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CARVALHO, Doris Hoyer de. A Musicoterapia e o seu Desenvolvimento no Rio de Janeiro. In: **Boletim da Associação Brasileira de Musicoterapia**, nº 1, Rio de Janeiro, 1975. Disponível em: < <http://biblioteca-da-musicoterapia.com/biblioteca/arquivos/artigo//Doris%20Hoyer%20de%201975.pdf>>. Acesso em: 15 de maio 2014.

COLIN, D.; JACCOUD, L. Assistência Social e Construção do SUAS – balanço e perspectivas: O percurso da Assistência Social como política de direitos e a trajetória necessária. In: CRUS, J. (Org.). **20 anos da Lei Orgânica de Assistência Social**. 1ª ed. Brasília: MDS, 2013. p. 42-65.

COSTA, Clarice Moura. **O Despertar para o outro: musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1989.

_____. Conceitos de Musicoterapia. In: **Boletim da Associação Brasileira de Musicoterapia**, Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: < <http://biblioteca-da-musicoterapia.com/biblioteca/arquivos/artigo//1990.%20Clarice%20Moura%20Costa%20conceitos%20de%20musicoterapia.pdf>>. Acesso em: 15 de maio 2014.

COUTO, B. R.; YAZBEK, M. C.; RAICHELIS, R.; A Política Nacional de Assistência Social e o SUAS: apresentando e problematizando fundamentos e conceitos. In: COUTO, B. R. (Org.). **O Sistema Único de Assistência Social no Brasil: uma realidade em movimento**: São Paulo: Cortez, 2014. p. 55-88.

CRAVEIRO DE SÁ, Leomara. **A teia do tempo e o autista: música e musicoterapia**. Goiânia: Ed. UFG, 2003.

CUNHA, Rosemyriam; VOLPI, Sheila. A Prática da Musicoterapia em Diferentes Áreas de Atuação. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v.3, p.85-97, jan./dez. 2008.

ESCORSIM, Silvana Maria. A Assistência Social (e a sua face oculta) como Política de Seguridade Social no Brasil. In: BATTINI, O. (Org.). **Assistência Social: referências conceituais e propositivas**. Curitiba: Champagnat, 2002. p. 115-124.

GUAZINA, Laize. et al. A Entrada da Musicoterapia no Sistema Único de Assistência Social (SUAS): conquistas e perspectivas. In: Fórum Paranaense de Musicoterapia da Associação de Musicoterapia do Paraná (AMT-PR), 13., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2011.

MELIANTE, P; VOLPI, S. Educação e sociedade: uma visão transdisciplinar na musicoterapia. In: Congresso Internacional Transdisciplinaridade, Complexidade e Eco-Formação. 3, 2008. **Anais...** Brasília, 2008.

MENDOZA, Claudia. Evolución de la práctica clínica de la musicoterapia hacia el campo social-comunitario. La comunidade, sujeto e objeto de intervención. In: PELLIZZARI, P.; RODRÍGUEZ, R. (Org.). **Salud, escucha y creatividad**. Buenos Aires: Ediciones Universidad del Salvador, 2005. p.79-86.

MILLECCO, L. A.; BRANDÃO, M. R. E.; MILLECCO, R. P. **É preciso cantar:** musicoterapia canto e canções. 1 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001. 136 p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME/MDS. **Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/** – 1. ed. – Brasília: 2009. 72 p.

PELLIZZARI, Patrícia. RODRÍGUEZ, R. (Org.). **Salud, escucha y creatividad**. Buenos Aires: Ediciones Universidad del Salvador, 2005. 300f.

PEREIRA, Potyara A. M. P. A Assistência Social Prevista da Constituição de 1988 e operacionalizada pela PNAS e pelo SUAS. **Ser Social**, Brasília, nº 20, p. 63-83, jan./jun. 2007.

RUUD, Even. **Caminhos da Musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1990.

SILVA, Nathália dos Santos. **Panorama dos Serviços de Saúde Mental do Interior do Estado de Goiás**. Goiânia, GO: UFG, 2012. 230 p.

STIGE, Brunjulf; AARØ, L. E.; **Invitation to Community Music Therapy**. New York: Routledge, 2012. 330 f.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2014.

SPOSATI, A. Os 20 de LOAS: a ruptura com o modelo assistencialista. In.: CRUS, J. (Org.). **20 anos da Lei Orgânica de Assistência Social**. 1ª ed. Brasília: MDS, 2013. p. 20-41.

_____. **A menina LOAS:** um processo de construção da assistência social. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 94.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade. **Associação dos Advogados de Trabalhadores Rurais da Bahia**, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2007. 176 f.

UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA – UBAM. Disponível em: <<http://www.musicoterapia.mus.br/ondeestudar.php>> Acesso em: 10 de nov. 2015.

VITOR, J. S. F. V. et al. Implementação da Musicoterapia no Sistema Único De Assistência Social: Movimentos E Organização Política. In: Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, 14., 2012, Olinda. **Anais...** Olinda, 2012. p. 458-460.

ZANINI, Claudia R. O. **O efeito da musicoterapia na qualidade de vida e na pressão arterial do paciente hipertenso**. 2009. 134 f. Tese (Doutorado em Ciência da Saúde) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

YAZBEK, M. C; PAULA, R. F. dos SANTOS. A Gestão Pública Social no Contexto dos Fundamentos da Formação do Estado Moderno e o SUAS. In: PAULA, R. F. dos SANTOS (Org.). **Gestão Pública e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS)**: São Paulo: Livrus Negócios Editoriais, 2013. p. 29-66.

WALTER, Silvana Anita; BACH, Tatiana Marceda. Adeus papel, marca-textos, tesoura e cola: Inovando o processo de análise de conteúdo por meio do Atlas.ti. In: SEMEAD, SEMINÁRIOS DE ADMINISTRAÇÃO, 12, 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/820.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

World Federation of Music Therapy. Definição da Musicoterapia, 2011. Disponível em: <<http://www.wfmt.info/wfmt-new-home/about-wfmt/>>. Acesso em: 26 set. 2015.

APÊNDICE I – MODELOS TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social**”. Meu nome é Fabrícia Santos Santana, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Musicoterapia na Assistência Social. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence a pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail fabymtsantana@yahoo.com.br e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)91905395 / (62)81657782. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, no telefone (62)3521-1215.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

A pesquisa “A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social” é um estudo que visa compreender o processo de inserção e atuação da Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social. A participação do musicoterapeuta como profissional também atuante nas Políticas Públicas impulsionou o estudo proposto, visando a compreensão da atuação musicoterapêutica no âmbito da Assistência Social. A pesquisa acontecerá através de entrevistas semiestruturadas direcionada a profissionais musicoterapeutas que atuem na área social. As entrevistas serão realizadas em dias e horários pré-agendados com cada participante, podendo ocorrer de forma presencial ou virtual, sendo estas, gravadas em áudio para uma posterior análise. Acredita-se que os riscos por participação serão mínimos, pois esta pesquisa não visa adotar procedimento invasivo ou medicamentoso, portanto, não incorrendo riscos à sua integridade física. Os possíveis riscos de constrangimento serão minimizados, pois a pesquisadora autora deste estudo buscará de forma qualificada, ética, sigilosa, preservar o anonimato e a privacidade de cada participante. Além disso, visando resguardar sua segurança, a autora desta pesquisa estará em acompanhamento, mediante supervisão técnica, de uma professora orientadora. Lembramos que para a participação na pesquisa será necessário dispor de seu tempo. Não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação na pesquisa. Esclarecemos que sua participação na pesquisa é voluntária e é possível retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isso o prejudique. A sua identidade, bem como de outros participantes serão mantidas em sigilo, caso permita a divulgação do seu nome e/ou uso da sua imagem será necessário expressar autorização. Este material servirá unicamente, para a realização de estudos, apresentações em eventos e publicações científicas. Ressalta-se que os registros ficarão de posse da pesquisadora pelo período de 5 (cinco) anos, sendo, ao final deste período, incineradas/deletadas. É dada a garantia de que os dados coletados serão utilizados apenas para esta pesquisa e não serão armazenados para estudos futuros.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa

Eu, _____, RG/CPF/_____ abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa intitulada: “A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social” como participante. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Fabrícia Santos Santana sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Local: _____ Data ____/____/____

☐) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;
☐) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

☐) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa;
☐) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social**”. Meu nome é Fabrícia Santos Santana, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Musicoterapia na Assistência Social. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence a pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail fabymtsantana@yahoo.com.br e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)91905395 / (62)81657782. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, no telefone (62)3521-1215.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

A pesquisa “A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social” é um estudo que visa compreender o processo de inserção e atuação da Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social. A participação do musicoterapeuta como profissional também atuante nas Políticas Públicas impulsionou o estudo proposto, visando a compreensão da atuação musicoterapêutica no âmbito da Assistência Social. A pesquisa acontecerá através de entrevistas semiestruturadas direcionada a profissionais musicoterapeutas que atuem na área social. As entrevistas serão realizadas em dias e horários pré-agendados com cada participante, podendo ocorrer de forma presencial ou virtual, sendo estas, gravadas em áudio para uma posterior análise. Acredita-se que os riscos por participação serão mínimos, pois esta pesquisa não visa adotar procedimento invasivo ou medicamentoso, portanto, não incorrendo riscos à sua integridade física. Os possíveis riscos de constrangimento serão minimizados, pois a pesquisadora autora deste estudo buscará de forma qualificada, ética, sigilosa, preservar o anonimato e a privacidade de cada participante. Além disso, visando resguardar sua segurança, a autora desta pesquisa estará em acompanhamento, mediante supervisão técnica, de uma professora orientadora. Lembramos que para a participação na pesquisa será necessário dispor de seu tempo. Não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação na pesquisa. Esclarecemos que sua participação na pesquisa é voluntária e é possível retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isso o prejudique. A sua identidade, bem como de outros participantes serão mantidas em sigilo, caso permita a divulgação do seu nome e/ou uso da sua imagem será necessário expressar autorização. Este material servirá unicamente, para a realização de estudos, apresentações em eventos e publicações científicas. Ressalta-se que os registros ficarão de posse da pesquisadora pelo período de 5 (cinco) anos, sendo, ao final deste período, incineradas/deletadas. É dada a garantia de que os dados coletados serão utilizados apenas para esta pesquisa e não serão armazenados para estudos futuros.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa

Eu, _____, RG _____ CPF _____ abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa intitulada: “A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social” como participante. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Fabrícia Santos Santana sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Local: _____ Data ____/____/____

- () Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;
() Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

- () Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa;
() Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa.

Você aceita participar desta pesquisa? ☐ SIM ☐ NÃO

APÊNDICE II – MODELO DA CARTA CONVITE

Ofício n.º ____/2015

Goiânia, ____ de ____ de 2015.

À PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
NOME DA ASSOCIAÇÃO
E-MAIL

Assunto: **Convite para encaminhamento de participantes para Pesquisa de Mestrado**

Prezada Senhora,

Venho por meio deste, apresentar brevemente o Projeto de Pesquisa “*A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social*”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Música (Mestrado) da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, tendo como autora a discente Fabrícia Santos Santana, sob a orientação da Profª Drª Claudia Regina de Oliveira Zanini.

O estudo proposto tem como principal objetivo compreender o processo de inserção e atuação da Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social, em consonância com os estudos sobre as novas práticas, a Musicoterapia Contemporânea e a Musicoterapia Social-Comunitária.

Considerando a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG (parecer 926.839) será desenvolvida uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. O presente convite busca o apoio desta Associação Estadual de Musicoterapia na indicação de possíveis participantes - *profissionais musicoterapeutas que atuam na área da assistência social e estejam vinculados a esta associação*.

Visando esclarecer os critérios de inclusão dos participantes, relacionamos no anexo os possíveis espaços de atuação do musicoterapeuta no âmbito da Assistência Social.

Solicito que o retorno a este convite seja enviado o mais breve possível, por e-mail, para: <fabymtsantana@yahoo.com.br>.

Agradeço, desde já, a atenção que, por certo, dispensarão ao assunto.

Atenciosamente,

Fabrícia Santana
Pesquisadora Responsável
Mestranda em Música – UFG
Esp. em Gestão de Políticas Públicas – UFBA
Bacharel em Musicoterapia – UFG

RELAÇÃO DE ESPAÇOS DE ATUAÇÃO NO ÂMBITO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL²⁰

- Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família - PAIF
- Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos;
- Serviço de Proteção Social Básica em Domicílio para Pessoas com Deficiência e Idosas;
- Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos - PAEFI
- Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas famílias;
- Serviço Especializado em Abordagem Social;
- Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC)
- Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua;
- Serviço de Acolhimento Institucional;
- Serviço de Acolhimento em Repúblicas;
- Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora;
- Serviço de Proteção em Situações de Calamidades Públicas e de Emergências;
- Benefício de Prestação Continuada (BPC);
- Benefícios Eventuais;
- Programa Bolsa Família (PBF).

EQUIPAMENTOS

Centro de Referência da Assistência Social – CRAS

Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS

Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua – Centro POP

²⁰ BRASIL. Conselho Nacional de Assistência Social. **Resolução nº34 de 28 de novembro de 2011**. Brasília-DF, 2011.

APÊNDICE III – ROTEIRO DA ENTREVISTA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome: _____

Cidade/UF: _____ **Idade:** _____

Local de Trabalho: _____

Associação de Musicoterapia vinculado(a): _____

Data da realização da entrevista: _____

Sobre a inserção profissional na área social...

- 1) Há quanto tempo você atua como musicoterapeuta na área social?
- 2) Qual a sua formação?
- 3) Você conhece os princípios e diretrizes do Sistema Único de Assistência Social - SUAS? Se sim, é possível comentar?
- 4) Você sabe em qual nível de proteção²¹ da Assistência Social está inserido? Qual?
- 5) Qual o seu vínculo empregatício?
- 6) No período em que atuou como musicoterapeuta na Assistência Social, você recebeu/buscou algum tipo de capacitação? Qual?
- 7) De que forma ocorreu a sua inserção como musicoterapeuta neste campo de atuação?

Sobre a atuação musicoterapêutica...

- 8) Quais são os espaços onde ocorre o serviço de Musicoterapia? Poderia descrevê-lo(s)?
- 9) Quais são as ações desenvolvidas pelo musicoterapeuta neste(s) espaço(s)?
- 10) Quais os usuários contemplados no serviço de Musicoterapia no qual você é responsável?
- 11) Quais os recursos/instrumentos utilizados nas ações de Musicoterapia?
- 12) Suas ações são desenvolvidas em equipe? Quais são os profissionais envolvidos?
- 13) Como você descreveria as habilidades necessárias ao musicoterapeuta que atua no âmbito social?
- 14) Quais os objetivos da Musicoterapia no campo social?
- 15) Você estabeleceria alguma relação entre a Musicoterapia na Assistência Social e a Musicoterapia Comunitária? Quais?
- 16) Como você definiria a Musicoterapia na Assistência Social?
- 17) Tem alguma música que você usaria para definir a tua atuação como musicoterapeuta na área comunitária?
- 18) Você teria algo mais a acrescentar?

²¹ Este termo será esclarecido para o entrevistado conforme os serviços apresentados na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. BRASIL. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília: MDS, 2014.

APÊNDICE IV – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Transcrição da Entrevista

OLIVEIRA, Alcides Valeriano. **Alcides Valeriano Oliveira**: entrevista [jun. 2015]. Entrevistadora: Fabrícia Santana. Goiânia: UFG, 2015. Mp3. Entrevista concedida à pesquisa A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Nome: **Alcides Valeriano Oliveira**

Cidade/UF: **Teresina/PI** Idade: **51 anos**

Local de Trabalho: **CRAS II Região Sudeste**

Associação de Musicoterapia vinculado(a): **AMT-PI**

Data da realização da entrevista: **29/06/2015**

Fabrícia: Os gravadores estão ligados a partir de agora e a gente parte para o segundo ponto que agora é a nossa entrevista mesmo.

Alcides: Tudo bem. Deixa eu dar ok aqui, entrevista enviada.

Fabrícia: Pronto, está ótimo.

Alcides: Enviei.

Fabrícia: Assim que eu receber eu baixo lá e coloco numa pasta. A entrevista agora a gente dividiu ela em três blocos é uma entrevista semiestruturada, o primeiro bloco é um cabeçalho onde eu vou preencher como nome, cidade, idade, local de trabalho, alguns dados eu consigo pegar do TCLE que é o nome completo e a cidade.

Alcides: Certo.

Fabrícia: E alguns outros dados eu vou te perguntando e depois deste cabeçalho virão dois blocos. Um bloco vai falar sobre a sua inserção profissional, como que é atuação e o segundo bloco é sobre a atuação musicoterapêutica, específica.

Alcides: Certo.

Fabrícia: São ao total dezoito perguntas, se você precisar no decorrer da entrevista precisar se ausentar, beber um água, fica à vontade. Pode falar “Fabrícia só um minuto” ou se tiver alguma pergunta que você não estiver confortável em responder a gente passar para outra pergunta, mas a gente tentou organizar a entrevista que uma pergunta ela vai direcionando para outra. Pode ser que as vezes já me dê a resposta antes e na pergunta anterior você já responda a próxima. Também se tiver alguma dúvida eu esclareço para você. Então como nome e cidade eu consigo puxar os dados do TCLE eu vou começar te perguntando a idade?

Alcides: Eu tenho 51 anos.

Fabrícia: O local de trabalho? Eu vou me situar, você disse que está atuando em qual espaço?

Alcides: Eu estou atuando como musicoterapeuta clínico com crianças especiais e em uma clínica com dois psicólogos, particular.

Fabrícia: Mas o trabalho que você desenvolveu na área da Assistência Social foi?

Alcides: O ano passado, até dezembro do ano passado eu atuei junto a Secretaria Municipal de Assistência Social do município. No CRAS sudeste, chamado aqui.

Fabrícia: Então a gente pode fazer assim, se você aceitar, como o foco da entrevista é a tua atuação na Assistência Social, tudo que eu for te perguntando vamos imaginar sobre aquela atuação.

Alcides: Tudo bem.

Fabrícia: Você estava atuando no CRAS, tem nome o CRAS?

Alcides: CRAS sudeste II por região é sudeste.

Fabrícia: Região sudeste.

Alcides: CRAS II porque nesta região tem dois. Tem o CRAS I e o CRAS II, eu estava trabalhando no CRAS II.

Fabrícia: CRAS II da região sudeste. A Associação de Musicoterapia que atualmente você está vinculado?

Alcides: Associação de Musicoterapia do Piauí, AMT-Piauí.

Fabrícia: Do cabeçalho estas eram as perguntas está tranquilo e a gente já conseguiu contemplar. Agora vamos para as perguntas sobre a tua inserção profissional.

Alcides: Sim.

Fabrícia: Há quanto tempo você atuou como musicoterapeuta na área social?

Alcides: Sei anos, foram seis anos. Desde a minha formatura como musicoterapeuta.

Fabrícia: Foram seis anos e encerrou ano passado?

Alcides: Foi anos passado, que foi 2014.

Fabrícia: Qual que é a tua formação atual?

Alcides: Eu sou formado em Educação Artística pela Universidade Federal do Piauí, com habilitação em Música e a minha Especialização em Musicoterapia pela própria Universidade Federal do Piauí.

Fabrícia: Dos princípios e diretrizes do SUAS você conhece?

Alcides: sim.

Fabrícia: Tem algum deles que você poderia comentar?

Alcides: Eu participei junto ao Fórum daqui de Teresina, Fórum dos Trabalhadores da Assistência Social. Então a gente discutiu muito ano passado, eu participei de algumas conferências também, a questão do como é que se diz? A atuação do musicoterapeuta Assistência Social Básica, na Assistência Social Especial e com a minha linha de atuação era mais na Proteção Básica então eu trabalhei bem direcionada às questões das crianças em situação de risco, os trabalho com os idoso, então eu foquei muito nesta área da Assistência Social na Proteção Básica.

Fabrícia: Mas dos princípios e diretrizes você conhece...

Alcides: Eu não estou lembrado do texto específico, mas como eu vivenciei muito isto nas conferência talvez agora eu não me lembre basicamente, mas se você citar talvez eu consiga me lembra.

Fabrícia: Da área de atuação que você estava inserido, você sabe em qual nível de proteção você estava?

Alcides: Proteção Básica.

Fabrícia: Como que era o teu vínculo empregatício?

Alcides: Eu era contratado, terceirizado. A secretaria contratava alguns instrutores, na verdade eu não tinha dentro do trabalho, a gente não reconhecido como “o musicoterapeuta” dentro do trabalho aqui em Teresina. Então a gente era contratado como instrutor através de uma firma terceirizada porque na grade da secretaria não tinha e nem tem ainda a questão do musicoterapeuta.

Fabília: O cargo?

Alcides: O cargo dentro do organograma da secretaria.

Fabília: O teu vínculo era com esta empresa que prestava o serviço para a prefeitura.

Alcides: Esta empresa terceirizada que prestava serviço para a Secretaria Municipal de Assistência Social.

Fabília: O vínculo mesmo era contrato?

Alcides: Era contrato. CLT, carteira assinada.

Fabília: No período que você atuou como musicoterapeuta na Assistência Social, você recebeu ou buscou algum tipo de capacitação?

Alcides: O trabalho nos CRAS era muito assim, a gente tinha muitas capacitações de como estar trabalhando com cada clientela de cada região e a gente sempre tinha manualmente capacitação dentro do trabalho social, do trabalho da prefeitura, sempre tinha as reuniões, as capacitações, as reuniões com psicólogos e outros profissionais que atuavam na área.

Fabília: Isso era ofertado pelo CRAS?

Alcides: Pela própria prefeitura, o próprio CRAS, até para direcionar o trabalho com os clientes, com a clientela a ser trabalhada, como a gente poderia estar atuando, como a gente poderia estar potencializando mais a nossa condição de terapeuta de instrutor no caso, como a gente poderia estar melhorando a nossa área de abrangência poderia ser maior, poderia com todas as pessoas que estavam tocando o CRAS tantos os idosos como os adolescentes, como as crianças e as próprias famílias que lá buscavam auxílio. Então a gente era contratado assim, dentro do trabalho da Assistência Social a gente tinha que trabalhar com a clientela que aparecesse no CRAS, mas como eu já direcionava o trabalho mais para o “Canto Terapêutico”, a questão do canto com os idosos e as crianças, eu direcionei o meu trabalho mais para os idosos e para as crianças que eram recebidas no CRAS. O trabalho de Canto Coral, a gente fazia o Canto mas com direcionamento conhecendo a realidade de cada um porque a maioria são crianças em situação de risco e a gente precisava ter este olhar terapêutico para dar prosseguimento ao trabalho e não tirar a criança, não excluir a criança de uma atividade que porventura ela tivesse a necessidade de...

Fabília: Ser incluída naquele espaço? Oi? Oi?

[Problemas na conexão e encerramento da chamada para rediscagem]

Fabília: Oi Alcides desculpa.

Alcides: Caiu aqui, é assim mesmo.

Fabília: Não tem problema, a última parte que eu consegui te escutar você estava falando sobre a importância de incluir a criança.

[Problemas na conexão e encerramento da chamada para rediscagem]

Alcides: Oi!

Fabília: Eu não sei se é a minha conexão aqui.

Alcides: Eu acho que é aqui, aqui tem problema.

Fabília: A sua está boa, está tranquila, então desculpa.

Alcides: Mas vamos continuar, está Velox aqui que é complicado. A minha internet é Velox.

Fabrícia: Se cair novamente eu vou procurar um ponto melhor da casa para a gente conversar sem cair a conexão. Desculpa. A última parte que eu consegui te ouvir foi a questão da, você estava falando da importância de incluir as crianças, conduzindo os seu trabalho para esta clientela, estes usuários.

Alcides: Isso, o meu trabalho tinha um olhar terapêutico para não excluir crianças que tinha determinados comportamentos e que ficassem de fora das atividades oferecidas pelo CRAS no caso da minha atividade que era atividade com música. Na parte canto, eu usava mais a questão do canto o Coral infanto-juvenil e o Canto Terapêutico, para que pudesse estar no coral todos, com grupos maiores, ao invés de ser quatro ou cinco e era em torno de vinte, trinta crianças que eram atendidas na unidade.

Fabrícia: Quantas crianças?

Alcides: Em torno de quinze a vinte crianças que vinham os atendimentos, por grupos. A gente fazia grupos, eles ficam em grupos.

Fabrícia: E desta tua inserção, como que ocorreu a inserção como musicoterapeuta neste campo?

Alcides: Eu já trabalhava no CRAS, antes fazer a especialização, eu trabalhava com Coral neste CRAS que na época não era nem CRAS. Como mudou a política de Assistência Social, o CRAS se instalou dentro desta unidade que era também fazia um trabalho de proteção social, mas ainda não tinha entrado esta política de Assistência Social. Quando a política entrou, eu estava acabando de fazer a especialização em Musicoterapia e vi que o meu trabalho que já fazia anteriormente, tinha todo o cunho terapêutico eu já tinha que ter esta visão para montar o coral de crianças que tinham problemas e conseguia, durante toda minha experiência como educador, eu estava conseguindo um trabalho legal e que este trabalho não seria Musicoterapia anteriormente, mas que tinha esse olhar voltado para a questão terapêutica. Quando eu fiz minha especialização, as pessoas da unidade ficaram sabendo da minha condição de musicoterapeuta e viam que o trabalho que eu fazia, realmente tinha que ter este caráter, se não, não conseguiríamos ter os resultados que a gente vinha obtendo durante este período todos. Então eu me formei em 2008 da especialização e foi quando começou o CRAS assumir a unidade que eu trabalhava, a unidade foi inserida no CRAS sudeste II e toda a política da Assistência Social mudou, a questão da visão que se tinha anteriormente de Assistência Social na unidade ela foi mudada. Então os profissionais que tinham este perfil terapêutico eles ficaram, no caso eu e mais uns dois professores, instrutores de teatro e outro de dança. A gente ficou porque tinha o perfil do trabalhador que o CRAS necessitava, que a Assistência Social queria, precisava aliás.

Fabrícia: Você já faziam parte de uma equipe anterior deste espaço, houve a inclusão da política e você já estavam no espaço e tinham a característica da equipe que eles precisavam para assumir a política que iria ser inserida, então vocês permaneceram no espaço para dar esta continuidade.

[Problemas na conexão]

Alcides: Estava ligado no wifi e agora liguei direto, acho que agora via dar certo.

Fabrícia: Eu mudei de espaço aqui também e estou bem próximo ao aparelho de wifi para ver a internet ela ajuda.

Alcides: Até melhorou a voz no som

Fabrícia: Então tá bom, vamos lá. Você estava me explicando sobre a questão da tua inserção, a mudança e a inserção da política na instituição que você já estava inserido e você permaneceu como profissional na instituição. Estes eram os questionamento voltado mais para a tua inserção profissional na área. Agora a gente vai para o segundo bloco que é específico sobre a atuação musicoterapêutica.

Alcides: Ahan.

Fabrícia: O primeiro questionamento é onde eram os espaços que ocorriam o serviço de Musicoterapia?

Alcides: Os espaços eram no auditório, lá tinha um auditório muito grande com um espaço bom, com cadeiras bem confortáveis e tinha espaço tanto para fazer atividades sentadas como para fazer atividades lúdicas e etc. Espaço muito bom lá unidade.

Fabília: Ocorria sempre no auditório?

Alcides: Sim, porque o auditório era um espaço maior e o mais isolado também das outras salas. Porque para fazer coral também tinha que ficar mais à vontade e essa sala tinha ar condicionado era mais confortável pela questão do conforto do ar e etc.

Fabília: O ar condicionado e a questão das cadeiras ofereciam um maior conforto.

Alcides: Exatamente.

Fabília: E as ações que você desenvolvia. Quais eram as ações que você desenvolvia como musicoterapeuta?

Alcides: Primeiro eu fazia um trabalho, eu montei dois grupo com idosos, participava mais de 40 idoso e um com crianças a partir de 9 anos que era as crianças que estavam sendo atendidas na unidade.

Fabília: A partir de quantos?

Alcides: Nove.

Fabília: Nove anos.

Alcides: Tinha crianças que poderiam chegar com menos idade, mas as que participava comigo eram as que tinham a partir de nove anos. Embora o serviço era atendido com outras crianças menores, mas as que eu trabalhei era a partir de nove anos. Eu trabalhei com nove e o trabalho do Projovem, tinha o trabalho do Projovem eu fiz o trabalho durante um ano com os jovens.

Fabília: Você chegou a atuar no Projovem também?

Alcides: Atuei no Projovem, eu fiz um trabalho com dois momentos com eles. Fiz um trabalho voltado para o folclore, utilizei a música folclórica aqui da nossa região, um trabalho musical. Eu consegui fazer um trabalho bom com os jovens que era atendido pelo programa Projovem. Depois acabou, mas eu ainda fiz um trabalho durante um ano, seis meses com as crianças dessa unidade com os jovens do Projovem. Meu trabalho maior foram com os idosos, que desde o início quando começou o trabalho desta nova política os idosos começaram a ser atendidos nesta unidade e eu comecei a fazer um trabalho com eles. Começamos fazer um trabalho, eram cinco idosos e o grupo foi crescendo, crescendo e chegamos a ter grupos de até sessenta idosos.

Fabília: Nossa.

Alcides: Era um trabalho muito legal.

Fabília: Neste grupo era que você trabalhava com o canto?

Alcides: Isto. Todos os grupos que eu trabalhei no CRAS era com o canto. Tanto o canto que era direcionado para a terceira idade, o canto direcionado para crianças e o canto direcionada para os adolescentes do Projovem.

Fabília: As tuas ações eram desenvolvidas através do canto.

Alcides: Exatamente. A maior criação musical era direcionada a base do canto.

Fabília: Eu iria te perguntar na sequência quais eram os usuários contemplados no serviço de Musicoterapia.

Alcides: Os três grupos, o maior era o grupo de idosos que eu acompanhei mais tempo, o Projovem quando existia a política que atendia os jovens eu fiz um trabalho com eles e as crianças também a partir de nove anos até doze.

Fabília: Eram então crianças de nove a doze, os adolescentes contemplados pelo Projovem e os idoso.

Alcides: isso. A clientela que era atendida nesta unidade.

Fabília: Neste unidade específica só tinha estas três clientelas?

Alcides: Estes três serviços, com idosos, crianças e com o Projovem.

Fabília: Recordo de quando você falou que vocês passam por todos os serviços.

Alcides: Exatamente, quando a política, nas capacitações o que diziam é “vocês que são profissionais que precisam trabalhar com todo mundo”. A gente até estranhava e dizia “Mais como é que eu vou trabalhar, tem gente que não tem perfil nem habilidade para trabalhar com idosos, nem para trabalhar com crianças. Tem gente que só sabe trabalhar na área de teatro com jovens”. Então isso foi alvo de muitos questionamento lá “estes são os profissionais e a Assistência Social precisa de profissionais que tenha perfil que possam estar trabalhando com todas clientela que por ventura o serviço for ofertado”. Então era assim, uma loucura.

Fabília: Eu imagino.

Alcides: Muitos questionamentos sobre isto, mas quem não se enquadrar no serviço tem que pedir para se retirar [risos] e algumas vezes a gente escutou isto “Quem não tiver perfil, tem gente querendo entrar e a gente muda”.

Fabília: Nossa. Bem característico de...

Alcides: De quem só sabe gerenciar e não tem sensibilidade para trabalhar.

Fabília: E precisa desta sensibilidade com todos, com equipe e com os usuários.

Alcides: Para entender que o profissional tem de dar o melhor de si no que ele sabe fazer de melhor e pode dar qualidade ao serviço.

Fabília: Com certeza. E destes serviço de Musicoterapia quais eram os recursos e os instrumentos que você utilizava?

Alcides: Eu utilizava, como na maioria era canto, na sala nós tínhamos os instrumentos de percussão, atabaques, tambores, triângulos e aqui eu utilizava com os idosos, alguns idosos gostavam de tocar, eu utilizava em algumas músicas as percussões para dar um envolvimento maior no grupo e para mexer mais. Com as crianças eu praticamente não utilizava a percussão porque eu queria direcionar mais para a questão do canto, tirar mais a questão da voz e as vezes gerava muita disputa querer pegar os instrumentos e eu evitava de usar os instrumentos com as crianças. Mas com os adolescentes do Projovem eu cheguei a usar o pandeiros, triângulos, instrumentos básicos e o trabalho que eu fiz também com a parte do folclore. A gente tinha na unidade um boi, umas aburrendas do reisado, então eu cheguei a usar este material.

Fabília: Tinha o quê? Desculpa eu não entendi.

Alcides: Algum material de folclore na unidade.

Fabília: sim, do reisado.

Alcides: O bumba meu boi, a burrinha dos caretas

Fabília: Ah bumba meu boi do reisado.

Alcides: Isso aí são os personagens do reisado. A gente tinha duas figuras e eu cheguei a trabalhar com este recurso deste material que a gente tinha para trabalhar com os adolescentes. Mantendo o trabalho folclórico com as músicas do reisado.

Fabília: Bem cultural também.

Alcides: Exatamente e a gente conseguiu montar um trabalho bem legal e chegamos até a fazer apresentação em uma mostra do Projovem que tinha. Destes adolescentes que fizeram um trabalho resgate a cultura através do canto e do Reisado.

Fabrícia: Da questão folclórica.

Alcides: Como na minha condição de educador eu tinha muitas coisas que eu poderia estar utilizando para envolver o grupo, embora o meu objetivo não fosse fazer um trabalho excelência no sentido da Educação Musical, mas um trabalho de resgate cultural então eu utilizava desta minha condição de educador para que meu trabalho tivesse uma qualidade. Inicialmente tivemos resultados bem interessantes com as músicas que estavam envolvendo todo mundo.

Fabrícia: Muito bom, dá para perceber que envolveu todo mundo e cultura em si ela se encarrega de fazer isto e a utilização da música.

Alcides: Exatamente então a gente fazia muito isso. A gente tinha disponibilidade de tudo isto, a gente tinha este material do Reisado, algumas peças, outras eu tinha em casa e levava para somar e com os idosos a gente fazia utilizando alguns instrumentos de percussão o pandeiro, o atabaque.

Fabrícia: Você enquanto musicoterapeuta você utilizava algum instrumento?

Alcides: Eu tocava violão, eu sempre utilizei o violão como instrumento de condução para ir trabalhando esta questão do grupo. A questão da altura, da afinação, para deixar o grupo mais harmonioso, digamos assim. Eu sempre utilizava o violão.

Fabrícia: Agora a sua voz ficou ótimo, não sei do jeito que está mas agora ficou ótima. Por isso eu te perguntei alguma coisa de novo porque as vezes aqui para mim ela vem com um pouco de chiado e eu não entendia, mas agora está ótima.

Alcides: Para mim também está bem mais claro agora.

Fabrícia: Da sua atuação as ações que você desenvolvia era em equipe, tinha algum outro profissional envolvido?

Alcides: O último trabalho que eu fiz, dois trabalhos que eu fiz. Com as crianças eu trabalhei com um professor de flauta e teatro. Nós chegamos a montar um musical com as crianças. Ele ensaiava flauta com as crianças e eu envolvia elas dentro do trabalho do canto, com a professora de teatro e o professor de flauta que era o mesmo professor, ele fazia tanto teatro como flauta. Nós chegamos a montar alguns espetáculos utilizando as habilidade dele de teatro, as minhas de músico e musicoterapeuta a gente fazia grupos atuando em apresentações na própria unidade e em algumas escolinhas chegamos levar estas crianças para apresentar este trabalho. No com os idosos eu também fiz um trabalho com o professor de dança que é da unidade. A gente montou, o professor de teatro desculpa, chegamos a montar ano passado, nosso último espetáculo foi uma noite de natal com os idosos cantando e representando o presépio. Eu sempre busquei parceria com os profissionais, principalmente da área de arte da unidade, nós tínhamos professor de teatro e como tinha o professor de dança eu sempre buscava para fazer um trabalho de parceria para que o trabalho tivesse um caráter mais multidisciplinar. Para que os trabalhos ficassem mais, os resultados fossem bem mais expressivos e a gente podia está fazendo um trabalho mais, como eu posso dizer...

Fabrícia: Mais amplo?

Alcides: Mais de reforço que eram propostas na unidade e fazendo uma integração.

Fabrícia: No caso você buscava essa interação dos outros profissionais.

Alcides: Tanto eu como os outros profissionais a gente estava fazendo, o interessante era fazer.

Fabrícia: E esta interação ocorria.

Alcides: Ocorria dentro da unidade com os outros profissionais, tanto da atividade de teatro quanto a de dança.

Fabília: Dentro desta unidade você falou que procurava os profissionais mais envolvidos na área de artes e tem outro profissionais?

Alcides: Tinha, outros profissionais. Como lá era um lugar de referência sempre estava recebendo dos cursos de psicologia e serviço social.

Fabília: Que atuava lá como estagiários?

Alcides: Estagiários e atuava nos grupos com a gente. Eles passavam seis meses, no coral eles vinham e faziam parte mais, digamos assim teórica e faziam dinâmicas junto com a gente. Eles procuravam estar se envolvendo no trabalho com cada profissional era muito comum, quase todo ano tinha porque esta unidade era de referência. Quando eu comecei o trabalho da Assistência Social, o meu trabalho de musicoterapeuta com os idosos, as crianças e com Projovem. Tinha o trabalho do professor de teatro com esta mesma clientela e tinha o trabalho da professora de dança com esta mesma clientela. A gente tinha um modelo para as outras unidade que faziam parte do CRAS. Ele tinha uma equipe profissional também muito legal que eram as assistentes sociais que eram contratado na unidade, tanto os assistentes sociais quando os psicólogos que estavam trazendo os seus alunos da faculdade para fazer o estágio com esta clientela dentro Assistência Social, tanto da psicologia quanto do serviço social.

Fabília: Eles participavam também com você.

Alcides: Eles se envolviam nos ensaios, nos encontros com os idosos e também com as crianças.

Fabília: Da equipe que você estava relatando, achei interessante ter na mesma unidade um musicoterapeuta e um músico. Que era o educador musical na verdade, que era o professor de flauta.

Alcides: O professor de flauta tinha um grupo com os idosos, ele chegou a montar um grupo com os idosos e com as crianças. Ele sempre também buscando esta parceria.

Fabília: Como você descreveria as habilidades necessárias a um musicoterapeuta para atuar neste âmbito social?

Alcides: Primeiro ele precisa gostar de gente, eu acho que é fundamental gostar de gente, se você não gostar de gente, do ser humano, não tiver empatia você não vai conseguir realizar o trabalho. Primeiro gostar. Eu sempre gostei de trabalhar com pessoas, na minha função de educador eu sempre gostei de me envolver com grupos, com turmas a minha formação toda desde criança foi dentro de grupo de escoteiro, de igreja, grupos de jovens, então coisa de grupo ela me deu esta condição de ser uma pessoa hábil para estar trabalhando também com grupo. Eu acho que tem que gostar de gente. Eu tive experiência múltiplas com grupos. Gostar do que faz e ser um especialista, ter um conhecimento do produto que você vai trabalhar senão você não vai conseguir desenvolver seu trabalho com magnitude, dignidade e resultados positivos.

Fabília: Quando você fala produto, você fala da clientela ou da política?

Alcides: Eu falo do resultado, porque geralmente quando você trabalha dentro de uma instituição destas, as pessoas querem resultado visível, embora, na minha concepção o resultado ele é interior, o crescimento é pessoal, mas as vezes eles querem ver resultados. Você precisa mostrar alguma coisa, para mostrar que a sua condução como musicoterapeuta está valendo a pena dentro da unidade. O gestor fala assim “Como está o grupo? O grupo de idosos? Quando eles vão cantar?” Então quando eu falo de resultado é o aproveitamento daquele trabalho para a gente depois mostrar que é um trabalho que vale a pena ser continuado dentro de uma unidade.

Fabília: Ele tem que gostar de trabalhar com gente, com grupo principalmente e ter esta habilidade de mostrar o resultado do serviço.

Alcides: Ter capacitação, ser um cara que tenha conhecimento, tenha estudo para poder não estar fazendo as coisas improvisadas. Tem de ter o conhecimento do que vai fazer, tanto conhecimento da sua condição profissional quando da clientela que você vai ser dispor a trabalhar.

Fabília: Quais os objetivos da Musicoterapia no campo social?

Alcides: A gente trabalhava a questão da busca da qualidade, busca da qualidade de vida, no caso dos idosos a interação social, deixa eu te explicar, fugiu aqui [silêncio], a socialização com a família, muitas vezes as famílias, os filhos traziam os pais para a sessão, se era debilitado a o filho ficava junto então a gente procurava envolver algum familiar junto com a pessoas que ele levava para poder estar interagindo. Então esta questão da socialização entre familiares e os próprios idosos. Entre pais e crianças, em alguns momentos de reunião a gente procurava ficar envolvendo eles, um dos objetivos era fazer esta integração esse conhecimento entre as famílias. Dentro destes objetivos que a gente procurava estar trabalhando.

Fabrícia: Dentro deste campo que você estava inserido na Proteção Básica estes eram os objetivos que você trabalhava com os grupos.

Alcides: Além do fortalecimento dos vínculos com as famílias. Muitos falavam precisamos fortalecer os vínculos familiares e a música era uma forma de juntar quando as visitas dos pais nas reuniões, a gente procurava estar fortalecendo estes vínculos dos próprios familiares entre eles.

Fabrícia: Estas reuniões participavam a criança, participava todo mundo?

Alcides: Pais, criança e os profissionais da unidade, era quase que rotineira estas reuniões mensais. As vezes vinham muitos pais, outras vezes não vinham, mas eles sempre estavam procurando estas reuniões para fazer alguma atividade que a criança pudesse fazer junto com o pai, com o tio ou quem tivesse na unidade.

Fabrícia: Dentre esta atuação da Musicoterapia na Assistência Social, você estabeleceria alguma relação com a Musicoterapia Comunitária?

Alcides: Sim, eu acho muito parecido. Primeiro que você está trabalhando com grupos, na questão de trabalhar com grupos, para você abarcas uma quantidade dentro de uma e atender muitas pessoas dentro de uma unidade na qual eram vinte crianças e trinta idosos e chegava até mesmo a quarenta. Você tinha que ter esta habilidade de estar envolvendo outros. Eu acho que Musicoterapia Comunitária também trata disso de trabalhar com grupos, porque é um trabalho muito agrupamento de pessoas, ela também tem esta característica de estar juntando pessoas.

Fabrícia: Então essa de agrupamento, de juntar pessoas seria uma grande característica e relação entre a Musicoterapia na Assistência Social e a Comunitária.

Alcides: Exatamente. Eu acho que trabalhar com grupos é uma forma de você estar atingindo e trabalhando com várias pessoas ao mesmo tempo de diferentes idades, comportamentos, diferentes características, eu acho que tem muito haver.

Fabrícia: Por esta relação e como que você definiria...

Alcides: Embora, na minha visão, quando vocês fala de Musicoterapia Comunitária eu vejo que como um profissional que diretamente na comunidade para fazer o seu trabalho e neste meu trabalho do CRAS as pessoas que estão procurando o CRAS, são pessoas de várias comunidades que procuram o CRAS para serem atendidas, mas tem esta característica de um ir buscar e o outro o profissional ir até lá. Não sei se consegui explicar a postura do profissional.

Fabrícia: Então se entender bem a postura do profissional ficaria assim, na Comunitária o profissional iria para a comunidade para desenvolver este trabalho lá.

Alcides: Neste caso específico do CRAS, o CRAS está em uma região e as pessoas que vem buscar o CRAS, no caso são várias regiões e esta é uma micro região dentro de uma região grande, as pessoas estão buscando o CRAS para suas necessidades.

Fabrícia: E na Assistência Social a comunidade que vai para a instituição.

Alcides: Exatamente. A postura do profissional que tem de conhecer a realidade e trabalhar lá, essa outra não é a questão da busca do usuários pelo serviço.

Fabrícia: Entendi desta forma e como que você definiria a Musicoterapia na Assistência Social?

Alcides: Eu acho que é um serviço que ele pode, é um serviço importante, é um serviço importantíssimo, porque ele pode trabalhar com inúmeras vertentes. Você trabalhar em parceria com uma psicóloga, você pode trabalhar em parceria com uma assistente social. É uma área de atuação que dá esta liberdade e essa possibilidade de você estar trabalhando com outros profissionais. Ela dá essa deixa, com é que se diz, você tem essa oportunidade de estar trabalhando em parceria.

Fabrícia: Então seria uma musicoterapia que dá essa oportunidade de você permear por outro campos e em interação com outros profissionais.

Alcides: Um trabalho disciplinar. Veja uma questão a gente tem essa dificuldade estar organizando grupo de família, “como é que eu vou organizar este grupo de família? Como é que eu vou chamar as famílias?” Então eu muitas vezes eu fui chamado para fazer um trabalho de acolhimento, nestas reuniões com os psicólogos, com os assistentes sociais, aí eu fazia um trabalho musical e cantava música que tinha haver com as características dos pais e das pessoas que procuravam o serviço para no sentido de deixar eles mais tranquilos, para que eles pudessem estar recebendo as informações com mais tranquilidade. Até para estarem se envolvendo mais e trazendo mais familiares para a unidade, porque a unidade tinha que ter metas então tinha que ter gente na unidade, então tinha que ter gente que pudesse fazer esta ponte.

Fabrícia: Tem que ter usuário.

Alcides: Eu fiz muito esse trabalho com as famílias quando tinha reuniões, para mostrar a importância do trabalho do CRAS.

Fabrícia: Agora vamos caminhando para nossas duas últimas perguntas da entrevista. De tudo isto que nós falamos eu queria um pouquinho também do que você falou do fórum aí em.

Alcides: Da parte mais prática.

Fabrícia: Esta foi uma parte o quê?

Alcides: digamos assim de política, a parte mais burocrática. Eu como musicoterapeuta eu estava nessa unidade e foi criado vários fóruns estaduais dos trabalhadores do SUAS e as várias categorias contempladas com esta nova resolução de 2011 e aí dentre elas estava a questão do musicoterapeuta aí a assistente social me convidou, se a associação não queria estar. Eles procuraram a associação e a associação me indicou, como eu estava trabalhando no CRAS para estar representando a associação dentro do Fórum Estadual que foi implantado aqui em Teresina de Musicoterapia. Eu participei de várias reuniões, até o ano passado eu participei, depois fiquei sem tempo e foi nomeado outra musicoterapeuta para ficar participando e acompanhando os trabalhos do Fórum.

Fabrícia: E nesta parte política você ficou quanto tempo?

Alcides: Fiquei dois anos como representante da Associação de Musicoterapia de Teresina dentro do Fórum Estadual de Trabalhadores da Assistência Social.

Fabrícia: E as ações que ocorriam lá enquanto musicoterapeuta representante da associação, quais eram as ações?

Alcides: A gente se reunia mensalmente para ter, das ações do fórum dentro das conferência a gente fazia parte das mesas, das reivindicações dos trabalhadores, a gente estava buscando com que a prefeitura concluísse os seus organogramas, estas categorias que entraram no serviço para que nos próximos concursos estas categorias fossem contempladas. É lento e a gente estava praticamente engatinhando e uma das lutas, além instalar o fórum estadual era instalar os fóruns municipais. Eu tive que deixar, por questões pessoais eu tive que deixar e não acompanhei mais os trabalhos do fórum. Eles continuam se reunindo, só que eu estou meio por fora porque tem mais de um ano que eu deixei, mas até a conferência do ano passado, Conferência Estadual de Assistência Social que foi em novembro ou outubro eu não lembro, a gente participou aqui eu estava como um dos participantes do fórum, representante da associação.

Fabrícia: No caso você participou nestes anos no âmbito estadual.

Alcides: É eu participei dentro do Fórum Estadual aqui do Piauí. A política era começar a implantar os fóruns municipais para que abrangesse todas as categoria e todos os níveis fossem contemplado e daí a divulgação das novas categorias que faziam parte da nova política de Assistência Social na qual a gente está incluída.

Fabrícia: Dentre os profissionais que participavam com você, quais eram as áreas?

Alcides: Tinha o sindicato dos psicólogos, os dos fisioterapeutas, o de assistência social, o sindicato dos trabalhadores da Secretaria Estadual de Assistência Social do sindicato, o antigo SindCREFITTO, tinha também a categoria da contabilidade que também foi contemplada. A gente conseguiu quase todas as categorias que são contempladas pelo SUAS estavam envolvidas no fórum.

Fabrícia: Neste âmbito também.

Alcides: Exatamente, a gente conseguiu abarcar todos eles dentro do fórum.

Fabrícia: Era uma atuação também multidisciplinar.

Alcides: Exato, a gente procurava envolver toda a turma. Eu fiquei até como vice presidente do fórum uma época.

Fabrícia: Muito bom. Então além desta atuação.

Alcides: Os musicoterapeuta foram bem representado aqui Teresina, a musicoterapia foi bem representada. O ano passado eu recebi a visita do Paraná, ela estava fazendo o trabalho nesta área, esqueci o nome da musicoterapeuta que veio aqui.

Fabrícia: Ela fez uma visita ao seu espaço?

Alcides: Meus Deus eu esqueci, era Guazina.

Fabrícia: Laís Guazina? Tem a Jakeline também.

Alcides: Foi a Jakeline e teve outra que a gente, se bem que tinha reuniões no Skype e a gente sempre estava discutindo aqui como representante do Piauí.

Fabrícia: Tem a Camila também. A Camila e a Jakeline.

Alcides: Ah foi a Camila. A Camila esteve aqui em Teresina a gente conservou muito a respeito do meu trabalho aqui, ela esteve aqui, passou uma semana, a gente se conheceu, eu falei da minha atuação na Assistência Social. A professora Lia Rejane também eu enviei o meu artigo da minha, ela estava fazendo um trabalho sobre a atuação do musicoterapeuta na Assistência Social e a minha monografia de conclusão de especialização foi dentro da Assistência Social do estado eu fiz em uma abrigo feminino.

Fabrícia: Nossa, depois eu vou te pedir, se a tua monografia estiver disponível na internet ou você puder compartilhar de outra forma.

Alcides: Eu fiz a monografia e depois eu fiz um artigo em cima do trabalho com as adolescente do abrigo feminino, que estavam internadas, elas tinham vínculos familiares e estavam só no sentido o vínculo tinha sido quebrado, então elas estavam aguardando o fortalecimento destes vínculos. Eu fiz um estágio de oito meses lá e meu estágio foi todo em cima deste trabalho com estas adolescentes. Foi o início do trabalho meu na Assistência Social só que esse abrigo é ligado ao Estado.

Fabrícia: Então agora a gente retornou nós temos ainda dois questionamentos, mas a gente conseguiu contemplar as dezesseis perguntas. De tudo que a gente conversou e que você falou da sua atuação enquanto musicoterapeuta, com toda a clientela de crianças, adolescentes, idosos e famílias, nos objetivos, também a tua participação enquanto atuação política também.

Alcides: No fórum.

Fabrícia: Tem alguma música que você usaria para definir a tua atuação como musicoterapeuta nesta área?

Alcides: Olha se for analisar acho que tem, com certeza.

Fabília: Tem?

Alcides: Tem sim. Primeiro seria e tem letra “Viver e ser um eterno aprendiz” [trecho cantado]

Fabília: É O que é, o que é de Gonzaguinha?

Alcides: Exatamente, é uma música que sempre retrata as coisas que a gente está buscando aprender, a beleza de ser um eterno aprendiz, é a vida, é bonita, é bonita. Essa música eu acho que ela define a minha atuação dentro deste trabalho eu vivi.

Fabília: É ser um eterno aprendi então.

Alcides: É exatamente, a gente está sempre aprendendo e buscando. Sempre tem que estar alerta, a vida segue.

Fabília: É um espaço para isto.

Alcides: A primeira música que veio na minha cabeça foi esta e fazendo uma análise ela é a música que se define e posso dizer que representa este trabalho que eu venho desenvolvendo.

Fabília: Chegamos na nossa última pergunta eu queria saber de tudo que falamos, dos questionamento que te fiz se ficou algo que você sente necessidade acrescentar, alguma informação que eu não te perguntei ou que naquele momento você não lembrou e no decorrer você gostaria agora de acrescentar. Você tem algo que você gostaria de acrescentar em tudo que nós conversamos?

Alcides: Eu acho que a gente precisa fortalecer esse movimento da Musicoterapia dentro da Assistência Social que ainda está muito tímido. As pessoas nem conhece o trabalho do musicoterapeuta, porque parece que está se formando o perfil deste terapeuta ainda está se definindo, algumas coisas ainda estão sendo questionadas e eu acho que falta um conhecimento do profissionais, dos gestores, dentro da polícia nacional, estadual principalmente do conhecimento destas atividades e destas ações que o musicoterapeuta pode estar possibilitando. Mais eu acho que cabe a nós, cabe ao profissional fazer com esta mentalidade, esta forma de ver a musicoterapeuta dentro da Assistência Social como uma coisa que realmente vale a pena, que não seja apenas entretenimento, mas que tenha resultados que possam estar contribuindo com o fortalecimento de vínculos, com a mudança, não é nem mudança com qualidade de vida, fazendo com que as pessoas se socializem mais, passe a viver cada vez melhor. Eu acho que é por aí.

Fabília: Dos dois lados então, do profissional e da gestão.

Alcides: Alguns falam “ah a música, a música... A música é envolvente”, fica muito por alto. A valorização do profissional também é uma coisa que a gente precisa lutar muito para que a gente consigo o nosso espaço dentro da Assistência Social. Eu saí mais da Assistência Social por questões financeiras, porque o trabalho que eles me pagavam como instrutor de música, eu recebi propostas para trabalhar ganhando um salário bem melhor do que eu estava fazendo. Eu senti muito quando eu garanti o trabalho, principalmente o trabalho que eu fazia com os idosos, que era um trabalho que eu fazia aqui e o CRAS fica perto da minha casa. Então sempre que eu encontro os idosos eles perguntam “Quando é que você vai voltar? Lá acabou as coisas no CRAS, na unidade não foi mais ninguém”. Fica essa saudade e esta vontade de voltar.

Fabília: Pelos vínculos construídos.

Alcides: É construído demais. A falta reconhecimento de trabalho então isso está fazendo eu partir para uma outra vertente do trabalho terapêutico.

Fabília: Esta parte de reconhecimento e mais voltado também pelo financeiro.

Alcides: Porque a gente precisa sobreviver, a gente que faz um trabalho com amor, sabe que tem perfil, é tanto que eles não conseguiram outro profissional e ainda estão correndo atrás. A minha vaga lá nunca foi preenchida. De vez em quando os profissionais ainda me ligam e eu vou lá fazer alguma atividade, alguma dinâmica eu passo lá e faço alguma coisa, mas é pela amizade com as pessoas que ficaram lá, mas pela questão da gestão

mesmo, eles não valorizam o trabalho profissional. Porque também não tem concurso ainda que possa estar contemplando a gente como profissional, a gente tem que ficar à mercê do trabalho, do salário mínimo, do salário que não condiz com o que você realmente merece ganhar.

Fabília: Ainda não estava condizente como você fala, para a categoria, para a atividade.

Alcides: Exatamente. Falta muita gente buscar, por isso é importante as questões do fórum para estar dando direcionamento aos profissionais. Principalmente a nós que somos uma profissão nova dentro da Assistência Social e as pessoas desconhecem muito para que a gente possa, o estado, o município possa estar valorizando o profissional a nível de outros profissionais também que são terapeutas.

Fabília: É uma busca que também é nossa Alcides. Não podemos parar de forma alguma, temos que caminhar juntos.

Alcides: Caminhar mesmo.

Fabília: A gente conseguiu contemplar.

Alcides: Espero que ter contribuído com você neste trabalho, algumas coisas teóricas eu sou muito prática, você me perguntou dos princípios, eu não lembro de nada. Só se eu ler alguma coisa eu vou atrás de saber [risos].

Fabília: Mas você teve a oportunidade de ler e desenvolvia teu trabalho com base neles.

Alcides: Sim, desenvolvia. Agora para lembrar da parte teórica aí eu tenho que voltar pra ler algumas coisas direitinho.

Fabília: Não tem problema.

Alcides: Eu sei que foi um trabalho bacana aqui dentro da unidade e não sei se vai ter tempo você pode consultar o trabalho.

Fabília: A gente perguntou e você complementa com aquilo que você está lembrando.

Alcides: A vivência diz muito também do que você é capaz de fazer sabe. A vivência é prática e ter dar muito deste embasamento, é prático diz muito do que você é capaz e que você pode ser capaz de desenvolver.

Fabília: Mas tenha certeza também que você colaborou muito. A gente já teve a oportunidade de ouvir outros colegas que estão em outros estados, em outras unidades especializada de Alta Complexidade, na Básica também e todos vocês trazem para a gente coisas bem ricas e tudo é necessário considerar. Cada um que eu estou tendo a oportunidade de ouvir está sendo muito rico poder ouvir você. Agradeço por você ter disponibilizado, já estamos a uma hora conversando e você compartilhando comigo. Passou rápido.

Alcides: Acabei de achar o clipe da entrevista mandei aí para você.

Fabília: Ah sim o TCLE eu recebi aqui.

Alcides: Achei aqui mexendo e já mandei.

Fabília: Tudo bem. Obrigada. Agora que a gente ouviu vocês ainda vou realizar algumas entrevistas pela frente, mas depois como a nossa entrevista está sendo gravada, ela será transcrita para fazer a análise de tudo que vocês estão compartilhando conosco e a data prevista de defesa do trabalho será em abril de 2016. Neste período sinta-se à vontade, quando você precisar saber, “Fabília como é que está o andamento da pesquisa?” Eu estou à disposição, a professora Cláudia também está à disposição para gente ir compartilhando. Assim que a gente finalizar este processo, com muita satisfação eu quero compartilhar com todos vocês. Porque este trabalho só está sendo possível construir porque vocês estão participando e colaborando, todos, com a pesquisa.

Alcides: É um maior prazer.

Fabília: Eu agradeço por você ter disposto o seu tempo e se precisar, se tiver alguma coisa da entrevista que depois você queria acrescentar é possível. A gente pode falar pelo whatsapp, pelo e-mail, fica à vontade estou à disposição.

Alcides: Tá bom.

Fabília: Obrigada Alcides. Vou te desejar uma ótima noite, a gente está conversando é segunda uma boa semana também de trabalho.

Alcides: Obrigada para você também. Está em casa, está na Bahia?

Fabília: Estou, mas a trabalho. Daqui uns dias já estou de volta em Goiás novamente.

Alcides: Professora Leomara deve estar passando estes dias por aqui de novo. Ela sinalizou que está vindo para cá. Ela está vindo das uns cursos aqui e em Fortaleza.

Fabília: Acho que vi um cartaz, sobre isto mesmo.

Alcides: Estive em Fortaleza, porque eu estou dando a disciplina de MPB dentro do trabalho da Especialização. Deixei todo mundo lá empolgado com a Musicoterapia.

Fabília: Opa que coisa boa [risos]. Eu tive aula com a Leomara quando ela estava aposentando. A minha turma foi a última. Ela terminou a disciplina e anunciou que era a última disciplina e turma que ela estava lecionando e iria se aposentar a partir daquele ano da docência. Foi uma satisfação imensa tê-la como professora e uma riqueza e espero que você aí aproveitem bastante.

Alcides: O esposo dela tem parentes aqui, então todo ano ela vem e a gente aproveita.

Fabília: Que cosia boa. Um abraço.

Alcides: Um abraço.

Fabília: Tchau Alcides, boa noite, um abraço.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Transcrição da Entrevista

ALMEIDA, Cristiana Furtado de. **Cristiana Furtado de Almeida**: entrevista [jun. 2015]. Entrevistadora: Fabrícia Santana. Goiânia: UFG, 2015. Mp3. Entrevista concedida à pesquisa A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Nome: **Cristiana Furtado de Almeida**

Cidade/UF: **Niterói-RJ** Idade: **35 anos**

Local de Trabalho: **DEGASE - Departamento Geral de Ações Socioeducativas**

Associação de Musicoterapia: **AMTRJ**

Data da realização da entrevista: **12/06/2015**

Cristiana: Que foi filho? [conversa com o gato de estimação]

Fabrícia: Nossa, olha o gatinho (risos). Está aí também. Então a partir de agora as nossas vozes já estão sendo gravadas e a gente já parte. Com relação ao TCLE você alguma dúvida? Alguma coisa que precisava te esclarecer? Ou Tudo Tranquilo?

Cristiana: Não, tudo tranquilo.

Fabrícia: Nossa entrevista, ela está dividida em três partes.

Cristiana: Ahan.

Fabrícia: A primeira parte dela é um cabeçalho onde eu vou preencher com algumas informações suas que é nome completo, a cidade de onde você está falando comigo, idade, local de trabalho e Associação de Musicoterapia que você está vinculada.

Cristiana: Tá

Fabrícia: O nome completo?

Cristiana: Cristiana Furtado de Almeida. Cristiana sem h.

Fabrícia: Cidade?

Cristiana: Niterói, Rio de Janeiro.

Fabrícia: Quantos anos?

Cristiana: 35

Fabrícia: E o local de trabalho?

Cristiana: Eu trabalho no DEGASE, Departamento Geral de Ações Socioeducativas.

Fabrícia: Departamento Geral de...?

Cristiana: Ações Socioeducativas do Rio de Janeiro, mas todo mundo conhece com esse nome DEGASE.

Fabília: E a Associação de Musicoterapia que você está vinculada?

Cristiana: AMT-RJ

Fabília: Bom! Agora a gente já parte para os outros blocos. O primeiro é sobre a atuação profissional mesmo, mais voltado para esta área e o segundo bloco é sobre atuação musicoterapêutica. Então, são ao total dezoito perguntas e você pode ficar a vontade, se tiver alguma pergunta que você não queira responder, a gente pode seguir para a próxima. Se precisar também de algum minuto, precisar interromper, fica a vontade. E acredito que uma pergunta ela vai puxando a outra, eu queria te deixar livre para você ir respondendo como achar melhor.

Cristiana: Ahan

Fabília: A primeira pergunta é há quanto tempo você está atuando como musicoterapeuta na área social?

Cristiana: E, na área social você está querendo dizer DEGASE?

Fabília: Isso!

Cristiana: São dois anos e meio.

Fabília: Além do DEGASE você está inserida em outra área? Algum outro espaço?

Cristiana: É eu tenho consultório então.

Fabília: No caso todos os questionamentos a gente direciona para ele, só para a atuação no DEGASE.

Cristiana: Tá bom!

Fabília: Tá bom? Qual que é a tua formação?

Cristiana: Graduação em Musicoterapia me formei em 2008. Depois fiz pós-graduação em Psicomotricidade e concluí uma formação agora em psicomotricidade. Então eu sou musicoterapeuta, psicomotricista e terapeuta corporal.

Fabília: Sobre o Sistema Único de Assistência Social, você conhece os princípios e diretrizes? Do SUAS?

Cristiana: Olha eu já dei uma lida, mas eu não saberia te dizer assim.

Fabília: Algum deles seria possível você comentar?

Cristiana: (risos) Na verdade assim, eu fiquei pensando no que eu poderia te ajudar mesmo. Porque eu não tenho o menor contato com isto, com esta parte teórica, e de verdade, embora eu atendo os adolescentes que estão em risco social, que estão e... Eu particularmente não entro em contato com esta parte mais de política, digamos assim. Então, talvez eu não sei se vou conseguir te ajudar. Então...

Fabília: Dentro da área do SUAS, ela é dividida em níveis né? Pela classificação a gente tem o nível Básico, o nível Especial e o Especial é dividido em mais dois níveis que o de média complexidade e o de alta complexidade. Como você falou um pouco sobre esta questão política, que não é, que você não tem contato muito, mas você saberia mais ou menos dentro deste níveis, saber em que nível você está trabalhando?

Cristiana: Não. Deve ser de alta complexidade né?

Fabília: É possível. Como tem o básico, o especial que é média complexidade e de alta complexidade. Pode ser que seja de alta complexidade. Atualmente como é o seu vínculo empregatício?

Cristiana: Eu sou estatutária. Esse negócio de ser musicoterapeuta, estava pensando aqui, nem todo mundo do DEGASE esta noção não, pelo menos da equipe que eu trabalho não ser a que atuam diretamente no SUAS. Elas devem saber mesmo isto, mas as que estão lá dentro talvez não tenham muita noção assim não, posam imaginar também que seja de alta complexidade.

Fabília: Quando você assim “as que estão lá dentro” é que faz esta parte prática?

Cristiana: É. Assistente Social. São as que mais lidam com esta parte do SUAS. Psicólogos também, mas as assistentes sociais são as que mais, que assumem mesmo o telefone, ligando, vamos lá! O CREAS, enfim... não sei todos os órgãos que estão envolvidos no SUAS.

Fabília: E deste período que você atua na instituição, você já recebeu algum tipo de capacitação ou buscou por conta própria?

Cristiana: Em relação a isto não! Mas em relação a minha área de atuação lá dentro que é no núcleo de saúde mental. Inclusive eu estou, aguardando hoje o resultado porque eu quero um [não compreendido] nasceu comigo, uma especialização em saúde mental e atenção psicossocial. Mais, e, não tenho capacitação, tem para psicólogo, tem para assistente social mas para musicoterapeuta, pra quem está na saúde mental assim são coisa mais específicas da saúde mental. Para musicoterapeuta não!

Fabília: E como que aconteceu esta sua inserção lá? No DEGASE?

Cristiana: Concurso.

Fabília: Concurso.

Cristiana: Só tinha vaga só.

Fabília: Eu acho que recordo quando foi este concurso. Parece que ele foi divulgado e só tinha vaga para o Rio de Janeiro. Acho que estou um pouco lembrada. Agora a gente parte diretamente para atuação musicoterapêutica né. Enquanto as ações desenvolvidas. Quais são os espaços que ocorrem a musicoterapia? Você conseguiria descrever pra mim?

Cristiana: Olha, e... O espaço dentro da unidade onde eu atuo, nós temos uma sala, que é a sala do núcleo de saúde mental. E nessa sala eu tenho instrumentos, tenho armário que eu posso guardar estes instrumentos. Mais quando não é possível eu uso qualquer outro espaço que seja, que tenha qualquer um nível de reservado, mas no DEGASE não tem isso. Não tem essa coisa reservada, por causa da questão da segurança. Então tem sempre, as salas não tem porta, é tudo aberto assim, para as pessoas sempre olharem e ver o que está acontecendo. Na sala do núcleo tem uma porta, que a gente acredita que... além do sigilo, este espaço garantido é importante. Mais quando é uma situação muito específica e grave, a gente até mantém a porta aberta por uma questão segurança nossa e do garoto também, do adolescente. Mas a gente por usar, eu já usei a quadra, eu já usei refeitório, eu já usei auditório, mas eu gosto quando eu uso essa salinha fechada. A gente pode...

Fabília: Esta sala também não tem porta?

Cristiana: Essa sala tem porta. Eu uso a porta fechada, mas quando é uma situação específica de um pouco mais de gravidade de risco para mim eu deixo a porta aberta, não só eu como os outros profissionais que utilizam a sala.

Fabília: Esta sala então ela é compartilhada?

Cristiana: Esta sala é compartilhada.

Fabília: mas aí te um espaço para você guardar o material de musicoterapia.

Cristiana: Tem. O armário eu compartilho com a Terapeuta Ocupacional. Então guardamos todos os materiais ali. Os instrumentos maiores a gente deixa do lado de fora, né. O tantan, mas o resto guarda dentro do armário.

Fabília: E nessas, Como que essas ações desenvolvidas de musicoterapia?

Cristiana: Como são os atendimentos?

Fabília: É.

Cristiana: Olha, e... vai muitos da minha forma, da minha leitura do que seja musicoterapia e da minha forma de trabalhar né? Então assim, e... (silêncio). Até chegar na música para alguns adolescentes é difícil. Então eu vou por outros caminhos, não sei se ele vai chegar na música se ele deseja isso. Então mais tem outros que chegam olha os instrumentos. Quando eu me identifico com a musicoterapeuta, já que logo trabalhar, cantar, quer fazer alguma coisa neste sentido. Então assim depende muito do adolescente. Depende muito dele. Eu gosto muito quando a música já faz parte do contexto musicoterapêutico, eu gosto de trabalhar com composição. Já trabalhei com improvisação me eles são bem tímidos, ao contrário do que as pessoas imaginam, eles ficam muito retraídos né. Então já trabalhei com composição e um resultado bem bacana assim.

Fabília: Nesse serviço os usuários são apenas adolescentes ou tem alguns outros mais?

Cristiana: São apenas adolescentes. De quatorze até dezoito anos. Podendo ultrapassar os dezenove se já estiver lá dentro e já fizer aniversário, com dezenove anos, eu tenho adolescente que eu atendo que tem dezenove anos.

Fabília: Então eles cumprem até o que diz a menor idade?

Cristiana: Não. Eles cumprem o que o juiz determina. A medida socioeducativa ela, a de internação ela pode ir até três anos. Então se o garoto faz o aniversário lá dentro, se ele faz dezenove anos, se ele faz vinte ele tá cumprindo ainda, se ele recebeu a medida com dezessete anos ou dezoito. Com dezoito é mais difícil receber medida socioeducativa, mas com dezessete e meio ele ainda recebe. Então se for um ato infracional muito grave e ele precisar ficar dois anos e meio, ou três anos então ele vai completar vinte anos lá dentro.

Fabília: Vai permanecer o período estabelecido em cumprimento da medida.

Cristiana: É até o juiz concluir que ele pode retornar a sociedade.

Fabília: Dos recursos que você utiliza para fazer os atendimentos, quais são os recursos materiais e até os instrumentos musicais também?

Cristiana: Bom eu tenho violão, dois tantan, uma caixa, tenho panderola, tenho clava, e... tenho tamborim, eu uso e... eu gosto de usar muitos jogos, eu já... na verdade eu uso muito xadrez, e... eu uso desenho, folhas, canetinhas, lápis de cor, tem adolescente que a gente está escrevendo um livro, tem adolescente que a gente está escrevendo um gibi, tem... eu uso gravador pra gravar a voz do adolescente e aí que ele vai se dando conta da mudança da voz dele, e... já utilizei CD, já gravamos CD de composição do adolescente, enfim, são muitos materiais aí.

Fabília: Quando você fala que tem adolescente, cumprindo Gibi é porque os atendimentos funcionam tanto individual quanto grupal também?

Cristiana: Não... É difícil fazer grupo assim, porque tem as questões das facções e para além das questões das facções tem as questões tem as questões pessoas assim. O ato infracional influencia do garoto ser excluído lá dentro por outros adolescentes, entendeu? Então é assim, fazer grupo é bem complicado.

Fabília: Então os atendimentos são individuais.

Cristiana: São individuais. Eu já tentei aí dá vários problemas, “ah posso embora?”, “não quero ficar”, Enfim, mas...

Fabrícia: É, são as necessidades de adaptações né?

Cristiana: É. Da pra fazer de três no máximo quatro, cinco já é muito coisa.

Fabrícia: Difícil. Por essa realidade que você tem pontuado toda essa questão ética e de cuidado mesmo seu, é importante né. E as suas ações, são desenvolvidas em equipe? Tem outros profissionais que participam com você das atividades?

Cristiana: Olha, no momento não! Já fiz parceria com a terapeuta ocupacional e com a psicóloga, mas não é sempre por causa da demanda da instituição mesmo, e assim, as cargas horárias cada uma distribui em dias diferentes, então quando calha de cair junto nem sempre dá pra fazer um trabalho junto. Entendeu? Então assim, é um trabalho de equipe, a gente estuda caso na medida do possível, quando é possível, não tem tanto estudo de caso como deverias ter, mas por causa da demanda institucional mesmo. As vezes os dias não calharem, e assim a gente faz tipo estudo de caso no corredor, vamos almoçar e a gente vai falando, é muito estressante, é um correria o tempo todo e demanda atenção o tempo todo.

Fabrícia: Essa interação então ocorre quando é possível.

Cristiana: Quanto é possível. Há um desejo que seja mais, que seja frequente, mas a gente vai entendendo que é quando é possível.

Fabrícia: É, faz parte da realidade também.

Cristiana: Faz!

Fabrícia: Como que você descreveria as habilidades necessárias para o musicoterapeuta trabalhar neste âmbito social?

Cristiana: As habilidades necessárias do musicoterapeutas?

Fabrícia: Do musicoterapeuta.

Cristiana: Eu acho que deveria conhecer bem tudo que envolve, né? Então assim, por exemplo eu não sei nada sobre o SUAS, sobre SUS, mas tenho curiosidade e vou ouvindo algumas pessoas falando, as pessoas que vão atuando nestas áreas eu vou ouvindo, mas por exemplo na saúde mental que é o que eu trabalho, eu estou correndo atrás de me especializar nisso, por mais que já tenha trabalhado com saúde mental é sempre diferente, assim. Sempre trabalhei numa coisa mais clínica. Agora pra essa coisa da rede isso, daí eu sempre deixei pra lá entendeu, tem outro que vai fazer. Eu estou aqui, mas estou olhando mas não estou me prendendo nisto, só que agora eu não. Eu acho que eu preciso me apropriar disto! Saber rede, a onde recorrer, aonde encaminhar, mas isso é meu. E... Então eu acho que o musicoterapeuta tem que estar bem ligado até para poder mostrar a cara da musicoterapia mesmo.

Fabrícia: Conhecer o serviço e a rede a que ele faz parte seria isto.

Cristiana: Isso. Eu estou bem atenta ao que está rolando, entendeu. Acho que o musicoterapeuta precisa estar nestes lugares, né. Sair um pouco do lugar onde eu me encontro. Do tipo, 'Ah deixa que o outros faz'. Eu sempre acompanho, mas não me envolto, entendeu. Só que agora neste momento profissional, estou buscando me envolver mais.

Fabrícia: E das habilidades musicais?

Cristiana: Bom, eu sempre acredito que o musicoterapeuta ele precisa estar sempre estudando música, mas não vejo como primeiro lugar não, porque a leitura musicoterapêutica não é a leitura da música. Nem a leitura de um terapeuta, é uma leitura musicoterapêutica. E esta leitura musicoterapêutica ela é multi, então ela é musical, ela é terapêutica, ela é uma porção de coisas, artística. Política inclusive, mas eu acho que a bagagem da vida do musicoterapeuta também, tem muitas coisas que ele vai lendo, as coisas que ele vai estudando, as formações que

ele vai fazendo, isso tudo entra no atendimento. Não tem como, isso a singularidade do atendimento. Enfim, não sei se é isso [risos].

Fabrícia: Quando você fala da musicoterapia na área da saúde mental seria dentro do espaço DEGASE também?

[silêncio]

Cristiana: Como assim?

Fabrícia: Algumas vezes você falou “ a área que eu trabalho é saúde mental”, seria lá dentro do espaço do DEGASE também? Assim, é atendimento específico para saúde mental?

Cristiana: O grupo que eu atendo é o grupo específico de saúde mental.

Fabrícia: Dentro do DEGASE.

Cristiana: Isso! É por assim, tem os grupos que são responsáveis pela execução da medida socioeducativa do adolescente é composta por psicólogos, assistentes sociais e pedagogos. Só que a o Núcleo de saúde mental é um grupo a parte destras equipe de medidas, medidas socioeducativas. O núcleo de saúde mental, por exemplo, não faz relatório para o juiz, ele faz se o juzi pedir “nós queremos uma avaliação deste adolescente” então a gente escreve uma avaliação mais com conteúdo mais clínico, vamos dizer assim. Então a gente atende os casos mais complexos e mais complicados. A gente entende que todos os casos que vão para são complicados, mas tem os que são ultracomplicados.

Fabrícia: Imagino, aí vocês ficam responsáveis poderia se dizer pela parte prática do desenvolvimento deles?

Cristiana: Pela questão institucional, é uma característica do núcleo de saúde mental atender todas semana, por exemplo, as equipe de medida não consegue atender toda semana. Então as vezes quando elas identificam um caso que é muito complicado e elas não conseguir dar conta, elas indicam para o núcleo sabem que lá ele vai estar acolhido, vai estar amparado, acolhido e vai estar sendo atendido.

Fabrícia: Semanalmente.

Cristiana: Semanalmente. O diferencial é este!

Fabrícia: Agora consegui esclarecer um pouco mais, porque quando você estava falando sobre a parte de saúde mental, qual responsável, eu não tinha conseguido ainda fazer esta ligação entre o núcleo e dentro do DEGASE. Mais agora você explicando ficou mais claro, compreender como que é esta ação voltada pra uma leitura, a proposta do grupo, voltada para o olhar da saúde mental e estas duas equipes.

Cristiana: O núcleo de saúde mental só existe em unidade de internação. Isso é importante porque os CREADs, sem liberdade, liberdade assistida, nas comunidades onde tem os CREAS, CRAS, não tem. Só na internação.

Fabrícia: Faz parte lá dentro da organização da instituição mesmo né, da instituição em ter estes núcleos.

Cristiane: Isso.

Fabrícia: Da musicoterapia na Assistência Social, você conseguiria estabelecer alguma relação dela com a musicoterapia comunitária?

Cristiana: [suspiro] Olha eu precisaria ler mesmo sobre a Assistência Social é claro que deve ter, mas eu não tenho este conhecimento. A Marly a minha professora que me indicou você ela fez mestrado sobre isto então imagino que deve ter um mundo de possibilidades, mas eu Cristiana não tenho esse conhecimento não. Não queria falar besteira. [risos]

Fabrícia: Não sei besteira, mas tranquilo [risos]. Sobre esta relação agora você não teria essa informação se ela tem afinidade ou alguma relação ou não, mas tudo bem a gente pode passar para o próximo questionamento que é como você definiria essa Musicoterapia na Assistência Social?

Cristiana: Acho que eu deveria ter estudado um pouquinho antes [risos]

Fabrícia: Não, mas daí você fala pra mim na tua realidade, do que você está vivenciando. Você está vivenciando uma Musicoterapia na área da Assistência Social. Talvez como você falou da questão de se apropriar, pode talvez te fortalecer mais na hora de você dá um retorno, mas isso é o que você está vivendo. Esta vivendo uma Musicoterapia dentro deste âmbito. E como você poderia definir esta musicoterapia?

Cristiana: Olha eu não faço ideia, mas eu vou tentar aqui. Vou falando algumas coisas que...Talvez fosse mais fácil contar casos do que ficar definindo, porque eu não faço, eu não tenho essas conexões, mas por exemplo, vamos lá. Eu atendi uma adolescente e ele foi encaminhado para mim, especificamente, para musicoterapia, porque ele tocava violino. Aí e era um caso complicadíssimo então ele tocava violino na comunidade. Ele aprendeu a tocar violino num projeto da comunidade. A assistente social que encaminhou pra mim. Ela atendeu a mãe tal e beleza. Recebi o menino e a mãe disse que traria o violino. Ela trouxe o violino e quando ele viu assim, ficou todo bobo, ele contou como ele ganhou, que foi presente do projeto. Que deram o violino pra ele e aí só que o violino faltava algumas peças e eu fui pesquisar sobre violino. Não conhecia nada sobre violino. Aí descobrimos o nome das peças que faltavam e falei olha, nem ele sabia e passou saber. Eu fui e conversei com a assistente social, a gente ligou junto para a mãe eu falei com a mãe. A mãe “como é que eu vou conseguir isso?”. Aí entrei na internet e sei lá, procurei o lugar que fosse mais em conta perto do lugar onde ela mora. Aí ela foi e comprou e na visita trouxe. Aí o garoto foi e colocou, mas nada do violino funcionar. Estava faltando uma outra coisa. Vamos lá ligar pra mãe de novo. A mãe “Aí isso daí eu não poder, num sei o quê”. Então como é que a gente vai fazer? Conversa com um e de repente um agente ficou de trazer e nesse meio termo de vai e não vai, eu fiquei atendendo ele. Vamos montar o violino e nada de tocar o violino, mas vamos montar. Vamos fazer tipo uma rede pra conseguir montar o violino. O garoto recebeu progressão, nem tocamos o violino. A mãe já foi lá e levou o violino enfim, mas só o fato de ficar os atendimentos com ele foram basicamente os agenciamentos para se montar o violino. Com a mãe o tempo todo ali, entendeu, inserida no processo. Eu entendo isso como alguma coisa da assistência mas eu não sei se é entendeu? Não saberia te definir, mas eu talvez se você perguntasse coisas específicas, talvez eu tivesse um monte de histórias pra contar.

Fabrícia: Mas então do tempo que você... Essa musicoterapia ela vai acolher. Ela nem é sempre é o resultado musical, envolve outras variáveis também...

Cristiana: Com certeza... Com certeza... Não precisa ser resultado musical tem tanta coisa né, tem instrumento, tem voz, tem vários agenciamentos né. Então assim, a mãe, quando é que a mãe teria acesso a uma loja de instrumentos musicais se não fosse o filho estar internado e aí estar com o violino lá dentro aí, entendeu, então assim eu acho que, claro outras profissões poderiam fazer isto, movimentar a vida de uma pessoa né. Essa mãe teve a vida dela mexida em decorrência do filho internado. Poderia ser a T.O. no caso foi a musicoterapeuta, mas é um mexer com a vida mais lúdico talvez, mais prazeroso. Não é assim a assistente social ligando pra “Olha você precisa de ir lá no fórum. Olha você ir em tal lugar enfrentar filha, levar documento”. Não! “Olha se você ir numa loja de instrumentos musicais, pra ver um coisinha assim”. Sabe-se lá quando ela entraria num lugar destes. Então, eu não sei nem se foi prazeroso pra ela, mas de qualquer forma é um deslocamento né,

Fabrícia: Você conseguiu envolver os dois por esta parte que poderia ser a montagem do violino. Você conseguiu...

Cristiana: Tinha um desejo dela que ele pegando no violino, mudasse de vida de novo. Voltasse a ser o menino que era antes quando não estava envolvido em coisas ilícitas. Tinha esse desejo dela. Então aproveitando esse desejo dela, não dando promessas do tipo “Ah seu filho vai sair daqui tocando violino” não é isso, mas é acolhendo esse desejo dela, acolhendo o desejo do adolescente, cruzando as duas coisas, ajeitando as duas coisas dentro do que é possível. De verdade é o deslocamento aconteceu que o garoto recebeu progressão antes do violino ficar montado. E assim eu espero que sinceramente que quando ele chegou em casa tenha conseguido a

outra peça e que “acho que eu vou voltar tocar”. Eu espero... mas se não, eu acho que em algum lugar ficou nele porque foram vários atendimentos em função deste violino. Eu não sei se ele voltou para o crime ou não, mas em algum lugar esse violino está presente nele. Criei a estratégia para isto.

Fabília: Quando você fala progressão é o quê? Ele pode retornar pra casa?

Cristiana: É. Chama-se progressão de medida quando você está numa medida, no caso a internação. A internação é a última. É o fundo do poço. É o final da linha. Então quando recebe progressão é uma medida melhorada, você vai para meio aberto, você vai para um CREAD, então você progride. Está progredindo na sua, vamos chamar de, no seu retorno a sociedade.

Fabília: É porque são termos mesmo, específicos né. Então por isso que eu estou te perguntando. Até para o meu vocabulário também, são novos né? A gente vai aprendendo com você e tudo.

Cristiana: Progressão não é um termo, uma palavra que faz parte do meu vocabulário, mas faz porque é o termo usado no poder executivo e no judiciário.

Fabília: De toda essa sua vivência lá, enquanto musicoterapeuta, das ações que você tem desenvolvido, dos adolescentes que você tem atendido, tem alguma música que você utilizaria para definir essa tua atuação como musicoterapeuta nessa área?

Cristiana: Nossa! Muitas! [risos] Já usei muitas assim, eu com os adolescentes.

Fabília: Alguma música que você utilizaria para definir a tua atuação.

Cristiana: Pra definir a minha atuação?

Fabília: É.

Cristiana: E... [silêncio]

Fabília: As vezes a gente fala assim, “a primeira que vir”

Cristiana: A primeira que vem é uma música de uma adolescente inclusive, porque... É uma música em parceria e os atendimentos meus pelo menos, eu sempre procuro trabalhar na parceria com o adolescente. Por que... Eu acredito que assim, neste caso particularmente das medidas de internação, mais neste contexto aí da redução da maioridade penal. Esses adolescentes eles não tem vivência de parceira, não têm. Ah mais e as facções? As facções não são parcerias, elas são para destruir. Elas são para destruir! Então, eles não sabem disto. Eles não fazem ideia disto. Então e nem todo garoto está envolvido com facção, mas tem garoto que não tem família, por exemplo. Então eu acho que isso também é um pouco deste trabalho que se está tentando. Tem muitos adolescentes que não tem família. Então como é que trabalha este garoto para ele voltar para a sociedade se ele não família? Tem alguns que realmente não nem pai, nem mãe, nem avó, nem nada, mas tem uns que tem e não tem. A mãe não quer saber, o pai não quer saber, desliga o telefone, muda de chip toda hora para não ser encontrado. Entendeu? Aí como eu vou acolhendo, escutando, essas coisas todas, e assim eu vou tentando trabalhar num lugar bem sensível fazendo com que ele faça parceria comigo. Então, parceira para construir um gibi, parceria para construir um livro, parceira pra fazer uma música, entendeu, enfim. É vínculo né? Trabalhar vinculação. Que é difícil fazer...

Fabília: É embora seja um ambiente que, difícil, mas um ambiente carregado de sensibilidade né?

Cristiana: Muita coisa né e é uma sensibilidade que se eu for usar uma imagem ela está encoberta de uma crosta muito dura né e aquele ditado “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Eu vou na água mole, água mole, água mole, mas com cuidado porque as vezes a sensibilidade aflora e aí? Tem que ter um acolhimento, então. Mais eu vou dando, um contorno. Uma música, uma composição, um fechamento, um jogo de xadrez mais aprofundado e aí eu falo mesmo, eu falo e uso até palavras difíceis para o adolescente não entender pra ele ter que me perguntar, “pera aí eu não tô entendendo isso aí que a senhora está falando” Aí eu falo então vamos

lá, aí vai o atendimento destrinchando tudo aquilo entendeu. Aí eu vou e pergunto “Eu estou falando difícil?” “Tá mas eu tô entendendo”. E isso pra mim é importante, entendeu, não é que ele esteja entendendo aqui, mas que esteja entendendo aqui. Mas a música eu pensaria a primeira que me veio foi a música de um adolescente.

Fabrícia: Você poderia falar esta música? Você poderia compartilhar a letra da música ou trecho dela?

Cristiana: Eu posso cantar para você.

Fabrícia: eu queria que você cantasse e se você puder compartilhar a letra também é muito importante.

Cristiana: Eu vou perguntar e ele se pode. Ele vai deixar. Eu já tinha deixado o violão aqui. Você escuta o violão?

Fabrícia: Escuto!

Cristiana: [afina o violão] Deixa me lembrar, eu posso te mandar a letra depois tá?

Fabrícia: Tá

Cristiana: É um pagodinho. Eu sou um cara/ Que gosta de jogar uma bola/ De soltar uma pipa/ E ir para a escola/ Mas quando eu te vi/ Eu me apaixonei/ E fiquei encantando de ser seu namorado/ Menina bonita/ Dos olhos castanhos/ Da pele morena/ Dos dentes brancos/ Te mando um recado/ Não tenho coragem/ De chegar, em você, e ganhar e ganhar um não/ Você parece que sabe/ Onde me encontrar/ Na feirinha ou na praça/ Ou em qualquer lugar/ Mas o que mais quero é ficar com você/ Pra tomar um sorvete/ Não tomar mais porrete/ Menina bonita/ Dos olhos castanhos/ Da pele morena/ Dos dentes brancos/ Te mando um recado/ Não tenho coragem de chegar/ em você e ganhar um não.

Fabrícia: muito bonita, pode bater palma agora? [risos]

Cristiana: Eu adoro essa música, eu falo pra eu que eu sou fã dele, daí ele fica todo eh [expressão de felicidade].

Fabrícia: Olha... Essa composição vocês fizeram em parceria.

Cristiana: Em parceria. Assim, foi interessante porque ele chegou. Ele era um garoto em situação de rua. Não tinha família. A família mora no complexo do Alemão, mas ele estava em situação de rua. Não ficava em casa, dormia na rua, se alimentava na rua e aí ia cometendo pequenos delitos. As vezes, raramente voltava pra casa, mas ele tinha um referencial que era um abrigo. E nesse abrigo ele foi muito bem acolhido lá, então ele fez um vínculo, uma vinculação a este lugar. Mais quando ele foi pro DEGASE, ele estava muito perdido, muito perdido, ele não sabia que dia que era, em situação de rua mesmo. A gente perguntava pra ele alguma coisa e ele respondia se a gente tinha biscoito, coisas de costume da rua “me dá um biscoito aí” entendeu. E aí a terapeuta ocupacional, eu já estava pensando, já tinha ouvido ele falando de um cara que tocava violão, mas ele também não sabia dizer aonde que era o violão depois que ele a gente foi entender. Aí a terapeuta ocupacional começou a fazer uma organização [briga com o gato]. Desculpe... Começou a fazer um quadro organizacional de dia, de atividades, a hora que ele iria levantar pra tomar café, pra ele minimamente se organizar. Só que ele não me falava estas coisas e a gente, de repente ele começou a falar que ele gostava de algumas músicas, que ele cantava algumas músicas, que tinha o cara que tocava violão, mas aí neste momento a gente ainda ficava: O que será que ele está falando? Será que ele está falando algo que aconteceu? Será que ele está inventando? Ele falava assim “Eu nasci na índia”. Completamente enlouquecido sabe, ele tomou medicação por um tempo e daí a gente começou a cantar e ele perguntou “A senhora faz música?” aí eu falei Faça, você tem interesse? “Tenho!”, aí eu falei pra terapeuta ocupacional e daí ela disse “Vamos fazer o seguinte. Você fica com ele e por uma questão institucional eu vou dar prioridade a outro”. Aí a gente começou a fazer música. Esta música demorou muito tempo para ser feita. Muito tempo! Peguei uma folha e disse vamos lá [fala do gato que está andando atrás dela]. Mais você tinha alguém que você gostava lá fora? “ah tinha” Já não falava mais que tinha nascido na índia não. Já estava...

Fabrícia: começou a retornar.

Cristiana: Estava um pouco mais orientado e menos perdido. “Tinha”, mas como é que era? Ele não sabia dizer, não sabia dizer quem era, da onde que era e a gente fica assim, será que existe/existiu mesmo essa pessoa, mas enfim se existiu ou não existiu ele estava ali falando de alguma coisa do imaginário dele. Aí tá bom! Vamos começar a dar uma organizada nisto. Você quer fazer uma música? Você quer fazer o quê? “Ah quero fazer um pagode!” Então tá, um pagode. Aí eu ouvi alguns pagodes, bom pagode fala normalmente o cara declarando ou ele fala que foi traído, ou ele fala que perdeu o amor ou ele faz uma declaração de amor. O que você quer? Aí ele “Traído não, vamos fazer uma declaração” [risos]. Respondi então tá bom! Então se você vai fazer uma declaração de amor, você vai fazer uma declaração para alguém. Então que é essa pessoa? Normalmente o pagode faz essas descrições físicas da pessoa, pra encher a linguagem da pessoa. Aí como é que você imagina que seja a pessoa? “Aí ele falava, ela era morena” Tá. Ela era bonita? “Era bonita” Tá, bonita. Aí eu lembrei de uma outra música então vamos fazer assim, qual é a cor dos olhos dela? Pra ir afinando um pouco mais a percepção dele. “Era castanho” Olhos castanho... Aí eu falei assim, bom hoje é muito difícil uma pessoa ter dentes brancos [risos], mas eu acho que caberia só pra fazer um firulinha. Aí ele riu assim e vamos experimentar, vamos ver como é que fica. Se não funcionar a gente muda. Aí tá as características da pessoa beleza, mas aonde que foi “a gente andava muito lá na Madureira”. O quê que é Madureira? “Um parque lá na feirinha”. Feirinha... Pracinha.... Fui anotando tudo. Tá bom acho que agora a gente tem. E de você pra falar de você. O que você gosta de fazer? “Gosto de jogar bola, gosto de soltar pipa” Aí ele não falou que gosta de ir pra escola, mas eu falei assim bom, uma música, vamos trabalhar com rima, eu queria que ele tivesse esse senso de limite de perceber as rimas das palavras, porque ele não sabia ler nem escrever. Mais assim, “o que é rima?” Eu falei, por exemplo, é rimar bola com escola. “Ah então bota aí que eu gosto de ir pra escola” [risos]. Gostava nada entendeu, já que rima. Eu falei então tá, vamos lá. Aí eu fui botar, fiz uma organizadinha assim né estrofe-refrão, estrofe-refrão. Isso foi dando uma organizada nele, porque cada encontro era vamos fazer um refrão hoje, vamos fazer uma estrofe, mas isso levou um tempo até isso entrar dentro dele. Claro que uma música é muito mais livre do que isto, mas no caso dele essa métrica poética ajudou bastante.

Fabrícia: Na organização dele.

Cristiana: do pensamento dele. Das coisas que... Então foi bem divertido.

Fabrícia: E essa música ficou pra você como um referencial também né? Que bom... Pede a ele a autorização e compartilha comigo, pra a gente acrescentar a letra dela. Por inteira colocar.

Cristiana: Eu acho ótimo, uma forma de registrar.

Fabrícia: Sim uma forma de registrar a parceria de vocês que ficou muito harmoniosa, bem melódica e bonita.

Cristiana: Essa parte harmônica fui eu. Eu fiz tudinho. Ele me deu mais ou menos... Ele cantarolava alguma coisa, aí eu falei assim... eu fui experimentando os acordes. Acabamos chegando nisto nesta, progressão harmônica e nesta melodia. Não é exatamente o que ele tinha cantado, mas é alguma coisa que foi trabalhado. A métrica, a letra, são... Uma música que nós fomos lapidando juntos. Ele falava “ahh isso aí eu não gostei não” eu falava, mas está repetindo esta palavra vamos trocar, então assim foi lapidado mesmo. Foi lapidado, uma parceria. E esse menino eu joga xadrez com ele.

Fabrícia: Ele ainda permanece lá né.

Cristiana: Ele permanece e ele aprendeu a jogar xadrez. Evoluiu no xadrez. Agora ele me dá cheque mate e ele aprendeu a ler e a escrever.

Fabrícia: nossa.

Cristiana: Ele chegou com a voz assim [voz fina] e agora está com a voz assim [voz grossa] está mudando a voz.

Fabrícia: Então é assim bem amplo, não pensa ele de forma fragmentada, mas eles evoluindo no todo né. Muito bom. Essa, a música no final que eu te pedi pra definir ela seria o nosso último questionamento. A gente

conseguiu contemplar o espaço, como é o vínculo, sobre o nível, várias coisas sobre a tua atuação mesmo lá DEGASE e essa seria a nossa penúltima na verdade. Penúltimo questionamento. O último eu queria saber se de tudo que a gente conversou, tem alguma que você gostaria de acrescentar. Alguma que no decorrer das perguntas você gostaria de acrescentar, alguma informação. Alguma coisa que... Você tem algo mais a acrescentar?

Cristiana: [silêncio] Talvez tenha, mas eu acho importante o trabalho que você está fazendo, no Rio de Janeiro tem a musicoterapeuta Mariane Oselane.

Fabrícia: Conheço a Oselane.

Cristiana: Ela é a única que eu conheço que trabalha e escreve sobre isto. Agora tem você. Eu acho importante e gostaria de ler o trabalho depois até pra me ajudar né, conhecer, descobri. Se não tiver musicoterapeuta inseridos nos lugares, escrevendo sobre os lugares não tem quem saiba e não é uma área historicamente e culturalmente de interesse mesmo do musicoterapeuta. Eu acho muito legal quando passar a ser né. É a musicoterapia mostrando que está no mundo, que está contextualizada, que está bem atenta ao que está acontecendo politicamente, culturalmente e socialmente. É um desafio né? Eu fico imaginando que é uma desafio, porque se já é difícil a arte está inserida nisto que dirá, se a saúde está difícil ser inserida nisto, como é que a musicoterapia [risos] cruza todas estas coisas para estar inserida. Eu acho que é um lugar de sensibilização mesmo, não é um lugar de endurecimento não. As pessoas que eu conheço que são assistentes sociais, são psicólogos e estão envolvidos, vão endurecendo em algum lugar. Acho que a militância ela vai endurecendo em algum lugar. Se o musicoterapeuta puder não deixar se endurecer, pelo contrário, perde o sentido da musicoterapia estar né. Eu estou falando aquilo que eu imagino. Perde o sentido! É contra a dureza que a gente aprende, que a gente não faz musicoterapia a toa. É algum lugar do sensível que acessa dentro de si e tem necessidade de ser retribuída pra fora. Coloca pra fora. Então eu acho que bem bacana.

Fabrícia: com certeza esse momento que a gente conservou foi de muito riqueza e ouvir o seu relato, a sua realidade, que você está desenvolvendo, já tem sido pra mim de enorme aprendizado. Eu vou te deixar bem a vontade no decorrer da pesquisa. Ela está prevista a defesa para abril do próximo ano e a qualificação agora em setembro. Vão ser realizadas aproximadamente dez entrevistas. Eu estou ainda no meio do caminho, mas são profissionais que estão vindo de diversos estados veio do Rio Grande do Sul, de vários estados. Que a gente vai pegando esses relatos e eles vão ser utilizados pra fazer esta construção mesmo. Eu vou te deixar bem a vontade para no decorrer da pesquisa nos procurar e saber como está o andamento. Com certeza ao final a gente vai ter muita satisfação em compartilhar com todos você que estão colaborando para que ela venha acontecer. Sem vocês com certeza ela não iria acontecer, mas a gente vai compartilhar com vocês tudo que foi coletado e o que a gente alcançou no decorrer da pesquisa. E te agradeço de novo, já te agradeço pelo e-mail, mas te agradeço de novo pelos minutos disponibilizados para estar participando.

Cristiana: Já que só vai em abril, claro que essa entrevista me mobilizou, mobilizou você a gente está aqui, marcamos um horário, baixei o Skype enfim. Já estou mobilizada! Eu entendo como um ponto de partida até pra mim né. Eu fiquei curiosa de saber estas coisas todas. Então assim se você, uma sugestão, não fechar vai que eu leia alguma coisa e tenha alguma resposta pra alguma coisa que você me perguntou hoje e eu não soube responder entendeu? Pra a gente poder ir se falando.

Fabrícia: Tudo bem a gente pode deixar em aberto e a gente ir conversando. Não tem problema. Meu e-mail eu olho todos os dias. Agora Skype eu não acesso muito, acesso mesmo só para conversar quanto tem alguma reunião ou alguma coisa assim e agora que a gente está conversando, mas qualquer parte que você queira acrescentar a gente pode marcar sim. A gente retoma e vai acrescentando. Pode ficar tranquila. O espaço fica aberto.

Cristiana: Um crescimento para todo mundo.

Fabrícia: Ah com certeza um crescimento para todos nós. Eu fico feliz em saber que você ficou mobilizada em ampliar com relação área, a rede, mas fico muito feliz mesmo.

Cristiana: Eu te agradeço.

Fabília: Eu também te agradeço por você ter participado. Com esta questão de acrescentar a gente já contemplou todo o questionamento, mas tem alguma coisa a mais que você tenha dúvida e queira acrescentar.

Cristiana: Neste momento não só isso. Eu ainda me coloco a disposição pra te dar um retorno das minhas mobilizações, tudo que estou vivendo com relação a isto e o que eu faço. Então eu vou te dando retorno até pra você... Se você achar que alguma coisa que venha dizer, encaixe em alguma pergunta que você fez que não tivesse resposta e você quiser esmiuçar isso a gente conversa de novo.

Fabília: Tá bom. Vou ficar aguardando só autorização da música e a letra dela se possível. Tá possível. Obrigada, uma ótima sexta-feira pra você e bom final de semana. E vamos continuar com os contatos, a gente vai se encontrar sim várias outras vezes pra a gente poder compartilhar.

Cristiana: Tá bom. Brigada, beijão.

Fabília: Beijo.

Complementação por e-mail:

Fabília: Dentro da tua realidade do DEGASA, você conseguiria descrever quais os objetivos da Musicoterapia no campo social?

Cristiana: Os objetivos da Musicoterapia dentro do DEGASE são muito amplos, tendo em vista o papel das unidades que podem ser de internação provisória e de internação permanente. Em cada local, a musicoterapia tem funções diferentes. No meu caso, que é internação permanente, a musicoterapia entra como possibilidade terapêutica de uma equipe multidisciplinar e transdisciplinar de saúde mental. Acolhimento e acompanhamento de casos considerados graves, com os manejos próprios da Musicoterapia tais como técnicas e métodos, ampliando para uma musicalização terapêutica, quando necessário, ou uma terapia apenas de fala, também quando necessário.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Transcrição da Entrevista

SILVA, Fernanda Ortins. **Fernanda Ortins Silva**: entrevista [jun. 2015]. Entrevistadora: Fabrícia Santana. Goiânia: UFG, 2015. Mp3. Entrevista concedida à pesquisa A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Nome: **Fernanda Ortins Silva**

Cidade/UF: **Goiânia-GO**

Idade: **33 anos**

Local de Trabalho: **Centro de Internação para Adolescentes**

Associação de Musicoterapia: **AGMT**

Data da realização da entrevista: **15/06/2015**

Fabrícia: Então, a entrevista a gente dividiu em três blocos, né? Tem o cabeçalho, onde eu vou colocar algumas informações suas: o nome, eu preencho pelo TCLE, mas de algumas informações eu vou precisar. A idade...

Fernanda: trinta e três

Fabrícia: O local de trabalho

Fernanda: Centro de Internação para Adolescentes [silêncio]

Fabrícia: A associação de musicoterapia a qual atualmente você está vinculada.

Fernanda: Não

Fabrícia: Nenhuma?

Fernanda: Não

Fabrícia: Mas você tem o vínculo com a...

Fernanda: Tenho. AGMT.

Fabrícia: No decorrer a gente dividiu em dois blocos as perguntas. Um é só sobre a questão profissional mesmo, e o outro é sobre a atuação musicoterapêutica. São um total de dezoito perguntas, mas uma vai levando pra outra, alguma informação, às vezes, você já dá em uma pergunta e a gente só complementa. Se tiver alguma que você não queira responder ou tenha alguma dúvida, você pode perguntar que eu te esclareço e a gente pode passar também pra outra pergunta. Se quiser ou precisar interromper, também fique à vontade. Tem quanto tempo que você está atuando como musicoterapeuta na área social?

Fernanda: Desde dois mil e nove. Dois mil e nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze. Sete anos

Fabrícia: A sua formação?

Fernanda: Musicoterapeuta.

Fabrícia: Bacharel em Musicoterapia?

Fernanda: Isso. Mais alguma coisa, você fala assim, de mestrado...?

Fabília: Sim

Fernanda: Eu tenho especialização em Educação Social para Atendimento de Adolescentes Autores de Ato Infracional, pela Faculdade de Educação da UFG e Mestrado em Música

Fabília: Do Sistema Único de Assistência Social, você conhece os princípios e diretrizes?

Fernanda: Conheço. Já li, já estudei [risadas]

Fabília: Tem algum que você pode comentar sobre ele...?

Fernanda: Fabília, depois que você tem neném você não lembra de muita coisa mais não. [risadas]

Fabília: Vai passando o tempo, né?

Fernanda: Não, assim, mas a atenção básica, atendimento da... Eu tenho um monte de cartilhas aqui em casa

Fabília: Mas aí você já leu essas cartilhas,

Fernanda: Já li a LOAS, já li sobre PIA, já li sobre essa atenção básica, já li tudo. Mais, como se chama aquela mais... Avançada, né?

Fabília: Tipificação...

Fernanda: É, mas assim: tem a básica, de média complexidade, de alta complexidade... Já li

Fabília: Sobre os níveis mesmo...

Fernanda: Isso, mais sobre os níveis

Fabília: E o que cada serviço faz dentro desses níveis.

Fernanda: Isso

Fabília: Então, desses níveis, você sabe qual é o nível onde você está seguindo, assim...

Fernanda: Que eu estou? Não tenho noção. Até mesmo porque eu falo assim: “Nossa, gente, e o SUAS?”. A secretaria em que eu trabalho, que é a Secretaria de Cidadania e Trabalho, ela tem o SUAS dentro dela. Só que dentro dessa secretaria eu vejo muito mais o trabalho do SUS do que o trabalho do SUAS. Muito mais. Entendo muito mais do SUS, da saúde, da atenção básica, de tudo do que do SUAS. E, da assistência social que eu sei bastante é CRAS e CREAS

Fabília: Mas lá dentro da instituição você fala que a abordagem deles é mais voltada pro SUS?

Fernanda: Não. Dentro da minha instituição a gente não trabalha com o SUAS, que está dentro da secretaria em que eu trabalho, mas só que não. Eu vou muito mais a reuniões do SUS da parte médica, da parte odontológica, da parte de atenção básica ali. E eu só vou ao CREAS pra levar os adolescentes. Eu conheço todos os CREAS

Fabília: Então a sua referência é o CREAS, que é assistência social

Fernanda: Isso

Fabília: Mas, com relação aos procedimentos, é tudo com base no SUS

Fernanda: Tudo com base no SUS. Mas, assim, a gente vai mais a reuniões do SUS, a gente sabe mais onde é que vai encaminhar pro SUS... E agora que o CREAS, que é municipal, sendo que onde eu trabalho é estadual, que... A gente vai pro CREAS. A gente não vai pra nossa fonte, que é o SUAS, que é a parte da política, do desenvolvimento, do apoio, porque CREAS e CRAS são municipais. Mas a parte de política, de inserção, de

incentivo, de verbas e etc., que é do SUAS, a gente tem pouco contato. Pouquíssimo contato. Porque ele é mais voltado também, parece que é mais pra idosos, deficientes...

Fabília: Os benefícios, você acha?

Fernanda: Bolsa-Família, essas coisas assim que a minha secretaria é mais voltada. Pra minha área mesmo, muito pouco.

Fabília: Não chega muito serviço mesmo do SUAS, não

Fernanda: Não. Do SUAS não

Fabília: Mas, então, dos níveis, você não sabe qual é o nível que você está inserida

Fernanda: Não

Fabília: Dentre aqueles: o básico, o médio...

Fernanda: Eu acho que é o de alta. Pra mim é de alta complexidade. Primeiro que é de internação... Na verdade, o adolescente já está na última instância. Já foi pra família, já foi pra escola, já foi pra sociedade e aí vai pra internação. Eu acho que eu estou na ponta

Fabília: No último estágio deles lá

Fernanda: No último estágio

Fabília: Hoje, o teu vínculo empregatício, como é?

Fernanda: Concurso. Concursada desde dois mil e dez. Eu entrei em dois mil e nove, mas em dois mil e dez...

Fabília: É estatutária, né?

Fernanda: Estatutária. Dez mil quatrocentos e sessenta. A lei é a Dez mil quatrocentos e sessenta

Fabília: Dentro desse tempo que você está lá na instituição, você recebeu alguma capacitação voltada pro SUAS? Alguma capacitação ou buscou por contato próprio?

Fernanda: Pois é, eu fiz essa especialização pela Faculdade de Educação, né?

Fabília: Isso foi busca sua?

Fernanda: Sim

Fabília: Não foram eles que te encaminharam pra especialização, não

Fernanda: Não. Na verdade foi feito um sorteio, mas a gente que se candidatava pra fazer. Foi feito um sorteio até na época de dois mil e nove, que eu nem era concursada, aí eu fui sorteada e fiz a especialização

Fabília: Mas , assim, em dois mil e nove você já estava lá?

Fernanda: Já estava lá

Fabília: Antes do concurso

Fernanda: Antes do concurso. Eu estava contratada pela instituição

Fabília: Antes do concurso tinha quanto tempo que você foi contratada?

Fernanda: Dois mil e nove e dois mil e dez. Um ano e meio

Fabília: Contratada

Fernanda: É, um ano e... Metade de julho até outubro de dois mil e dez. Eu fiquei um ano e quatro meses contratada pela educação como professora de música. E mais atuando como musicoterapeuta

Fabília: O cargo que você tinha era de professora de música

Fernanda: Aí eu passei no concurso, em outubro de dois mil e dez eu fui chamada, saí do contrato e tomei posse no outro dia. Aí já como musicoterapeuta. Aí eu fiz a especialização e os outros cursos todos que eles dão de formação continuada. De todos eu participei

Fabília: Sempre tem?

Fernanda: Sempre tem. E agora vai ter até um congresso na quarta, quinta e sexta do socioeducativo. Aí eu fui sorteada de novo e vou de novo. [risadas]

Fabília: Mas aí você participa de sorteio

Fernanda: De sorteio

Fabília: Não é uma oferta para todos

Fernanda: Não. Esses cursos de formação que a secretaria dá, todos têm que fazer. Eu fiz primeiro um de defesa pessoal, que eles falam de... Mas só que a gente vê mais é ECA, a gente vê mais dos direitos da criança e do adolescente, mas não voltado pra assistência social: “Olha, você vai encaminhar o adolescente tal pra isso assim assado...” “A política de se trabalhar com a criança...”

Fabília: A rede em si...

Fernanda: A rede em si nada do SUAS. Então é mais de lei. A lei dez mil quatrocentos e sessenta que é do servidor público, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Aí você vê voltado mais pra isso. Da educação, o que a gente vê na Secretaria de Educação, na Faculdade de Educação que eu fiz o mestrado e os outros cursos... Aí você vê mais outras coisas voltadas para o ser adolescente, o que é o ser adolescente, qual é a política que rege... Aí vai lá no Código de Menores, aí vai lá no Antônio Carlos Gomes da Costa, que é sobre o socioeducativo. Vai mais nessas questões, mas do SUAS não

Fabília: Na questão mesmo política pública...

Fernanda: Política pública não

Fabília: Isso acaba que, mesmo que você receba esses cursos de capacitação, eles não são voltados pra política, são voltados pra essa área que você está falando

Fernanda: É, que a que eu atuo

Fabília: Então, se for algo voltado pra política tem que ser uma busca sua. Em pegar os normativos, fazer uma leitura e interpretação também

Fernanda: Isso. Assim, apresenta essa formação continuada de Adolescentes Autores de Ato Infracional. Pode ter alguma coisa da política

Fabília: Mas você já tem que estar entendendo, né? Pra você chegar lá...

Fernanda: Isso, mas não é... Por exemplo, eu pegava os livros que eles... Dos panfletinhos que eu fiquei um tempo na secretaria, então eu pegava. Sobre o CRAS, CREAS, por exemplo, pra ler. LA (Liberdade Assistida), ou prestação de serviço à comunidade... Então, tudo isso eu li. Mas eu estou falando: tudo voltado pra essa parte, mas nada de política mesmo, assim: qual é a responsabilidade da secretaria estadual do SUAS em relação aos municípios? De fomentar, de qualificar, de não sei que lá das quantas...

Fabília: E da gestão sua, eles fazem, têm noção?

Fernanda: Não. Tanto é que nas reuniões que eu participava, eu falo: “Gente, eu sinto muita falta do SUAS. Está dentro da nossa secretaria. Cadê o SUAS?” Eu vejo mais SUS. Eu trabalho muito mais com os pais que é a Secretaria de Proteção e Atenção à Saúde do que com o SUAS mesmo. Não conheço ninguém do SUAS

Fabília: É, porque funciona em rede, não tem como a gente desmembrar o SUS do SUAS, da Educação, da Cultura. Não tem. Mas a gente tem que levar o carro chefe do serviço

Fernanda: Do meu serviço seria o SUAS. E não. Toda vez não tem ninguém participando do SUAS nas reuniões, não tem ninguém do SUAS não o que lá das contas. Eu falo: “Gente, eu preciso saber: quando o adolescente sair daqui, pra onde ele vai? Qual é a rede que ele tem que buscar?” Eu não sei o que tem no setor tal. Eu não sei o que tem no outro. Mas eu sei que tem o postinho de saúde, eu sei onde a gente vai buscar lá no CAIS Pedro Ludovico, lá no Cândida de Moraes é o odontológico.

Fabília: Para o agente de saúde continuar fazendo o acompanhamento que talvez ele não vá ter

Fernanda: Aí, por exemplo, hoje eu sei que tem cinco CREAS. Eu já visitei os CREAS, já levei adolescentes aos CREAS, mas não por demanda. Sem ser por demanda. Pelo via juizado, mas não por...por...

Fabília: Por essa articulação mesmo da gestão

Fernanda: Não, não. Eu acho até que busca, sabe? Mas não tem essa... Até mesmo pra fazer a documentação que está dentro da parte cidadã, da secretaria. É uma luta pra fazer a documentação dos meninos

Fabília: Você faz também a parte burocrática?

Fernanda: Isso, a gente faz. Assim, na verdade é a unidade, né?

Fabília: Então, como o seu vínculo é estatutária, a outra questão seria como ocorreu a sua inserção. Mas antes, se atuou na forma de contrato, né?

Fernanda: É. A minha foi por contrato, primeiro, mas depois por concurso

Fabília: Como isso funcionou?

Fernanda: Quem que me levou?

Fabília: Sim, quem te falou do contrato, como você tomou conhecimento dele.

Fernanda: Não, eu participei da pesquisa pra Fernanda Valentim, que era com os profissionais que atuavam no socioeducativo. Aí tinha aquela da Arte, que você leva currículo. E aí eu ia pra qualquer lugar. Aí a minha diretora na época da escola falou assim: “Fernanda deixa eu manda uma carta pra você de recomendação pra você vir pra cá”. Eu falei: “Quem falou que eu quero vir pra cá?”. Aí ela falou assim: “Não, mas...”. Aí eu fiz o processo seletivo normal, pra ir pra qualquer escola. Aí eu falei: “Ah, vou passar pra cá. Já estou aqui mesmo, então vou falar com a Luz Marina.”. Aí eu falei com a Luz Marina, e a Luz Marina foi e me mandou pra lá. Aí eu fiquei quarenta horas na Escola Estadual Vila Nova, aí trabalhando no CIA e no CIP, mais vinte horas no CEJA (Colégio Estadual Jardim América), e lá eu tinha setecentos e tantos alunos, mais o CIA e o CIP, que eu trabalhava

Fabília: O CIA é o que?

Fernanda: CIA é o Centro de Internação pra Adolescentes

Fabília: E o CIP?

Fernanda: CIP é Centro de Internação Provisória

Fabília: Ah sim

Fernanda: Então eu fiquei nas duas unidades mais no CEJA, Colégio Estadual Jardim América. Eu trabalhava

com os adolescentes infratores mais os setecentos e tantos alunos que eu tinha no Colégio Estadual. Eu pegava todo o ensino fundamental. Aí quando eu passei no concurso... Não, aí antes eu estava fazendo concurso, aí eu larguei lá e fui trabalhar numa escola particular. Aí passei no concurso e fiquei só nas unidades

Fabrícia: E hoje você ainda continua nas duas unidades

Fernanda: Não, hoje eu estou só no CIA. Mas por opção, porque senão era pra eu estar no CIP também

Fabrícia: Não falta convite, né? Pra você ir pra outro também. Esses eram os questionamentos mais voltados pra atuação profissional mesmo. E agora pra parte musicoterapêutica. Como são os espaços onde você faz os serviços de musicoterapia?

Fernanda: É porque eu já trabalhei nas três unidades. No CIA, no CIP e no CASE. O CASE que é o Centro de Atendimento Socioeducativo. O CIA e o CIP são os que menos têm estrutura física, que é o antigo presídio dos policiais militares. Então, ele era uma escola que depois tinham salas de aula que transformaram em celas, que na verdade a gente chama de alojamentos. E aí não tem sala pra atendimento. Você atende no... Na sala de informática é onde eu atendo, eu atendo na sala técnica, eu atendo na sala da psicologia

Fabrícia: A psicologia tem uma sala?

Fernanda: Tem. Mas, assim, é uma sala que também é compartilhada com a sala de aula às vezes. Às vezes eu faço até na sala de aula. É... Onde tiver uma sala disponível, mas é uma sala compartilhada, por exemplo: a assistência social, a psicologia, eu, e, se tiver que fazer qualquer coisa, é só nessas salas

Fabrícia: Durante o atendimento também há essa circulação nesses espaços, assim?

Fernanda: Pode haver. Tem que haver na verdade, né? Porque sempre passa alguém daqui pra segurança ou passa um educador. Mas, assim, até que eu consigo ter um espaço mais reservado. Até que eu consigo, mas hoje geralmente eu atendo na sala de informática

Fabrícia: E essa sala é grande ou pequena? Tem o que de material nela?

Fernanda: De material? O Erik conseguiu uma bateria pra lá, aí tem uma bateria, tem uns violões em cima dos computadores, eu consegui um som, de doação, e as cadeiras, computadores... Tudo, mesas... É isso.

Fabrícia: Então é um espaço comum da instituição em que você se adequa, né?

Fernanda: Exatamente. É qualquer lugar

Fabrícia: Qualquer lugar que esteja disponível vira um espaço terapêutico

Fernanda: Isso

Fabrícia: Quais são as ações que você desenvolve de musicoterapia?

Fernanda: De musicoterapia? Fabrícia, eu falo que hoje... Como eu vou te falar isso? Eu posso falar assim pra você quase nada. Mas é quase tudo, que é o que? Que é a escuta. Então, assim, você fala assim: “Nossa, mas você não faz nada de musicoterapia, de pegar um violão, de tocar e cantar ou alguma coisa assim?”. Praticamente não. É muito difícil tirar um grupo de adolescentes, sempre atendi em grupos, é muito difícil eu atender individual. A única coisa que eu atendo individual é a ficha musicoterápica

Fabrícia: E o restante tudo em grupo

Fernanda: noventa por cento dos meus atendimentos são em grupos. Se for pra eu atender, é em grupo. Já atendi individual? Muito no CASE, nos adolescentes mais difíceis, que são os que dão mais trabalho, que não inserem no grupo, então eu atendia bastante individual. Mas no CIA praticamente eu atendo em grupo, praticamente. E agora o que eu acho que é o mais fácil dentro da internação que o curso de musicoterapia me ajudou chama-se escuta. Então eu entro no convívio, por exemplo, assim, e dá-lhe falação, escuta, mediação de conflito, e mais nesse sentido, sabe? Mas na realidade eu faço tudo

Fabrícia: Você é multiprofissional

Fernanda: É. Lá sou que aplico medida, eu que entro pra revista, quando faz revista de pertences. Tem uns profissionais também que entram, mas, então, é... Tira adolescente, acolhe adolescente.

Fabrícia: Então além das suas atuações que a gente fala da formação de musicoterapeuta, você se insere como profissional e tem que fazer esses outros serviços da unidade também. Revista...

Fernanda: É a gente participa. Por exemplo, eu entro junto com os educadores pra fazer as revistas, assim, fica acompanhando, mas você acaba pegando um trenzinho ali pra olhar, entrada e saída de pertences. Você que pega material às vezes pra adolescente, você que aplica medida disciplinar, você que acolhe adolescente que chegou pra preencher ficha psicossocial, é você que preenche. A ficha de acolhimento é você que preenche. Atendimento familiar a gente faz também. Então você se vira nos trinta. Acompanha visita. Faz visita assistida e é você que acompanha. Entrevista é você também que faz com a... Por exemplo, com a namorada ou uma tia, é você que faz a entrevista. Então você faz de tudo na unidade. O que eu menos faço é tocar e cantar

Fabrícia: Nossa. E é bem amplo, né? Pelo que você está falando aí as atividades são bem amplas, que acabam em... Às vezes as pessoas vão imaginando vou fazer puramente uma musicoterapia, mas quando se insere, vê que tem muito mais atividades, né?

Fernanda: Mas eu acho que é um pouco do meu perfil, na verdade, que foi...

Fabrícia: Ampliando

Fernanda: É. Que eu fui andando pelas áreas. Então, eu atendo com a psicóloga, eu atendo com a assistência social, eu atendo com a pedagoga. Você vê que você acaba vendo um adolescente ali como um todo. Não tem como eu apresentar só uma música e não trabalhar com a leitura. Então eu falo assim: “Você consegue ler?”. Aí eu vou ler. “Escreve seu nome, que data é hoje...”. Então você acaba trabalhando um pouco ali não a alfabetização em si, mas perceber nesse adolescente qual é a dificuldade de leitura... Então você acaba fazendo algumas triagens de uma maneira geral, dele todo. Dele como um todo. Então você vai andando por esses outros caminhos

Fabrícia: E é bem interdisciplinar, né?

Fernanda: Bastante

Fabrícia: E como você falou, essas atividades chegam a ser com outros profissionais?

Fernanda: Se chegam a ser? Sim. A gente faz bastante. Às vezes a pedagoga atende comigo, ou a assistente social, ou a psicóloga... Depende muito do que é que a gente faz

Fabrícia: E dos usuários? São apenas os adolescentes que participam?

Fernanda: Sim

Fabrícia: O serviço de musicoterapia só?

Fernanda: Sim.

Fabrícia: Mas as outras atividades...

Fernanda: Tem a família. A família também pode participar quando eu sou a responsável pelo grupo. Aí eu posso levar e fazer alguma atividade de musicoterapia. Essa semana uma das minhas chefes falou assim “Não Fernanda faz com a gente”

Fabrícia: A equipe também quer participar

Fernanda: Ela está querendo participar e eu falei: “Uai, vamos ver”

Fabrícia: Mas eles querem participar junto com a momento que você tem com os adolescentes?

Fernanda: Não, esses aí são livres pra participar quando eles quiserem. Mas com eles mesmo, assim. Eles querem...

Fabília: Muito bom. Das outras atividades você falou que também faz às vezes. Acolhe a namorada e faz a entrevista...

Fernanda: Isso. Faz a entrevista pra saber se pode visitar ou não. A gente preenche ficha de, por exemplo: chegou um adolescente lá hoje na unidade, aí você tem que preencher o cadastro do adolescente, a ficha de perfil socioeconômico, a ficha de atendimento familiar. Quando a família vai, então eu participo junto com a equipe. Você distribui os adolescentes, aí você sempre preenche as fichas, acolhe, vê o que foi o ato, o que não foi, o que fez e o que deixou de fazer, se tem problema. Aí você vai preenchendo. Qual é a renda familiar, se usou drogas ou não, e por aí vai

Fabília: Dos recursos que você utiliza, quais são os instrumentos musicais?

Fernanda: Que eu utilizo? Eu faço só toco e canto. Mas eu uso o violão, a voz, o som, e CDs meus. Músicas minhas

Fabília: A bateria não?

Fernanda: A bateria agora que chegou, né? Praticamente. E aí eu uso isso

Fabília: E quando você fala CDs e músicas seus, como assim? Você leva?

Fernanda: Eu que levo. Do meu arquivo próprio, das minhas coisas próprias. Eu que levo o meu material. E instrumentos musicais, eu até falo assim “Nossa, tem que ter”. Eu conversei com uma das minhas chefes, falei assim: “Nossa, o meu sonho sempre foi fazer uma salinha pra mim. Se você quiser colocar instrumentos musicais eu até vou conseguir até fazer muita coisa”, mas fazem sete anos que eu trabalho com esses adolescentes que vão e que voltam com a mesma coisa. Com o violão e voz

Fabília: Tudo seu?

Fernanda: Tudo meu. Muitos anos. Por exemplo, o som eu consegui de doação que eu falei assim: “Agora esse som eu consegui de doação, eu vou levar pra qualquer unidade que eu for.”. Porque se não eu vou ficar sem som. Mas os CDs são meus. Eu que comprei meus CDs, as pastas de músicas são minhas. Tudo é meu

Fabília: E os violões?

Fernanda: Agora tem violão na unidade.

Fabília: Que foi aquisição deles.

Fernanda: Isso. Da unidade. Aí eu não preciso mais levar o meu

Fabília: E material, zero. E além dos instrumentos, você usa algum outro recurso?

Fernanda: Não, é isso que eu falo: CD e voz, né? E gravuras eu uso muito, imagens eu uso bastante. É... Mais isso

Fabília: Da equipe que você atende em conjunto, você fala psicóloga, pedagoga e assistente social, o seu orientador também participa?

Fernanda: Não, não.

Fabília: Acho que foi na hora da revista que você falou que...

Fernanda: Isso, orientador social. Ele que faz assim, mas quantas vezes... Não, mas é muito difícil. Orientador não participa muito não. Já participou, mas não tem muito esse vínculo não

Fabília: Mas ali, da hora mesmo, no espaço é só esses profissionais que participam?

Fernanda: Isso.

Fabília: Como que você...

Fernanda: Enfermagem não. Enfermagem participa um pouco, mas não tanto

Fabília: Tem que pedir enfermagem lá?

Fernanda: Tem, tem

Fabília: Alguns lugares não tem equipe de enfermagem

Fernanda: Não, lá tem e, se não tiver, vem. O pau cai na folha

Fabília: Porque a questão mesmo medicamentosa quando alguns entram em surto

Fernanda: Não, noventa por cento da medicação.

Fabília: Como você descreveria as habilidades do musicoterapeuta para atuar na área social?

Fernanda: Habilidade?

Fabília: É

Fernanda: Jogo de cintura, muita escuta, [silêncio] acolhimento... Tem que saber acolher

Fabília: Tem que saber acolher

Fernanda: Ouvir demais. Acho que o principal é a escuta, ouvir, saber falar e... Habilidade? Que não falte a ética você tem que ter demais, exemplo, a sua ação, sua conduta,

Fabília: A conduta profissional, né?

Fernanda: Conta demais da conta. Se não você perde o respeito.

Fabília: Você fala respeito entre a equipe ou entre...

Fernanda: Você com o seu cliente. Por exemplo, com o adolescente no caso, com o seu cliente ali. E profissional também, né? Se você não tiver uma conduta, você também perde o respeito com o seu colega de trabalho

Fabília: Então tem que ter uma boa escuta, saber acolher

Fernanda: É. Saber falar

Fabília: Saber falar

Fernanda: Como falar

Fabília: Postura...

Fernanda: Postura

Fabília: Ética. Dessa área, o que você considera como os objetivos da musicoterapia no campo social?

Fernanda: Eu acho que a ampliação de visão de mundo, que eu acho ele às vezes muito fechado pra um tipo só, por exemplo, de música, né? Vamos supor assim, só o rap. Acho que quando você leva outras coisas, outras músicas, você permite com que ele possa enxergar, sabe? As outras áreas, outras coisas, a outra pessoa. Mesmo

que seja por meio da música, né? Assim, respeito com o outro, respeito consigo, acolher o que gosta, mas também a situação do outro

Fabrícia: Uma simples mudança de estilo

Fernanda: De estilo. Exatamente

Fabrícia: Você consegue aí ampliar vários

Fernanda: É. Um pouco do olhar deles, né? Pra outras culturas, outro tudo. O que mais? Eu acho que é essa escuta de parar, ouvir, sentir, perceber, a sensibilidade, a emoção. Você tem emoção, você tem sentimentos. Não só a ação em si, o físico. O apoio social mesmo, dele se fortalecer. Porque é no grupo que eles vão cometer o delito. Mas é no grupo também que eles podem se fortalecer, se juntar pra algo de bom

Fabrícia: As duas visões de grupo

Fernanda: Isso. De grupo. Exatamente. Que você não precisa ter o outro só pra te levar pro buraco, você pode também ter o outro pra você sair dele. O apoio familiar, né? Os atendimentos familiares que a gente tem. Estar junto, igual quando for preencher a ficha musicoterapêutica, ver se eles têm vínculo ou não com a família, se eles veem o pai, a mãe, o irmão. Sobre a infância. Até mesmo também resgatar através da música o que era bom, o que é bom. Porque às vezes você tem só o que é ruim, o que é ruim, o que não presta, o que não vale nada. Mas quando eles estão ali dentro do atendimento musicoterapêutico, eles resgatam também aquilo que é bom, aquilo que foi bom, aquilo que foi gostoso, aquilo que é saudável. Acho que são mais esses, assim, os principais...

Fabrícia: Objetivos, né? Na musicoterapia na assistência social, você faria alguma relação com a musicoterapia comunitária?

Fernanda: Como é institucionalizado, tem. Tem relação sim com a musicoterapia comunitária. Mesmo sendo todos institucionalizados ali, né? Que estão dentro dessa instituição fechada, mas tem sim

Fabrícia: Teria alguma que você poderia associar?

Fernanda: Pois é, assim, o que eu entendo um pouco, né? Para não ficar perdida na musicoterapia comunitária, mas de você ouvir o que o grupo tem

Fabrícia: O trabalho em grupo

Fernanda: É, o que o grupo tem pra te oferecer, o que o grupo traz, qual é a cultura desse grupo, qual é o repertório desse grupo, o que esse grupo gosta de ouvir. Então eu acho que isso tem muito a ver. Eu acho que uma das principais coisas que tem é isso. E esse apoio social. Que eles têm um com o outro. Acho que é mais isso com a musicoterapia comunitária

Fabrícia: As habilidades dela, né? E como você definiria a musicoterapia na assistência social? Definição agora, de Fernanda

Fernanda: Musicoterapia na assistência social?

Fabrícia: É

[silêncio]

Fernanda: É uma formulação boba né. Eu acho que é a capacidade ou habilidade que ela consegue desenvolver... Acho que é mais assim, ampliar mesmo, sabe? O olhar do outro, essa escuta. Pra mim é essa a função da musicoterapia na assistência social

Fabrícia: Uma Musicoterapia que vem ampliar a escuta e o olhar do outro.

Fernanda: Isso. A escuta e o olhar do outro. E de si. De si e do outro. A escuta dele. Como eu me percebo ouvindo essa música, o que essa música provoca em mim, e no outro também. Pra mim, acho que é uma das principais coisas que tem na... E ver, acho que despertar a sensibilidade, despertar a emoção, despertar a

sensação de que essa música mexe comigo, eu tenho

Fabrícia: Você percebe essa necessidade deles, né?

Fernanda: É. Que eles ficam muito às vezes no campo ali racional, no físico, mais no físico mesmo do que no racional, e esquecem que eles têm essa sensibilidade. Então eu acho que a música, nessa parte também da assistência social, eu acho que ela permite essa sensibilização. Mais isso. Mas teria que formular um conceito mais bonitinho

Fabrícia: É, mas aí você fica à vontade também. Se quiser acrescentar depois, não tem problema. Se surgir mais alguma coisa, a gente acrescenta. De tudo que você relatou pra mim, da sua atuação, da sua música, do seu contato, convívio lá na instituição, nessa área, tem alguma música que você utilizaria pra definir a sua atuação musicoterapêutica nessa área?

Fernanda: Eu acho que eu teria duas. Acho que “É preciso saber viver”... Acho que umas três.

[risos]

Fabrícia: Se fosse em grau?

Fernanda: Em grau, certo. Bom, a primeira que veio é “É preciso saber viver”.

Fabrícia: “É preciso saber viver”

Fernanda: A segunda...

Fabrícia: Essa é de Gonzaguinha, né? “É preciso saber viver”.

Fernanda: Titãs que canta, né?

Fabrícia: Titãs. Sei, sei. A segunda?

Fernanda: A segunda seria “Tente outra vez”, do Raul

Fabrícia: E a terceira?

Fernanda: Seria “Tocando em frente”, do Almir

Fabrícia: Do Almir Sater. São as três músicas que mais representariam essa..?

Fernanda: É, que todos os dias é um espinho que você tem que tirar, mas toda flor que tem espinho você pode se arranhar assim, que está ali, que você vê um ser humano na sua frente, mas que está cheio de espinhos, que você vai se machucar, que eles vão te machucar. Mas vocês tem que saber viver, sabe? Por isso que vem o “Tente outra vez” pra você conseguir...

Fabrícia: Todos os dias, né?

Fernanda: Todos os dias, aquela luta tipo assim: “Ah, eu acredito em você, eu confio em você. Você é capaz de mudar, você não sei o que lá das quantas”

Fabrícia: Esse diálogo é pra você, internamente, tente outra vez, e pra ele também.

Fernanda: Pra ele também. Mas a nossa batalha é muito diária, né? De todos os dias, você estar lá assim. Um adolescente te xingou e você está lá no outro dia “Oi, como é que você está? Você está bem? Vamos começar hoje de novo?”. Você se dá esse novo recomeço tipo assim: “Não, você se arranhou, você se machucou, mas vai lá de novo.”. É preciso saber viver todos os dias, todas as dificuldades, enfrentar isso aí. E o “Tocando em frente” que é isso, né? Um dia após o outro, você tem que conhecer as manhas de cada um, as manhas de como cada um acordou. Você tem que falar pra saber se ele está bem, se ele está mal; se ele está triste, se está feliz; como ele está hoje. Então, ir tocando. Você vai, né?

Fabrícia: Tocando em frente

Fernanda: É

Fabrícia: Você tem algo que a gente... Assim, que no decorrer você sentiu necessidade e talvez a gente não pontuou muito? Você quer acrescentar alguma coisa, que você queira falar?

Fernanda: Não. Na verdade me deu uma curiosidade de saber mais, sabe? Assim, onde a minha prática se encaixa dentro do SUAS, o que é musicoterapia comunitária, o que é assistência social, sabe? Assim, onde que você está?

Fabrícia: Te instigou

Fernanda: É, me instigou. Eu falo assim: “Nossa, que vontade de pegar meus livros lá pra dar uma lida”. [risos] Fazer uma leitura nos meus livros assim vai. Aí eu fiquei mais assim: “Cadê”? Eu quero ler sobre isso, eu quero estudar sobre essa prática. Porque eu sempre vejo muito, parece que muito em comunidades mesmo. Não que lá não seja uma comunidade, mas eu sempre vi, assim, parece que uma prática muito longe, sabe? Musicoterapia comunitária parece que está muito longe da realidade que eu vivo, sabe? Assim, eu sinto essa... Ou muito pouco acesso que eu acho que eu tive ou tenho ou não pesquisei muito sobre musicoterapia porque você vai fazendo as outras coisas nas outras áreas, né? Você faz, vai pra Faculdade de Educação, você faz em Saúde, você faz não sei lá das quantas, então você perde um pouco o fio da musicoterapia.

Fabrícia: Você vai criando um afastamento, né?

Fernanda: É. Você vai tendo um afastamento aí. Pela demanda, a própria demanda da unidade, até estava falando assim: “Gente, vocês viram que sobra um dia, dois dias por atendimento?”. Porque durante a semana, um dia é revista, você não atende; o outro dia é visita, você não atende; o outro dia você acompanha as atividades, você não atende. Então sobraram dois dias pra você atender. Eu tenho oitenta adolescentes pra eu atender. E meus atendimentos são demorados mesmo. São mesmo. São muito demorados. A demanda é muita, eles não querem sair do atendimento, então eu fico com o grupo uma manhã.

Fabrícia: Você que faz essa triagem de quem vai ser atendido.

Fernanda: De quem vai ser atendido no dia? Assim, eu falo assim: “Você vem, você vem, você vem, você vem...”. Geralmente eu costumo atender por alojamento, porque eu já pego o alojamento inteiro e já atendo. Só que eles mudam de alojamento. Mas eu tento pegar um alojamento e fico com eles, então pra eu conseguir atendê-los uma vez no mês, filha, é uma bênção pra conseguir. Eu atendo todos. Eu não dou conta de falar assim: “Você eu vou atender, você eu não vou atender.”. Então eu procuro atender todos. E fora que quando isso não tem o dia, por exemplo, segunda-feira, mesmo que não tenha revista, acontece então você já não atende também. Aí amanhã eu já vou sair pra gente ir lá no Veiga Vale, no... No Basileu França na verdade, pra ver a questão, então eu já não vou atender. Quarta, quinta e sexta eu não vou atender porque eu vou estar no curso. Semana passada, segunda eu estava lá dentro, terça foi revista, quarta foi não sei o que lá, quinta foi visita e sexta eu estava lá dentro de novo. Também não atendi na semana passada. Então, assim, mas me deu curiosidade, falar assim: “Cadê a musicoterapia comunitária? Será que eu estou fazendo o trem certo? Será que eu não estou?”.

Fabrícia: Onde ela entraria...

Fernanda: Onde ela entraria...

Fabrícia: Será que ela já está aí?

Fernanda: Já está aqui e eu não estou sabendo... [risos]

Fernanda: Mas é interessante, assim, algumas coisas assim na...

Fabrícia: Mas esse momento você se sente instigada em procurar mais sobre isso que a gente conversou

Fernanda: É. Hoje eu me sinto mais, assim: “Nossa, eu estou precisando estudar”. Acho que precisa, até um pessoal falou assim: “Fernanda, por que que você vai pra esses cursos de formação?”. Eu falei: “Porque eu me atualizo.”. Lá eu consigo me atualizar, o que está pegando, o que o povo está querendo, o que... Onde que eu

estou, em qual meio que eu estou. Mas, mais é isso

Fabília: É? Então eu te agradeço, a gente conseguiu contemplar todos os nossos questionamentos. Eu fiquei assim, muito agradecida mesmo por você compartilhar muito. Assim, a gente vai passando de uma entrevista pra outra, e cada uma vai trazendo um detalhe, cada um vai trazendo uma riqueza de sua atuação e as diferenças, até as semelhanças mesmo, né? O mesmo serviço mas você vê algumas coisas diferentes e bem semelhantes também, mas a gente agradece por ter exposto esse tempo da gente conversar. A defesa está prevista pra abril do próximo ano. Até lá a gente rala pra conseguir analisar esse material, juntar tudo. Mas, nesse decorrer, o que você precisar, o que você sentir necessidade, se quiser saber do andamento da pesquisa, pode ficar à vontade pra procurar

Fernanda: Você também, qualquer coisa

Fabília: E, com certeza, a gente ainda vai se encontrar aí várias vezes pra poder, assim, fora da pesquisa, pra gente, né? Conversar... Fica à vontade, assim, eu me disponho pra gente conversar de algumas outras coisas, e também fico agradecida, né?

Fernanda: Eu que agradeço. Qualquer coisa, pode contar comigo.

Fabília: Então está bom.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Transcrição da Entrevista

SOUZA, Gildásio Januário de. **Gildásio Januário De Souza**: entrevista [jun. 2015]. Entrevistadora: Fabrícia Santana. Goiânia: UFG, 2015. Mp3. Entrevista concedida para a pesquisa A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Nome: **Gildásio Januário De Souza**

Cidade/UF: **São Paulo** Idade: **32 anos**

Local de Trabalho: **São Paulo Woman's Clube**

Associação de Musicoterapia: **APESMP**

Data da realização da entrevista: **10/06/2015**

Fabrícia: Pronto, eles já estão ligados então a partir de agora a nossa conversa ela já está sendo gravada

Gildásio: Está certo

Fabrícia: Você tinha me falado no e-mail sobre a questão da atuação

Gildásio: Isso

Fabrícia: Como seria hoje? Como está a tua atuação hoje?

Gildásio: Na musicoterapia? Então, a minha atuação hoje é só na militância pela APEMESP aqui em São Paulo. Participando do Fórum dos Trabalhadores, mas atuando com musicoterapeuta mesmo no momento eu não estou atuando.

Fabrícia: Mais aí você falou que já atuou

Gildásio: Isso

Fabrícia: Com musicoterapia na área social? No caso dentro dos critérios tinha essa possibilidade, tanto quem está área atuando na área no momento e quem também já atuou porque o objeto nosso de estudo também vai ser a experiência de como que foi essa atuação. Eu acredito que essa parte você tem, essa experiência, essa atuação na área. Você teve essa oportunidade de passar

Gildásio: Sim, sim

Fabrícia: Então não invalidaria a sua participação na pesquisa

Gildásio: Ok

Fabrícia: Então está bom. Ela vai ser uma entrevista semiestruturada de forma que eu quero te deixar livre se você precisa interromper algum momento para desenvolver alguma atividade. Se tiver alguma pergunta que você não queria responder a gente pode passar para a próxima, mas ao total serão dezoito perguntas. Uma vai puxando a outra, a gente dividiu as perguntas em dois blocos. O primeiro bloco é só sobre a atuação profissional, sobre a inserção. O segundo bloco é sobre a musicoterapia nesta área.

Gildásio: Certo

Fabília: A gente inicia com o cabeçalho, no cabeçalho ele tem o nome, a cidade e vou preencher conforme o que tu me passou no TCLE mais a cidade que você reside hoje é São Paulo Capital mesmo?

Gildásio: São Paulo Capital mesmo

Fabília: E a idade Gildásio?

Gildásio: Hoje eu estou com trinta e dois

Fabília: Trinta e dois anos. O local onde você desenvolveu o seu trabalho?

Gildásio: chama São Paulo Woman's, w-o-m-a-n apóstrofo s Woman's Clube

Fabília: Womans mulher?

Gildásio: Isso. São Paulo Woman's Clube

Fabília: Clube, certo. A Associação de Musicoterapia que você está vinculado hoje?

Gildásio: APEMESP

Fabília: Estes eram alguns dados básicos que a gente colocou no cabeçalho. Agora eu vou iniciar com as perguntas dos blocos. Quanto tempo que você atuou nesta área?

Gildásio: Então, nós ficamos, eu atuava com outro musicoterapeuta o R. aqui da São Paulo. Nós ficamos mais ou menos dois anos era com grupo de famílias. Eram mães de adolescentes em medida socioeducativa em meio aberto. Então essas mães dos adolescentes tem acompanhamento com os técnicos, reuniões socioeducativas e nessas reuniões socioeducativas foi nos proposto estar realizando um trabalho de Musicoterapia.

Fabília: Mas você ficou lá neste campo durante dois anos

Gildásio: Isso. Nós éramos oficinairos de musicoterapia e daí nos ficamos no período de dois anos.

Fabília: Qual que a tua formação?

Gildásio: Então me formei em Musicoterapia.

Fabília: Bacharelado mesmo?

Gildásio: Bacharelado em Musicoterapia e terminei a pós agora em psicopedagogia.

Fabília: Muito bom. Sobre a questão do SUAS os princípios e diretrizes, você conhece?

Gildásio: Os princípios e diretrizes do SUAS?

Fabília: Isso

Gildásio: Eu tenho procurado me inteirar mais, conhecer mais sobre o SUAS, sobre a constituição. Vou ser sincero que eu ainda preciso me aprofundar mais.

Fabília: Se fosse possível comentar de algum princípio você teria propriedade de falar de algum deles? Algum princípio, alguma diretriz do SUAS?

Gildásio: Eu acho que falar sobre a questão legal dele que era para ter sido instituído lá na Constituição de oitenta e oito e levou mais de quinze anos para ser regulamentado. Eu acho que é mais nesse sentido histórico.

Fabília: Muito bom. Do trabalho que você realizava lá, você sabe qual que era o nível de proteção que você estava inserido?

Gildásio: Ah, lá era proteção especial de média complexidade.

Fabília: Média complexidade e o vínculo empregatício que você tinham?

Gildásio: Nós éramos oficineiros

Fabília: Era contrato? Como que era?

Gildásio: RPA

Fabília: RPA?

Gildásio: Recibo de Prestação de serviço de Autônomo era como autônomo

Fabília: E como que funcionava?

Gildásio: Como que funcionava...

Fabília: Você não era vinculado então diretamente ao

Gildásio: Quadro de RH

Fabília: No serviço público. Você era vinculado a alguma empresa terceirizada?

Gildásio: Não, não. Nós íamos lá desenvolver esse trabalho tanto é que nós íamos uma vez por mês, as vezes isso oscilava a cada dois meses, não tinha uma frequência de quinze em quinze ou mensalmente as vezes isso alternava.

Fabília: Mas era RPA

Gildásio: Como autônomo

Fabília: Durante esse tempo que você atuou lá, você recebeu algum tipo de capacitação ou buscou por conta própria?

Gildásio: Não. Capacitação nós não tivemos nenhuma capacitação não. Nós começamos a desenvolver mediando aquilo que a gente foi percebendo qual era a demanda do grupo.

Fabília: Era uma busca particular?

Gildásio: Era um busca nossa mesmo, minha e do meu outro colega musicoterapeuta. Tanto é que depois eu fui contratado nesta instituição e eu assumi o projeto da Proteção Básica e aí coincidiu eu me desvinculei destas oficinas e meu colega continuou com outro amigo nosso.

Fabília: Então além de atuar como musicoterapeuta como que funcionava essa questão do projeto?

Gildásio: Então

Fabília: você coordenava o projeto?

Gildásio: não depois eu fui trabalhar na instituição em um projeto da instituição na proteção básica que é o Centro para Juventude.

Fabília: você saiu desta proteção especial e foi para proteção básica.

Gildásio: isso mesmo, dentro da própria instituição. Eu comecei com auxiliar da coordenação e depois eu me tornei gerente de serviço dentro da instituição. Com isso eu resolvi me desvincular das oficinas que eu tinha dentro da instituição que era na proteção especial.

Fabília: e nesse outro âmbito você não fazia oficinas você ficava mais na parte burocrática mesmo, de gestão.

Gildásio: isso na gestão mesmo do projeto social

Fabília: então podemos dizer que você atuou nos dois níveis, tanto no nível especial quanto no nível básico.

Gildásio: Básico. Isso nas duas esferas. Só não atuei na alta complexidade eu atuei no estágio. Quando eu fazia estágio eu atuei num abrigo

Fabília: Como que ocorreu essa inserção sua lá no campo?

Gildásio: Na instituição?

Fabília: Isso!

Gildásio: Eu sempre trabalhei na área social. Eu migrei do administrativo, depois eu fui fazer Musicoterapia e nesse meio você vai conhecendo muitas pessoas. Então eu fiz algumas amizades e aí uma colega minha de serviço de uma outra instituição, ela ainda é gerente deste serviço da proteção especial. Ela me convidou, ainda quando era estudante me convidando para ir fazer oficinas com grupos de mães e aí depois assim que eu terminei eu assumi essas oficinas. Começamos a pensar em projetos que seriam interessantes para estas famílias e começamos a realizar este trabalho de Musicoterapia, mas foi a partir de uma amizade que eu tinha com uma pessoa.

Fabília: Como que ela justificou a sua inserção? Tinha algum projeto?

Gildásio: Na verdade

Fabília: Você precisou fazer projeto?

Gildásio: Eu apresentei um mini currículo, eu fui lá conversar com a equipe e também com a equipe de trabalho dos técnicos que acompanham os adolescentes e as famílias e apresentei o que a Musicoterapia faz, qual que é o trabalho da Musicoterapia e depois eu escrevi um projeto bem simples e apresentei pra eles e aí começamos a desenvolver essas oficinas.

Fabília: E na parte da gestão, depois que você já estava nas oficinas foi convidado para ser assistente de coordenação, como que aconteceu essa passagem sua da oficina para a gestão?

Gildásio: Como eu só esse trabalho que era com as oficinas esporádicas, não tinha uma regularidade. Depois eu fui convidado para fazer parte da assistente da coordenação era um trabalho registrado, todos os dias aí eu consegui conciliar. Eu já estava trabalhando estava trabalhando na proteção básica como educador aí eu assumi a assistência da coordenação e depois as atribuições foram se tornando maiores então eu assumi a coordenação.

Fabília: Nossa, uma experiência muito boa e diferente do que a gente costuma ver com relação a atuação. A gente ver mais musicoterapeutas na atuação voltadas para oficinas, mas a gente não encontra muitos na atuação de gestão.

Gildásio: Sim. Eu vim do administrativo então começar um administrativo na questão mais burocrática eu comecei na proteção especial que por coincidência era um projeto trabalhando como meninos cumprindo medida socioeducativa. Era administrativo depois eu falei olha preciso estudar e aí fui fazer musicoterapia.

Fabília: Então já estava um caminho para o outro. Já estava dentro do projeto na parte administrativa, você sentiu necessidade de se especializar em uma área para abraçar. Fez musicoterapia e voltou para o campo como musicoterapeuta.

Gildásio: Isso aí como educador social, também trabalhei como educador social, na proteção básica e depois eu trabalhar na proteção especial como oficineiro, voltei para a básica de novo como educador e como assistente da coordenação e foi isso.

Fabrícia: Nossa Gil então você transitou bem com relação as experiências. Você conseguiu transitar entre os níveis bem e várias atuações.

Gildásio: Em vários lugares diferentes. Eu trabalhei no centro de defesa chamado CEDECA não sei você já ouviu falar

Fabrícia: CEDECA?

Gildásio: Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente

Fabrícia: Sim

Gildásio: Tem CEDECAs em vários estados aqui do Brasil. Eles trabalham na ótica da defesa do direitos

Fabrícia: E lá você levava o diálogo enquanto musicoterapeuta também?

Gildásio: Não lá no CEDECA eu ainda era administrativo e estava migrando ainda para musicoterapia

Fabrícia: Sobre a tua atuação como musicoterapeuta nas oficinas, como que eram os espaço onde aconteciam o serviço de Musicoterapia?

Gildásio: Os espaços?

Fabrícia: É

Gildásio: Então, nós tínhamos sempre uma sala reservada onde a gente podia as nossas atividade de musicoterapia. Sempre o pessoal providenciava alguns os materiais que a gente pedia com antecedência então tinha uma sala sempre reservada para este trabalho

Fabrícia: Era dentro da...

Gildásio: Instituição?

Fabrícia: Sim era dentro da instituição essa sala mesmo?

Gildásio: Isso. Dentro da instituição no espaço do projeto da Proteção Especial especificamente

Fabrícia: Tinha o quê nesta sala?

Gildásio: Olha as vezes a gente utilizava de recurso o som que a gente utilizava, colchonete que a gente fazia uma atividade mais receptiva com Musicoterapia

Fabrícia: Era uma sala ampla e tinha alguns objetos nela ou não era uma sala mais vazia que você levavam os materiais para lá?

Gildásio: Era mais vazia e nós levávamos os instrumentos também quando a gente usava para fazer a atividade receptiva de Musicoterapia, mas quando a gente pedia material o pessoal colocava a disposição, mas geralmente uma sala mais vazia, vamos dizer assim

Fabrícia: Se precisasse de algum material vocês pediam com antecedência

Gildásio: Isso

Fabrícia: E aí eles providenciavam

Gildásio: Providenciavam para nós

Fabrícia: E quais as ações que vocês desenvolviam como musicoterapeuta?

Gildásio: No grupo lá com as famílias. Então basicamente o nosso trabalho era um trabalho mais de escuta, porque nesse trabalho adolescente em medida socioeducativa ele, como eu posso explicar, os adolescentes infracionam, os adolescentes recebem a medida e terminam a medida então os pais é muito rotativo. Então nós íamos num mês tinham uns pais nós íamos no outro mês tinha outros pais. Então a gente procurava escutar quais eram as demandas iniciais dos pais e com isso a gente iam propondo as nossas atividades. Geralmente era um trabalho de musicoterapia mais receptiva mesmo.

Fabrícia: Bom, como a gente está falando ser serviço e das ações também eu acho que poderia ser rico a gente ir migrando um pouco ou eu volto a esses tópicos e a gente fala sobre a questão da gestão. A gente pode ir e falar eles com relação as oficinas e depois a gente volta e eu queria te escutar um pouco mais sobre a gestão, pode ser?

Gildásio: Pode ser

Fabrícia: Então está bom. Nas ações que você desenvolvia nas oficinas eram mais, se a gente colocasse dentro dos métodos da Musicoterapia seria mais receptiva

Gildásio: Isso seria mais receptiva. A gente muitas vezes levava os colchonetes para depois dessas escutas que nós fazíamos destas famílias então a gente levava os colchonetes, depois a gente apagava as luzes deixava os colchonetes a vontade para o pessoal, depois de terminada a atividade de Musicoterapia a gente trazia essas pessoas para falar qual o sentimento que eles estavam trazendo depois dessa atividade que foi feita né então era basicamente esse o nosso trabalho.

Fabrícia: Quem que participava destes encontros? Você falou famílias, o adolescente também participava era o pai, a mãe?

Gildásio: As vezes nós contamos com a participação de alguns adolescentes, mas geralmente eram as mães, os pais também tinha alguma participação mas era muito pouco com relação as mães, mas nós tivemos participação de pais também. As vezes alguma crianças que iam junto com as mães. Os técnicos também. Tinha alguns técnicos de medidas socioeducativas que quando a gente propunha a atividade de Musicoterapia Receptiva o pessoal ficava lá para participar também.

Fabrícia: Participavam até os técnicos

Gildásio: Alguns técnicos também chegaram a participar conosco.

Fabrícia: E de recursos o que você utilizava de instrumento e recurso normal sem ser instrumento

Gildásio: A gente levava as vezes instrumentos percussivos aqueles pequenininho de percussão, o violão, conduit a gente também utilizava, basicamente, aparelho de som a gente também utilizava, algumas xerox a gente utilizada

Fabrícia: Eu perdi um minutinho da tua fala, depois que falou do conduit ficou mudo e eu não consegui te ouvir

Gildásio: A tá, o uso de CDs também a gente levou alguns CDs, conduit, violão, basicamente, o aparelho de som a gente também utilizava

Fabrícia: E estas ações você falou que o outro musicoterapeuta participava contigo também. Elas eram desenvolvidas em equipe ou participavam só vocês dois?

Gildásio: Não entendi

Fabrícia: As tuas ações eram desenvolvidas em equipe ou participavam só você e o outro musicoterapeuta?

Gildásio: Participava eu e o outro musicoterapeuta

Fabília: E tinha mais alguém da equipe de técnicos que participavam também?

Gildásio: Que propunha alguma atividade alguma coisa dessa forma?

Fabília: Sim junto com vocês que estavam coordenando a atividade

Gildásio: Ah sim. Geralmente tinham dois técnicos que acompanhavam o nosso trabalho eles conversavam um pouco com os pais mais no sentido burocrático que era assinar lista de presença, de falar um pouco daquilo que estava sendo realizado naquele dia inclusive para os pais que estavam chegando pela primeira vez. Nos apresentando basicamente. Todo encontro era uma apresentação nova.

Fabília: Eles apresentavam vocês. Os técnicos que apresentavam vocês

Gildásio: É apresentavam, ficavam responsáveis pela questão burocrática de assinatura de lista o lancha ia ser servido no final do encontro. Tinha algumas deles que ficavam até o final participando da atividade conosco e quando não eles também se ausentavam quando a gente começava a atividade e ficava do lado de fora esperando terminar.

Fabília: Eram profissionais de quais áreas? Estes que geralmente

Gildásio: Da Psicologia, do Serviço Social, do Direito, da Pedagogia que são os profissionais deste nível de categoria da Proteção Especial no caso das medidas socioeducativas

Fabília: Como que você descreveria as habilidades necessárias do musicoterapeuta para atuar no âmbito social?

Gildásio: As habilidades?

Fabília: É

Gildásio: Eu acho que o musicoterapeuta precisa estudar sobre o Sistema Único de Assistência, entender quais são as demandas, por exemplo, das áreas de atuação. Porque dependendo da Proteção Básica, da Proteção Especial requer talvez um, como posso te explicar, talvez um olhar diferente. Neste caso com grupo de mães de adolescentes em medida socioeducativa a gente via que quando elas chegavam elas queriam falar. Porque muitas vezes é tachado com preconceito, que a mãe “de um filho que é ladrão” então como que o musicoterapeuta escuta isso e depois propõe o trabalho. Diferente da Proteção Básica que tem um outro contexto diferente da Proteção Especial. Então eu acho que o musicoterapeuta, a meu ver, as habilidades é observar qual é a proteção que ele está trabalhando, escutar e a partir destas demandas ele propor o trabalho que ele acha que é necessário.

Fabília: Nesse campo como que você colocaria quais são os objetivos da Musicoterapia neste campo?

Gildásio: Acho que os objetivos da Musicoterapia neste campo eu vou, eu acho que é a questão da socialização. A música ajuda a socializar inclusive as vezes tem alguém que tem uma ideia e o outro tem a mesma ideia que ele mais ou menos neste sentido. Socialização, auto expressão, autoconhecimento

Fabília: Isso tudo seria uma forma de favorecer?

Gildásio: Isso

Fabília: A música favoreceria então essa auto expressão, esse auto conhecimento a socialização

Gildásio: O diálogo, a conversa

Fabília: Você estabeleceria alguma relação entre a Musicoterapia na Assistência Social e a Musicoterapia Comunitária?

Gildásio: Alguma relação entre elas?

Fabrícia: É. Entre a Musicoterapia na Assistência Social e Musicoterapia Comunitária?

Gildásio: Quando você fala comunitária você está falando de uma comunidade específica dentro de uma instituição, fora de uma instituição?

Fabrícia: Não é assim, esta Musicoterapia Comunitária a gente traz ela como uma abordagem também da musicoterapia. A gente tem algumas coisas escritas pelo Stige, pela Pellizzari falando sobre uma abordagem da Musicoterapia específica, ela se chama Musicoterapia Comunitária. Você já ouviu falar alguma coisa dela?

Gildásio: Eu acho que ouvi o Oscar Gonzales da argentina

Fabrícia: Sim na Argentina ela é bem desenvolvida a Musicoterapia Comunitária

Gildásio: Acho que ele desenvolveu um trabalho mais ou menos deste com adolescentes e crianças em periferias na Argentina, alguma coisa assim neste sentido. A Patrícia Pellizzari eu já ouvi falar do trabalho dela, mas eu não conheço a fundo

Fabrícia: Mas assim o que você conseguiu observar da apresentação do trabalho e com a Musicoterapia na Assistência Social você consegue ver alguma relação?

Gildásio: Eu acredito que sim. Eu acho que é só nomenclaturas. Eu não sei como é definido o sistema de Assistência, vamos dizer assim, na Argentina, mas eu acho que tem sim uma aproximação entre elas.

Fabrícia: E a diferença seria apenas de nomenclatura

Gildásio: De nomenclatura talvez

Fabrícia: E como que você definiria a Musicoterapia na Assistência Social?

Gildásio: Como eu definiria a Musicoterapia na Assistência Social?

Fabrícia: É

Gildásio: Muito bom, estou pensando

Fabrícia: A bola da vez

Gildásio: Eu que você está fazendo isto, mais do que atuação nos trabalhos sociais, tem essa questão política. Eu acho que a Musicoterapia na Assistência Social, em minha opinião também, um viés político. Eu acho que temos tentado caminha neste sentido, uma vez que ainda os musicoterapeutas não estão totalmente inseridos dentro do Sistema Único de Assistência Social. Eu acho que a atuação da Musicoterapia no Sistema Único de Assistência Social vai muito além do que só atuação em si, atuação direta vamos dizer assim. Acho também que é uma atuação política é algo importante.

Fabrícia: Amplia. Eu vou retomar a questão do serviço, mas agora com o olhar da gestão. Em que espaço ocorria essa questão da tua gestão enquanto coordenador?

Gildásio: Em que espaço ocorria este serviço?

Fabrícia: Ahan

Gildásio: Então eu trabalhei no Centro para Juventude que é um serviço da Proteção Básica é um serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Atuei na gestão. Eu tinha uma equipe de funcionários, então era responsável por esta equipe, responsável pelo planejamento das ações que nós íamos fazer, responsáveis pelas

atividades que estavam sendo propostas para estes adolescentes, atividades externas que nós íamos fazer e ao mesmo tempo também, o trabalho em rede da Proteção Básica daquele CRAS onde eu estava trabalhando

Fabrícia: Você tinha uma sala para você?

Gildásio: Tinha uma sala, tinha uma pessoa que ficava junto comigo que era a assistente. Era eu, a assistente e uma equipe de três educadores, dois auxiliares de serviços gerais. Nós atendíamos adolescentes entre quinze e dezessete anos e onze meses. Neste projeto nós tínhamos dois cursos, a princípio quando eu entrei eram três assistente administrativo, cabeleireiro e telemarketing, depois foi suprimido um destes cursos e ficaram cabeleireiro e telemarketing que depois passou ser chama de atendimento ao cliente. Nós atendíamos em dois turnos.

Fabrícia: Quem participavam era adolescentes de quinze a dezessete anos?

Gildásio: Isso, quinze a dezessete anos e onze meses

Fabrícia: E onze meses

Gildásio: Adolescente ali da comunidade, mas também nós recebíamos adolescentes em medida socioeducativa de Liberdade Assistida, de prestação de serviço à comunidade ou de semiliberdade também recebíamos. Adolescentes em abrigo, adolescentes encaminhados pelo Conselho Tutelar ou adolescente encaminhado pelo CRAS. Nós recebemos toda esta demanda

Fabrícia: E o que era da tua ação enquanto gestão. Você falou que fazia projetos, que coordenava a equipe. O que era da tua responsabilidade?

Gildásio: Na minha responsabilidade era fazer acontecer a grade de atividades semestrais, que é o planejamento semestral. Então mensalmente eu tinha que acompanhar esse planejamento, ver junto com os educadores como estava o relatório diário e mensal deles, como estava o planejamento e se ele estava acordo com essa grade tendo que encaminhá-lo semestralmente para o CRAS. Mensalmente eu tinha uma reunião com as outras coordenadoras do CRAS da Proteção Básica e essa reunião era puxada pela supervisora do CRAS.

Fabrícia: No caso você já estava vinculado agora ao CRAS. Você como já estava como técnico de referência do CRAS?

Gildásio: Não, na verdade a instituição presta esse serviço junto ao CRAS.

Fabrícia: Sim

Gildásio: Sob a supervisão do CRAS, uma vez por mês as supervisoras iam na instituição como estava o trabalho, acompanhar de perto e também nós tínhamos uma reunião mensal onde se encontravam todos os gerentes da Proteção Básica que eram os CCAs – Centro da Criança e do Adolescente e o Centro da Juventude. Todos eles se encontravam uma vez por mês com as supervisoras para discutirem os temas relevantes para estes serviços.

Fabrícia: E nesta parte que você ficava participavam também os profissionais, que você falou que eram da equipe de limpeza, tinha orientadores

Gildásio: Isso. Eu tinha orientador socioeducativo da equipe especializada, assistente técnico, auxiliares de serviço geral e uma cozinheira

Fabrícia: Estes então

Gildásio: Eram da minha equipe

Fabrícia: Faziam parte da tua equipe

Gildásio: Mensalmente eu fazia reunião com eles para discutir aspectos relevantes a Proteção Básica. Nós discutimos muitas coisas. Qual era a finalidade do nosso serviço, a quem que ele se destinava,

Fabrícia: Você fazia com a equipe?

Gildásio: Com a minha equipe. Sensibilizá-los para esta questão do Sistema Único de Assistência. O que é o Sistema Único de Assistência, o que é o CRAS, o que é o CREAS. Formações neste sentido mais gerais. A postura do educador, a diferente de educador e professor. A caracterização do nosso serviço, o que era um Centro da Juventude, no caso do nosso serviço. Então eu sensibilizava também neste sentido desta atribuição.

Fabrícia: Esta parte de gestão ela é bem ampla e te dá como eu tinha pontuado um pouquinho antes é outro mundo, com relação a atuar enquanto musicoterapeuta com os recursos dos instrumentos e atuar enquanto gestor musicoterapeuta, que é a sua formação, mas na coordenação de uma equipe.

Gildásio: Isso

Fabrícia: E nessa coordenação quais eram os recursos que você utilizava? Recursos materiais a gente poderia dizer, porque nas oficinas tinha tinham os instrumentos que eram utilizados

Gildásio: Isso

Fabrícia: Enquanto que recursos você utilizava?

Gildásio: Eu tinha a disposição datashow, tinha material de escritório, tinha notebook tudo a disposição para fazer esse trabalho com a equipe. Nós tínhamos específicas para o trabalho com os adolescentes. Eu procurava sempre disponibilizar material para minha equipe então toda apresentação por mês, apesar de ser uma equipe pequena eu sempre disponibilizava material para que todos acompanhassem. Inclusive eu era tido como “muito chato”, procurava fazer um quis sobre o que é a Proteção Básica, o que é a Proteção Especial, o que é o CRAS, o que é o CREAS, para quê eles servem. Eu procurava ir acompanhando essa minha equipe do jeito que eu achava que era interessante, mas eu tinha bastante recurso a minha disposição. Sempre que eu precisava de alguma coisa estava sempre à disposição. Também era um papel da coordenação fazer prestação de contas, mas como tinha um setor de comprar lá na instituição acabava que não fazendo compras, mas é uma atribuição também do gestor.

Fabrícia: Fazer prestação de contas. Deixa-me entender um pouquinho melhor sobre esta instituição que você estava. Ela prestava serviço de referência do CRAS, ela era referenciada ao CRAS?

Gildásio: Isso. Mantinho nos casos os convênios

Fabrícia: Ela era conveniada então

Gildásio: Com a prefeitura e referenciada ao CRAS

Fabrícia: Sim, então ela era uma instituição conveniada. Tanto a de nível especial e a básica, era a mesma?

Gildásio: Era tudo no mesmo espaço

Fabrícia: Era o mesmo espaço a única coisa que aconteceu foi a tua mudança enquanto nível

Gildásio: Isso. Fui mudado de sala no caso porque lá na instituição nós tínhamos um Centro para Criança e Adolescente de seis a quatorze, Centro para Juventude de quatorze a dezessete mais ou menos, um núcleo de Convivência para o Idoso a partir de sessenta anos e um projeto da Proteção Especial no caso para adolescentes em medida socioeducativa em meio aberto, Liberdade Assistida e Prestação de Serviço à Comunidade. Então estes quatro projetos, estes quatro serviços, ele ainda acontecem no mesmo espaço da instituição só que em salas diferentes, mas na mesma instituição do espaço físico lá.

Fabrícia: Muito bom. Diferente, mas ela funciona como convenio e aí serve toda essa estrutura e segue a mesma política

Gildásio: Isso. É supervisionado pelas supervisoras do CRAS

Fabrícia: De toda essa sua passagem, essa tua atuação, estando lá com as famílias, com os adolescentes, depois voltando também como gestor, como profissional musicoterapeuta, tem alguma música que você usaria para definir a tua atuação como musicoterapeuta nessa área?

Gildásio: Ah veio uma agora na minha cabeça

Fabrícia: Pode ir, a primeira que vem é essa

Gildásio: Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz. Eu acho que, por exemplo, trabalhar na Proteção Especial e depois eu vi para a Básica eu percebia nitidamente quando eu fazia os encontros de família com as famílias dos meus adolescentes na Proteção Básica. Ter passado pela Proteção Especial tudo isso me ajudou. Quando eu tinha que fazer esses trabalhos, mensalmente também, os encontros de família. Eu tinha que fazer mensalmente os encontros de família e percebi o quanto isso foi rico, o quanto eu aprendi. A gente está sempre aprendendo. Sempre está aprendendo

Fabrícia: Um eterno aprendiz

Gildásio: É um eterno aprendiz

Fabrícia: Você tem algo mais para acrescentar? Alguma coisa que talvez você queira expor e ali na pergunta eu não te dei essa oportunidade e a gente passou. Tem alguma coisa a mais que você queira acrescentar?

Gildásio: Eu não sei a nossa formação fica.... Na formação nossa como musicoterapeuta eu sinto que as vezes falta falar da área social, da Musicoterapia Comunitária porque a gente acaba falando tanto da saúde, da reabilitação. Estou falando do meu caso aqui em São Paulo, não sei como é a realidade de fora. As vezes eu sinto que a Musicoterapia no âmbito Social Comunitário se fala muito pouco então as pessoas que falam você escuta, “ah existe?” Eu fui pesquisar e achei alguma coisa quando eu estava fazendo o TCC, mas já estava terminando a faculdade. Acho talvez que não formação do musicoterapeuta falar, ter alguma disciplina, alguma coisa que também reflita sobre isto. Porque parece, a impressão que eu tenho, que a gente sai da faculdade sendo ótimos “técnicos” musicoterapeutas no sentido de atuar com a Musicoterapia. Em contrapartida tem essa questão política que as vezes, por exemplo, eu me sinto até engolido quando eu vou em uma reunião assim, porque os pessoal está tão mais habilidoso a Psicologia, o Serviço Social, eles são de uma habilidade maior porque acho que isso vai sendo tratado ao longo da formação ou talvez essa nossa formação enquanto musicoterapeuta, talvez ser pensado esta questão no âmbito social, político porque eu acho que esse o tom que a gente tem recebido depois desse caminhar e ter conseguido a inclusão no SUAS, a inclusão procedimentos no SUAS, a inclusão de número no CBO. Eu acho que a Musicoterapia vem fazendo outro movimento.

Fabrícia: Você acha que esse movimento ele foi político?

Gildásio: Totalmente político, porque se eu perguntar para os musicoterapeuta lá o CRAS eles vão falar “ah é legal que a gente busque agora a regulamentação” e buscar a regulamentação sem tudo isso que acabei de falar, que foram conquistas recentes, foi o que aconteceu e a gente acabou não conseguindo. As pessoas olhavam para a gente, por mais que a gente faça um bom trabalho, mas parece que ainda não estando nestes sistemas para ter uma credibilidade maior. Acho que estamos caminhando para isto, a luta. Apesar ser com um que está lá em cima no norte, outro lá no centro e outro que está aqui no sul, mas é assim mesmo. Quem sabe, eu não sei se vou conseguir ver se a Musicoterapia vai efetivamente... Vão vir outros musicoterapeuta e a luta ela não pode parar ela tem que continuar.

Fabrícia: É bem assim mesmo. A gente entre no campo e vai atuando e percebendo estas necessidades. Que bom ouvir tudo o que você compartilhou comigo agora a noite, da sua experiência enquanto gestão, quanto nas oficinas e ouvir um pouco disto. Por mais que a gente procure e esteja inserido na área, mas ouvir outras

experiências é uma forma rica de aprendizado e eu quero te agradecer por estes minutos, quase uma hora que a gente está conversando. Por você se dispor em responder as perguntas e compartilhar tudo o que você tem vivido. Pode ter certeza que foi muito bem vindo todo teu relato, para a gente utilizar. Continua à disposição para o que for necessário. Depois que a gente terminar as entrevistas nós vamos transcrever, vamos passar todas elas por uma análise, mas sinta-se a vontade a hora que você precisa e quiser saber como está o andamento da pesquisa pode nos procurar que nós vamos compartilhar com muito prazer e ao final a gente vê o fruto de todos vocês que estão participando. Espero que ao final a gente consiga chegar aos objetivos da pesquisa.

Gildásio: Eu fico feliz por você está trilhando um trabalho neste sentido, que muitas vezes também aprende a trazer conhecimento para outro musicoterapeutas, as vezes podem ter alguns que não saibam eu acho que neste sentido também vai agregar para Musicoterapia. Acho também que vai dar um norte em situações. Estou muito curioso para saber

Fabrícia: Por minha vontade eu juntava todos vocês, mas pode ter certeza que o convite vai chegar e nós teremos muitas oportunidades de se encontrar nos eventos e outras situação a gente vai poder se encontrar e ter muito para compartilhar também.

Gildásio: Você apresenta quando esta pesquisa?

Fabrícia: A defesa dela está prevista para abril do próximo ano. Em setembro é a qualificação e abril a gente faz a defesa dela. Agosto será apresentado só a pesquisa no Congresso Iberoamericano e novembro no Simpósio do Rio de Janeiro também teremos uma participação. O resultado da pesquisa e tudo isso que a gente tem falado será em abril.

Gildásio: Deixa eu te fazer um pergunta, você pesquisando sobre Sistema Único de Assistência como que é no nosso vizinho na Argentina? A Musicoterapia Comunitária atua no Sistema Único também?

Fabrícia: Sobre a Musicoterapia Comunitária ela também é uma pouco nova para a gente. Pegamos ela como modelo para investigar o que ela tem de semelhança e diferenças da Musicoterapia Comunitária com a Musicoterapia na Assistência Social. Para mim ela ainda está nova, mas como modelo de Assistência Social que a gente vive é Brasil, nos outros países é um modelo bem diferente.

Gildásio: Entendi

Fabrícia: Embora eles tenham a suas políticas também de Assistência Social, mas no modelo que nós vivenciamos o Brasil é diferente.

Gildásio: Qual a sua formação?

Fabrícia: Eu fiz bacharelado em musicoterapia, como nós já encerramos a nossa entrevista eu vou fazer assim. Vou pausar e a gente continua conversando.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Transcrição da Entrevista

SANTOS, Hermes Soares dos. **Hermes Soares dos Santos**: entrevista [set. 2015]. Entrevistadora: Fabrícia Santana. Goiânia: UFG, 2015. Mp3. Entrevista concedida à pesquisa A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Nome: **Hermes Soares dos Santos**

Cidade/UF: **Goiânia-GO** Idade: **43 anos**

Local de Trabalho: **Centro de Atendimento Socioeducativo - CASE**

Associação de Musicoterapia vinculada(a): **AGMT**

Data da realização da entrevista: **08/09/2015**

Fabrícia: Agora já está sendo gravada a nossa entrevista e eu vou te explicar como ela vai funcionar. Nós fizemos um roteiro e ele está dividido em três blocos, o primeiro bloco será com a sua identificação nome completo, idade, local de trabalho, associação. O segundo bloco é sobre a sua inserção profissional. Vou te fazer algumas perguntas de como foi a tua inserção e o terceiro bloco é sobre só atuação musicoterapêutica. Se tiver alguma pergunta que você não sinta confortável em responder, podemos passar para a próxima. Nós pensamos num esquema de perguntas que uma vai desencadeando a outra. Se precisar também se ausentar e ir beber uma água, ir ao banheiro, fique tranquilo que a gente pausa e continua novamente. São o total de dezoito perguntas. O nome e a cidade eu consigo puxar aqui do TCLE, mas tem alguns outros dados que eu vou te perguntar. A idade?

Hermes: se você também quiser sentar mais para cá para ficar perto.

Fabrícia: [reposicionamento no ambiente da entrevista] a idade?

Hermes: 43

Fabrícia: Qual que é o local de trabalho?

Hermes: Chama-se Centro de Atendimento Socioeducativo – CASE. Socioeducativo é tudo junto e sem acento.

Fabrícia: A Associação de Musicoterapia que você está vinculado?

Hermes: É aqui a de Goiânia. Associação Goiana de Musicoterapia.

Fabrícia: Data de hoje. Pronto! A gente conseguiu contemplar o cabeçalho e agora começa sobre a inserção. Há quanto tempo que você está atuando como musicoterapeuta na área social?

Hermes: Bom, na área social, eu fiz estágio na área social isso em 2006, depois o mestrado também foi na área social. O mestrado foi de 2008-2010. Em 2007 eu trabalhei com dependentes químicos e com uma creche em Anápolis. Então seria mais área educacional e área de saúde mental com dependentes químicos. Depois no mestrado teve a atuação durante o estágio no ano de 2009, área social, depois em 2009 até 2010 teve um projeto social que eu trabalhei também. Já tem uns dois anos contando o estágio, não três, porque tem o estágio, o estágio da graduação, o estágio do mestrado e esse projeto social que eu trabalhei por um ano. Então soma-se quase uns três anos nesta época. Tem mais...

Fabrícia: Três anos só nesta época do estágio e projeto.

Hermes: São os dois estágios, o da graduação e da pós-graduação o mestrado e o projeto que eu trabalhei. Depois eu fiz o concurso para este local que eu trabalho em 2010 e só chamaram em 2014. Então de 2010 até

2014 eu trabalhei na área educacional com Profa. Sandra no Ciranda da Arte, o contrato com a Luz Marina que a gente conseguiu. Agora atualmente tem um ano completo que eu estou na área do socioeducativo.

Fabrícia: Então se a gente tirar o intervalo do trabalho na área educacional, seria os três anos mais um ano neste novo seria quatro anos.

Hermes: Quatro anos. É claro que o socioeducativo ele é área social, mas a gente não pode confundir com os projetos. Quando a gente fala área social, já pensamos em projetos sociais. Não é projeto social ele é bem diferente porque você está lidando com pessoas que não está lá por opção. Não sei se de repente eu vou contemplar isto mais para frente, eu acho que mais pra frente eu explico.

Fabrícia: A formação? Qual que é a sua formação?

Hermes: A formação de Musicoterapia, formação mestrado em música na EMAC. Tenho formação musical também, bacharelado em flauta, fiz licenciatura em filosofia e tenho graduação incompleta, não cheguei a terminar, em teologia. Esta época eu fui frade Francisco durante 12 anos. Então eu tive estas formações também é só estas. Não, eu tenho também uma especialização de EAD na área de Educação Inclusiva.

Fabrícia: Você conhece os princípios e diretrizes do SUAS? Do Sistema Único de Assistência Social?

Hermes: Não, não.

Fabrícia: O SUAS é dividido por nível de proteção, vai ter nível de Proteção Básico, nível de Proteção Especial e dentro do Especial ele se divide em Média Complexidade e Alta Complexidade. Dentre estes níveis de proteção você saberia dizer em nível de proteção você está trabalhando.

Hermes: Este de Média e Alta Complexidade. O que caracteriza complexidade? São risco?

Fabrícia: São riscos.

Hermes: Eu diria que é de alta complexidade. O socioeducativo é.

Fabrícia: Como que é o teu vínculo empregatício?

Hermes: Servidor público.

Fabrícia: Concursado?

Hermes: Concursado.

Fabrícia: Neste período que você está atuando, a gente pode pensar também nos períodos dos estágios e agora como servidor público. Deste período que você está atuando como musicoterapeuta, você recebeu ou buscou algum tipo de capacitação?

Hermes: Recebi. Lá a gente teve, eu fui indicado para fazer um curso, durou praticamente o primeiro semestre inteiro de 2015. Foi o curso de formação continuada para socioeducadores. Três vezes na semana eu tinha que me ausentar da unidade e terminou no primeiro Encontro do Socioeducativo do Estado de Goiás. Então apresentei trabalho e tudo mais. Agora eu não estou participando, mas eles estão na semana do Cuidando do Cuidador, mas este eu não estou participando. Tive esta formação do socioeducativo neste primeiro semestre.

Fabrícia: Isto foi oferecido por eles.

Hermes: Oferecido por eles. O que eu estou buscando é na internet, muitas dissertações de mestrado com trabalho com música inclusivo da área psicologia, sociologia, tenho buscado mais por conta própria.

Fabrícia: Deste processo de inserção sua no campo, como que foi?

Hermes: Você fala dos anos antes ou do socioeducativo?

Fabrícia: Dos dois, como que começou este teu contato com a área e agora.

Hermes: bom eu sempre tive desde quando eu estava entrando na ordem Franciscana até antes de entrar, o meu projeto era trabalhar com as pessoas mais desfavorecidas, eu sempre gostei. Sempre vi ali dentro de Brasília, eu sou brasileiro e morando lá é muito discrepante a realidade de quem mora no plano piloto, que é onde eu nasci e fui criado, e quem mora nas cidades satélites. Então a realidade é muito discrepante. O Brasil tem uma realidade muito desumana neste sentido, a discrepância social. Meu pai ele veio e chegou a passar fome na infância e hoje ele vive muito bem na capital da república. Minha mãe ela foi criada na fronteira de Minas Gerais de uma forma muito simples. Não passaram necessidades, mas ela contava história de quando era criança das netas das escravas falando dos maus tratos que as avós dela sofriam. Aquelas barbaridades que as novelas da TV não retratam nem um terço. O que o povo negro passou foi vexatório, foi humilhante mesmo. Eu fui criando de uma forma que a minha mãe me levava quando ela criança para brincar com os filhos da empregada. Passava o dia na casa com os filhos da faxineira, brincando e andando de bicicleta. Então mesmo que tenha sido criado numa realidade, digamos burguesa, minha mãe nunca, jamais, permitiu algum comportamento racista, nenhum comportamento discriminatório. Empregado sempre comeu a mesa junto com a gente, sempre conviveu com a gente. As empregadas de minha mãe eram uma segunda mãe para mim, então eu sempre achei um absurdo os maus tratos que estas pessoas passam no dia-a-dia, o desfavorecimento no dia-a-dia e percebendo que eu não recebi este tipo de criação. Ao longo tempo eu fui crescendo e percebendo “poxa eu tenho tanto, minha vida é tão fácil. Eu tenho tantas facilidades e porque todas as pessoas não tem? O que é preciso ser feito para ajudar estas pessoas?”. Sempre fui muito sensível com estas questões. Não que eu tenha feito grandes coisas, eu acho que não, mas isto sempre me mobilizou. Tive oportunidade de conhecer o sertão do nordeste, tive oportunidade de conhecer São Raimundo Nonato onde tem um trabalho no Piauí, que é o trabalho da... que ela descobriu a presença do homem americano, do homem pré-histórico, lá tem um museu do homem americano, tem um trabalho social belíssimo que eu tive a oportunidade de conhecer. Foi aí que eu tive resolvi entrar na ordem Franciscana achando que como frade eu poderia servir bastante e tive bastantes contatos, trabalhe em pastoral com meninos de rua, a gente saía na rua para visitar os meninos, a gente ia nos “mocós” e entrava nos lugares. Trabalhei um pouco na pastoral da solidariedade, da sobriedade desculpe, que eram com meninos dependentes químicos que ficavam nas ruas. Nos lugares onde tinha celebrações, depois a gente fazia um contato com eles. Gostava com deste trabalho de periferia, onde os frades trabalhavam, só que a igreja Católica tem um sistema muito grande, muito pesado, existem uma série de questões que precisam ser feitas e os frades são muitos comprometidos com as paróquias e com as escolas. Esta inserção social não é assim, digamos, a máxima pelo menos na região onde eu trabalhava. Não era o foto principal. Diante desta insatisfação e tantas outras, quando eu fiz o curso de Musicoterapia eu percebi claramente “eu encontrei com o que eu quero trabalhar”. Eu estava na música, mas não estava muito satisfeito, eu era estudante de bacharelado, sempre gostei de estudar flauta, mas “poxa ainda está faltando alguma coisa”. Eu entrei para a ordem e percebi que estava faltando alguma coisa, quando chegou a Musicoterapia eu disse “é isso aqui! Eu vou desenvolver este trabalho onde eu vou casar a música e esse atendimento que eu quero fazer”. Foi até interessante a minha redescoberta com a Musicoterapia, porque antes de entrar pra ordem eu estava me formando em música e fiz uma curso introdutório chamado “Introdução à Musicoterapia” no curso de verão da Escola de Música no início de 1995, era o último que estava na Escola de Música na UNB e foi a Lia Rejane que fez o curso. Não me chamou muito a minha atenção, achei que não era bem a minha praia, mas achei fantástico. “Nossa Musicoterapia que coisa legal, que coisa bacana e ninguém nunca ouve falar disto. Onde é que existe? Tem gente trabalhando aqui no Brasil? Aqui em Brasília eu nunca ouvi falar”, parece que nem tinha na época. Achei interessante, mas falei “não é a minha praia!”. No ano 2000 quando eu estava fazendo visita em um hospital, eu já era frade, eu fui numa parte hospitalar do Araújo Jorge onde tem o albergados e tem muita gente do nordeste que vem pra fazer tratamento porque o hospital é referência nesta área. Eu resolvi tocar algumas músicas do nordeste, de Luiz Gonzaga no violão para não ficar só com música religiosa. Toquei para uma senhora que estava acamada, toquei flauta pra ela, toquei Ave Maria e ela praticamente ficou anestesiada. Ela estava com tanta dor que eu sentir o alívio dela. Quando eu saí de lá e cheguei em casa, veio o estalo “eu vou fazer Musicoterapia!”. Fui me lembrando do que a Lia Rejane estava falando no curso, comecei a comprar os cadernos de Musicoterapia. Eu não comecei a trabalhar porque não tinha formação, mas comecei a estudar, a pesquisa e aí fiz os seis de formação e nisto eu me aproximei muito da casa da juventude que tem aqui, na época ela tinha um trabalho muito forte com jovens da periferia de Goiânia e em torno de Brasília, no interior de Goiás e até de outros lugares do Brasil, do nordeste, sul. Às vezes vinham jovens da Áustria para fazer intercâmbio, veio uma vez um padre de El Salvador, que era referência no trabalho da pastoral da juventude que na igreja acolhe a juventude mais marginalizada de diversos setores MST, LGBT, de vários grupos e vários segmentos sociais com perspectiva bem crítica, espiritualidade bem crítica. Eu comecei a me aproxima diste e no final do curso de Musicoterapia eu falei “quero fazer estágio aqui!” com jovens que estavam se preparando para o vestibular porque lá tinha o pré-universitário. Isto foi a minha monografia “A Musicoterapia como auxílio na construção da identidade de jovens participantes de um projeto social”. A mesma coisa aconteceu no mestrado, já foi “A contribuição da Musicoterapia no fortalecimento da subjetividade”. Comecei a me aproximar da psicologia sociohistórica.

Fabrícia: Foi amadurecendo.

Hermes: Foi amadurecendo. A psicologia sociohistórica tem um vínculo muito forte com a visão Marxista. A visão Marxista entende que tudo na sociedade é construída dentro das relações sociais e aquilo que a gente tem tido como “é eterno” “é assim”, nas verdade alguém um dia fez e foi todo um processo, inclusive a subjetividade nossa é um livro que está aqui [o entrevistado pega um livro e faz menção a ele] “Adolescências construídas” que é uma visão da psicologia sociohistórica, mostrando que a adolescência é uma construção. Ela não é uma construção sobretudo diante do que a indústria cultural e das necessidade que a sociedade coloca para os jovens e criou uma cultura adolescência, uma fase do desenvolvimento, porque tem sociedades que não tem adolescência tem puberdade, mas não tem adolescência e assim por diante eu fui me aprofundando e me interessando por estar problemáticas sócias. Terminei o mestrado e surgiu a oportunidade de fazer este concurso, que foi o primeiro concurso do socioeducativo do Estado de Goiás, que ninguém sabia para quer era o trabalho. Todo que fez o concurso não sabia que um dia iria para dentro de uma unidade de internação de adolescentes em conflito com a lei.

Fabrícia: Não tinha isto no edital?

Hermes: Não estava claro! Estava claro que era com a problemática social. Foi um concurso inclusive muito problemático, mal feito teve um juiz que tentou acabar com o concurso, sofreu muitas dificuldades e sobreviveu. E fomos chamados 8 musicoterapeutas eram 10 que passaram, tinha cadastro reserva e eu fui o último a ser chamado. Eu fui o oitavo.

Fabrícia: Foi em 2010 o concurso?

Hermes: Em 2010 e eu fui chamado 30 de junho de 2014, ano passado.

Fabrícia: Já no final mesmo, ele já tinha sido prorrogado.

Hermes: Já tinha sido prorrogado. No finalzinho eu já sabia por causa dos outros tinham sidos chamados e hoje somos só três. Eu, Adriana Silvestre e Fernanda Ortins. Fernanda Ortins foi a primeira. Nisto eu fui trabalhar, na unidade que aqui no estado de Goiás, na cidade de Goiânia ela é a melhor, a mais equipada. Ela foi feita para ser uma unidade, porque as outras duas são improvisadas dentro de batalhões da Polícia Militar. É um horror, são dois campos de concentração no improvisado. É horrível para os funcionários e para os adolescentes. Eu fui trabalhar nesta que é mais preparada, mais equipada para isto. Lá eu já comecei a lidar com uma realidade bem diferente dos projetos sociais, tanto do mestrado quando da graduação, onde você lidar com jovem sendo protagonista mesmo. Jovem expondo suas ideia, jovem na sua militância e tendo a sua participação.

Fabrícia: Você consegue ver isto sendo construído e acontecendo.

Hermes: Exatamente. É bem diferente, o socioeducativo você está lidando com jovens que estavam no mundo infracional, no mundo do crime e de repente eles são aprendidos e são colocados literalmente dentro de uma cadeia. Eles ficam atrás das grades. São celas e tem todo o regime de cadeia normal. Só que a cadeia normal, como são de adultos, eles são maiores de idade eles são liberados para o banho de sol, eles que cuidam deles mesmo e a noite é fechado.

Fabrícia: Os adultos...

Hermes: Os adultos... Tem a preocupação de separar por cela e ato infracional, aqueles que comentem crimes como estupro não podem ficar muito expostos. Lá existe um cuidado maior, o adolescente não fica em momento nenhum sozinho ou ele está trancado e se ele estiver fora tem algum educador acompanhando, algum técnico. Musicoterapeuta lá é técnico, juntamente com os psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, enfermeiros...

Fabrícia: São chamados de técnicos

Hermes: Sim são chamados de técnicos. A gente uma série atividades em comum que todo mundo tem que fazer e as atividades particulares.

Fabrícia: Sobra e tua inserção acredito que a gente conseguiu contemplar muito bem tudo que estava previsto nos nossos questionamentos sobre a inserção. Agora a gente vai passar para atuação musicoterapêutica, eu vou apenas confirmar se os gravadores estão direitinho.

Hermes: vinte minutos já.

Fabrícia: Está tranquilo e agora a gente parte para a tua atuação. Eu agora vou te pedir para você descrever para mim quais são os espaços onde ocorre o serviço de Musicoterapia? Você já estava começando...

Hermes: Neste atual agora?

Fabrícia: Neste atual.

Hermes: Lá na unidade tem as salas próprias para o atendimento ao lado da sala de aula. Eu geralmente faço os atendimento ali. Tem um outro espaço que se chama “Artecasa” que tem até escrito Musicoterapia, Arterapia, Terapia Ocupacional na parede, mas para ir para este lugar tem pedir escolta aos policiais. Geralmente dá, eu poderia fazer os atendimento ali, mas eu tenho preferido a sala pela proximidade e justamente porque eu não levo grupos numerosos. Quando eu faço trabalho com grupo maiores eu levo para este “Artecasa” que uma sala maior.

Fabrícia: Dentro da unidade.

Hermes: É dentro da unidade. Esta sala “Artecasa”, tem o pavilhão do homens, saindo do pavilhão dos homens tem as salas de aula da escola, tem uma escola municipal que funciona lá dentro e o “Artecasa” fica ao lado. As sala que eu geralmente atendo o dia todo elas ficam bem na entrada da instituição. Na hora que você entrou na instituição, vira a esquerda e são salas menores porque eu geralmente faço com poucos adolescentes. Tenho privilegiado fazer com pouco por uma questão de segurança, a gente não sabe o que pode acontecer porque não são pessoas de confiança. São pessoas que, o meu terapeuta mesmo fala “você não tem o direito de confiar nestas pessoas”. Porque não é só pela gente é também por causa do colega. Eu geralmente eu atendo mais os homens, tem mulheres lá dentro, mas para atender as mulheres eu tenho que atender com um técnica ou com uma educadora junto. Porque elas de repente, eu homem sozinho junto com elas e elas inventarem que eu fiz alguma atitude invasiva é a palavra delas contra a minha e eu sou colocado em risco. Então já me alertaram sobre isto, se eu não tiver ninguém para me acompanhar para atender as meninas eu não atendo, não dá para atender. Sempre tem que ter uma profissional junto. Então eu os homens eu geralmente atendo grupos de cinco, quatro, três, as vezes eu atendo grupo individual e o que mais os mobiliza em primeiro lugar é o método, usando a terminologia de Bruscia, é o método da audição musical. Porquê? A maioria deles querem sair deles, os homens principalmente, querem sair para poder ouvir o seu Rap. Entendo que este é um momento em que ele está neste movimento, eu tenho que entrar neste movimento. Não dá pra pensar assim “ah esse adolescentes não querem nada com nada, eles só querem ouvir o rap deles, o rap de apologia”. Então vamos ouvir o rap de apologia, que inclusive são raps de arrepiar os cabelos e discutir. Vai muito as vezes para o lado verbal, o movimento da sessão e quando eu percebo que o lado da reflexão, porque a própria institucionalização e o próprio momento de vida que eles não proporcionam muito a reflexão, porque como é uma ambiente asilar, ele é despersonalizador. O adolescente chega lá ele vai ter uma corte de cabelo, ele não vai poder usar a roupa que ele gosta, ele vai ter que usar um tipo de bermuda, um bermudão específico, uma sandália, principalmente das meninas não pode ser aquela rasteirinha, porque tem que evitar que eles tenham prática de comércio entre ele, apesar de que eles fazem do mesmo jeito de troca, porque isso causa muita opressão entre eles mesmos. Questão de risco, coisa de zíper, bermuda com corda, estas coisa podem se transformar futuramente em uma “teresa” que são aquelas cordas que os presidiários usam para enforçar uns aos outros, para poder subir, fuga e estas coisas. Então tem uma série de critérios de segurança que eles tem que, eles são colocados dentro de uma padrão, a comida que pode, a comida que não pode, que o familiar não pode levar, o desodorante, que ele é despersonalizado e isso prejudica diretamente na expressão dentro do setting. Tanto que a primeira fala que você vai ouvir deles é “eu estou aqui, mas eu estou arrependido”. Às vezes ele não está arrependido nada, ele quer falar porque ele quer sair dali. Então ele já tem um discurso pronto. Parece que certas coisas são combinadas entre eles “olha você vai lá para o atendimento você fala isto” e dá uma impressão que é assim, mas não tenho como comprovar isto. Você já começa a perceber um jeito de ser próprio deles que prejudica muito a expressão. É muito polêmica esta questão, a Fernanda Ortins tem até um trabalho muito interessante sobre isto, que fala sobre a questão do rap até que ponto ele reforça o comportamento infracional ou até que ponto ele é libertador. Porque o rap ele também tem o lado que é muito questionador da realidade. Até que ponto o adolescente escuta o que ele quer escutar? Então eu penso que para eu poder perceber tudo isso eu tenho que ouvir e tentar ouvir o que ele está ouvindo e aí quando surge uma movimentação grupal e o rap que ele gosta, ele está falando que ele quer mudar de vida, ele já faz um

gestuário bem próprio do crime assim [faz a expressão corporal]. Você vê o nível de envolvimento através do corpo e aí é onde eu entro com uma improvisação, eu pego alguns refrãos repetitivos, por exemplo tem uma lá que fica “quem vai chorar? Quem vai chorar meu Deus?” [Cantando]. Entre quem vai chorar entra “se eu brigar, se eu chorar, quem vai me acudir? “Quem vai chorar” [cantando] aí eles fazem com improvisação, estou pegando esta como exemplo. Eles vão trazendo a temática e colocando a vida deles. Eles vão formando um vínculo e quando eu vejo eles já estão falando das verdadeiras intenções dele e onde pode-se tentar levar a uma produção de consciência, “você escolheu ser bandido então você sabe as consequências disto”. É onde surgem as composições, existem muitas composições que são bastante, que eles sentem o peso, a cadeira é pesada e eles sentem a necessidade de mudar, mas isso também não significa que vai mudar e é aonde dentro do socioeducativo você tem a compreensão dos demais profissionais muito rasteira como se fosse aquela coisa “ah está falando isto para agradar”, “é puro fingimento”. Eu já interpreto da forma que ele tem a vontade de mudar, mas a vontade de não mudar ao mesmo tempo. Porque existe assim, na Musicoterapia a gente começa a perceber que existe a consciência de aquilo é um mundo de risco. Às vezes o sonho de uma realidade que poderia ser diferente, mas ele não teve chance e acabou optando por esta outra realidade e ao mesmo tempo adrenalina que aquele mundo fantasioso, do crime que envolve droga, que envolve sexo, que envolve diversão, envolve poder. Então o atrativo que é aquilo ali.

Fabrícia: Esta dinâmica toda ela ocorre lá nesta sala que você falou, que fica no início da unidade e não são as salas de aula.

Hermes: Eu percebo isto na dinâmica dos atendimentos. Eu deixo a coisa acontecer porque eu quero ver o movimento deste adolescente. O que ele tem pra me dizer. Onde ele está de fato? Onde ele está no sentido holístico, corporalmente, verbalmente e o que é contraditório com o que ele expressa corporalmente. Aquela contradição do verbal e não-verbal que a gente vê muito na Musicoterapia. Isto é bem visível ali. Vou tentando fazer intervenções para despertar, provocar comportamentos diferenciados ou até mesmo para provocar consciência, a tomada de consciência do que ele realmente quer para a vida dele. É uma realidade assim, diferente projeto social. O projeto social muitas vezes tem uma perspectiva de menor complexidade porque ele trabalha muito na perspectiva da prevenção, eu pelo menos nos projetos sociais que eu trabalhei um ou dois adolescentes que já estavam começando a se envolver com atos delitivos por influência até de familiares. No caso do socioeducativo, são adolescentes mais que envolvidos.

Fabrícia: Já não tem mais a questão da prevenção.

Hermes: Já não é. Já está remediando. Já está contendo porque ele já é um problema pra sociedade, já é um problema pra ele mesmo. Muitos, se não estivessem lá dentro, já estariam mortos, né? Pelo tráfico, pela polícia... São cheios de inimigos. Às vezes a mãe reza para que o menino esteja lá dentro: "Porque pelo menos meu filho estando 'naquilo'. Lá fora ele já estaria morto.". Então é um lugar onde depois que tudo errou com eles. A sociedade, a educação... nisso eu também coloco a religião, que não está dando conta dessa perspectiva, entendeu? Tudo. A política, a falta de políticas públicas, tudo errou com eles, a família, todo mundo errou com eles e aí chegou nesse resultado.

Fabrícia: A outra pergunta que eu iria te fazer foi a que você já começou a contemplar também. Quais são as ações que você desenvolve? Você começou a falar um pouco do que você pensa dos métodos, né? Mas se quiser complementar, fique à vontade.

Hermes: À medida em que eu estou escutando adolescentes, eu já estou pensando numa intervenção. Estou tentando me preparar dentro de casa lendo algumas coisas pra eu poder ver como eu posso ampliar essas intervenções. Essas intervenções que eu trabalho de um forma cada vez mais holística, pelo musical. As que eu já faço são as que eu falei, por exemplo, improvisação e composição. Eu acho que acaba que elas têm uma perspectiva de maior possibilidade de intervenção do que só a audição. Pelo menos a audição no contexto dessa realidade exilar onde se está. Porque lá, a que veio pro meu lugar, porque ela é muito mais passiva. É uma, digamos, experiência receptiva, né? Que Bruscia mesmo fala, mas que tem um caráter muito forte dentro do socioeducativo de facilidade. Onde não se precisa fazer muito, onde simplesmente só recebe e esse adolescente já está muito acostumado a receber, porque é o que a indústria cultural faz com ele, né? Vomita o produto de consumo e eles só absorvem e não refletem. Mas é um ponto de partida. Outras ações que eu estou pensando, inclusive amanhã eu vou levar um rapaz que tem um grupo de hip-hop. Eu vou levá-lo pra ele ser conhecido na unidade, que o contador primeiro quer conhecê-lo. Tem a... já conseguiu a autorização pelo menos de ele entrar lá. Tem que ter toda uma burocracia, é difícil. E ele foi um rapaz, hoje ele está com 30 anos, ele... quando ele tinha 14, 15 anos, falavam que ele não chegaria aos 18, porque ele era muito envolvido com o mundo da criminalidade. Ele chegou a passar por um julgamento, uma audiência, mas a família teve condições de pagar um

bom advogado e conseguiu fazer com que ele não fosse internado. E aí, o juiz... acho que ele cumpriu... acho que deve ter sido alguma medida socioeducativa em regime aberto, nisso ele tomou uma outra postura de vida. Ele conseguiu, e atribui um certo milagre, a vida dele, porque ele é evangélico. Numa perseguição policial teve vários tiros e tudo mais. Ele pulou numa altura muito grande e não aconteceu nada com ele. "Se não aconteceu nada comigo, foi Deus quem me ajudou."

Fabrícia: Um milagre.

Hermes: É, um milagre. "Agora eu quero assumir uma outra postura." E aí, eu quero investir nesse tipo de ação. Eu vou ver se ele vai ser aceito, porque o socioeducativo tem alguns preconceitos. Ele, por exemplo, tem um cabelo tipo mais rastafári. Não chega a ser igual ao dreadlock, mas é aquele mais trançado, né? Então isso já é uma coisa que já gera uma barreira. Mas é uma tentativa, porque eu acho que aproximar essas pessoas que hoje já estão nessa perspectiva diferenciada pra um testemunho de vida e tudo mais, eu acho que pode ajudar. E graças a Deus que ele não foi apreendido, porque se fosse, digamos, tivesse passado pelo sistema mesmo, tivesse cumprido medida socioeducativa de internação, já barrariam logo de cara. Então essa é uma ação que eu ainda quero fazer. As outras que eu estou fazendo são essas, e eu tenho procurado também, por exemplo, dentro da movimentação, quando surge uma composição diferenciada, uma que se destaca, que existe uma expressão, eu procuro fazer apresentações lá dentro mesmo. Nós conseguimos uma vez, nós estávamos com uma... cada técnico tinha um dia que tinha que acompanhar o banho de sol na ala dos homens, ajudando os educadores. Quando era minha vez, eu comecei a levar um amplificador, a levar um notebook pra lá pra botar umas músicas, que eles escolhiam. Assim, só pra poder fazer o banho de sol ficar um pouco mais agradável. A única restrição que eu coloquei é que eu não aceitaria nenhum rap com apologia ao crime, naquele espaço. Podia ser evangélico, podia ser algum outro que falava da realidade, podia ser sertanejo... Eu colocava umas músicas do Renato Russo e tal. Até que um menino pediu, falou assim: "Tem a música 12 de Outubro, que me lembra muito o dia do meu aniversário." Aí eu coloquei a música e ele falou assim: "Eu nunca tive comemoração de aniversário. Nunca recebi." Outro falou: "Eu também não." Aí nisso, quando eu voltei lá pra sala dos técnicos, eu conversei com a pedagoga e falei assim: "Olha só, por que a gente não faz uma comemoração de aniversário dos adolescentes aqui? Será que não seria interessante?", ela falou: "É, eu pensei exatamente a mesma coisa. Vamos fazer?", "Vamos fazer". Aí ficou por mês... Você quer falar?

Fabrícia: Não, eu estou pensando que é uma ação simples, né?

Hermes: Ação simples.

Fabrícia: É simples, assim, digo, pra quem está fora, né? Pra eles...

Hermes: Uhum. E aí nós pensamos uma ação de fazer dos aniversariantes do mês sempre, né? Que agora por causa de um problema de um mês que nós não pudemos fazer está atrasado, e a gente vai fazer agora os de julho, agosto e setembro. Mas não importa, isso lá pra dentro não tem problema. A gente consegue bolo de doação de grupos religiosos, a gente entra em contato com eles... e a gente chama pelo menos um membro da família, às vezes, no máximo, dois. E a gente faz, às vezes, coloca um vídeo sobre a realidade de alguém que passou pelo socioeducativo, ou algum vídeo que fala sobre a família, e abre espaço pros familiares falarem, pros adolescentes falarem. Aí a família participa falando, tem às vezes alguém que quer fazer um momento de oração. E a gente faz uma decoração simples, modesta, com balão e tudo, faz umas lembrancinhas. Então é uma coisa pra não passar em branco. É claro que muitos deles, a gente até recebeu bastantes críticas que falam que os meninos só querem saber do bolo mesmo, entendeu? Ir lá pra estourar o balão e tal. Aí eu já parti e falei assim: "Pra mim, isso não interessa.", porque, se ele vê dessa forma, muitas vezes crianças, adolescentes também veem dessa forma, entendeu? A gente não pode achar que eles vão entrar num nível de reflexão que a gente está almejando pra eles, mas a gente não pode deixar de estar congregando a família, de não passar isso em branco, de tocar nessa tecla, de mostrar... criando outras formas de vínculo, porque eles não têm esse tipo de vínculo, esse vínculo está mal estruturado na vida deles. Então ele tem que fazer. Então tiveram resistências, algumas, mas continuamos, e agora está estabelecido. Eu até cheguei de férias e o pessoal: "E aí, Hermes, não teve um aniversário, tal, não sei o quê.", sabe? O pessoal cobrando.

Fabrícia: Você fez essa referência, né? Você ficou como o técnico de referência do aniversário [risos].

Hermes: Quem vai atrás do bolo, essas coisas todas. Então essa foi uma ação interna, e tem uma outra ação interna lá que, no caso, eu ainda não participei. Quero participar, mas que é o dia da família, que há muito tempo existia, antes de eu entrar e que voltou. É sempre num sábado, eles sempre fazem o dia da família, e é com todos os familiares, independentemente de aniversariando... não tem essas questões. É com todos os familiares, eu

ainda não participei. É uma ação que tem lá dentro que ocupa uma tarde toda. É onde tem... às vezes faz dia da beleza para as mães que vêm, às vezes uma mãe tem uma facilidade, tem uma atividade que faz pra... uma mãe é uma cabelereira, é alguma coisa, ela também faz isso com as outras mães, com as meninas, e assim por diante. Então tem sido essas ações. Acaba que tem outras, tem atendimentos multiprofissionais também, interprofissionais, onde a gente trabalha, às vezes com temáticas sobre adolescência, sobre sexualidade, sobre uma série de coisas. A gente leva aquele tema, ou às vezes leva uma música e o tema é extraído naquele momento. Às vezes a gente passa com um grupo mais de duas horas, sabe? Discutindo, tratando. E eles assim: tem uns que são bem participativos, tem uns que o nível de reflexão é bem precário mesmo, tem uns que nem sabem ler. As meninas, geralmente, elas têm uma participação maior. Então tem sido essas as ações.

Fabrícia: Dos usuários que participam dos atendimentos de musicoterapia, dessas ações, são só os adolescentes?

Hermes: A grande maioria são. Às vezes conta com a participação de outro técnico. Eu ainda não consegui inserir, aliás, com as meninas insere, geralmente, as educadoras, né? Porque tem os técnicos e os educadores. Os educadores são aqueles que têm um vínculo maior dentro dos espaços com os adolescentes. Eles que abrem e fecham grades, que levam alimentação, que levam ao banheiro, aquela coisa toda. Os educadores são mais próximos.

Fabrícia: Seriam parte da equipe, né? Que vai fazer. Mas eu, digo assim, de usuários mesmo, no serviço de musicoterapia.

Hermes: É, só os adolescentes. A gente faz às vezes uma atividade que insere música no dia do aniversário e acaba que os familiares participam.

Fabrícia: Quais são os recursos e instrumentos? Você usa alguns ou...?

Hermes: O maior, o principal tem sido o notebook, porque lá tem internet WiFi. Cai muito, mas funciona. Pra poder pegar a música que está naquele momento, que o adolescente está sentindo naquele momento que ele quer ouvir. Facilita bem mais o número de música que a gente pode ter acesso. O violão já tem lá dentro, eu utilizo o violão para as recreações musicais. Às vezes, no momento do atendimento, o adolescente quer aprender alguma coisa, quer ter contato com o violão, eu possibilito esse contato. Às vezes o mínimo do aprendizado também. Eu levo, costumo levar o meu teclado. Tenho um teclado que é só pra musicoterapia, um teclado antigo, daquela linha da Yamaha. Estava levando muito alguns atabaques meus, né? Alguns atabaques e tudo, só que como atualmente, na sala onde eu faço os atendimentos, próximo ali, tem uns alojamentos onde estão ficando meninas gestantes, agora as duas gestantes já são mães, ganharam os filhos, levar os atabaques atrapalha muito. Uma vez causou um estresse nas crianças, aí percebi que vou dar um tempo nesse atendimento, vou trabalhar mais... Que é até bom que a gente trabalha mais com canção, pra mexer mais com a recreação, com a improvisação no teclado. Então atualmente tem sido mais teclado, notebook, violão e voz. E futuramente eu vou voltar com os atabaques. Eu tenho, existe uma preocupação... às vezes eu levo pandeiro também, existe uma preocupação em não levar instrumentos de baquetas, porque eu fui instruído pelo sargento, no início, pra não levar nada que pudesse ser transformado numa arma. E ele falou assim: "Olha, professor, eu não quero restringir o seu trabalho, mas eu estou falando isso é pra sua segurança. Estou advertindo pra sua segurança. Porque é você que vai entrar aqui". Então tem sido praticamente isso.

Fabrícia: Você tinha começado a falar um pouco sobre os outros profissionais que participam, né? Aí eu ia te perguntar se você faz algum trabalho em equipe com outros profissionais que participam.

Hermes: Quando eu atendo as meninas, tem as educadoras, elas que participam. Algumas ficam participando só na porta, vigiando, algumas entram no processo. Tem uma educadora que... como nós fizemos o curso juntos, então a gente acabou criando um vínculo maior de convívio e tudo, e ela entra no atendimento mesmo. E participa, e fala, e tal, né? escolhe música também. E agora a gente está em turnos diferentes, tem uma psicóloga que a gente atendia praticamente quase todos os dias juntos. Até mesmo por questão de segurança, porque como ela tinha que lidar com os meninos que são os "jacks", né? os estupradores, então pra uma mulher atender é complicado. Às vezes não vai nem acontecer nada, mas a pessoa não se sente à vontade, então ela me chamava muito pra atender. Então acabava que a gente fazia muito esses atendimentos juntos. E, volta e meia, a gente faz atendimentos, é... assistente social... são mais raro, assim, mais técnicos juntos. Não porque não se veja proveito e o grupo acheque isso não vai servir. Mas é uma questão de tempo, e uma questão de tantas outras atividades que nós temos que fazer, acaba que um vai ter que sair na hora do atendimento, porque tem que levar o menino lá não sei aonde, ocorre uma permuta, chegou um menino novo que tem que ser acolhido. Então, quero dizer, tem uma série de outras atividades que tem que ser feitas, que acaba que o atendimento interprofissional fica

prejudicado. E nós somos poucos. Boa parte dos profissionais que estão no socioeducativo, quando encontram oportunidades melhores de trabalho, eles querem sair, porque é um ambiente insalubre por si mesmo. A energia é muito pesada. Quando chega lá, todo mundo se enche de pânico, não dorme direito, tem muitos sonhos à noite, anda na rua olhando pros lados. Porque é uma realidade que você não está acostumado a lidar, com seres humanos que fazem atrocidades, né? Então você fica com medo. Vê um adolescente na rua e já fica desesperado, aquela coisa, né? Não sai à noite.

Fabrícia: Fica de frente com uma realidade que às vezes só vê por televisão, noticiário de jornal...

Hermes: E é uma realidade que a mídia passa um conhecimento muito torto dela. Seja quando fala a favor, seja quando fala contra. Ainda assim, pelo menos a mim, não me convence nem um pouco. Então acaba que o atendimento com outros profissionais, a participação fica precária porque o número vai diminuindo, outro concurso teria que ser feito, é complicado. Os contratos agora por causa desses cortes de verba do governo, muitos foram embora, alguns voltaram, não está contratando mais, então está bem complicado.

Fabrícia: Complicado, né? Como você descreveria as habilidades necessárias pra um musicoterapeuta atuar nessa área?

Hermes: Nessa área? Bom, em primeiro lugar, tem que ter uma compreensão mais larga da realidade do ato infracional. Se a pessoa, por exemplo, alguém que é a favor da redução da maioridade penal resolve trabalhar (eu pelo menos penso assim, pode ser até que haja alguém que pense ao contrário), fica difícil de você olhar... você tem que ter uma compreensão, que foi o que a gente trabalhou no curso, sobre o que é a violência estrutural da sociedade brasileira, como essa violência foi formada. O Brasil foi um país gestado na violência desde o início. Na opressão desde o início. A América Latina e o Brasil, principalmente com a escravidão. Então é necessária essa compreensão pra poder ter um olhar diferenciado sobre aquele que choca a sociedade com as suas atitudes. Porque acaba que, no final das contas, ele é muito mais vítima que todos nós. Como musicoterapeuta, eu penso que precisa ter uma escuta aliada à essa visão. Utilizando um termo que a professora Sandra utilizou na tese dela, trabalhou muito a parte da fenomenologia da escuta diferenciada, onde ela observava as chamadas "condutas psicomusicais dos alunos das escolas que eram vistos como condutas indisciplinadas. Ela começou a perceber essa indisciplina na atuação dentro da musicoterapia e quais as intervenções que ela utilizava pra gerar mudanças nessas indisciplinas. Pra que se tornassem atos de criatividade. Um adolescente que agredia, que chutava o outro na sessão, de repente ele fazia um rap em forma de repente onde ele responder, trabalhar sua agressividade, né? de uma forma criativa. Então esse tempo que trabalhei com a professora Sandra, eu me inspirei muito nessa linha de trabalho dela, e isso tem ajudado muito no socioeducativo. E é uma escuta diferenciada até mais ampliada do que só no comportamento e na realidade do adolescente. É também compreender a realidade do sistema, porque pra isso ele tem que entender um pouco o que é o sistema prisional, porque o sistema socioeducativo pega um pouco dele. Compreender que nós não temos ainda uma teoria socioeducativa. E socioeducativa é um balaio de gato de várias áreas, né? É onde entram o aspecto jurídico, educacional, o psicológico, entra uma série de coisas. Um vai fazendo, o outro desfazendo. Um querendo promover as habilidade, o outro contendo, querendo punir. Então ele vive nessa dinâmica. E isso vai afetar na produção musical, onde a produção musical vai muitas vezes sair camuflada. Ela vai sair a coisa mais bela e linda do mundo, e depois, na verdade, é uma coisa que o adolescente está projetando porque ele quer sair de lá. Ele quer convencer o musicoterapeuta, ele quer convencer o técnico de que ele está mudando. Então essas leituras, esse nível de escuta são fundamentais pro musicoterapeuta. E eu também diria que (eu particularmente, aí já é uma visão minha dentro da minha atuação), como eu venho da música, eu acho que quanto maior a habilidade musical o musicoterapeuta tiver, mais sucesso ele vai ter no setting, de trabalhar, por exemplo, conhecimento de intervalos musicais que vai possibilitar em tempo real que ele tire melodias, seja no teclado, seja com a voz, seja modificações diversas modificando os tons no violão, né? Conhecimentos básicos de violão, de teclado, que a gente tem na faculdade, né? Mas muitas vezes não é feita a ponte de como você aplicar aquilo ali na clínica. Então essas habilidades, para o que eu trabalho (porque eu gosto muito de trabalhar com instrumentos)...

Fabrícia: A musicalidade, então, seria...

Hermes: Uhum. Então a musicalidade nesse sentido de ter essa versatilidade de trabalhar com material musical, de mudar um tom, achar um tom, no momento real ali, com facilidade. Seja no teclado, seja no piano, pra promover inclusive o fazer, né? Porque se você deixar o adolescente muito só recebendo a audição, e deixar ele pouco executando... né? E o adolescente, quando ele descobre que ele pode fazer alguma coisa, ele se insere naquilo ali, e muitos têm um problema muito sério, muito forte com a autoestima. Já começa a aprender um toque simples no pandeiro: "Não eu não dou conta, não, é muito difícil". Nem tento, aí você tem que ficar insistindo, aquela coisa toda. Eu até já fiz umas produções em que o adolescente aprendeu o mínimo no

pandeiro, onde eu toquei "Carinhoso", por exemplo. Coisa mínima, assim, sabe? mas que é fundamental pro processo dele, então esse fazer musical, essa habilidade musical eu também acho que é fundamental pra esse tipo de clientela. Essa é a forma que eu trabalho, às vezes o outro vê por outro lado. A gente prioriza corpo, o trabalho corporal, essas coisas. Eu gosto, eu trabalho com instrumentos, com voz e tudo.

Fabrícia: Como que você descreveria os objetivos da musicoterapia no campo social?

Hermes: Bom, em primeiro lugar, é formar um vínculo diferenciado, porque, principalmente no socioeducativo, o vínculo é o mais prejudicado, o vínculo com a realidade. A falta de confiança no mundo, a falta de confiança em si. É uma visão distorcida da realidade, que eles trazem. E, sobretudo, quando se está inserido no mundo do ato infracional, não é simplesmente um comportamento patológico e doentio, é um comportamento que existe numa cultura específica, o mundo do crime é uma cultura específica. É um mundo que tem uma escola, inclusive. É uma instituição, a gente poderia falar que é uma instituição paralela. Então o vínculo já está todo distorcido, então formar um vínculo de acolhida, formar um vínculo de atenção é o primeiro objetivo. Pra proporcionar essa escuta, esse acolhimento do adolescente. Sobre o lado emocional que ele trouxe de carga afetiva, né? E, depois, promover pequenas mudanças que vão levar... que tem uma preocupação muito grande. Porque quando a gente começa a mobilizar muito o adolescente, a gente vai exigindo um espaço de maior expressão, pode correr um risco de um sufocamento da ala do socioeducativo, da mentalidade punitiva. Seja dos policiais, seja de outros educadores, seja dos técnicos. Os técnicos até que nem tanto, eles têm uma compreensão diferenciada, mas os educadores e os policiais acham um absurdo, às vezes, a gente quer investir numa clientela que para eles já está perdida. Então um dos objetivos que eu tenho é de valorizar os mínimos passos de expressão que o adolescente promove e de divulgar isso. Promover, digamos, uma visibilidade disso dentro da unidade e, quando possível, até fora da unidade. Teve uma menina que, quando ela estava saindo, ela foi apresentar um funk que ela fez comigo, que ela fez pra mãe dela. Ela foi apresentar na abertura de um projeto social que uma juíza inaugurou aqui em Goiânia. Então, oportunizar isso e isso acaba tomando conhecimento, os policiais ficam sabendo e eles vão vivenciando com outros olhos. Quer dizer, começando do vínculo, proporcionar pequenas mudanças e pequenas atitudes transformadoras que adquiram visibilidade. E que não necessariamente batam de frente, mas que mostrem produções. Isso tem que ser produtivo pra que ele veja. Se ficar só no discurso, todo mundo tem um discurso pra tudo, seja a favor ou contra. Então, se eu mostro um discurso a favor, outro vai começar um contra. Vai ficar no "bate-bate" e não vai pra lugar nenhum. Tem que mostrar uma postura diferenciada, uma postura acolhedora, até mesmo do aspecto de quem fala do coletivo, não bater de frente com ele porque não vai adiantar. Então é aquela coisa: na hora em que o caldo entorna lá dentro, digamos, tem uma rebelião, vamos supor. O policial vai falar assim: "Você fica aí defendendo os bandidos, mas na hora que surge uma rebelião você vem gritar pela gente.", eles têm essa postura. "Fica aí defendendo os bandidos, mas na hora em que a gente quer agir 'na dura' e tudo mais fala que não, não é pra agir assim.". Então você tem que compreender esse lado também, que é um lado que existe.

Fabrícia: Tem que ficar dos dois lados, né?

Hermes: Exatamente. Então o objetivo principal é mais o vínculo com os adolescentes, que naturalmente também vai ser um vínculo diferenciado com os profissionais, pra que eles possam perceber essa escuta. Ou seja, é uma escuta aberta mesmo, compreensiva de toda a realidade, porque é uma realidade que já se gestou assim, e ela é muito mais fruto e consequência do que a sociedade deu conta do que qualquer outra coisa, do que alguém tentar achar um culpado. Ou vai ser todo mundo ou não vai ser ninguém. É difícil você achar um responsável. Então é basicamente assim, os dois objetivos mais centrais. Os outros eu acho que são objetivos específicos que levam a esses dois objetivos.

Fabrícia: Esses seriam os centrais, né?

Hermes: Os centrais.

Fabrícia: Você estabeleceria alguma relação entre a Musicoterapia na Assistência Social neste foco que a gente tem trilhado, com a musicoterapia comunitária?

Hermes: Bom, a musicoterapia comunitária, eu tenho pouco contato, mas sabendo dos objetivos dela, de algumas coisas que eu já li, eu acho que perfeitamente dá pra fazer ações em conjunto. Principalmente quando trata da família, porque lá, por exemplo, é feito o PIA, o Programa Individual de Atendimento, onde é feito um processo para o adolescente, um programa pra ele, que vai ser o processo socioeducativo dele e que é pensado junto com a família. Então, pensar algo vinculado a isso, com a musicoterapia comunitária. Ainda não tentei, ainda não pesquisei nem especulei, mas acredito que, pensando em termos de comunidade socioeducativa,

pensando, acho que daria muito certo. E, sobretudo, também com os outros profissionais. Essas ações, elas já são ações comunitárias, como a do aniversário e do dia da família, né? Acho que precisaria, no caso, ver onde a musicoterapia comunitária entraria aí com os seus objetivos. Eu tenho o trabalho da Conceição, mas ainda não esmiuicei, assim, eu não li ainda o que ela fez. Eu tenho interesse, mas que dá perfeitamente pra fazer, dá.

Fabrícia: Como você definiria a musicoterapia na assistência social?

Hermes: Definir, como assim? É...

Fabrícia: Se você fosse falar assim: "A musicoterapia na assistência social, no socioeducativo, enfim, nível que você está inserido, isso, isso e isso."

Hermes: Bom, a musicoterapia, ela, nesse contexto mais propriamente do socioeducativo e até mesmo dentro da realidade social, ela é uma possibilidade de ampliação da escuta, da compreensão da realidade, seja por parte do profissional, seja por parte dos outros profissionais envolvidos, quando participam, e sobretudo dos usuários, dos sujeitos que são focos do atendimento. É a possibilidade de formar vínculos diferenciados, né? onde é levantado... experimentado outras formas de expressão, ... outra forma de compreender aqueles mesmos valores que são colocados, mas que, como a relação com ele já está desgastada por causa da desesperança colocada pela sociedade, o desgaste que existe. Sobretudo porque, quando eles falam projeto social, implica recuperar as pessoas para a sociedade, tirar a pessoa da margem. A musicoterapia implica fazer isso, só que o indivíduo que está à margem já tem um problema com as normas sociais. Existe um descrédito, ele acha que aquilo ali, pra ele, a sociedade não é pra ele, por isso que muitas vezes ele adota uma atitude totalmente rebelde em relação àquele contexto. A musicoterapia já proporciona, por trabalhar muito o aspecto emocional, por escutar muito o que a pessoa traz de mais valioso, ou mais significativo, ou mais prazeroso, independentemente dos valores que traz. Ela, trazendo essa escuta, possibilita que o sujeito também escute a realidade social que não acolhe de uma forma diferenciada, e possa encontrar, de uma forma mais fácil, o seu lugar, de ir pra visibilidade, não ficar na invisibilidade, seja da marginalidade, vivendo em situações de risco, ou entrar na invisibilidade que é a invisibilidade necessária pro mundo infracional, porque o sujeito vai ter que ser invisível. O crime organizado quer esses adolescentes, ele quer esses adolescente invisíveis. E, com a medida em que eles vão se tornando visíveis, podem aumentar os fatores de proteção. Então a musicoterapia trabalhando o vínculo, trabalhando a escuta, sobretudo, ela aumenta os fatores de proteção.

Fabrícia: Então a gente já vai chegando pro nosso final mesmo, né? O final da nossa entrevista. De tudo que você tem compartilhado comigo, das suas vivências, todas as suas ações, objetivos, teria alguma música que você conseguiria descrever, definir a sua atuação como musicoterapeuta?

Hermes: Bom, tem uma canção que uma adolescente fez que eu acho que, assim... Tem várias músicas, também, das populares já conhecidas, mas é uma música que ela fez que eu vou... deixa eu pegar lá dentro.

Fabrícia: Pode ficar à vontade.

Hermes: Eu acho que seria interessante [silêncio de espera], deixa eu ver aqui onde está... Bom, eu acho que vou mostrar só a... eu queria mostrar ela cantando, mas eu ainda não tenho a permissão dela de uso da voz dela.

Fabrícia: Tá. Depois, se você conseguir a autorização pelo menos da letra. A gente, se puder ter o acesso à letra dela completa.

Hermes: Sim. Eu vou pedir, eu estou pra pedir pra ela porque eu quero botar num trabalho do Simpósio Brasileiro, então eu tenho que pedir a autorização dela. Deixa eu ver aqui. Deixa eu ver... alguns é até capaz de eu dar uma erradinha porque eu não lembro direito como é que canta.

Fabrícia: [risos] Pode ficar à vontade.

Hermes: E eu tirei uns trechos da letra onde ela fala o nome dela e o nome da mãe.

Fabrícia: Pra não ter essa identificação, né?

Hermes: O nome da canção é Minha História e ela diz mais ou menos assim, é um funk: [cantando] "Queria tanto ter o poder de voltar pro passado, e mudar tantas coisas que não poderiam ter concretizado. E achando que

quem me criava era pai de verdade, mas aos 8 anos eu descobri que essa não era a realidade. E nessa relação tive que sofrer calada. Ele batia na minha mãe e eu não podia fazer nada. Aí o sentimento de impotência começou a brotar, eu perguntava para Deus quando ele ia nos ajudar. O ódio no peito crescia, o ódio no peito aumentava, acho que por isso cresci uma criança revoltada. Conheci meu pai biológico, fiquei feliz por um momento, mas a felicidade passou quando vi que por mim ele não tinha sentimento. Posso estar sendo equivocada, mas minha impressão não é errada, meus irmãos tinham toda atenção e carinho, enquanto eu não tinha nada. Quando chegava nos familiares, minha vó só contava os meus erros. Não via nada de bom em mim, ela só via os meus defeitos. Me sentia mal-amada, me sentia frustrada, entrei em depressão, pensamentos ruins na minha mente passava. Perguntei a Deus o porquê da minha vida sofrida. Pensei em dar cabo da minha vida, será que essa seria a saída? Minha rainha guerreira, que me criou sozinha, te daria tudo, até a minha vida. Eu sei que não foi fácil você me criar sozinha, limpando o chão da casa dos outros para trazer pra nossa casa comida. A senhora foi mãe e pai, me ensinou tudo o que eu sei. Te amo acima de tudo. Mãe, nessa vida é só você e eu. Sentindo a falta de um pai, entrei nessa vida louca, comecei a usar drogas e traficar em várias bocas. Decepcionei minha mãe, meu Deus como eu errei entrando na vida bandida, me tornei fora-da-lei. Eu saía para festas, ela se preocupava comigo, com medo de eu partir mais cedo desse mundo imprevisível. Desculpa, minha rainha, o quanto eu te fiz chorar. Dei muito trabalho pra você, mas a partir de hoje eu prometo mudar. Mãe, vai ser difícil, mas não vai ser impossível. Tenho muita fé Naquele lá de cima e me fortaleço nisso. Descobrir o meu talento, que é o de compor e cantar, e o meu sonho é ter sucesso que, com fé em Deus, vai se realizar. Essa é a história da minha vida que eu acabei de contar. Pense muito antes de entrar nessa vida, sua mãe pode chorar." Aí termina, né? Então, assim, essa é uma música que me ilumina muito minha atuação. Claro que eu a atendi umas quatro vezes, e essa aí foi, digamos, a...e depois tiveram outros atendimentos, mas foram muito em torno da ... aí como ela ia fazer as apresentações, ela ficava pensando no posicionamento, filmava o jeito que ela ia se posicionar, porque ela estava muito insegura, aquela coisa toda. Então aí foi mais em torno disso. Mas, mais ou menos a segunda vez que eu fui atendê-la, quando ela fez essa canção, ela já estava no processo de mudança. Não foi só a musicoterapia que proporcionou. O que proporcionou foi a escuta, né? A disposição de estar ali e de escutar pra ela fazer algo diferenciado. Então essa é uma música que me ilumina muito. Caso essa música eu não consiga autorização, que é complicado de colocar, seria... uma música que me acompanha muito aquela que o Caetano... gravou. Quer dizer, a música é dele, a Gal gravou, o Roberto Carlos também gravou, que se chama "Força Estranha". Deixa eu ver se acho a letra dela pra eu acompanhar. Essa música aqui sempre me acompanhou, inclusive desde a graduação e eu acho que ela ilumina muito. [Cantando]Eu vi um menino correndo. Eu vi o tempo brincando ao redor do caminho daquele menino. Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei. O sol ainda brilha na estrada que eu nunca passei. Eu vi a mulher preparando outra pessoa. O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga. A vida é amiga da arte. É a parte que o sol me ensinou. O sol que atravessa essa estrada que nunca passou. Por isso uma força me leva a cantar. Por isso essa força estranha. Por isso é que eu canto, não posso parar. Por isso essa voz tamanha. Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista. O tempo não para e no entanto ele nunca envelhece. Aquele que conhece o jogo, do fogo das coisas que são. É o sol, é a estrada, é o tempo, é o pé e é o chão. Eu vi muitos homens brigando, ouvi seus gritos. Estive no fundo de cada vontade encoberta. E a coisa mais certa de todas as coisas. Não vale um caminho sob o sol. E o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol. Por isso uma força me leva a cantar." Eu amo esse trecho que fala assim: "E a coisa mais certa de todas as coisas. Não vale um caminho sob o sol. E o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol.". Quer dizer, por mais que você fazendo, assim, vai descobrindo tantas coisas, e vai se embrenhando nas realidades com a musicoterapia principalmente, sempre há muito o que se fazer e não tem resposta pronta, sabe? A realidade, o lado intuitivo do musicoterapeuta, que é fundamental deixar o espírito divino falar, mesmo, abrir os caminhos, dar as inspirações, né? Porque só quem se põe a caminho consegue escutar. É a escuta, né? A escuta musicoterapêutica [risos].

Fabrícia: É uma escuta imensa, né?

Hermes: Sim.

Fabrícia: Chegamos ao nosso final...

Hermes: Nossa, deu 1 hora e 7 minutos. Eu falei demais [risos].

Fabrícia: Mas é isso mesmo que a gente estava prevendo, a gente estava prevendo em torno de uma hora até uma hora e meia... E a gente conseguiu contemplar todas as perguntas perfeitamente. Agradeço muito por ter disponibilizado esse tempo, por ter disponibilizado compartilhar isso conosco, essa experiência. Agora a gente vai passar, a gravação vai ser transcrita para que a gente venha fazer esse processo com a inclusão das outras e esse processo de análise. Mas de tudo o que nós falamos, os objetivos, você teria alguma coisa a acrescentar,

alguma coisa que durante as perguntas você acha que não foi contemplada, que você acha importante falar... Ainda tem espaço pra você acrescentar mais alguma coisa.

Hermes: Não, eu acho que nesse momento eu me dou por satisfeito. Eu acho que eu já consegui falar e.... já dei outras entrevistas e eu sempre consigo transbordar, né? Às vezes fico até um pouco com medo de perder o foco, às vezes eu tenho o costume de, para chegar num ponto central, caçar uma porção de coisas laterais para eu poder conseguir chegar ao ponto onde eu vou chegar. Que, às vezes eu fico até com medo de prolixidade até a Célia, ela é que é sua orientadora?

Fabrícia: Não, é a Cláudia.

Hermes: Porque a Célia foi minha orientadora e ela falava, né? Ela chamava muita atenção: "Olha só você é prolixo vai mais com objetividade ao ponto". E eu percebi que... acho que foi satisfatório.

Fabrícia: Você transbordou, mas conseguiu contemplar tudo que a gente tinha previsto. Novamente eu te agradeço e coloco-me à disposição. A gente agora vai partir pra análise. Está previsto qualificar esse mês e em abril fazer a defesa. Nesse intervalo, você fique à vontade pra nos procurar, ver como está o andamento da pesquisa. E, qualquer dúvida, continuo à disposição pra poder auxiliar. E vou ter uma imensa satisfação de encontrar com você em outros espaços, pra gente poder alongar sobre isso, e também te trazer futuramente o convite pra defesa.

Hermes: Ah sim. Eu já ia te perguntar agora se você... Fala quando for a defesa.

Fabrícia: Eu vou interromper aqui.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Transcrição da Entrevista

SILVA, Lilian Ansay. **Lilian Ansay Silva**: entrevista [ago. 2015]. Entrevistadora: Fabrícia Santana. Goiânia: UFG, 2015. Mp3. Entrevista concedida à pesquisa A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Nome: **Lilian Ansay Silva**

Cidade/UF: **Ponta Grossa-PR**

Idade: **51 anos**

Local de Trabalho: **Prefeitura Municipal de Ponta Grossa Paraná - Secretaria de Assistência Social – Gerência de Proteção Social Básica**

Associação de Musicoterapia vinculado(a): **AMTPR**

Data da realização da entrevista: **29/08/2015**

Fabrícia: A partir de agora nós já estamos sendo gravadas. Eu vou te explicar um pouco como vão funcionar as perguntas e aí a gente começa. A entrevista semiestruturada ela está dividida em três blocos. O primeiro bloco é o cabeçalho com a tua identificação que é o nome, a cidade, a idade, o local de trabalho a associação que você está vinculada e a data a gente está realizando esta entrevista. Depois vem um bloco que eu vou te perguntar só sobre a tua inserção mesmo, profissional. Como que foi este processo de entrada onde você está trabalhando e depois no terceiro bloco e último, eu vou te perguntar só sobre a tua atuação enquanto musicoterapeuta. Se tiver alguma pergunta que você não compreendeu posso falar novamente, se tiver alguma que você não vai se sentir confortável em responder a gente passa para a próxima, mais nós pensamos uma forma de organizar que uma pergunta ela vai desencadeando outra. Ao total serão dezoito perguntas e elas vão fluindo e a gente vai conversando. Fica a vontade para você fazer qualquer pontuação

Lilian: Ok

Fabrícia: O nome e a cidade eu consigo preencher, faço um resgate lá do TCLE. Os dados idade, local de trabalho e associação eu preciso te perguntar agora de novo. Idade?

Lilian: Eu tenho cinquenta e um e vou fazer cinquenta e dois agora em novembro

Fabrícia: O local de trabalho que você está atualmente vinculada

Lilian: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa – Paraná

Fabrícia: A associação de Musicoterapia?

Lilian: Só um minutinho e não terminei aí

Fabrícia: Ah, tudo bem.

Lilian: Prefeitura, eu estou na secretaria de Assistência Social. Eu estou na gerência de proteção social básica

Fabrícia: Então ficou, Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, Secretaria de Assistência Social, também na gerência de proteção social básica

Lilian: Isto

Fabrícia: Qual que é a Associação de Musicoterapia o teu vínculo?

Lilian: Associação de Musicoterapia do Paraná

Fabrícia: Certo e a data né hoje é dia vinte e nove de agosto de dois mil e quinze. No cabeçalho a gente já conseguiu preencher todas as informações. Agora eu vou passar para conhecer um pouco mais da tua inserção profissional na área. Há quanto tempo que você está atuando como musicoterapeuta na área social?

Lilian: Na área social apenas um ano

Fabrícia: Um ano né. Você tinha falado antes a questão da tua experiência anterior. Ela foi ligada nesta mesma secretaria?

Lilian: Não, na verdade quando eu fiz o concurso né da prefeitura, de Ponta Grossa, falaram pelo menos não sei se é fidedigno que haviam dez vagas, mas não que nos pudemos escolher. Me colocaram na secretaria de recursos humanos e ali nesse trabalho né eu fazia atendimento ao servidor. Eu comecei na Secretaria de Recursos Humanos, depois, agora, que eu fui transferida para Secretaria de Assistência Social

Fabrícia: Então na Secretaria de Assistência você tem um ano

Lilian: Um ano

Fabrícia: Qual que é a tua formação?

Lilian: Eh, eu fiz especialização além de ser musicoterapeuta

Fabrícia: É bacharel em Musicoterapia?

Lilian: Sim, sim. Sou bacharel em Musicoterapia

Fabrícia: Bacharel em Musicoterapia e...?

Lilian: Especialização em Educação Musical

Fabrícia: Sim

Lilian: Estou fazendo especialização em, estou quase terminando, falta uns três meses, Arteterapia Analítica

Fabrícia: Em Arteterapia Analítica

Lilian: Ahan. Claro que eu fiz outros cursos né, de capacitação

Fabrícia: Capacitação...

Fabrícia: Da política você conhece os princípios e diretrizes do Sistema Único de Assistência Social?

Lilian: Veja, eu conheço alguma coisa porque eu tenho participado das capacitações né então assim estou a cada dia tentando me inteirar muito mais, pra compreender isto né

Fabrícia: Tem algum dele que você conseguiria comentar, falar de algum princípio de alguma diretriz?

Lilian: Na verdade eh... [silêncio] Veja bem eu tenho receio de assim de falar de uma forma assim que eu possa está [silêncio]

Fabrícia: Mais aí pode ficar tranquila, falar do que assim você tem a segurança de falar, do que você conhece né, algum princípio, alguma diretriz, como você tem participado destas capacitações, destes momentos mais imersos para conhecer a política. Tem algum princípio ou alguma diretriz que você lembre agora e que poderia comentar ou não, você pode falar assim “Conheço Fabrícia, mas agora eu não sei se conseguiria”

Lilian: É eu gostaria de te falar mais tarde, porque veja...

Fabrícia: Pode ser também

Lilian: Pode ser? Porque eu responderia assim com mais propriedade. Pode ser?

Fabrícia: Pode ser também. Você sabe em que nível de proteção você está inserida?

Lilian: Sim, estou na gerência de proteção básica.

Fabrícia: Básica né e o hoje como que é o teu vínculo empregatício?

Lilian: Eu sou concursada

Fabrícia: Concursada. Nesse período que você está atuando como musicoterapeuta na Assistência Social você recebeu ou buscou algum tipo de capacitação?

Lilian: Na verdade teve uma capacitação sobre vigilância né que é mais específico para assistente social e eu pedi para que eu pudesse participar tal e participei. Desse momento foi bem no comecinho que estava na Assistência Social muitas dúvidas surgiram, mas foi rico pra mim para que eu pudesse compreender um pouco da vigilância da Assistência Social. Participei também da pré-conferência estadual em Curitiba que a Associação de Musicoterapia me convidou e participei aqui também da pré-conferência municipal também de Assistência Social. Acompanhando isto né

Fabrícia: Mais isto tem sido uma busca sua né? Poder participar destes espaços, mas de oferta do serviço você tem percebido alguma oferta dele?

Lilian: Sim, a minha gerência é muito, tem uma visão muito boa com relação a isto. Sempre tem me convidado para participar sim mesmo sabendo que existe esse interesse da minha parte

Fabrícia: Ah sim, então flui desta forma que bom

Lilian: É uma via de mão dupla né

Fabrícia: De que forma que você, eu sei que você falou que é concursada. De que forma que ocorreu esta inserção sua como musicoterapeuta nesse campo?

Lilian: Na Assistência Social?

Fabrícia: Sim!

Lilian: Na verdade assim, eu me identifico muito com a musicoterapia social por causa do meu perfil. Gosto muito de trabalhar com grupo, gosto muito de trabalhar com terceira idade, gosto de trabalhar com crianças, gosto de trabalhar com especiais né. Então eu estava meio que sondando se havia esta possibilidade. Quando veio o musicoterapeuta e entrou na Assistência Social, já começou a trabalhar na Assistência Social eu fiquei meio que namorando esta vaga. Então quando surgiu a oportunidade eu falei olha eu quero, eu quero. Isso começou quando eu precisei fazer estágio de arteterapia e eu procurei falar com o secretário de Assistência Social pra ir... Falei olha eu tenho muito interesse, eu amo trabalhar em grupo, eu tenho perfil para musicoterapia social e diante disto houve esta oportunidade e estou agora ali por causa desta oportunidade, eu aproveitei esta oportunidade

Fabrícia: Que bom

Lilian: E claro que eu percebi também que a gerência anterior falava “não Lílian não queremos perder você. Você vai fazer falta e tal” eu falei olha, mas eu me sinto muito realizada, muito feliz na musicoterapia social e esse é o meu perfil com certeza.

Fabrícia: Que bom, foi assim uma caminhada pelo perfil, pela oportunidade que surgiu enquanto ao teu estágio da especialização que você precisava fazer e tudo se encaixou né

Lilian: Sim

Fabília: que bom. Nós conseguimos contemplar todas as questões que tinha referência a sua inserção na área profissional. Agora a gente vai para o terceiro bloco que é só sobre a tua atuação enquanto musicoterapeuta. Das perguntas anteriores você tem alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Lilian: Não, está tranquilo

Fabília: Quais são os espaços que ocorre o serviço de musicoterapia? Você tem como descrever eles?

Lilian: Na verdade assim, como eu trabalho na gerência de proteção social básica eu tenho uma sala ali, mas a minha sala é de passagem digamos assim. Eu te ali meus instrumentos, eu tenho... Não tenho muito ainda porque existe todo um processo para que a gente consiga adquirir, mas eu tenho alguns instrumentos, tenho meu material, mas ali na minha sala eu não faço atendimento. Ali na minha sala eu fico pra fazer relatório. Sexta-feira é um dia que eu não saio e fico fazendo tudo isso. O meu trabalho é ir nos CRAS Centro de Assistência Social os CRAS né, aqui em Ponta Grossa nós temos dez CRAS

Fabília: Nossa

Lilian: E temos mais um CRAS itinerante, um CRAS móvel. Esse CRAS móvel eu ainda não tive oportunidade de ir, mas eu preciso. Então é assim, a minha agenda é feita, nós fizemos de uma maneira que eu pudesse estar indo em todos os CRAS. Só que o meu trabalho é com a pessoa idosa. Então, por exemplo, na segunda-feira eu vou em dois CRAS porque eu vou de cada quinze dias né. Então vou no CRAS num bairro na outra segunda-feira o outro bairro, na terça eu vou num bairro. Então na verdade para que eu possa, eu não consegui ainda ir nos dez CRAS para fazer um trabalho efetivo, mas aquele CRAS que eu não tenho ido eu faço, me convidam uma vez no mês “olha Lilian venha cá e faça esse trabalho” mais existe aquele CRAS que eu estou fazendo um trabalho regular. E digo com elas, mas agora já tem eles

Fabília: Eles

Lilian: Graças a Deus

Fabília: E como são esses espaços lá do CRAS aonde ocorre os atendimentos, serviço de Musicoterapia?

Lilian: Veja é eu preciso estar te falando por cada CRAS específico porque cada tem um perfil diferente né, então por exemplo, nos temos um bairro que se chama Santa Luzia CRAS Santa Luzia, esse CRAS ele já tinha uma trabalho anterior com uma pessoa que, não sei se foi efetiva, processo seletivo, não sei bem ao certo, que fez um coral com elas. Então quando eu cheguei elas solicitaram “olha nós queremos coral” porque ele foi pra outra cidade sei lá foi embora, nós queremos continuar com o coral. E muito interessante esse CRAS porque eu fiz um teste vocal só tem soprano. Só voz soprano. Um CRAS assim lindo que dá pra trabalhar com maneira tão linda com eles. Com esse CRAS eu tenho trabalhado já há um ano. Quando eu iniciei, em setembro do ano passado, como eu não iniciei com todos os CRAS eu ia toda semana nesse. Então eu consegui fazer inclusive uma apresentação, nós conseguimos fazer uma apresentação no final do ano passado. Já foi possível! Porque eles já têm essa vivência né. Tem outro CRAS que é no bairro do Sabará que eu fiz o teste vocal só contralto. Falei misericórdia, mas tudo bem juntar os dois fica muito bom [risos]. Esse CRAS tem sido, já tenho trabalho um ano, já estava trabalhando com eles. É muito importante quando eu chego no CRAS eu já não começo já com a atividade de Musicoterapia. Eu vou numa atividade que já tem ou artesanato, uma atividade que já está acontecendo e eu fico ali com elas participando junto com a orientadora daquela atividade pra que eu possa estar sendo conhecida. Então a partir dali eu faço elas, essas orientadoras me convidam pra um dinâmica ou quebra-gelo para que elas possam me conhecer. Aí sim eu sou apresentada, falo a minha proposta, pergunto como elas veem as Musicoterapia, como elas o que elas imaginam que é a Musicoterapia. Então é o caminhar na verdade! Esse dois CRAS que te falei é os que estão mais amadurecidos

Fabília: Mais quando você chega no CRAS você tem algum espaço, alguma sala específica pra fazer o serviço de Musicoterapia? Espaço físico mesmo!

Lilian: Veja em termos de espaços físicos, pra uma Musicoterapia social sim. Se fosse uma Musicoterapia mais assim, digamos assim, processual aí não. Tanto que aquele espaço é um espaço que tem acesso a muitas pessoas, um passa, outro passa

Fabília: É no meio da...

Lilian: No meio, bem no meio. O pessoal que está chegando está vendo o que está acontecendo ali. Se vai para outra sala lá trás passa ali pelo meio. Então na verdade é um espaço aberto. E como é um espaço grande, esse dois CRAS que te falei eu mais ou menos uns trinta idosos né. Tanto um quanto outro, então tem que ser um espaço relativamente grande. Eu uso o espaço ao redor com as cadeiras e no meio eu deixo vazio porque eu sempre deixo as cadeiras, porque se eles cansam “Olha não precisa estar me avisando, cansou senta. Descansou volta pra atividade”. Então na verdade não é uma Musicoterapia processual no sentido que, como eu vou a cada quinze dias eu nem posso estar mexendo ali na ferida porque eu não vou dar conta daquilo e apesar de ser, porque o CRAS é uma porta de entrada da Assistência Social. Apesar de ali ter muito casos muito tranquilos, tem também outros programas que estão inseridos ali no serviço de convivência. Esse trabalho que eu é chamado Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. O programa chama assim

Fabília: E nos outros CRAS, também ocorre neste espaço transitório ou tem algum outro espaço?

Lilian: Tem o CRAS o Santa Luzia que é um espaço pra nós é muito bacana, é um espaço maior, é um espaço pra nós ali eu tenho todo equipamento. Eu tenho Datashow nossa uma beleza [expressão de felicidade]. Diferente de alguns outros, tem outros que eu não toda esta estrutura, ali eu posso desenvolver um trabalho muito lindo, muito bacana em todo sentido. No sentido do perfil dos idosos, no sentido do material, no sentido... mas não acontece em todos lógico. Não são todos assim

Fabília: E das ações? Você falou as ações de musicoterapia em um CRAS você já foi convidada para assumir o coral, dar continuidade as atividades de coral. Quais são as ações desenvolvi geralmente no serviço?

Lilian: Não na verdade não, não é que eu fui convidada. Na verdade elas solicitaram, as idosas

Fabília: Ah sim

Lilian: Em termos da minha gerência o meu trabalho é visto como, isso mesmo que te falei Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo. Então na verdade o meu trabalho é fortalecer esse vínculo, trabalhar é claro que nós temos o subjetivo. Nós trabalhamos cidadania, trabalhamos identidade, pertencimento então eu procuro trabalhar voz, pra você ter voz na tua vida né. Foi muito interessante, não sei se eu posso estar contando alguma atividade que eu

Fabília: Pode contar sim, tranquilo

Lilian: É muito interessante que eu trabalhei “Cadê o tonzinho daqui?” conhece? “O gato comeu!” conhece?

Fabília: Não, dessa forma não, como é cultural

Lilian: Eu fiz dois grupos e um falava meio que provocando o outro, “Cadê o tonzinho daqui?” aí você responde “O gato comeu!” “Mais cadê o gato?” e eu dizia não, vamos por voz, voz, se fala cadê? Cadê? E muitas pessoas tímidas né começaram a se colocar. Isso foi muito bonito porque no começo “ah não” “eu tenho vergonha” “cadê o tonzinho daqui?” [fala dos participantes interpretada com voz baixa] Falei nossa ela não vai responder nunca cadê, entende então esse trabalho de trabalhar a timidez, de se colocar, o pertencimento, se necessário eu trabalho muito de leve sobre dor, perda, mas assim muito de leve porque se a gente começa a trabalhar isto na outra semana eu não vou estar ali

Fabília: Sim

Lilian: Então na verdade eu trabalho de uma maneira assim, eu sou vista por elas “ah aquela pessoa que vem nos abraçar, que vem trazer alegria para nós” [fala dos participantes do grupo de musicoterapia] e eu falo muito

sobre isto. Sobre eu ser uma agente de saúde, eu falo olha eu vim aqui por eu sou uma agente de saúde, mas a senhora vai ser uma agente de saúde lá na sua casa, vai aprender a sorrir, vai aprender a dançar. Eu falo muito sobre a química do cérebro que quando nós estamos brincando, sorrindo, dançando, nós estamos fabricando serotonina, adrenalina e endorfina enquanto também ao contrário quando estamos muito estressados estamos com o hormônio do stress o cortisol está sendo fabricado. Então eu falo muito sobre isto, eu também sou massoterapeuta, ah eu esqueci também eu sou massoterapeuta

Fabrícia: [risos]

Lilian: Eu falo muito sobre a postura, sobre as dores do corpo, sobre como melhora essas dores no corpo sabe, dessa forma eu vou caminhando com elas. Inclusive sexta-feira eu fui num CRAS que eu estou iniciando, estou começando a conhecer, ainda estabelecendo um vínculo, já estabeleceu um vínculo, mas eu senti muita tristeza e eu não fico sabendo o que acontece com cada mesmo porque eu não tenho tempo. Porque eu chego no CRAS eu faço aquela atividade e saio, volto pra gerência básica, social básica. Eu não fico ali. Então assim, claro que não é uma coisa assim ah eu vou para a atividade, eu senti a necessidade de parar. Eu estava fazendo uma dança circular, tentando fazer uma dança circular com Escravo de Jó e elas não vieram, não vieram, não vieram. Aí eu senti aquilo e falei vamos sentar, vocês querem conversar? “ah queremos” [fala dos participantes do grupo de musicoterapia]. Aí uma queria contar, aqui em Ponta Grossa tinha acontecido um vento muito forte, muito forte de 90km/h e elas estavam com o coração apertado e outras questões nas vidas delas, mas elas não queriam fazer a dança circular Escravo de Jó, a última coisa que elas queriam naquele momento. Aí eu conversei dei esta possibilidade delas compartilharem sabe, aí elas saíram alegre, eu percebi que elas saíram mais leves. Então é assim, o meu trabalho tem sido assim conforme o perfil...

Fabrícia: Você tem falado sobre a utilização da voz como empoderamento dele, do sujeito, agora a dança circular que foi uma proposta que você também desenvolveu, tentou desenvolver no grupo e dentre essas tem outras ações que você desenvolve com os idosos? Com é que você faz essas atividades?

Lilian: Veja como eu já estou muitos anos também em arteterapeuta, então a medida do possível eu também utilizo a Arteterapia, as práticas da Arteterapia que são riquíssimas também. Então muitas vezes eu utilizo a música, as vezes elas escolhem as músicas, as vezes eu que trago de acordo com aquilo que eu quero trabalhar e depois disso existe o fazer, o fazer no papel com vários materiais, tintas, massinha de modelar, argila, instrumentos musicais, bola, papel amassado, enfim vários materiais para que elas escolham e que elas que elas sentiram, colocar ali o sentimento delas no construir algo. Tem sido assim maravilhoso, tem vindo claro que argila é uma coisa muito... Argila eu tenho que ter mais tempo para trabalhar argila no sentido, quando eu escolho hoje eu vou trabalhar argila, daí é só argila porque a argila ela traz muito conteúdo interno, muito, muito, muito e a gente tem que dar esse tempo dar esse tempo de estar conversando com eles

Fabrícia: E isso são técnicas que você contemplou, você consegue trazer devido a tua formação agora na Arteterapia.

Lilian: Eu junto tudo isso

Fabrícia: Faz esse casamento bonito. Muito lindo esse casamento

Lilian: Mas antes de ser musicoterapeuta eu era esteticista, massoterapeuta então eu uso as vezes a beleza, olha que tal a gente fazer, ainda não fiz mas eu propus um desfile de primavera. Aí o ano passado eu não consegui fazer o desfile de primavera porque assim, existem pessoas, era o festival de novos talentos comentaram “imagina desfile de primavera não é talento!” e falei como que não é talento? Mais tudo bem, eu estava nova na secretaria esse ano eu pretendo fazer o desfile de primavera através do não só os desfilar em sim, mas da maquiagem, do penteado, tem coisas que eu não sei, por exemplo o penteado eu não sei fazer, então eu ah eu sei que tal pessoa eu convido olha você faz o penteado. Mesmo porque são tantas eu nem conseguiria fazer tudo. Eu tenho muito essa coisa de liderança no sentido a você sabe fazer isso então eu vou aproveitar o teu potencial pra fazer isso. Eu sempre peço pra elas olha quem quer colocar o pendrive? Quem quer aprender? Quem quer...

Fabília: mencionando ações né, delegando na verdade

Lilian: Isso elas me ajudam com pasta, pasta de música. Elas sempre participam e também eu sempre com aquele abraço coletivo, abençoando todas. Eu sempre pergunto qual é a religião de cada uma para que eu não traga algo que possa estar ferindo as crenças coisas assim, mas é uma caminhada maravilhosa. Tem muitos que falam “você”, “você” eu falo não, nós! É uma construção, eu abençoo vocês e vocês me abençoam. Eu estou com vocês e você me ensinam muitas coisas e é uma troca, com certeza é uma troca.

Fabília: Com certeza

Lilian: Esse saber deles, esse saber é um presente pra mim também

Fabília: Com certeza e você estava falando que dentre esses grupos são mais pessoas da terceira idade. Além deles tem algum grupo diferente de usuários? Contemplados pela musicoterapia?

Lilian: Não veja bem é que na verdade os CRAS têm vários grupos, só que eu sou só uma. Então minha gerência que falou “olha Lílian então vamos definir então você vai trabalhar com a terceira idade”. Ela havia pedido, olha Lílian eu quero que você trabalhe com os idosos, quero que você trabalhe com os adolescentes eu disse não, espera aí, calma aí, principalmente porque são onze na verdade CRAS. Então, mas tem o grupo de mulheres e nesse grupo de mulheres tem mulheres mais jovens, que aí é especificamente mulheres.

Fabília: Você acompanha também esse grupo de mulheres?

Lilian: Oi?

Fabília: Esse grupo de mulheres você participa também como musicoterapeuta

Lilian: Isso. Porque tem um CRAS que é um grupo de mulheres só que eu também estou iniciando. Ali é um espaço onde a gente está conversando as necessidades, os problemas da mulher mesmo. Ali não teriam os homens, ali tem meninas juntos com jovens moças são as que estão interessadas neste assunto só que este eu estou começando, iniciando. Ah também tem o grupo, tem um CRAS que eu não iniciei com as idosas porque no dia que eu fui, tem um rapaz que é professor de música, que ele também trabalha no CRAS o trabalho dele é de professor de música e ele ficou doente, inclusive precisou fazer uma cirurgia e as crianças, o grupo tinha comprado violão, daí eles me ofereceram “Lílian você pode dar aula de violão pra esse grupo” Daí eu aceitei nesse sentido, porque o professor estava doente e tal, só que eu deixei bem claro olha eu sou musicoterapeuta, eu não sou professora de violão estou atendendo esta necessidade, desse companheiro que está precisando, mas eu tenho trabalhado neste CRAS com aula de violão

Fabília: Aula de violão, como você deixou claro não seria um serviço da Musicoterapia, mas você estava suprimindo a necessidade do professor

Lilian: Sim. Apesar de que é claro que a gente tem esse olhar terapêutico

Fabília: Sim a gente não deixa. Entra lá naquele momento olha Lílian musicoterapeuta ficou ali do lado de fora da porta e a professora, educadora musical entrou. A gente não faz essa separação

Lilian: Pra eles eu deixei claro nesse sentido. Tem uns meninos que aprende tão rápido, tão rápido que daqui a pouco eles estão sabendo mais do que eu [risos]. Então para que eles não criem esta expectativa de professora de música, professora de violão não. Então eu estou fazendo um trabalho ali e aprende mesmo

Fabília: Nossa que lindo. E de recurso que você utiliza recurso e instrumentos musicais. O que é que você utiliza nas suas atividades?

Lilian: Eu utilizo muito o lenço pra dança, porque o lenço ele tem aquela textura leve, aquele abraçar, aquele principalmente quando a pessoa é muito tímida então ela começa a dançar ou então ela tem vergonha de dançar, de se expressar. Ela começa a utilizar o lenço então para que ela sinta aquele carinho, aquele lenço fazendo um

carinho nela o lenço eu uso muito, muito, muito. Eu utilizo também, quando eu entrei na Assistência Social não tinha material nenhum em termo de instrumento, eu tinha outros materiais de artesanato no caso pra Arteterapia eu até tinha, mas para Musicoterapia eu não tinha nada. Então eu pedi para uma pessoa, mas é uma pessoa amiga minha fazer as claves com cabos de vassoura daí eu fiz muitos desses instrumentos. Trabalho muito ritmo ali um faz uma célula rítmica, claro que células rítmicas fáceis, mas um faz uma célula o outro responde e tal. Também eu trabalho muito, quanto eu trabalhei as cantigas de roda eu sugeri que elas fossem com aqueles vestidos cumpridos e elas não queriam “a não isso é pra jovem, imagina nós idosos usar esse vestido cumprido e tal” [fala das participantes do grupo de musicoterapia] só que daí nos começamos a trabalhar digamos eu comecei em setembro e nós íamos apresentar no comecinho de dezembro e eu comecei a ir com vestido e elas “nossa como está linda” mas você a senhora é que na verdade elas me permitem eu chamar elas de vocês, elas querem de minhas meninas, de você porque elas gostam, aquelas que eu sei que querem que eu chamo de senhor eu chamo, mas a maioria eu chamo de minhas meninas vocês podem ficar lindas também. Aí uma “ah eu não vou comprar porque vou usar só uma vez” aí eu fui num bazar comprei umas saias e emprestei pra elas, aquele monte de saia elas usavam só no ensaio, só que aí elas começaram tem algumas que a gostar e começaram a aparecer com o vestido “olha eu comprei. A minha filha disse que eu fiquei linda. Olha e tal...” [falar das participantes do grupo de musicoterapia] No dia da apresentação que era numa praça, elas iam de ônibus e elas falaram “aonde que nós vamos trocar a roupa?” porque era praticamente pertinho do terminal. Eu falei olha vamos dar um jeito. Não precisou! No dia todas elas foram com a saia ou vestido e aí única coisa que nós fomos apresentar e nós estávamos no palco e todo o pessoal que estava assistindo estava no tempo e começou um temporal além de acabar a luz, todo o pessoal veio para o palco. Daí nós não cantamos nada e tal até passara chuva. Quando passou a chuva, mesmo assim o pessoal não desceu por causa do barro e tudo ali, elas falaram pra mim “Olha nós temos que cantar o abre a roda tindo-lê-lê” mas o abre a roda tindo-lê-lê tinha toda uma coreografia, tinha que abrir e fechar “não faz mal, mas nós ensaiamos tanto não sei o quê” [fala das participantes do grupo de musicoterapia]. Cantamos do mesmo jeito, cantamos como deu e nós tínhamos cinco músicas para cantar e uma delas era João pequenino tem dois passarinhos, nós íamos cantar em cânone porque tem uma cozinheira que ficava lá ouvindo e disse “olha eu tenho o meu coral na minha igreja” é então vem aqui que nós precisamos de alguém pra fazer mais grupos [risos] e ela foi e também em ajudou fazendo os grupos a fazer mais dois grupos, porque tem que ter uma referência né se não eles vão cantar com a gente né. Então quando eu fiz dos grupos tinha uma referência, nós não pudemos cantar as cinco canções da maneira que foi ensaiada, mas elas estavam muito feliz porque elas foram com aquele vestido, elas participaram do jeito que deu e ainda elas me cobram “olha temos que apresentar novamente porque não valeu aquela apresentação”

Fabrícia: Sim

Lilian: Então isso é um caminhar assim que elas nunca tiveram oportunidade disto

Fabrícia: Então elas foram todas as roupas que você sugeriu e depois elas se identificaram, usa o lenço, uso o corpo

Lilian: Com o corpo eu faço muito, muito, muito. Eu trabalho muito com o corpo para fazer percussão com expressão corporal só que elas têm muitas dificuldades sabe. Na verdade assim já é uma coisa cultural. Claro que existem aqui em Ponta Grossa muitos lugares de baile então que participam já dos bailes que tem na cidade não, mas a maioria já tem essa dificuldade da expressão eu começo lento. Eu começo com a biodança, eu começo com a dança circular pra depois eu estar fazendo esta percussão corporal. Percussão corporal não é com todos que eu tenho conseguido lógico! Tem CRAS que eu já estou caminhando eu consigo agora tem uns que eu ainda não consegui, mas é uma caminhar assim só que pra mim é muito importante que elas trazem porque nós já temos todas as atividades, tudo na mente. A partir do momento que elas trazem algo, a partir daí que eu trabalho com elas. Claro que eu já tenho conseguido preparar as atividades porque eu já conheço o perfil, já sei né... Então eu tenho conseguido preparar várias atividades diferentes

Fabrícia: De instrumentos musicais o que você utiliza?

Lilian: Então teve a AABB que fechou e nos deu um teclado e também esse rapaz que ficou doente me emprestou um violão, me emprestou... Esse violão tem afinador e eu tenho alguns instrumentos de percussão,

mas são meus. Eu tenho caxixi, eu tenho meia lua, eu tenho pandeiro, mas são meus, triângulo, eu levo também. Eu levo porque tem vez que eu quero fazer algo, porque é muito bacana quando eles, por exemplo Asa Branca, que todo mundo conhece. Quando eu coloco Asa Branca e coloco os instrumentos na mesa e falo olha vamos tocar! “Mais eu não sei. Ah não... não...” [fala dos participantes da pesquisa], mas experimente e daí eu gravo aquele tocar, eles tocam da maneira deles eu gravo o áudio e mostro pra eles e eles “nossa, nós que tocamos isto? Nossa não acredito!” porque fica muito lindo, muito lindo. Eles podem até estar fazendo um ritmo qualquer, claro é uma coisa como é um grupo grande trinta, vinte e cinco eles vão entrando naquele tocar juntos eles vão é uma coisa que fica tão uníssono, tão melodioso, tão lindo que pra eles é uma alegria “Nós fizemos isto!”. E tem um grupo muito bacana que tem sanfoneiro, pensa. Tem grupo que eu não tenho nada e tem grupo que eu tenho três sanfoneiros

Fabrícia: Nossa

Lilian: E um toca pandeiro

Fabrícia: E eles levam os instrumentos?

Lilian: Na verdade, não sei se eles combinam entre eles, mas um leva e eles trocam ali. Eu acho que eles devem combinar de certo “oh você traz a semana que vem, você traz...” Eles levam sim! E nesse grupo é muito rico tem três sanfoneiros, tem um que toca pandeiro e um que sabe dança de salão. Quer ensinar dança de salão. Um dia eu não estava bem porque eu estava com infecção intestinal, não estava muito bem e fui do mesmo jeito. Só que eu pensei puxa vou fazer uma atividade, mas naquele momento era por mim, eu vou fazer outra atividade com eles porque se deixar eles só querem dançar, dançar, dançar, esse dançar eu pego e faço outras atividades. Pego uma vassoura e daí eu fico com a vassoura enquanto eles estão dançando nós trocamos ou então eu paro a música para que eles façam uma pose, daí eu tiro fotografia e mostro olha que pose bonita. Vamos visitar o... a esqueci a palavra que tem as exposições. Vamos visitar e escolher a mais bonita

Fabrícia: Estátua?

Lilian: Isso, como se fossem estátuas. Então eu faço muito isso só que naquele dia que eu não estava bem eu levei uns bonequinhos que eu tenho bem pequeninhos que não tem roupinha, levei a massinha de biscuit, massinha de modelar para eles colocarem a roupinha fazer um personagem. Eles até fizeram, mas ele falaram “que horas que nós vamos dançar? Que horas que nós vamos...” [risos] e eu naquele momento não estava bem. Fizeram foi bonito, teve um que fez o Luciano Hulk e a Angélica, outro fez um cowboy outro fez... Foi muito bacana, só que eles fizeram meio rápido e “agora vamos dançar. Tirar as mesas”. Foi muito bacana sabe, claro que eu quis trabalhar ali o outro fazer

Fabrícia: Outra possibilidade

Lilian: E no sentido de existia uma necessidade de um integrante do grupo independente se esse integrante era eu que era terapeuta ali. Nesse momento eu tinha necessidade de mudarmos a atividade, na verdade eu nem estava com dor de cabeça por causa da música. Era um mal estar mesmo físico, mas eu fui só que depois eu percebi que naquele momento que eu deixei eles livres, claro! Surgiu a liderança. Fiquei sentadinha ali, esse que dança começou a liderar, começo a ensinas uma, começou a ensinar o outro, daí teve um que quis experimentar para tocar o pandeiro e eu só olhando. Isso é mágico! Isso é mágico! Porque na verdade é isso mesmo que é a nossa intenção, que ele sejam protagonistas de suas histórias

Fabrícia: Isso. Essas ações que você desenvolve elas são em equipe? Tem algum outro profissional que participa com você?

Lilian: Veja na verdade assim, tanto que, infelizmente eu já digo né como musicoterapeuta ele ainda não está, eu não sou considerar como técnica de referência nesse grupo. Apesar desse grupo eu trabalho com ele. O pessoal da equipe eles estão em outras atividades, mas eles estão sempre prontos se eu preciso de algo. Olah eu preciso... Um dia eu fiz atividade lá com papel sulfite foi no colo e você um baião pá-pá-pá pá pá- pá-pá pá pá pá [célula e solfejo igual ao ritmo de baião] ah eu preciso de papel sulfite porque vem aquilo né, eu geralmente levo o

material, mas veio aquela ideia. Então eles estão sempre por ali para estar atendendo as minhas necessidades, mas não, aquele grupo está comigo

Fabrícia: Mas participar eles participam ou só as tuas necessidades?

Lilian: Só atendem as minhas necessidades. Veja como existem várias atividades neste momento eles estão em outras atividades. A musicoterapeuta veio fazer esta atividade. Então eles não ficam ali, como eles estão em volta eles estão acompanhando as atividades vendo ou ouvindo. Na outra terça que eu não vou ou na semana ou dia da semana que eu não vou que eles dão continuidade. Na verdade eu não acompanhei exatamente os que eles fazem, mas mesmo que eles façam um artesanato, façam outra coisa eles acompanham nesse, como é que eu posso dizer, nesse caminhar. Eles têm essa percepção, algumas são assistentes sociais, algumas são pedagogas, algumas só são orientadoras sociais, mas como a gente está caminhando e eu sempre conto com elas se eu tenho oportunidade é meio difícil, mas se eu tenho oportunidade eu converso um pouquinho com elas – olha o que tem trabalhado na semana que eu não venho? Olha eu sugiro isso aqui. Oh se precisar de alguma música. Esse dia eu não fui, não era o meu dia de ir naquele CRAS, me chamaram, me mandaram e-mail, “você pode mandar João Pequeno, Alecrim?” Olha sem problemas, mandei sabe. E a dança circular eu tenho mandado muito para elas que trabalham com grupos porque a minha intenção é fazer multiplicadores também

Fabrícia: Sim

Lilian: Quando eu não posso, quando eu não vou, se eu mudar de grupo enfim várias coisas podem acontecer. Elas, esse trabalho não pode parar ele tem que continuar

Fabrícia: Como que você descreveria as habilidades necessárias do musicoterapeuta pra atuar neste âmbito social?

Lilian: Claro que é muito importante a ética profissional, conhecer as técnicas, é muito importante conhecer da teoria, é muito importante ter a musicalidade clínica, é muito importante realmente saber o que está fazendo no sentido das intervenções porque é uma responsabilidade muito grande da gente. Aquela intervenção que nós fazemos eles confiam integralmente na gente então tudo que nós falamos, tudo que nós fazemos para ele é muito importante. Claro que é muito importante nós conhecermos a musicoterapia de uma maneira tão profunda em termos de ciência, em termos de saúde, em termos de resultados, em termos de técnica nós temos sempre que estar nos atualizando. Como é que nós vamos usar isto? Com o que nós vamos usar? Mas eu vejo também que o musicoterapeuta nesta área precisa realmente ter a empatia, ter a alegria, na verdade a minha mãe fala “durma com esse barulho todo”. Em casa eu sou assim é o meu jeito de ser. Teve uma no CRAS que está fazendo estágio de assistência social ela disse “na faculdade você aprende a ser assim?” eu falei não, eu sou assim porque eu sou assim. Deus, mamãe e papai me fizeram assim. Eu sou assim. Eu tenho esse perfil. Então ela disse “mas você me ensina a fazer assim?” eu falei olha, essas coisas a gente pode dar algumas dicas mas isso vem da gente então eu penso que para a Musicoterapia Social nós temos que ter esse perfil. Esse perfil, eu tenho amor por eles, eu tenho carinho por eles, eu tenho preocupação, eu tenho olhar terapêutico, mas eu tenho um olhar, digamos assim, com carinho mesmo. Eu tenho aquele olhar, o terapeuta, quem trabalha com terapia expressiva é computador da alma

Fabrícia: E você fala assim...

Lilian: Eu falo assim?

Fabrícia: Você fala assim também, o jeito que você está se descrevendo você fala assim

Lilian: [risos] Exatamente porque é meu jeito de ser, é o meu jeito de ser assim. Veja, por exemplo, a maioria das pessoas “aí que bom ter feriado” eu falo aí mãe tem feriado, que pena. Eu gosto de estar lá, me move, me move. Eu gosto de estar sempre pesquisando outras atividades, eu gosto de saber.... É um trabalho que eu faço com muito amor, diferente de quando eu estava na Secretaria de Recursos Humanos eu não estava feliz ali. Eu fazia atendimento clínico, fazia o meu melhor, mas eu sempre quis trabalhar com grupo. Que esse é o meu perfil. Fiz, trabalhei ali por dois anos, acho que foi, fiz o meu melhor mas sempre buscando uma alternativa por minhas sala

era pequena e ainda dividia com outra musicoterapeuta. Então quando eu atendia, não no mesmo momento, ela estava na divisão de psicologia e quando ela atendia eu estava lá. Só que eu sempre queria o máximo que cabia ali eram cinco pessoas, mas cinco pessoas para mim é um grupo muito pequeno [risos]. Mais mesmo assim eu fiz musicoterapia lá era realmente uma musicoterapia laboral. Os objetivos eram diferentes, eu trabalhava relacionamento e eu sou assim, eu vou trabalhar alguma coisa eu estudo muito aquilo

Fabrícia: Ahan. Você procura investigar para aplicar de forma mais correta possível

Lilian: Com certeza. Estudei muito sobre comunicação, sobre de que forma é essa comunicação, temperamentos, estudei muito sobre temperamentos quando eu trabalhava lá, mas aqui são outras coisas

Fabrícia: É. Com é que seriam esses objetivos seus da musicoterapia no campo social?

Lilian: Em termos de pessoa idosa seria mais isso mesmo dela se colocar, dela ter essa identidade, dela experimentar sabe tem momentos que elas me veem assim “tem essa cadeira aqui e ela fica aqui” Então de repente eu pego e digo olha Fabrícia santa aqui você é a terapeuta hoje. Então para que elas “Opa! Como é que eu vou agir diante disso. O que é que eu faço?” aí eu peço para que as outras ajudem e uma da sugestão sabe para que elas sintam como elas vão agir lá diante as suas dificuldades, os seus problemas. Eu falo muito sobre problema real e problema imaginário, medo real e medo imaginário. Aquilo que a gente está acrescentando e poderia evitar né. Olha você poderia ter mais saúde se não brigasse enquanto está comendo, por exemplo. Você não teria uma gastrite? Daí elas “olha! O meu marido, meu filho, meu neto foi brigar e eu falei agora é hora de comer nós não podemos brigar”. Sabe elas estão aplicando aquilo que elas estão aprendendo

Fabrícia: Você impulsiona para que elas coloquem em outro espaço, em outro papel, ne outro e assim elas demonstrem atitudes. No decorrer você tem falado também sobre a questão de trabalhar a voz, isso seria uma forma de dar o protagonismo? De proporcionar o protagonismo?

Lilian: Com certeza, com certeza. Porque veja eu tenho estudando também sobre a voz, porque o instrumento ele é a extensão da gente, é uma extensão só que para nós que tocamos, que estamos acostumados. Para eles é uma coisa assim, é uma coisa diferente puxa mas eles não sentem como aquilo me pertence. Eu pego um violão e começo a tocar, isso me pertence nossa eu viajo, mas pra eles, eles sentem apenas eu consegui, eu tentei, eu experimentei. Agora a voz a maioria diz “não eu canto muito feio, minha voz é num sei o quê” daí eu explico que não existe um registro vocal, não é que canta feio, existe uma técnica vocal. Daí começo a trabalhar respiração, olha gente nós respiramos aqui em cima, nós temos que respirar pelo diafragma explico o que é o diafragma, como é que usa o diafragma para que você possa sustentar aquela nota ou até mesmo ao falar. Então eu tenho trabalhado muito neste sentido, mostrando para eles que algo que queremos aperfeiçoar existe uma técnica. Por exemplo, daí uso muito “ah o senhor?”, mas eles sabem concertar o chuveiro, mas a senhora não sabe. Como é que ele concerta o chuveiro? Porque ele tem essa prática, porque ele concertou vários chuveiros então como que nós vamos melhorar nossa postura. Nós vamos aprender aqui só que vamos com a prática. Olha eu só estava jogando o corpo em cima da lombar, agora eu aprendi que temos de fazer uma sustentação do diafragma para que não doa a minha lombar. Explico o que é lombar é o caminhar olha aqui, porque é importante eu usar esses termos técnicos, alguns, para que eles aprendam e falem “Olha eu melhorei a minha lombar” antes era “ai as minhas costas” então eles tem esse crescimento

Fabrícia: Sei. Você...

Lilian: Muitas vezes... Diga

Fabrícia: Não pode falar... E “muitas vezes...”

Lilian: Então muitas vezes eu tenho insight lógico que eu vou para um caminhar totalmente diferente daquilo que estava pensando e claro que existe, não podemos negar. Claro que existe esse se colocar do terapeuta que estou aqui com você, mas estou tão envolvido nesse sentimento ou nesse relacionamento que de repente aquilo que eu estou é bom para mim, mas o outro está vendo nossa isso é bom pra ela, lógico eu não posso dizer que penso só no outro eu estou junto

Fabília: Você está pensando na relação né?

Lilian: Na relação... Porque veja o importante é que eles vejam uma construção. Não é eu sou a terapeuta você está fazendo e eu estou olhando, não! Nós estamos construindo juntos. Existem momentos, principalmente pessoa do meu temperamento que as vezes dá um branco esqueço né. Eu estou cantando uma canção daqui a pouco eu falo – Bom Agora este grupo! Daí eu falo qual canção que era mesmo? [risos] e eles riem porque eles sabem que eu me sinto a vontade com eles. Não é aquela terapeuta formal...

Fabília: Rígida!

Lilian: Eu estou na relação. Então eles lembram a música e dão risada porque eu tinha acabado de cantar e coisas [risos] acontecem

Fabília: Se envolve

Lilian: Eu me envolvo de uma maneira muito natural no sentindo muito espontâneo né. Eu não fico com uma máscara, eu não fico com um papel, existe lógico eu sempre falo que existe um papel que eu desempenho e o papel que eu represento. É diferente! Então aquele papel que eu desempenho que é importante lógico, mas aquele papel que eu preciso representar eu não preciso dele nessa relação, porque eles começam a perceber que eu também sou um ser humano. Que eu também falho, que eu também erro, puxa nesse momento nós podemos errar ela também errou. Aquele errinho que a gente dá risada e todo mundo dá risada, então isso também é um ensinamento para eles de que forma eu posso falar e eu errei, eu posso falar também. Então nesse momento eles aprendem a se colocar

Fabília: Você estabeleceria alguma relação entre a Musicoterapia na Assistência Social e a Musicoterapia Comunitária?

Lilian: Eh... Deixa eu pensar! Veja na verdade eu penso que sim né só que no sentido, os objetivos eu acredito que devem um pouco diferentes penso eu. Que na Assistência Social existem objetivos que são muito próprios da Assistência Social no sentido da vulnerabilidade. Veja talvez não sei, porque eu nunca trabalhei com a comunitária talvez eu também não tenha muito conhecimento, não sei. Mais eu penso que a comunitária é uma coisa assim, com objetivo geral né e os CRAS eu tenho que ter um objetivo mais direcionado pra aquele CRAS

Fabília: Conforme a política?

Lilian: Exatamente! Não só política. A necessidade, a necessidade. Porque veja, eu não posso pensar em CRAS de uma forma geral dos onze CRAS, eu tenho que pensar cada CRAS especificamente conforme a necessidade e a comunitária não sei, me corrija se eu estiver errada, eu vejo como uma coisa maior mais macro e musicoterapia no caso em termo de Assistência Social no micro

Fabília: Mas que elas teriam uma relação?

Lilian: Com certeza tem relação. Porque a musicoterapia social eu posso utilizar perfeitamente os objetivos da musicoterapia comunitária e devo, mas existem momentos que existe aquela necessidade algo mais específico, mas com certeza, com certeza

Fabília: E como que você definira a Musicoterapia na Assistência Social?

Lilian: Eu definiria que é uma pena que ainda não está como técnica de referência. Quando eu estive participando estive participando dos encontros das políticas da Assistência Social eu percebi o quanto a assistente social ela é sugada, podemos dizer assim, ela precisa aprender, ela dá o peixe e ela não a oportunidade de ensinar a pescar. Não porque ela não queria, mas eu penso que...

Fabília: Você falar ela a profissional?

Lilian: A assistente social. A assistente social quando a pessoa vem até ela, ela precisa dar a cesta básica, ela precisa de gás, precisa disto... Ela não tem oportunidade que nós temos de ensinar a pescar. A assistente social ela não tem essa oportunidade então assim, eu penso que infelizmente tem poucos profissionais na Assistência Social, teria que ter muitos, muitos, muitos. É um papel importantíssimo a musicoterapeuta na Assistência Social em termos de prevenção então as assistentes sociais elas estão apagando incêndio, elas não tem a oportunidade de fazer com que isso não aconteça. E o papel do musicoterapeuta é exatamente isso é a prevenção, é o antes do acontecer, é ensinar ser protagonista da sua história, a ter voz, a se identificar, a valorizar os cursos que a Assistência Social oferece

Fabília: Então a Musicoterapia na Assistência Social seria o “ensinar a pescar”, a trabalhar essa prevenção antes que venha acontecer?

Lilian: Acontecer! Veja esse é o meu olhar

Fabília: Sim

Lilian: Porque veja, porque que eu vou, era isso que me dava uma angústia quando eu estava trabalhando no RH. Porque eu estava trabalhando aquela pessoa que já estava doente e eu queria trabalhar a prevenção. Eu queria trabalhar mesmo que fosse no RH, não fosse na social. Eu queria trabalhar o antes do acontecer

Fabília: Sim

Lilian: E na verdade eu estava trabalhando sendo que eu pensava, puxa vida precisou chegar a esse ponto para vir até a mim? Porque não trabalhar uma Musicoterapia. Esse é o meu perfil! A minha visão de Musicoterapia, porque não trabalhar a Musicoterapia preventiva? Então na verdade o meu grito é esse, a Musicoterapia preventiva

Fabília: Estamos chegando agora ao final, faltam duas perguntas. De todo esse processo, de toda essa riqueza que você trás na tua fala, nos exemplos, no trabalho, tem alguma música que você usaria para definir a tua prática atuação como musicoterapeuta? Nessa área

Lilian: E tem uma música que, até as idosas cantaram, que é Se Depender de Nós.

Fabília: Se Depender de Nós?

Lilian: É

Fabília: Quem que é o compositor dela?

Lilian: Agora eu não vou saber

Fabília: Não

Lilian: Eu mando a música para você

Fabília: Tudo bem

Lilian: Essa música, quando eu fui convidada pra trabalhar no CRAS porque quando eu fui para Assistência Social eu não sabia qual seria o meu trabalho. Quando eu fui convidada a trabalhar nos CRAS foi a primeira música que me veio, Se Depender de Nós. Se depender de nós os rios não terão poluição, se depender de nós os peixes não morrerão, se depender... entende? Na verdade assim, eu não digo só no sentido do idoso porque também dá para trabalhar com criança, com qualquer idade, mas eu quis dizer em termo de CRAS. Porque eles não estão ali por acaso. Eles estão ali com profissionais que eles possam se tornar pessoas melhores, eles têm que se tornarem pessoas melhores se não o nosso trabalho não tem sentido

Fabília: E essa foi uma música que criou significado em todo esse processo desde quando você iniciou e até hoje. É uma música que tem significado pra ti

Lilian: Porque veja, se eu estiver fazendo um trabalho no CRAS e não tiver essa mudança, meu trabalho não tem sentido. Então assim, é como se fosse os CRAS ele é como se eles tivessem, eu tinha até feito uma proposta de fazer o como se fosse um musical. Ainda não conseguir porque tem que ter um ganho né, como se fosse um caminhar o antes março que eu comecei com eles e dezembro, esse caminhar. Então se lá em março eles tinham muitos conflitos, perguntas e problemas e aqui eles podem cantar se depender de nós o mundo será diferente, se depender de nós as matas não vão, se depender de nós, como quem diz, nós mudamos, nós aprendemos algo

Fabrícia: Na mudança

Lilian: Exatamente. Não só com essa sabedoria do idoso, porque eu tenho passado para eles isso, a sabedoria que vocês têm vocês tem que esta ensinando. Nós tivemos o festival de pipa que foi promovido, não foi por nós, mas eu quis passar isso o saber. Esse festival de pipa foi mais para criançada, para molecada, eu falei não nós temos que ter um idoso fazendo, ensinando. Daí eu e uma outra que também faz oficina de origami nós aprendemos a fazer pipa. Eu falei não, tudo que nós somos idosas [risos], mas eu quero um idoso assim de cabelinho branco de preferência aquele senhor pareça aquele paizão, principalmente para os meninos que precisam de referencial masculino. Eu consegui um senhor para fazer isso, para dar oficina de pipa para os jovens, nesse sentido do saber do idoso, o saber do idoso. Olha tem um monte de molecada que sabe fazer pipa, mas tem uns que não sabem

Fabrícia: Ahan

Lilian: Então ele foi lá, foram dois idosos, eles foram lá ensinar. Não tinha o mesmo valor se fosse eu e a outra, fazer oficina de origami. Não era isso que eu queria passar. Eu queria passar um referencial masculino de pai, um referencial do idoso que está junto e tá ali. Tudo bem choveu, teve algumas coisas assim que não deu pra a gente ir realmente lá fora. Tinha um corta pipa, não deu pra fazer, mas nós vamos continuar

Fabrícia: Que bom

Lilian: Essa oficina de pipa e esse saber do idoso para as crianças

Fabrícia: Nossa. Olha nós chegamos agora a nossa última pergunta e de tudo que você tem falado, tem compartilhado comigo, eu te agradeço muito por esse momento. Um momento muito rico em estar ouvindo da tua experiência. Desse fazer todo muito especial e eu queria saber se você tem algo a acrescentar de alguma pergunta que no decorrer você lembrou e “ah eu posso acrescentar sim ou acrescentar de alguma outra que sentiu necessidade e não teve momento de falar? Você tem algo a acrescentar do que a gente vem falando no decorrer da entrevista

Lilian: Veja isso que eu falei sobre a necessidade de musicoterapeuta ser reconhecido no SUAS é depende nós, não depende de outro profissional. Porque nós que sabemos do nosso valor, nós que sabemos do que nós podemos fazer e mudar, transformar e contribuir na verdade. Então assim, o meu recado é para os musicoterapeutas. Que se façam presentes sabe, que batalhem mesmo pra que a Musicoterapia possa crescer, principalmente no SUAS. Que ela possa ter voz com propriedade. Não de uma maneira escondidinha, “oh, ah eu tenho um professor de música, eu tenho uma musi...” [expressão de voz baixa] Na verdade aqui em Ponta Grossa existe educadores musicais e eles falam para mim “ah não lá tem musicoterapeuta. Lá tem musicoterapia...” Então veja, não sei porque eu vejo o psicopedagogo por exemplo. Ele chama psicopedagogo, talvez se a musicoterapia fosse psicomusicoterapia não sei, mas algo que não ficasse de uma maneira tão banalizada porque a maioria fala “lá tem Musicoterapia” é o educador musical, é o professor de música. Então rever certas coisas da Musicoterapia para que ele vejam que nós somos pessoas, que nós trabalhamos com a alma, que nós trabalhamos com a psique, nós trabalhamos com o inconsciente. Que o nosso trabalho é um trabalho sério, que nosso trabalho é um trabalho que tem ciência. Então eu acho que isso está faltando. Está faltando muito na Musicoterapia e eu ouço todo dia!

Fabrícia: E fala isso que é uma demanda e um engajamento que venha de toda a classe?

Lilian: a classe! Não só na Musicoterapia Social, mas toda a classe. Eu penso que deveria mudar mesmo, ao invés de Musicoterapia fosse igual a psicopedagogo, psicomusicoterapia. Porque daí “opa psico?” lá tem uma psicoterapeuta, não tem. Não tem uma psicomusicoterapeuta. Tem uma educadora musical, tem uma professora de música. Então veja, eu penso que a gente tenta se defender não ela não é musicoterapeuta, porque a musicoterapia é isso... mas até nós passarmos tudo isso, deveria mudar para psicomusicoterapeuta essa é a minha opinião [risos]

Fabrícia: Ótima. A primeira vez que eu escuto, uma sugestão semelhante ou alguma coisa assim. Eu nunca parado para pensar nessa possibilidade.

Lilian: O pedagogo não é psicopedagogo? Então! E o pedagogo ele estuda umas matérias lá e tal, nós estudamos também. Não sei direito o que estuda, mas também estudamos essas matérias. Então essa é a minha proposta, essa é a minha opinião, minha sugestão. Algo que diferencia porque para outras pessoas, nós não somos terapeutas, nós somos professores de música, educadores musicais

Fabrícia: Ainda tem isso né, é... Ótima sugestão, já está registrada [risos] Lilian eu quero te agradecer imensamente por esse, nós já estamos a uma hora conversando

Lilian: É?

Fabrícia: É, passou muito rápido. Porque assim, como você falou, toda descrição que faz você faz isso também na tua voz, no contar, na expressão em tudo. Você faz essa descrição com muita propriedade de tudo que você faz. Então eu tenho que agradecer mais uma vez por você ter aceitado participar e compartilhar essa riqueza que é a tua atuação, com a gente. Então assim, vai ser muito rico e uma missão difícil colocar isso agora na parte do trabalho, mas eu quero ao final eu possa compartilhar também com essa mesma alegria. Compartilhar...

Lilian: Tem uma coisinha que eu lembrei agora e queria acrescentar

Fabrícia: Pode falar

Lilian: Quando eu estava fazendo faculdade eu naquela época não ouvia muito falar de Musicoterapia Social e quando a Musicoterapia começou a entrar no SUAS e tudo, eu falei gente essa Musicoterapia é pra mim, foi feita pra mim. E é verdade, ela foi feita pra mim! Eu amo! O dia que eu me aposentar eu vou continuar sabe, porque eu amo. Essa Musicoterapia foi feita pra mim!

Fabrícia: É um perfil né, uma identificação

Lilian: É uma identificação. Eu posso ser eu mesma sabe dentro da Musicoterapia Social [risos]

Fabrícia: Está muito próximo né. Como você falou as vezes você não consegue diferenciar, dividir, você se integra

Lilian: Exato

Fabrícia: Apresenta como um todo ali na participação

Lilian: Mas é um prazer viu, agradeço o convite. É um prazer poder estar falando do meu trabalho, por estar falando sobre a Musicoterapia que amo a Musicoterapia e saiba a Arteterapia é um casamento perfeito com a Musicoterapia alás a Massoterapia, a Musicoterapia e a Arteterapia mais a Arteterapia. Porque a Arteterapia Analítica ela trabalha com o fé cuidador da alma e nós somos isso, somos cuidadores da alma

Fabrícia: Que bom. Então agora eu vou para aqui o nosso gravador e a gente, na parte da entrevista a gente encerra por aqui. Obrigada.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Transcrição da Entrevista

LIRA, Luísa Mendonça de Oliveira. **Luísa Mendonça de Oliveira Lira**: entrevista [jun. 2015]. Entrevistadora: Fabrícia Santana. Goiânia: UFG, 2015. Mp3. Entrevista concedida à pesquisa A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Nome: **Luísa Mendonça de Oliveira Lira**

Cidade/UF: **Sobradinho – DF** Idade: **29 anos**

Local de Trabalho: **Centro de Convivência de Sobradinho**

Associação de Musicoterapia vinculada(a): **AMTDF**

Data da realização da entrevista: **22/06/2015**

Fabrícia: Então, a partir de agora os gravadores já estão ligados, e a gente parte para nossa entrevista. Vou te explicar um pouco como ela vai funcionar. A gente dividiu em três blocos: o primeiro é o cabeçalho, onde vai constar o seu nome, cidade, idade, local de trabalho, a associação a qual você está vinculada e a data da realização dessa entrevista; o segundo bloco é aonde vêm perguntas só sobre a sua inserção profissional; e o terceiro bloco é sobre sua atuação musicoterapêutica. No total de perguntas são dezoito, e praticamente uma vai encaminhando à outra. Se você tiver alguma pergunta que não entendeu eu posso te explicar melhor, ou a gente pode passar pra outra pergunta caso você prefira não responder. Como também, durante a nossa conversa, se você precisar de algum minuto pra tomar alguma água, fizer alguma coisa, fique à vontade para sinalizar, que a gente interrompe um pouquinho. O nome e a cidade eu consigo preencher conforme o TCLE que a gente já contemplou, e agora eu vou precisar da idade.

Luísa: Eu tenho vinte e nove anos

Fabrícia: Qual o local de trabalho que está vinculada?

Luísa: Eu trabalho no Centro de Convivência de Sobradinho

Fabrícia: Qual é a atual associação de musicoterapia que você está vinculada?

Luísa: Associação Musicoterapeuta do DF, apesar de eu não estar ativa como membro no último ano porque eu tive algumas coisas pessoais para resolver e me afastei um pouco da associação.

Fabrícia: Mas ela é a sua associação de registro?

Luísa: Sim

Fabrícia: Tudo bem. Do cabeçalho a gente já conseguiu contemplar as informações, e agora eu vou partir pra questão da sua inserção profissional. Há quanto tempo você está atuando como musicoterapeuta na área social?

Luísa: Na área social? Há mais ou menos uns três anos. Mas eu tenho que te detalhar isso melhor, porque o meu caso dentro da assistência social não é de musicoterapeuta, ele é de educadora social. Eu entrei lá com um projeto voltado pra musicoterapia

Fabrícia: O cargo não é de musicoterapeuta, mas a função que você desempenha é voltada...

Luísa: Não mais. Eu fiz esse projeto durante um tempo, mas depois, com a mudança de governo, eu não prossegui

Fabrícia: Então vamos pensar assim: os questionamentos que a gente levantar vamos pensar no tempo em que

you atuou com o projeto voltado pra musicoterapia

Luísa: Ok

Fabírcia: Nesse tempo foram de três anos também?

Luísa: Deixa-me pensar. Foi dois mil e nove a dois mil e doze. Mais ou menos isso

Fabírcia: Mais ou menos três anos, né? Qual é a sua formação?

Luísa: Eu sou Educadora Musical, licenciada em Música, e sou especialista em Musicoterapia

Fabírcia: Educadora musical e especialista em musicoterapia?

Luísa: Isso

Fabírcia: Os princípios e diretrizes do Sistema Único de Assistência Social, você conhece?

Luísa: Sim, conheço

Fabírcia: Você poderia comentar de algum deles ou do que você...?

Luísa: Então, um deles é a matricialidade familiar

Fabírcia: Da sua atuação, você sabe em qual nível de proteção você está inserida?

Luísa: Eu estou na proteção básica, no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos

Fabírcia: Ah, sim. E o seu vínculo nessa instituição, como é?

Luísa: Eu sou concursada, como servidora efetiva

Fabírcia: No período em que você atuou como musicoterapeuta na assistência social, você recebeu ou buscou algum tipo de capacitação?

Luísa: Não, não. Diferente da pós-graduação, não

Fabírcia: A pós-graduação foi uma busca sua pra complementar e até poder trabalhar com o projeto, né? Mas, da gestão, do local onde você estava não recebeu nenhuma capacitação?

Luísa: Não

Fabírcia: Como você é concursada, o questionamento seria de que forma ocorreu essa sua inserção como musicoterapeuta, neste campo

Luísa: Ok. Então eu vou contextualizar um pouquinho pra você. Eu entrei num concurso como educadora social de música, né? De artes/música. E aí, quando saiu a Resolução 17, eu muito me interessei e, diante disso, eu escrevi um projeto no qual eu propunha vários tipos de atendimento de musicoterapia voltados para a assistência. Entreguei pra minha gerência de competência, Gerência de Fortalecimento de Vínculos, né? E aí eles avaliaram o projeto, fizeram algumas ressalvas e me deixaram aplicar três vezes por semana, sendo que nos outros dois dias eu teria que atuar somente como educadora

Fabírcia: Ah, sim. Então, assim: depois da sua inserção pelo concurso, foi que você construiu o projeto

Luísa: Sim

Fabírcia: Você já tinha finalizado a especialização nessa época?

Luísa: Já, já sim

Fabrícia: Você já tinha finalizado a especialização, e aí você construiu o projeto e propôs essa atuação voltada pra área da musicoterapia

Luísa: Exatamente. Baseada na Resolução 17, que permitia esse tipo de atendimento

Fabrícia: E eles fizeram essa adesão e você ficou atuando três vezes por semana como musicoterapeuta e os outros dois dias como educadora musical

Luísa: Exatamente. Isso

Fabrícia: Ah. Então, essas questões que eu te perguntei elas foram mais voltadas pra sua inserção profissional, e agora a gente partiria para o segundo [terceiro] bloco, que é sobre a atuação musicoterapêutica

Luísa: Ok

Fabrícia: Quais eram os espaços onde ocorria o serviço de musicoterapia. Tem como você descrever eles?

Luísa: Bem, tinha uma sala em que eu fazia o atendimento a gestantes, juntamente com a psicóloga do CRAS, que era dentro do próprio CRAS, e existia uma sala dentro do Centro de Convivência, onde eu fazia o atendimento de idosos e do grupo das crianças

Fabrícia: Então, esse Centro de Convivência era outro espaço, não era no CRAS?

Luísa: Isso. É o mesmo complexo de prédios, só que como se fosse uma faculdade, que é dividida em blocos. O CRAS fica de um lado e o Centro de Convivência fica do outro lado

Fabrícia: E aí você desempenhava atividades tanto dentro de uma sala no CRAS, num prédio, e numa sala também no Centro de Convivência?

Luísa: Isso, exatamente.

Fabrícia: E tinha algum outro espaço externo ou alguma coisa assim?

Luísa: Não, não

Fabrícia: Era mais nessas salas mesmo que funcionavam as ações

Luísa: Isso

Fabrícia: E quais eram as ações que você desenvolvia como musicoterapeuta?

Luísa: Olha, então. Como eu estava te falando, eu tinha um grupo de gestantes que eu convivia junto com a psicóloga. E aí funcionava mais ou menos assim: eu iniciava a sessão com as gestantes (elas aconteciam todas as quartas-feiras), eu iniciava colocando a musicoterapia nessa perspectiva do fortalecimento de vínculos entre mãe e bebê. Então eu sempre fazia algum tipo de aquecimento com a musicoterapia, em uma sessão eu usava o canto, em outra sessão eu usava a audição, na outra eu usava automassagem, e aí a gente fazia alguma dinâmica que fizesse com que elas interagissem com esse bebê de alguma forma. E aí, depois que eu tinha feito essa mobilização, a psicóloga introduzia o tema que era a questão dos direitos da gestante, dos acessos aos serviços do CRAS, etc., sempre ligado ao que eu tinha produzido no início

Fabrícia: E nos outros grupos?

Luísa: E, com os idosos, que eram o segundo grupo que eu tinha, era o coro terapêutico. Então a gente fazia o trabalho de campo oral, só que sempre eu levava algum tema ligado às músicas, a gente fazia sempre uma parte de reflexão, de falar um pouco sobre a vida, de revivenciar as experiências através das músicas, da voz

Fabrícia: Nesse grupo você usava mais a perspectiva do coro terapêutico

Luísa: Exatamente

Fabília: E com as crianças?

Luísa: Com as crianças foram algumas poucas tentativas, porque, o Serviço de Convivência ele é bastante desorganizado para as crianças aqui em Brasília. Então nem sempre eu conseguia manter o mesmo grupo, e aí esse grupo se dissolvia, se desfazia e a gente não conseguia dar muito seguimento, sabe? Então foram algumas intervenções bem pontuais ligadas mais à parte de musicalização, de catarse através do som, de tocar instrumentos, não consegui prosseguir com esse grupo com nada concreto

Fabília: Por essa mudança mesmo, né?

Luísa: Exatamente

Fabília: Não conseguiu... Não sei, poderia dizer assim, formar um grupo, na verdade, pela rotatividade das crianças

Luísa: Isso. Apesar de... Assim, eu poderia ter feito um agrupamento com intervenções pontuais para cada encontro, só que também não tem essa característica, entendeu? É um fato absoluto, uma criança vem um dia, mas depois ela está com preguiça e ela não... Entendeu? Então vem e ela volta, mas só que não tem uma frequência

Fabília: Mas as ações, quando você conseguiu interagir com as crianças, eram mais voltadas pra essa questão da catarse, da...

Luísa: Isso, e da boa convivência, do respeito aos colegas, de vivenciar relações respeitando o outro

Fabília: E o próximo questionamento é quais os usuários que eram contemplados no serviço de musicoterapia que você era responsável?

Luísa: Então, eram as gestantes que recebem o auxílio-maternidade. [silêncio]. Os idosos é demanda espontânea. Eles se inscrevem no Centro de Convivência porque eles têm interesse ou por algum encaminhamento da assistente social, que achou que por acaso aquela pessoa estava numa condição de isolamento ou algo que ela identificasse como uma vulnerabilidade

[silêncio]

Fabília: E as crianças também funcionavam por demanda espontânea ou não? Tinha algum outro tipo de encaminhamento?

Luísa: Na verdade o encaminhamento das crianças no Centro de Convivência são bem misturados. Assim, tem a demanda espontânea, que hoje é bem menor, e tem as crianças que vêm de medida protetiva, que já sofreram alguma violação de direitos e estão reingressando ao Centro de Convivência. Então é bastante misturado. E tem aquelas que a gente nem sabe exatamente, porque chega só o encaminhamento e a gente não tem acesso

Fabília: Não tinha, assim... Então os usuários chegavam, mas essa questão da triagem você não tinha muito acesso

Luísa: Não

Fabília: Dos recursos que você utilizava, recursos e instrumentos quais você utilizava nas ações de musicoterapia?

Luísa: Olha, com as gestantes eu utilizei teclado e a voz, e em algumas sessões eu utilizei flauta doce [silêncio], e aparelhos de som, tá?

Fabília: E recursos além dos instrumentos musicais?

Luísa: Então, aparelhos de som, papel e caneta, barbantes, colchonetes... Basicamente isso

Fabília: Aparecia algum instrumento diferente nos outros grupos, além desses?

Luísa: Não. Ah sim. Para as crianças eu levava toda aquela bandinha, não sei se você conhece aquele kit bandinha, que tem tamborzinho, que tem agogô

Fabília: Eu acho que já vi algum deles, mas às vezes os instrumentos variam, né? Diferenciam um do outro. Mas haviam o que? Tambor, agogô?

Luísa: Tambor, reco-reco, agogô, é... Como que a gente fala, as clavas, o pandeiro.

Fabília: É mais encontrada

Luísa: Pandeiro

Fabília: Pandeiro. Como bandinha rítmica

Luísa: Isso. Além do teclado e da voz, né?

Fabília: A voz também, né? É um instrumento que a gente não pode desconsiderar

Luísa: Isso, demais. É o principal

Fabília: As suas ações, elas eram desenvolvidas em equipes?

Luísa: Somente as das gestantes, porque fica junta com a psicóloga, as outras não

Fabília: Não tinham outros profissionais envolvidos, além...

Luísa: Ah, é importante te falar que, quando eu escrevi esse projeto, eu escrevi juntamente a uma arteterapeuta, e a proposta era minha e dela. E aí ela propunha algo de Arteterapia e eu vinha com a musicoterapia. Porém a gente nunca conseguiu trabalhar juntas, entendeu?

Fabília: O projeto foi realizado junto, mas o trabalho não foi possível

Luísa: Isso, exatamente

Fabília: Mas aí você conseguiu em alguns momentos ter esse trabalho junto com a psicóloga

Luísa: Sim

Fabília: Nesse campo, como você descreveria as habilidades necessárias ao musicoterapeuta que atua no âmbito social?

Luísa: Olha, você quer saber se é bom ou ruim ou inadequado?

Fabília: Quais são as habilidades que o musicoterapeuta precisa ter pra ser um profissional da área social?

Luísa: Assim, eu acho que tem que ter uma escuta. Não uma escuta musical, mas uma escuta humana, sabe? Muito desenvolvida, tem que estar bastante aberto a se flexibilizar, a sair do planejamento. Eu acho que você tem que estar bastante aberto a ver situações muito impactantes [silêncio] e você tem que estar bastante disposto, você se dispõe muito, você gasta bastante energia

Fabília: Ele tem que estar aberto, flexível, alterar o planejamento sempre que necessário, ter uma escuta humana...

Luísa: Isso, e ao mesmo tempo conseguir manejar a musicoterapia pra ela não se tornar uma musicoterapia clínica, mas sempre ela ainda continuar nessa perspectiva de fortalecimento de vínculos, de construção de identidade social, etc.

Fabília: Ah sim, nessa área. Alguma habilidade a mais que você acha que é necessária?

Luísa: Não, não que eu esteja me lembrando

Fabília: E quais os objetivos da musicoterapia no campo social?

Luísa: Eu acredito que os objetivos que a Tipificação nacional coloca, eles podem muito bem ser atingidos com a musicoterapia, né? Que é melhorar a interação social, reintegrar o indivíduo à sociedade, fortalecer a família. Ah, e uma coisa importante que eu esqueci de te falar: também tinha um grupo de famílias

Fabília: Sim, sei

Luísa: E que eu também fazia junto com a psicóloga

Fabília: Ah. E também funcionava no Centro de Convivência ou no CRAS?

Luísa: Ele funcionava no CRAS. Apesar das famílias serem do... Famílias referenciadas ao Centro de Convivência acontecia dentro do CRAS

Fabília: Dentro do CRAS... Sim. E também os recursos, os instrumentos, eram os mesmo que você utilizava nos outros grupos

Luísa: Principalmente no grupo de gestantes

Fabília: Ah, sim. E, no caso dos objetivos, que você relatou sobre a tipificação, acho que o que é exposto na tipificação poderia ser contemplado pelo musicoterapeuta como objetivo

Luísa: Ahan

Fabília: E aí você começou a relatar sobre...

Luísa: O fortalecimento de vínculos familiares. Sociais e familiares. O empoderamento do indivíduo também, o descobrimento de novos potenciais, o trabalho com a autoestima.

Fabília: Esses se tornariam também objetivos da musicoterapia

Luísa: Isso

Fabília: E nesse campo você estabeleceria alguma relação entre a musicoterapia na assistência social e a musicoterapia comunitária?

Luísa: Eu não conheço a musicoterapia comunitária

Fabília: E aí, neste caso, por não conhecer fica um pouco mais difícil em fazer alguma relação entre as duas

Luísa: Sim, eu não faço a relação porque eu realmente não conheço

Fabília: Não tem problema, é uma busca que estamos fazendo, se vocês percebem alguma relação. Se perceber, a gente procura saber quais as relações. Se não perceber ou desconhecer a musicoterapia comunitária, também, não tem problema. É algo que a gente também está investigando. Como você definiria a musicoterapia na assistência social?

Luísa: Eu... Pra ser muito honesta, eu acho que é um embrião que precisa de um útero pra dar certo. É mais ou menos essa definição.

Fabília: E como seria isso?

Luísa: Então, eu acho que veio a Resolução dezessete, toda aquela empolgação e toda aquela mobilização, só que os espaços nunca foram abertos. Como eu vou fazer, de onde a gente vai conseguir, que não aconteceu, então... Por exemplo, eu estou na assistência social, mas porque eu fiz o concurso pra educadora. Não existe nem cogitação aqui no DF de um concurso...

Fabília: Específico

[silêncio] [problema na chamada]

Luísa: Está me escutando?

Fabília: Agora sim

Luísa: Então, caiu. Onde a gente parou?

Fabília: Então, nós estávamos na definição da musicoterapia na assistência social, e você estava relatando sobre a questão de, após a Resolução 17, ainda não se ter aí no DF nenhuma perspectiva de concurso

Luísa: Então, como eu estava dizendo as pessoas nem conhecem... Eu, aqui no DF, tem mais de vinte e dois CRAS, sendo que só existia uma musicoterapeuta, que era eu, atuando num projeto pequeno que ainda sofria tantas dificuldades de... A diretoria não tinha o conhecimento adequado, então tinha certa preocupação se eu não estava com desvio de função, etc. Então, assim, a coisa nunca tomou uma dimensão que deveria ter tomado. Então eu acho que é uma coisa um pouco que morreu na praia. Pelo menos aqui no DF. Porque eu vejo assim, que não existe conhecimento, aí, principalmente quando eu tive algumas questões pessoais, que foi o seguinte: eu tive um bebê, e eu passei praticamente quase um ano fora. E aí quando eu voltei agora já houve uma mudança de governo. E aí, depois disso, tudo está sendo barrado, está sendo muito difícil, então eu não consegui dar continuidade ao projeto

Fabília: Mas você então definiria como uma... Eu não lembro a sua palavra, mas uma prática que... Um embrião, né? Que ainda precisa de um útero

Luísa: É, não fixado lá no útero, tem uma esperancinha, que é a Resolução 17, mas ela não garante nada

Fabília: Mas, se a gente fosse partir dessa definição, voltado mesmo um olhar pra atuação que você desempenhou enquanto musicoterapeuta, como você definiria essa musicoterapia?

Luísa: Olha, bastante eficaz. Eu percebi isso até pelos dos usuários, se eu for olhar realmente pra atuação, o que aconteceu pras pessoas que saíram de lá depois disso, eu diria que foi bastante eficaz, principalmente relacionado aos grupos de gestantes e de famílias. O grupo dos idosos, como ele não tinha a perspectiva de início, meio e fim, ele não ficou finalizado. Então, assim, foi escasseando, porque um ou outro não dava, viajava, saía. Mas os outros dois grupos eu acho que eu posso dizer que foi bastante eficaz

Fabília: Os resultados, né? Você conseguiria conceituar, assim: musicoterapia na assistência social é... ? Você conseguiria?

Luísa: Eu acho que sim. Talvez eu não consiga elaborar tão facilmente pra você agora em um momento, mas eu acho que é um pouco exemplar. Eu vejo bastante as diferenças da minha atuação clínica pra minha atuação social. Eu acho que a musicoterapia na assistência social é mais pra potencializar as ações do indivíduo com o outro, e não exatamente só com ele mesmo. Como ele vai responder à sociedade, como ele vai se inserir dentro de um contexto social

Fabília: Então seria esse também um ponto da definição. Nós já estamos caminhando para nossas últimas perguntas. De tudo que a gente relatou, de tudo que você me relatou da sua atuação, pelo grupo onde você passou, sobre a questão da apresentação do projeto, dos trabalhos, tem alguma música que você usaria para definir a sua atuação como musicoterapeuta, nessa área?

Luísa: Eu acho que sim. A Banda

Fabília: A Banda? Ela é de Chico Buarque?

Luísa: Isso

Fabília: Certo. De tudo que nós falamos, que foi questionado, você teria algo mais a acrescentar? Algo que você sentiu necessidade e não conseguiu relatar no decorrer das perguntas, ou algo que você gostaria de acrescentar sobre essa prática?

Luísa: Sim. Com certeza a questão da inviabilização de todo esse processo. Como as esferas governamentais são resistentes à musicoterapia, sabe? Vejo quando você entrega um projeto todo estruturado, e quando você mostra o resultado existe alguma resistência. Não sei se é medo, não sei se é falta de conhecimento, mas existem muitas dificuldades na aplicação e até no reconhecimento pelos outros profissionais. Eu encontrei uma psicóloga que trabalhava bem comigo, mas existiam outros CRAS de referência que não confiavam nisso, em musicoterapia. Ou então achavam que era algo muito ligado à parte de saúde, que não é adequado para o Sistema Único de Assistência

Fabírcia: Então você percebeu esse tipo de...

Luísa: Então você encontra muitas dificuldades administrativas, sabe? Tanto que hoje eu não estou mais atuando, que eu adoraria conseguir atuar como musicoterapeuta lá, por causa dessas dificuldades. Assim, é como se você estivesse sendo um peixinho contra a correnteza. Então se você não estiver muito disposto a lutar, brigar, brigar pra trabalhar, sabe? Um ofício. Você tem que pedir pra trabalhar

Fabírcia: Sei

Luísa: Então, se você não estiver muito disposto a isso, você não vai pra frente. Como eu estava assim, como eu tirei um ano, e agora que meu bebê está com um ano, então eu ainda estou por conta disso, né? De viver perto do meu momento. Então, assim, eu não estou com disposição pra ficar nessa luta, sabe? De ir contra essa correnteza toda. Então, assim, eu até me permiti ficar um tempo sem brigar por isso

Fabírcia: Mas é algo que você vem percebendo desde quando tentou...

Luísa: Desde quando eu apresentei o projeto pela primeira vez

Fabírcia: E que persiste até... Pelo que você relata, persiste até os dias atuais, né?

Luísa: Sim

Fabírcia: Mais alguma coisa pra acrescentar, Luísa?

Luísa: Não, acho que não

Fabírcia: Então, assim, a gente conseguiu contemplar nossas dezoito perguntas, né? Todas elas bem contempladas. Eu te agradeço novamente por você ter disponibilizado esse tempo pra gente poder conversar e compartilhar mesmo da sua atuação, como foi. Então novamente eu só tenho que te agradecer. Essa pesquisa vai continuar agora em andamento, a gente ainda está em fase de entrevistas. Posteriormente a gente vai fazer as análises, e a previsão de defesa do trabalho é em abril do próximo ano. Mas, nesse tempo, eu quero te deixar à vontade pra nos procurar sempre que você sentir necessidade, quiser saber do andamento da pesquisa, como está, a gente está à disposição pra poder te informar como está o andamento. Mas eu espero que até o próximo ano a gente, em abril, possa com o resultado de tudo isso que vocês estão apresentando pra gente, retornar com o trabalho e compartilhar com todos vocês que estão fazendo parte dele

Luísa: Está ótimo, Fabírcia

Fabírcia: Então eu te agradeço muito por ter disponibilizado essa uma hora que a gente já está aqui conversando, e compartilhar mesmo a sua atuação, está bom?

Luísa: Está ótimo, Fabírcia.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Transcrição da Entrevista

VITOR. Jakeline S. F. **Jakeline Silvestre Fascina Vitor**: entrevista [jun. 2015]. Entrevistadora: Fabrícia Santana. Goiânia: UFG, 2015. Mp3. Entrevista concedida à pesquisa A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Nome: **Jakeline Silvestre Fascina Vitor**

Cidade/UF: **Curitiba - PR**

Idade: **32 anos**

Local de Trabalho: **UNIARTE – Universidade Livre do Artesanato e Cultura Popular do Paraná ONG / Conselho Municipal de Assistência Social de Curitiba /AMTPR-Vice Presidente / FETSUAS-PR (representante titular AMTPR) / FNTSUAS / CEFÚRIA – Trabalho com população de situação de rua.**

Associação de Musicoterapia: **AMT-PR**

Data da realização da entrevista: **22/06/2015**

Fabrícia: A partir de agora já está sendo gravado a nossa conversa e a entrevista como te falei, ela está dividida em três blocos. O primeiro é um cabeçalho com alguns dados teus, o segundo bloco sobre a inserção profissional o terceiro sobre a atuação musicoterapêutica. São dezoito perguntas, se entre elas você precisar de algum tempo, você precisar se ausentar a gente dá um pause, não tem problema. A gente pode pausar a entrevista e continua quando você retornar. Caso tenha alguma questão que você entendeu eu posso te esclarecer e se você preferir não responder a gente passa para a próxima pergunta. Geralmente uma vai encaminhando para outra. O cabeçalho ele vai ter o nome, a cidade, aqui eu consigo preencher conforme o TCLE, passo para cá o nome completo e a cidade, mas a idade?

Jakeline: 32 anos

Fabrícia: O local que você está vinculada agora?

Jakeline: UNIARTE, Universidade Livre do Artesanato. É uma ONG que presta serviço para a prefeitura.

Fabrícia: Universidade Livre do Artesanato.

Jakeline: Isso. Livre da Cultura Popular do Artesanato eu acho que é isso. Universidade Livre do Artesanato e Cultura Popular do Paraná, é isso!

Fabrícia: Universidade Livre do Artesanato e Cultura Popular do Paraná. A associação que você está vinculada?

Jakeline: Associação de Musicoterapia do Paraná.

Fabrícia: AMT-PR.

Jakeline: AMT-PR.

Fabrícia: A data da entrevista que eu já preenchi, dia vinte e dois de julho e agora a gente entra nas perguntas que são perguntas semiestruturadas.

Jakeline: Eu não sei se ele vínculo tem a necessidade colocar também o vínculo político ou só o profissional, porque eu faço parte do CMAS.

Fabília: Isso, então a gente pode preencher com os dois vínculos porque tem esta outra atuação também que é importante constar. Então a gente coloca o CMAS?

Jakeline: CMAS de Curitiba, Conselho Municipal de Curitiba.

Fabília: Ok, certo.

Jakeline: AMT-PR eu sou a vice presidente. O FETSUAS Paraná e o FNTSUAS.

Fabília: Preenchido com os dois o FET e o FNTSUAS. No FET representando a AMT-PR, titular. O local ficou, a UNIARTE, o Conselho Municipal de Assistência Social, AMT-PR, FETSUAS e o FNTSUAS.

Jakeline: Recentemente eu passei no processo seletivo de um entidade que se chama CEFURIA é alta complexidade, população em situação de rua.

Fabília: E você já iniciou o trabalho lá?

Jakeline: Eu já iniciei o processo de capacitação é registro ainda.

Fabília: Vamos constar ele aqui e aí...

Jakeline: É alta complexidade.

Fabília: CEFÚRIA o nome? Você sabe... é uma sigla?

Jakeline: Eu não lembro, se é uma sigla na verdade eu sei que é CEFÚRIA o nome é C-E-F-U-R-I-A.

Fabília: É um centro de tratamento...

Jakeline: não eu não sei se é um centro, é um trabalho desenvolvido com população em situação de rua em Curitiba.

Fabília: Ah, trabalho com população lá em situação de rua.

Jakeline: É alta complexidade.

Fabília: A gente passa para o segundo bloco agora que é sobre a inserção profissional. Como aqui no local tem três, na área da Assistência Social tem a UNIARTE, tem a atuação no Conselho Municipal, tem atuação no FET, no FNTSUAS e agora no CEFÚRIA.

Jakeline: Sim. O CEFURIA entra junto com a UNIARTE né?

Fabília: Isso.

Jakeline: porque no campo de trabalho do exercício profissional e no campo político que tem este outro.

Fabília: Então vamos pensar assim, primeiro você falaria sobre a atuação profissional, vamos pensar as perguntas primeiro na atuação profissional e depois a gente pensa a mesma pergunta no campo político. Pode ser?

Jakeline: sim.

Fabília: Quanto tempo você atua como musicoterapeuta na área social?

Jakeline: quatro anos.

Fabília: Este exercício, na área social e na questão política?

Jakeline: quatro anos também ou um pouco mais, quatro anos e meio. Deixa eu lembra, dois mil e dez, não... Cinco anos!

Fabrícia: Esta atuação política a gente está considerando desde o conselho, o FET e o FENTSUAS.

Jakeline: O conselho é mais recente, mas o FET é de dois mil e dez.

Fabrícia: e no Conselho, quanto tempo?

Jakeline: No conselho vai fazer dois anos.

Fabrícia: Qual que é a tua formação atual?

Jakeline: Eu sou graduada em Musicoterapia e especialista em Políticas Pública pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná de dois mil e onze. O nome é Especialização em Programas Projetos e Políticas Públicas. Eu não lembro muito bem o nome da pós...

Fabrícia: É uma especialização em Políticas Públicas.

Jakeline: Isso.

Fabrícia: Você conhece os princípios e diretrizes do SUAS?

Jakeline: Sim

Fabrícia: poderia comentar sobre eles?

Jakeline: os princípios são a matricialidade sociofamiliar, eu não lembro assim, se você pode me ajudar...

Fabrícia: você pode comentar do que você lembra, não precisa ser necessariamente como está escrito nas normas. O que você lembrar de princípios e diretrizes do SUAS.

Jakeline: então na verdade, vários dos princípios do SUAS, do trabalho na Assistência eu acho que tem de estar vinculado ao nosso exercício profissional. O que se refere por exemplo em não ser um trabalho terapêutico. A própria política diz que o trabalho desenvolvido na área social não pode ser terapêutico. Diz que é um trabalho que precisa dar conta o enfrentamento das vulnerabilidades e riscos sociais das famílias e que portanto é um trabalho essencialmente coletivo. Eu acredito que em algum momento a gente vai precisar fazer esta discussão junto ao próprio MDS, para questionar esta questão de não ser terapêutico. Porque eu acredito que não só os musicoterapeutas, a psicologia, a terapia ocupacional, que trabalham com vertentes da terapia precisam fazer este questionamento porque todo trabalho desenvolvido será terapêutico. Por mais que ele não tenha abordagens específicas terapêuticas, no sentido de resolver problemas patológicos, a atuação do trabalho por exemplo com população em situação de rua, são várias pessoas que são dependentes químicos, que tem algum problema de saúde mental, precisam ter um cuidado especial da terapia. Então você o profissional que tem esta formação na área no caso da psicologia, da terapia ocupacional, da musicoterapia a gente pode contribuir muito para o trabalho desenvolvido na alta complexidade por exemplo. Como está colocado hoje os serviços, no que se refere a não ser terapêutico, eu acho que é uma problema porque é como se restringisse algumas possibilidade de atuação e qualificação do trabalho na área. Então eu acho que um dos nossos grandes desafios é trabalhar com esta questão que a política traz que não é um trabalho terapêutico. Outra questão que eu acho importante que a gente converse entre nós é essa questão das abordagens que a gente desenvolve do trabalho na área, no que se refere a não ser uma abordagem biomédica. Os cursos de graduação tem muito esta questão, eu digo a necessidade de melhorar os seus currículos para atender o trabalho nas políticas públicas, na área da Assistência específica, mas nas políticas em geral. Quando se fala do trabalho para mim, familiar...

Fabrícia: uma matricialidade como um dos princípios.

Jakeline: exatamente. Eu acho que está relacionando com esta questão do trabalho coletivo. Então tem gente que tem uma abordagem que é muito biomédica, que trabalha muito individual e não está pensando nestes coletivos, a questão da própria diversidade de gênero, de cultura, a população LGBT, por exemplo, a gente não consegue dar conta com a abordagem que a gente tem hoje dentro da academia.

Fabrícia: isso você traz para complementar o princípio da matricialidade sociofamiliar

Jakeline: tem outras também.

Fabrícia: mas dos princípios você lembrou desta e a importância de contemplar ela em toda a sua diversidade.

Jakeline: O que eu trato é no sentido de pensar coletivo. A gente hoje não dá conta, eu acho que com a fundamentação que a gente tem, de pensar estes coletivos. Para mim é bem importante pensar num trabalho que não seja assistencialista, que ele precisa ser desenvolvido na perspectiva da garantia de direitos. A gente não está fazendo nenhum favor, a gente não é bonzinho que vai lá para cantar um musiquinha. É preciso ter uma problematização deste fenômeno musical, a cultura destas famílias precisam ser respeitadas, é preciso ter uma escuta deste repertório sócio cultural e aí neste sentido é bem importante que a gente respeite esta questão da coletividade.

Fabrícia: é uma matricialidade mesmo.

Jakeline: e tem outra, mas eu não estou lembrando agora.

Fabrícia: tem a questão da Territorialização também.

Jakeline: a legal. A Territorialização é bem legal, se você ir me lembrando é que eu não estou com nenhum documento aberto e não estou lembrando de todos os princípios.

Fabrícia: A nossa questão é você conhece? Você conhece os princípios e diretrizes e se você pudesse comentar de algum dele. Você comentou e contemplou a questão da matricialidade a importância de pensarmos isto.

Jakeline: Outra coisa... A questão da Territorialização é muito importante porque fala de um trabalho contextualizado ao território. O trabalho que eu desenvolvo aqui em Curitiba, ele pode ter alguns princípios que sirvam para atuação nacional, mas existem especificidades do trabalho com esta população onde eu atendo que é deste lugar. Então o nosso papel enquanto musicoterapeuta ele está voltado a reinserção das famílias a estes territórios, por exemplo, em trabalho que eu desenvolvi nas comunidades com família, após o trabalho elas, lógico todo um trabalho planejado, construído com a equipe, através da improvisação, recriação, a gente conseguiu despertar um tipo de construção e reflexão naquelas famílias da importância de cuidar daquele lugar onde elas moram. Porque era sempre uma necessidade assim, eu percebi “ah, eu quero sair daqui. Eu não quero morar mais nesta comunidade, na favela. Eu quero morar para um lugar melhor” e não tinha uma questão de pertencimento “eu pertenço a este lugar e qual a minha função enquanto cidadão de cuidar deste lugar, desde o lixo que eu coloco na rua, a questão de saneamento, como que eu vou reclamar para os órgãos públicos da importância do cuidar deste lugar?”. Então para mim isto é Territorialização, você desenvolver um trabalho de pertencimento aquele território, através da música, para que as pessoas desenvolvam aquela consciência da importância do cuidado e de que neste momento elas pertencem aquele contexto. Talvez em outro momento não, mas enquanto elas pertencerem é fundamental que tenham sentido de cuidado, porque se não a gente cai neste buraco negro que a nossa sociedade está hoje que é aquela questão que “favela só produz marginal”, está lá o lixo ao céu aberto uma questão de violência muito acirrada enfim, porque muitas das vezes aquelas pessoas que moram naquele lugar que estão sobre proteção dos níveis de proteção da Assistência, elas também não querem fazer parte dali, elas querem sair dali.

Fabrícia: Estão participando também daquele espaço.

Jakeline: Exatamente, estão ali por uma condição, mas eles querem sair a todo momento. Eu não problema as pessoas quererem mudar de situação, para mim o que é importante refletir é o porquê não cuidar deste lugar hoje, talvez fazer deste um lugar diferente. Então o nosso maior desafio na Territorialização, na Musicoterapia, é promover um trabalho de inserção das famílias neste território. Apesar de todo o contexto de violência que ele possa acarretar e de dificuldade social.

Fabrícia: E dentre estes espaços que você tem relatado estar inserida agora na atuação, você qual o nível de proteção da Assistência Social que você está inserida?

Jakeline: sim, eu estou na Proteção Social Básica e Proteção Social Média de Alta Complexidade.

Fabrícia: E qual o vínculo empregatício atual?

Jakeline: Eu sou contratada em um trabalho como instrutora de atividades artísticas e culturais. Este é o meu cargo e a função é musicoterapeuta.

Fabrícia: É contrato?

Jakeline: É contrato. É pregão eletrônico na verdade.

Fabrícia: É assim que chama, pregão eletrônico?

Jakeline: Exatamente, é pior que a terceirização. Do ponto de vista do vínculo, não é da questão da valorização do trabalho. Neste outro eu sou contratada é um pouco melhor, na Proteção Social de Alta Complexidade com população em situação de rua eu sou contratada como musicoterapeuta.

Fabrícia: Os dois, tanto a da básica quando a da média, você está como contratada?

Jakeline: Sim. Só que o vínculo é diferente. Na Proteção Social Básica eu sou contratada com função de instrutora de atividade artísticos e culturais. O cargo é instrutora de atividade artísticos e culturais na UNIARTE e a função é musicoterapeuta. O que precariza neste caso é que o cargo colocou de uma maneira e a função de outra, ou seja, eu fui contratada para um cargo e exerço outra função. Que é um problema enorme, porque eu não sou remunerada pela função que eu exerço.

Fabrícia: Na CEFÚRIA?

Jakeline: Eu sou contratada como musicoterapeuta.

Fabrícia: os dois? Tanto o cargo quando a função é musicoterapeuta.

Jakeline: musicoterapeuta.

Fabrícia: E no conselho Municipal como que é o vínculo?

Jakeline: É como conselheira, representante da Associação de Musicoterapia do Paraná. A minha identidade política ela é reconhecida, ela é extremamente legítima e reconhecida.

Fabrícia: o vínculo no FET e no FNTSUAS?

Jakeline: É também de musicoterapeuta. Representação estadual e nacional.

Fabrícia: Neste período em que você atua como musicoterapeuta você recebeu ou buscou algum tipo de capacitação? Qual?

Jakeline: Vários... Seminários, os próprios Fóruns é um espaço de formação política, os Fóruns estaduais, nacionais. A atuação política ela exige uma capacitação porque você está a todo tempo pensando na política. Você está defendendo direitos dos trabalhadores, o meu segmento é o segmento de trabalhador, então eu estou o tempo todo defendendo o direito do trabalhador do SUAS então eu tenho que conhecer esse direito. Eu participei de vários seminários, agora todos para relatar, na gestão do trabalho. Aqui no Paraná como conselheira através do portal da prefeitura que oferece curso a conselheiros, eu participei também para falar sobre a política, sobre a garantia de direitos, níveis de proteção, então eu participei de vários momentos. Eu não lembro de todos, mas você consultar o meu currículo.

Fabrícia: mas tem acesso e participa das duas formas, você recebe e busca também capacitação.

Jakeline: Agora eu acredito que não é uma coisa comum, os trabalhadores que estão nesta situação de precarização eles não participam porque não dão conta do próprio trabalho formal. A questão do tempo não é otimizado, não tem uma valorização da capacitação. A gente participa porque está na luta, conhece a importância e vai lutar para que melhore e neste processo você acaba recebendo muitas informações. Você participa, mas os trabalhadores que estão mais distantes deste núcleo de atividade política.

Fabrícia: você acha que nem todos são contemplados.

Jakeline: não, de maneira nenhuma.

Fabília: De que forma que ocorreu a sua inserção como musicoterapeuta neste campo?

Jakeline: Através da formação. A formação que me abriu caminhos, mas a formação a pós, não a graduação. Eu acho que, claro que sim também, a graduação falar que não é muita coisa, mas eu acho que foram caminhos que foram se abrindo. A minha pesquisa de graduação, minha monografia foi com crianças em situação de abrigamento, então foi na Alta Complexidade. No terceiro eu já comecei com população em situação de rua, do segundo para o terceiro quando você passa por várias áreas de atuação saúde, educação,

Fabília: Isto foi na graduação ainda?

Jakeline: Isso!

Fabília: No terceiro ano da graduação que você foi fazer um estágio?

Jakeline: Exatamente, o estágio que eu fiz com população com situação de abrigamento.

Fabília: sim.

Jakeline: Que é Alta Complexidade. Então do terceiro para o quarto ano foi surgindo toda esta, eu acho que é uma busca pessoal de certa forma profissional, enquanto ser humano, um descontentamento com a realidade social aí você procura de alguma com teu trabalho contribuir para um melhoria na qualidade de vida das pessoas. Tem todo um histórico lógico, antes de eu fazer Musicoterapia eu pegava meu teclado e ia tocar para idosos e hoje o meu trabalho profissional é com idosos. Eu para estas pessoas também, mas antes disto eu já tinha esta necessidade de contribuir para esta transformação social e na graduação isso foi impulsionado através dos campos de atuação. E com a especialização veio aí todo...

Fabília: só confirmar o que você...

Jakeline: Isso e uma agenda também porque eu comecei a ter mais conhecimento como participar, a questão a carreira, por exemplo, que não era da maneira com que eu enquanto aluna, enquanto profissional, no tempo da graduação, este descontentamento com a questão do salário, questão de não ter um cargo de musicoterapeuta na prefeitura e no Estado. Todos estes questionamento vieram, eles trouxeram uma busca pela questão de como é que a gente vai lidar com isto, como é que eu vou lidar enquanto sujeito, enquanto profissional, coletivo, para transformar esta realidade e na especialização eu fui tendo, esta especialização em Políticas Públicas, me trouxe um rol de possibilidade de lidar com isto de forma mais qualificada e mais assertiva, no sentido de quais são os caminhos políticos possíveis para que esta realidade possa ser mudada.

Fabília: E nos espaços onde você está atuando profissionalmente com o que ocorreu a tua inserção?

Jakeline: Eu participei de processo seletivo, eu não sei se é este institucional que você quer saber.

Fabília: Também.

Jakeline: Eu participei de processo seletivo junto a outros profissionais e fui aprovada e comecei a trabalhar. Então foi uma inserção...

Fabília: Um processo seletivo.

Jakeline: Isso e também de uma busca na área, por exemplo, na área da saúde eu não busquei, foi mais na área da Assistência. O que foi bem difícil porque aqui em Curitiba a gente nunca teve concurso, nunca teve eu não sei, preciso mais parcial, desde que me formei a gente não teve concurso para musicoterapeuta na área da política da Assistência Social. Então neste sistema via concurso público não era possível, até agora não foi. Então a gente precisou entrar via entidades, via terceirização é um trabalho que também é continuado como o dos outros profissionais, mas não como o mesmo vínculo de trabalho. É um trabalho que é terceirizado, é via pregão eletrônico, embora a gente já teve concurso público depois da Resolução nº 17 para musicoterapeuta no interior do paran, em Curitiba a gente não teve, mas no interior a gente já teve na política de Assistência Social a gente já tem dois musicoterapeutas que trabalham na área. Mas em Curitiba eu vejo que é um campo de luta mais acirrado.

Fabrícia: Ainda precisa da gestão...

Jakeline: A gestão tomar esta decisão. Em município menor eu acho que esta luta é mais tênue. A impressão que eu tenho sabe, que no município de Curitiba, ela é praticamente quase um estado só a cidade que é bem grande, fica mais difícil. No que se refere a inserção política no conselho foi por este conhecimento político da importância da participação do musicoterapeuta nos espaços de discussão da política. O conselho que delibera o orçamento da política, então foi uma necessidade enquanto profissional, enquanto trabalhadora, de poder estar contribuindo e inserindo musicoterapeuta em mais um espaço importante da política.

Fabrícia: Você participou, como que foi este processo no conselho para a sua eleição?

Jakeline: Foi um processo bem difícil e ao mesmo tempo interessante, porque eu participei do processo seletivo junto a outras entidades de trabalhador, CRP Conselho Regional de Psicologia, Conselho Regional de Serviço Social e AMT, foram estes três candidatos. Teve mais um que eu não lembro. Você se candidata, candidata a entidade, leva ofício, a entidade te indica no caso da associação de musicoterapia. Você vai para a plenária se coloca, se inscreve como candidata a eleição e tem o processo de votação que o plenário vota e a associação de musicoterapia foi a mais bem votada que o próprio conselho de psicologia e conselho de serviço social. Eu entendo esta votação como uma necessidade de mudança, eles viam na musicoterapia os eleitores “ah agora vamos caminhar por um lugar diferente”. Passar esta responsabilidade também para uma entidade que nunca participou assim, então eu via-se muito possibilidade de realização da musicoterapia. No crescimento da política então, eu vi que vários que votaram foi nesta esperança. A gente participou deste processo foi eleito e hoje faz parte do conselho. Acho que é o único lugar do Brasil que a gente está no conselho de assistência é no Paraná.

Fabrícia: E do FET e do FNTSUAS como que foi a inserção?

Jakeline: o FET, o conselho é um espaço que ele é 50% gestão e 50% poder público, sociedade civil. Então é uma espaço de briga, no sentido de briga e luta pelos direitos, até por diferentes entendimentos ou caminhos que a política deve tomar. Então é um lugar bastante tenso. Já o Fórum embora você tenha diferenças de pensamento é um espaço da sociedade civil. Está todo mundo lutando pelos mesmo objetivos. A gente que concurso público, a gente que 30h para todo mundo, então esse processo de inserção ele foi muito mais, a gente veio para fazer parte, a gente é alguém que soma. Enquanto no CMAS, pela composição, pela própria natureza do conselho ele é muito mais tipo “ah o que é que vocês estão fazendo aqui?”, “como assim? Vocês nem trabalham... Nem estão...” no caso dos musicoterapeutas. É um olhar um pouco diferente dos FET. No caso dos FETs eles tem esse olhar “Vocês vem para somar. Vocês são importantes”, por mais que a gente as nossas dificuldades é um lugar bem diferente do controle social e que a gente participa também de processos de eleição e indicação pela entidade através de ofício e aí a gente participa do colegiado. No caso do Fórum Nacional, ele foi um processo, não me lembro qual que é a data, eu acho que ele é de 2010 depois da conferência que antecedeu. Acho que 2008 foi quando ele teve origem, foi antes da Resolução 17. Então com a Resolução 17 a gente toma conhecimento de toda uma agenda da política que vinha acontecendo, então a gente entra no movimento. É lógico que a inserção ela vem dos anos 70, dos anos 60, com vários trabalhos que eram desenvolvidos na área, não com esta perspectiva precisa ter, mas já vários trabalhos que contribuíram para esta inserção. A gente fez um levantamento nacional para falar aonde está os musicoterapeutas, mas teve uma contribuição na carreira, mas no que se refere a participação política eu desconheço muita coisa. No caso do Fórum Nacional ele tem origem antes da Resolução 17, como se antes da resolução este cenário político ele não fosse considerado.

Fabrícia: Seria esta participação do musicoterapeuta no âmbito político.

Jakeline: Isso. Não sei se era desconsiderada, é muito forte, eu estou querendo falar de forma melhor. Talvez a partir da Resolução 17...

Fabrícia: Ampliou?

Jakeline: Oi?

Fabrícia: Ampliou esta busca de ocupar outros espaços?

Jakeline: Eu não sei se só ampliou, talvez sim, mas não só isto. Eu acho que também a gente passa ter conhecimento destas agendas. Porque daí, eu lembro que antes do Fórum Nacional, da participação. Teve a Resolução 17, Comissão aqui no Ministério Público e com esta formação política, pensando agora neste ator

político J., neste processo e como entrou no Fórum Nacional. Esta agenda sempre existiu, antes da gente entrar na Resolução 17, mas a gente aparece que com este processo de inserção na Resolução 17 a gente também passa a ter a necessidade de estar nestes vários espaços para garantir esta inserção. Porque inserção, não é só estar na resolução, não é só concurso público é muito mais do que isto. É discutir cotidianamente o trabalho do musicoterapeuta na área social. Eu trabalhar na área, mas discutir também as competências, quais são as habilidades, que é o perfil. É um trabalho cotidiano e necessariamente precisa ser coletivo, precisa estar costurado com as agendas da própria política, seja da assistência, da educação e da saúde. Precisa estar atrelado, não pode estar separado. É uma discussão que precisa ser feita conjuntamente. Então a partir da inserção a gente passa a entender e através dos grupos, a gente foi se organizando tentando levar esta mensagem da importância da discussão do musicoterapeuta nestes espaços, discussão e participação. A gente foi dando conta disto e eu comecei a participar do Fórum Nacional, naquela ocasião eu não tinha nem suplente que foi bem difícil e aí a gente vai preparando outros atores. Isto vai se construindo, outras pessoas vão se mobilizando, compreendendo, umas num processo mais rápidos, outras num processo mais lento, da importância desta participação. Uns vem somando junto com a gente na luta, outros dão as costas, os próprios musicoterapeutas vão seguir outro caminho. Dão as costas não, tipo seguem outros caminhos, outras áreas, mas eu acho esta inserção no Fórum Nacional ela vem após Resolução 17. Esta inserção do ponto de vista mais institucional mesmo e da participação, a gente vai garantindo a nossa participação com toda a dificuldade de financiamento, mas a gente começa ler as atas mesmo que não estava presente. A gente começa “oh gente vamos ver isto”. A gente começa fazer uma série de apontamentos tentando passar esta responsabilidade desta importância, talvez eu acredito que isto a gente tem resultados a curto, médio e longo prazo. Algumas pessoas vão ser inseridas neste processo outras vão demorar mais e por conta disto este processo tem este resultado desta maneira, uns mais rápidos e outros a longo prazo, mas a gente já vai tendo resultados desta participação que precisa ser ampliada e agora sim, eu acho que mais pessoas precisam se envolver neste processo, não interessa se está na área da saúde, da educação, da assistência, se é professor ou se é estudante, isto precisa estar na nossa formação, isto precisa estar no cotidiano da nossa prática seja por onde quer que seja que a gente olhe esta prática, seja no campo da academia, a gente precisa olhar pelo viés das políticas públicas porque são através delas que a gente oferece o nosso trabalho na perspectiva da garantia de direitos.

Fabrícia: Então nesta inserção o que eu percebi foi que no conselho você foi inserida por uma questão de votação, na garantia de uma representatividade em disputa com outras entidades e a AMT ela foi eleita, já no processo de inserção nos fóruns é um processo de ampliar esta participação do musicoterapeuta, que ocorreu antes da Resolução 17 e também vem se ampliando após Resolução 17. Seria um espaço onde as pessoas estão buscando um bem comum, para a classe?

Jakeline: Eu que sim, só que isso não é tão... como que eu vou dizer... Eu acho que não é tão, é mais do que isto eu acho. O processo ele, mas talvez de forma, eu entendi o que você disse.

Fabrícia: A diferença de inserção de um e outro, do conselho e fórum. O conselho seria um espaço de disputa e o fórum seria um espaço de ampliação desta discussão política.

Jakeline: Talvez sim, o conselho não só de disputa porque parece um pouco reducionista colocar assim, mas é um espaço mais fiscalizador. Quem quer fiscalizar isto são as grandes entidades que representam a Assistência Social no município. É uma disputa de poder, acima de tudo da disputa é uma disputa de poder, dá para colocar desta maneira. Porque é isto o que acontece ali, já no fórum também ocorre, se a gente for tomar como referência o Foucault o poder ele está na sociedade, ele faz parte de qualquer tipo de relação. O próprio discurso é um discurso de poder. Então nos dois âmbitos tem só que talvez no fórum isso esteja mais dissolvido porque as pessoas as pessoas tentando se juntar em prol de um objetivo comum e no conselho eles estão querendo defender ideias diferentes. Eles defendem projetos de sociedades diferentes porque está em jogo um orçamento, está em jogo a riqueza daquele município. Todo o orçamento municipal de assistência, educação e saúde é conselho que delibera, então é uma disputa de poder muito grande. Então você não é visto, por exemplo, o musicoterapeuta não é visto como um “coleguinha do bem”. É muito ruim, não sei se esta é a melhor palavra, mas é a que eu estou encontrando “é alguém que vem para disputar” e já no fórum é alguém que vem para somar.

Fabrícia: Compreendi desta forma também, da forma que você expôs. Nós conseguimos todas as perguntas de cunho da inserção profissional e agora passaria para o terceiro bloco que é sobre a atuação musicoterapêutica. Nós vamos pensar do mesmo que a gente fez a primeira parte, a gente pensa primeira nos espaços que você está atuando como musicoterapeuta e nos espaços políticos também. Quando eu fizer a pergunta a gente pensa primeiro na atuação musicoterapêutica e depois a gente pensa a atuação musicoterapêutica no espaço político. Pode ser?

Jakeline: Só um pouquinho, eu vou pegar um copo de água. Só um minutinho.

Fabília: Tudo bem.

[Pause na entrevista]

Jakeline: Voltei.

Fabília: Agora a gente continua sobre a tua atuação musicoterapêutica.

Jakeline: Só uma pergunta. Este é o último bloco?

Fabília: Sim, este é o último bloco. Quais são os espaços onde ocorre o serviço de Musicoterapia?

Jakeline: Falhou um pouco, você pode perguntar de volta?

Fabília: Quais são os espaços onde ocorre o serviço de Musicoterapia?

Jakeline: Na Proteção Social Básica são o CRAS que o Centro de Referência de Assistência Social, Igrejas, Associações, os CATs Centro de Atenção a Terceira idade. São nestes que eu faço atendimento.

Fabília: São salas reservadas?

Jakeline: Varia bastante, tem umas que são no salão paroquial da igreja, uns que são salas da igreja católica, mas eu sei que tem igrejas evangélicas também, tem uma sala que é desenvolvida o trabalho, mas não é uma sala para a Musicoterapia. É uma sala do serviço que naquele dia ela recebe as famílias. Não é um espaço que é específico para a Musicoterapia a gente compartilhar com outros profissionais também estes espaços, mas naquele momento é da Musicoterapia.

Fabília: São salas em diversos espaços, pode ser ele salão paroquial, em igrejas evangélicas, dentro do CRAS, mas geralmente são em salas mesmos né?

Jakeline: Tem um espaço que é o salão paroquial. É uma espaço que não é uma sala, ele é mais amplo. Se for pensar de forma direta, estes são espaços, mas se formos pensar na qualidade destes espaços daí a gente tem que apontar outros elementos, não sei é isto que você está querendo saber.

Fabília: Como seria apontar outros elementos?

Jakeline: Por exemplo a questão da qualidade. Tem lugares que a gente vai trabalhar que chove dentro e não tem piso no chão, não tem água para beber, a questão da estrutura. No CRAS eles são equipamentos de Referência então eles tem um padrão e de certa maneira uma qualidade, mas por exemplo, a divisão entre as salas não isolamento acústico então eu divido na sexta-feira uma sala, eu atendo um grupo de idosos e daí tem teatro que faz trabalho com os adolescentes. Então a gente fica ouvindo o que está acontecendo do outro lado, porque não é uma sala própria para este trabalho e nem para o outro trabalho. A gente ainda não tem padrão de atendimento de Musicoterapia na área da Assistência. A gente tem hoje uma sala de diversos profissionais que são improvisadas e acontece também o trabalho, em algum momentos na praça, algumas apresentações que a gente faz, alguns eventos, em grandes auditórios quando tem eventos do prefeito. Este trabalho acontece em vários lugares.

Fabília: Outros espaços também.

Jakeline: Nos próprios eventos da Assistência a gente é chamado para fazer abertura da Conferência, eu já estou pensando em outros trabalhos, acho que não é isto que você está querendo saber, só do meu né?

Fabília: Mais específico da tu atuação, onde você desenvolve os seus trabalhos e aí pensa daquelas formas, primeiro atuação musicoterapêutica e depois atuação musicoterapêutica no campo político.

Jakeline: Esta questão em Lar de Repouso, as vezes a gente sai da unidade para ir em outra unidade fazer o trabalho também, em clubes, eu já fiz apresentações em clubes. Então é bem diversificado. No cotidiano é neste espaço CRAS ou da comunidade, algum espaço da comunidade que a gente faz atendimento, mas a gente faz

este deslocamento para estes outros lugares algumas vezes para fazer o que eu chamo de integração cultural, de convivência cultural para que ele conheçam outras pessoas, de outros grupos, de outras faixa etária. A gente já fez um trabalho intergeracional que era juntar os idosos com os adolescentes e aí fomos na comunidade para fazer isto. Este espaço precisa ser um espaços planejado, porque mais precário que ele seja não é um lugar improvisado. Por mais precário, ele não é improvisado no sentido que “ah então aqui vai ser hoje o trabalho”. Não! Eu já sei onde eu vou fazer o atendimento, por mais dificuldades que aquele espaço possa oferecer. Então acontece também da gente ir para outros espaços, auditório, clube, associações...

Fabrícia: Dependendo da atividade, você pode...

Jakeline: Dependendo do planejamento.

Fabrícia: Você pode contemplar outros espaços. E no âmbito do CMAS, do FET e do FNTSUAS como são os espaços?

Jakeline: O CMAS é um espaço que é oferecido pela gestão, o que a gente tem sugerido enquanto sociedade civil em Curitiba é que esse espaço seja descentralizado. Que a gente vá para comunidade, que realize estas reuniões do CMAS em outros espaços que não só aquela sala que a gestão oferece, que é lá onde está a própria diretoria da gestão da política. Então a gente tem tentando cada vez mais fazer nas entidades...

Fabrícia: A proposta é descentralizar.

Jakeline: Exatamente.

Fabrícia: Mas por enquanto ocorre no espaço que é oferecido pela gestão.

Jakeline: A maior parte das vezes, porque ele estão atendendo, isto não está errado, eles estão cumprindo o que a LOAS diz “que a gestão precisa oferecer uma estrutura para o funcionamento dos conselhos”, mas a gente entende também que algum momento precisa ser descentralizado. Que a gestão precisa prever recursos para este deslocamento dos conselheiros, para que a gente possa realizar estas reuniões em outros lugares com a mesma qualidade e estrutura. A gente já realizou estas reuniões em outras entidades que são conveniada com a Assistência, em outros equipamentos da política e assim, enquanto sociedade civil tem procurado fazer estas reuniões cada vez mais descentralizadas. No caso do Fórum Estadual é importante a gente ter sempre uma casa “casa própria”, um lugar para que isto fique de referência, porque pela própria estrutura do Fórum que não tem financiamento, não tem uma secretaria, as entidades que bancam tudo isto de forma voluntária. É importante ter um lugar de referência, porque se não tem esse lugar a gente não consegue ter continuidade das reuniões.

Fabrícia: Por enquanto não tem?

Jakeline: Hoje a gente tem, atualmente no Paraná é Conselho Regional de Psicologia que recebe o Fórum, mas a gente já teve o Conselho Regional de Serviço Social, se a Associação de Musicoterapia do Paraná tivesse um sede a gente poderia oferecer que é super. tranquilo. Atualmente acontecem as reuniões no Conselho Regional de Psicologia e eu acho que é bem importante que uma entidade ela receba esta estrutura e ofereça esta estrutura para as reuniões, pela continuidade por que se a gente não tiver um espaço definido a gente vai ter uma dificuldade para ter as nossas reuniões. No caso do Fórum Nacional ele hoje acontece de forma centralizada em Brasília. Inicialmente tinha até uma proposta no regimento que dizia que para que fosse descentralizado e acontecesse em várias regiões do país para otimizar a participação dos trabalhadores. A gente ainda não conseguiu cumprir com essa diretriz, mas também segue a mesma lógica dos FETSUAS, que precisa ter uma entidade que banque uma secretaria executiva, mesmo que compartilhada com outras entidades é importante ter esta estrutura, de espaço, de referência para os trabalhadores se organizarem para participar. Quando é muito descentralizada, percebo que tem todo um movimento para as pessoas se organizarem para ir e que é legal, porque outros podem participar e ao mesmo tempo gera um pouco de dificuldade. Hoje tem uma cede, acontece em Brasília, algum conselho sempre oferece espaço, a gente tem os locais das reuniões embora seja bem difícil porque as vezes são sempre as mesmas entidades que bancam espaço e as vezes se tiver um evento no mesmo dia, já aconteceu de quase fazer a reunião no shopping [risos], porque o espaço não estava garantido. Caso tivesse mais entidade para compartilhar, para dividir esta estrutura, dividir não é a palavra, para oferecer esta estrutura eu acho que seria menos pesado, mas em função como a própria política está organizada o acesso dos trabalhadores à política, ela gera um tipo de organização dos trabalhadores. Porque se hoje a gente tem alguma categoria na área da Assistência que são mais organizadas, é em função da luta sim destes trabalhadores, mas é um função que estes trabalhadores estão em maior quantidade na política e por conta disto estão melhor

organizados, um coletivo maior que consegue ter um conselho com uma renda, tem uma arrecadação maior de dinheiro, então eles tem condição de bancar. No casos das associações que não tem esse dinheiro e nem toda essa arrecadação elas tem muita dificuldade inclusive para participar. Isso não quer dizer que são menos importante, isso quer dizer só que a gente não tem esta estrutura para oferecer, mas a gente está se fazendo presente.

Fabrícia: E dentre estes espaços que você está atuando, quais são as ações desenvolvidas pelo musicoterapeuta?

Jakeline: São as próprias técnicas da Musicoterapia, por exemplo, no caso do trabalho especializado eu trabalho muito com improvisação, com a recriação, com jogos musicais através de parlendas, paródias, brincadeiras cantadas, trabalho na perspectiva da roda de tambores, aquela perspectiva trazida por Paulo Suzuki eu acho que dá muito certo na área da Assistência. Trabalho também com oficina de confecção de instrumentos musicais com materiais reciclados, eu acho que é uma proposta que dá muito certo também. A gente não tem material, a gente não tem instrumentos musicais e a oficina ela te dá esta possibilidade de todos terem o acesso aos instrumentos. Composição também é algo que a gente trabalha, o canto é algo que a gente estimula bastante... Eu acho que são estas.

Fabrícia: E no âmbito político quais são as ações desenvolvidas pelo musicoterapeuta?

Jakeline: mobilização da carreira é uma ação que é muito importante, mobilizar. De que forma a gente mobiliza? Tendo reuniões mensais, tentando passar os materiais da reunião, fazer a ponte com os musicoterapeutas, passar as informações da reuniões, o que aconteceu, o que é preciso fazer. Eu acho que estas duas coisas são muito importantes neste processo de mobilização. Passa informação do que está acontecendo em âmbito nacional para a UBAM e para os musicoterapeutas que hoje compõem a Comissão Nacional de Musicoterapeutas na Área da Assistência. Trabalhando, outra estratégia são os grupos de trabalhos os GTs, as comissões. Através desta passagem de informação, manter esta regularidade de reuniões, o meio de comunicação o Facebook, blogs, e-mails, enfim toda esta possibilidade de comunicação moderna, se assim podemos dizer, que a gente tem hoje ela é bem válida para chegar a estes musicoterapeutas a nível nacional.

Fabrícia: Isso entra como uma ação que o musicoterapeuta também está desempenhando neste âmbito.

Jakeline: Como assim?

Fabrícia: Uma ação seria esta passagem de informações, a participação em reuniões a mobilização de outros profissionais musicoterapeutas.

Jakeline: Sim. Você falou intervenção ou ação?

Fabrícia: Ação!

Jakeline: Ah sim, estas para mim são ações.

Fabrícia: Estas mais no âmbito político. Da tuas atividades, quais são os usuários contemplados no serviço de Musicoterapia que você é responsável?

Jakeline: Idosos, pessoa com deficiência, pessoas em situação de rua e as famílias. Famílias envolvem crianças, acho que toda população da área da assistência, a gente consegue abarcar com este serviço, embora eu esteja em serviço especializado, por exemplo, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Proteção Básica, este é o serviço que eu trabalho e na Proteção Social Especial é abordagem com população em situação de rua e nesta população que hoje eu trabalho de Proteção Social de Especial de Alta Complexidade em específico a população de rua, eu recebo população desde adolescentes com 18 anos até 60 anos de idade. É um público bem amplo na área da Assistência, é este público idosos, famílias, pessoas com deficiência no que se refere a Proteção Social Básica e no que se refere a Proteção Social Especial de Alta Complexidade população em situação de rua no acolhimento institucional. O tipo de serviço é realizado na unidade de acolhimento institucional, as pessoas moram naquele equipamento. Elas são recolhidas, tiradas da situação de rua e elas são abrigadas neste espaço e aí as pessoas neste espaço tem idade entre 18 e 60 anos, com diversos tipos de dificuldades, de deficiência, gênero é bem diversificado este espaço.

Fabrícia: Quais são os recursos e os instrumentos utilizados nas ações de Musicoterapia?

Jakeline: Eu toco teclado, instrumento harmônico o teclado, o pandeiro como instrumento de percussão, eu utilizo também. Tem em alguns equipamento eu tenho o xilofone, o metalofone, tambor, deixa eu ver, aqueles Blun, não se você conhece? Aqueles coloridos, aqueles canos...

Fabrícia: sim, já vi alguns deles, semelhantes a cano de PVC colorido?

Jakeline: Isso, isso, que cada um tem uma nota musical. Eu acho que é bem importante material impresso, imagens, trabalho bastante com imagens. Imagens e som. Deixa eu ver o que mais, ah... rádio! Às vezes tem rádio, tem música que utilizo a rádio...

Fabrícia: Rádio você diz aparelho de som?

Jakeline: Isso! Aparelho de som [risos]. São estes.

Fabrícia: Que você comumente usa nas ações.

Jakeline: É às vezes microfone, se tiver apresentação, não é nem apresentação, eu chamo de Convivência Cultural que a gente promove um roda, uma integração, a gente tem o microfone o recurso da amplificação do som e a gente conta com outras estruturas.

Fabrícia: Outros recursos para poder viabilizar. Suas ações são desenvolvidas em equipe?

Jakeline: É difícil responder esta pergunta, porque o ideal é que seja, mas eu me sinto muito sozinha. Eu tento passar todo o meu planejamento, o desenvolvimento do trabalho, os objetivos, com a equipe só que em nenhum momento eu sou chamada para reunião de equipe. Quando eu faço um trabalho, cada dia da semana eu estou em um grupo diferente em um CRAS diferente então eu não tenho muito tempo para participar da reunião de equipe. O dia que eu vou não é o dia da reunião é o dia de eu atender o grupo. Então este é um desafio também.

Fabrícia: Então geralmente em seus ações participa só você, não tem outro profissional?

Jakeline: É em alguns equipamentos eu tenho a ajuda do educador social e já tive ajuda, ajuda no sentido de pensar o trabalho junto com a assistente social, a psicóloga, com a pedagoga, tem um grupo que eu trabalho com a terapeuta ocupacional então a gente atende uma hora meia hora minha e meia hora dela. Fiz a proposta deste trabalho ser interdisciplinar então a gente pensa o trabalho juntas, a gente desenvolve a ação junta a Musicoterapia com a Terapia Ocupacional e eu acho que dado muito certo. Esse é um exemplo de um trabalho interdisciplinar a Musicoterapia com a Terapia Ocupacional.

Fabrícia: E você já teve momentos com estes profissionais?

Jakeline: Sim, eu já tive momentos, mas eu acredito que é importante que a gente tenha mais momentos.

Fabrícia: Hoje você se sente um pouco mais isolada destas ações em equipe, mas teve esta participação.

Jakeline: Eu não gosto muito da palavra isolada, que dá impressão que eu estou sozinha. Eu não estou sozinha, eu procuro fazer um planejamento conjunto, discutir com a equipe aquele trabalho que eu estou desenvolvendo. Isso é uma iniciativa minha “olha isso que eu estou fazendo, é importante que nos outros dias isso seja fortalecido. Este tema seja discutido com as outras oficinas”. De certa forma não é isolado, mas também não é o ideal. O ideal para mim seria que a gente sentasse todo mundo junto e construir coletivamente este planejamento de desenvolver coletivamente. Isso eu acho é um desafio da Assistência Social, não é só meu. Porque hoje os trabalhos são feitos em caixinhas, cada um no seu quadrado e precisa ser mais integrado. Precisa ser mais interdisciplinar, está muito longe de ser interdisciplinar. Eu participei de vários seminários do trabalho interdisciplinar do Serviço Social e a Psicologia e não é diferente nestas profissões que estão a mais tempo na área da Assistência também tem este desafio. Hoje o que a gente tem no máximo, nas equipes mais desenvolvidas pode-se dizer assim, são equipe multidisciplinares vários profissionais naquele equipamento, mas um trabalho interdisciplinar é o próximo passo acredito que ainda não tem esta, eu desconheço este trabalho interdisciplinar. Eu conheço mais equipes mais diversificadas, mas é um desafio assim, eu acredito que a gente está fazendo o melhor que a gente está fazendo o melhor que a gente pode dentro daquele contexto e nesta construção que a gente vem fazendo, mas ainda não é o ideal em função da forma que a gente é contratado. Pelo fato de ser terceirizado eu só estou uma vez por semana no equipamento, esse dia só me dá tempo de atender o grupo mesmo. Eu vou e faço o atendimento, preparo algum material, alguma atividade é isso. Dos materiais que

você falou eu uso também, agora lembrei, material impresso. Eu falei imagens, mas é canções impressas. Eu trabalho com alguns grupos com as pastas das canções que eles vão pedindo.

Fabrícia: Como que você descreveria as habilidades necessárias ao musicoterapeuta que atua no âmbito social?

Jakeline: Estou pensando, eu acho que esta resposta a carreira que precisa responder né. É um pouco difícil dar esta resposta porque eu não acredito que ela esteja isolada.

Fabrícia: Dentro da tua realidade, como que acha do que você tem vivenciado? Das habilidades quais seriam as necessárias ao musicoterapeuta?

Jakeline: Eu acho que, como eu disse, eu tenho dificuldade de responder esta pergunta porque a gente não respondeu, a carreira não respondeu. Eu tenho de pensar talvez de forma individual que eu acho que é importante, mas eu tenho dificuldade porque eu acho que isso faz parte de uma construção coletiva dar esta resposta. Posso dar respostas que com certeza vão ser superadas ou não seja, eu acho que é mais do que isso. Eu acho que a gente precisa discutir ainda. Isso não está colocado, mas eu penso que precisa ser um profissional que tenha habilidades musicais, talvez seja esta a nossa característica que difere dos outros e que tenha condições de desenvolver um trabalho que promova a transformação social através da música, do discurso musical, através da melodia, do ritmo, da harmonia, da improvisação, da recriação, da composição. É uma profissional que utiliza destes recursos para atender os objetivos da política que é também esta participação social, trabalham a perspectiva de responsabilizar este gestor das suas competências, não sei se competências, mas destas responsabilidades. Que tenha um trabalho que através desta utilização destes recursos musicais, da promoção da garantia de direitos ele possa ter uma centralidade nos coletivos. Desenvolver uma ação estratégica, planejada, não é nada pontual e acabado. É algo que precisa sempre estar pensando, dialogando com os serviços, com os programas, com os projetos realizados pela Assistência Social.

Fabrícia: Como você descreveria os objetivos da Musicoterapia no Campo Social?

Jakeline: [silêncio] Promover o enfrentamento das situações de vulnerabilidade e risco social, através da música. Eu acho que promover esta transformação através da música na perspectiva de garantia de direitos. A gente precisa assegurar direitos através destes recursos que a gente utiliza que é a música, deste espaço de reflexão, deste espaço de escuta que a gente promove através dos atendimentos, então promover através disto este enfrentamento. A partir do momento que esta família enfrente esta situação de dificuldade ou que ela consiga olhar para esta situação de uma forma diferente, a gente está garantindo o direito. O direito do acesso, porque uma vez ela consiga pensar e refletir sobre isto, a forma dela acessar estes direitos vai ser de uma forma diferenciada. A forma dela cobrar do Estado esta responsabilidade vai ser de uma forma diferenciada e aí a gente vai estar cumprindo os objetivos da política na perspectiva da Musicoterapia, através dos recursos que nós dispomos. Eu acho que a recriação é um grande instrumento, assim como as outras técnicas. Eu vejo como músicas, eles trazem a questão do Rap, por exemplo, do Funk. Um dia destes tinha uma usuária que chegou aí falei “gente que música a gente vai cantar hoje?”. Quando eu entrei no equipamento a equipe falou “ah que legal né, agora a gente vai fazer um coral e todo mundo vai cantar música clássica e era população em situação de rua. Eu me arrepiei desde o dedão do pé até o último fio do cabelo, mas cheguei lá para fazer o atendimento e perguntei “que música a gente vai cantar agora?” aí ela trouxe aquele Rap que diz assim... “Eu só que é ser” nossa está errado a melodia, mas “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci. É, e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar” [trecho cantado]. Quando ela traz uma música desta, eu trabalhar com este recurso, com esta música que faz parte da história destes sujeitos e com isto que ela traz, eu estou promovendo um espaço de escuta e estimular esta participação através desta música que ela trouxe, depois se você olhar para a letra desta música, ela traz toda uma problematização da questão social que é um arcabouço enorme para a gente trabalhar estes direitos.

Fabrícia: Abre inúmeras possibilidades.

Jakeline: Estes dias era outra pessoa também em situação de rua que trouxe, a gente estava cantando Asa Branca “Quando olhei a terra ardendo, com a fogueira de São João, eu perguntei a Deus uai, porque tamanha judiação. Eu perguntei a Deus uai, porque tamanha judiação” [trecho cantado]. Quando a gente cantou esta música ele trouxe, nossa mas porque tantas pessoas sofrem desta maneira? Porque tantas pessoas sofrem com fome? Com a falta d’água e aí abriu o caminho para a gente trabalhar essa questão da diversidade geográfica do nosso país e como isso é muito diferente em cada região, como as pessoas sofrem também de maneiras diferentes, mas independente do sofrimento elas também precisam ter uma proteção do Estado. Ela precisam ter um cuidado e

uma série de serviço que de certa forma dê conta deste sofrimento. Eu acho que esta é a função do nosso trabalho. A habilidade que a gente precisa ter, eu estou tentando lembra a tua pergunta...

Fabrícia: O objetivo da Musicoterapia no campo social. Você começou falando sobre o enfrentamento, promover um enfrentamento...

Jakeline: Sempre o recurso vai ser a música, a música vai ser a grande mediadora. Então a habilidade para mim é usar este recurso musical.

Fabrícia: Nesta área você estabelecerá alguma relação entre a Musicoterapia na Assistência Social e a Musicoterapia Comunitária?

Jakeline: Olha eu conheço pouco da Musicoterapia Comunitária, para falar bem a verdade eu vi algumas pessoas apresentando trabalhos e eu não saberia te dizer exatamente como seria este trabalho. Talvez eu tenha que aprender mais sobre isto, mas para mim a Assistência Social, a Musicoterapia na área da Assistência e a Comunitária atende o mesmo público. Para mim a diferença está da abordagem, da carreira porque algumas pessoas trabalham com Musicoterapia Comunitária e outras na Assistência Social. Para mim são os mesmo públicos, mas o olhar é diferente. Pelo pouco que eu conheço da Musicoterapia Comunitária até com esta experiência, eu falando a minha opinião, é legítima, só precisa de respeito, ninguém precisa ter concordância com isso, mas eu acho que, estou dizendo que não é unânime isto porque a carreira precisa resolver, não sou eu que vou resolver este impasse entre Comunitária e Assistência. Para mim a Musicoterapia na área da Assistência e Comunitária elas abrangem um leque, um guarda-chuva de possibilidade de ação que está conversando, dialogando com as diretrizes da Política de Assistência Social. Enquanto que a Comunitária ela, na própria política de Assistência ela traz o termo comunitário, mas ela está falando da comunidade. Ela não está falando...

Fabrícia: Em abordagem?

Jakeline: Sim, exatamente, pelo menos isto, neste olhar.

Fabrícia: Neste ponto de vista seria desta forma. Como que você definiria a Musicoterapia na Assistência Social?

Jakeline: Essas perguntas elas são difícil de responder porque é um processo em construção eu acho que ela precisa de muita ponderação, muita reflexão ainda, mas eu acho que a Musicoterapia na Assistência Social é uma trabalho que tem como objetivo a superação das dificuldades destas pessoas, família, sujeitos enfrentam na vida na perspectiva do direito. É um trabalho que precisa promover direito.

Fabrícia: É uma definição que ainda está em construção e isso partiria de uma construção coletiva?

Jakeline: Eu acho que cada pessoa pode ter a sua definição, eu posso ter a minha forma de pensar e acho que são coisas que a gente ainda está vivendo. Então eu acho um pouco arriscado você trazer definição. A palavra definição é um pouco complexa porque se você define, você não abre mais espaço para o novo e para outras construções que vão haver então eu tenho um pouco de dificuldade de conversar com isto ou talvez “o que você entende por Musicoterapia na Assistência Social?” é um pergunta agora uma definição para você eu acho um pouco difícil de responder pela palavra definição. Eu acho que é isto sabe, que é a questão da Musicoterapia na Assistência Social ela tem como objetivo o enfrentamento da situação de vulnerabilidade e risco através da mediação musical. O trabalho se dá através de ou começar diferente, através da mediação musical visa promover o enfrentamento da situação de vulnerabilidade e risco na perspectiva do direito.

Fabrícia: Nós estamos caminhando para o encerramento e as duas últimas perguntas e de tudo que a gente conversou sobre os questionamentos anteriores, sobre a tua atuação profissional a questão política, os espaços, os usuários, sobre tudo que a gente contemplou nas questões tem alguma música que você usaria para definir a tua atuação como musicoterapeuta na área da Assistência Social?

Jakeline: Eu gosto bastante deste, eu acho que é “Rap Brasil” este que eu trouxe um pedaço e a outra é “Eu não pedi pra nascer”.

Fabrícia: Se fosse para a gente colocar por grau qual que viria primeiro o “Rap Brasil” ou “Eu não Pedi pra nascer”?

Jakeline: Hoje o Rap Brasil, eu acho que é RAP Brasil eu não estou lembrada, eu tenho que olhar.

Fabília: O trecho dela é este que você cantou?

Jakeline: Deixa eu ver, eu tenho ela aqui, só um pouquinho [localiza a música no celular e coloca o áudio para a entrevistadora ouvir]. Está muito baixo.

Fabília: Eu consegui escutar um pouco.

Jakeline: Está baixinho, eu não sei o que acontece com o meu celular [silêncio, procurando aumentar o áudio do celular]. Esta eu não pedi para nascer também é muito boa. “Minha mãe pequena bate no vidro do carro...” Não sei se você já ouviu.

Fabília: Não! É um Rap também?

Jakeline: É. [silêncio, procura o áudio no notebook].

Fabília: Você quem que canta esta “Eu não pedi pra nascer?”

Jakeline: Não lembro quem que é. É que foi da minha pesquisa agora eu não sei... eu já acho aqui [localizou a música Rap Brasil e coloca o áudio para tocar] Você já ouviu?

Fabília: Essa eu já ouvi.

Jakeline: Então na verdade não é eu goste, é no sentido que eles trazem muito esta música. Talvez a música mais recorrente.

Fabília: E esta seria uma música que você usaria para definir a tua atuação como musicoterapeuta?

Jakeline: Nossa eu estou com um pouco de dificuldade de definir a minha atuação porque definir eu acho um pouco complicado, mas assim, é o que tem sido bastante recorrente. Tem o repertório sertanejo que eles sempre trazem no caso da terceira idade é mais repertório sertanejo. No caso da população em situação de rua o Rap e o Funk é mais recorrente. Então depende muito da população. Eu não sei se tem uma música que defina, que inspira talvez...

Fabília: E essa “Rap Brasil” seria uma das e “Eu não pedi pra nascer”

Jakeline: Isso, com a população em situação de acolhimento foram duas músicas.

Fabília: Que vieram agora.

Jakeline: E foram muito recorrentes no atendimento. Não é uma música minha, não é uma música que eu goste no sentido de que eles sempre trazem.

Fabília: Mas se tivesse uma música sua?

Jakeline: “Tocando em Frente” se fosse uma música minha.

Fabília: Tocando em Frente do Almir Sater.

Jakeline: Isso. É uma música que ou outra que acho que é boa também é Geraldo Vandré aquela...

Fabília: Pra Não Dizer que Não Falei das Flores?

Jakeline: Isso! Isso é uma música que eu também acho que inspira. Estas seria uma música dos grupos, se você me perguntasse qual o repertório destes grupos. Tanto é que com esta população do projeto que eu passei, a gente teve a preocupação e foi um morador de rua trouxe esta questão, esta música. O Rap, o Funk é um estilo que eles mais curtem. Depende de onde você fala, “Tocando em Frente” eu gosto para pensar este trabalho e Geraldo Vandré também é uma música que eu sempre presto atenção.

Fabília: São músicas realmente bonitas. J. e de tudo que nós conversamos você algo mais para acrescentar?

Jakeline: Acho que não.

Fabília: Algo que você sentiu necessidade, que você gostaria de pontuar, alguma coisa que você quer acrescentar.

Jakeline: Eu acho que eu já disse, não tenho mais... Eu só tive um pouco de dificuldade quando vieram as palavras definições. Eu tive um pouco de dificuldade de responder, pela questão da construção política do trabalho nesta área. Então foi uma dificuldade que eu tive, mas só foi uma dificuldade minhas, porque eu acho que é difícil... É a mesma coisa que pegar o Definindo Musicoterapia do Bruscia. Quando você define você abre possibilidades para você questionar um monte de coisas. Então talvez se fosse outra palavra eu não teria tanta dificuldade.

Fabília: Nestas questões que tiveram a palavra definição.

Jakeline: Isso, outra coisa... Outra música que eu estava pensando é aquela Latifúndio do Chico Buarque. Nossa! Ela é triste, mas eu gosto bastante também.

Fabília: Então nas sequências das músicas ficaram da seguinte forma, Tocando em Frente a primeira, Pra Não Dizer que Não Falei das Flores a segunda e agora a terceira Latifúndio de Chico Buarque, depois veio Rap Brasil e depois Eu não pedi pra nascer.

Jakeline: Isso, ficou bem legal.

Fabília: Ficou uma sequência e uma playlist bem

Jakeline: Oi?

Fabília: Ficou uma playlist bem bonita. A gente conseguiu chegar agora na última questão que era se você tivesse algo a acrescentar sobre o que a gente viu das perguntas do serviço ou de alguma coisa que você sentiu necessidade. Eu tenho que te agradecer por ter disposto este tempo para a gente conversar, falar sobre a tua atuação, sobre a prática, o que tem sido feito em Curitiba. Quero te agradecer por ter aceitado participar e a previsão de defesa do trabalho para abril do próximo ano e neste tempo a gente vai fazer, estamos finalizando a coleta de dados para fazer a análise, mas me coloca à disposição, a hora que você quiser saber sobre o andamento da pesquisa estamos a total disposição para poder informar como está o andamento e se surgir alguma outra coisa que você queira acrescentar, também estamos aberto para poder anexar e colocar aqui na sua entrevista outras informações.

Jakeline: Que bom que eu tive oportunidade de contribuir e queria te desejar sucesso e espero que esta pesquisa possa contribuir para esta discussão, quando mais trabalho a gente tiver nesta área serão bem vindos para pensar esse fazer e quando eu disse que está aberto é com essa possibilidade de novas contribuições e novas discussões. Eu acho que é uma discussão necessária que a gente tem feito no campo político e acho que a academia tem obrigação de fazer este tipo de pesquisa, porque eu acho que a pesquisa não é para ficar engavetada ou emprateiradas nas academias e eu vejo muito isso. Porque quando a gente vai discutir com um gestor a importância do musicoterapeuta na política e defender este trabalho a gente tem poucos trabalho que tenham argumentos realmente contundentes e que contribuam para esta discussão.

Fabília: No âmbito acadêmico você fala.

Jakeline: Isso. É uma responsabilidade da academia fazer esta discussão, porque estas pesquisas são financiadas com dinheiro público. Então elas precisam ser devolvidas para a sociedade. Acontece alguma coisa na academia é que este fazer está muito distante da nossa discussão política. Eu não sei qual que é, mas enquanto militante eu percebo esta necessidade de esses olhares e estas discussões se aproximem e para mim é uma responsabilidade da academia desenvolver estas pesquisas cada vez mais próxima do campo político, porque este é o papel da academia, produzir pesquisas que sejam devolvidas e contribuam para a sociedade de alguma maneira. Pelo menos o que eu entendo então quando está muito distante disto eu fico um pouco preocupada e qual é o compromisso que a academia tem com este fazer político, porque amanhã ou depois esses pesquisadores, graduando eles serão musicoterapeutas. Então o campo de trabalho, a ampliação do campo e a inserção na política é fundamental para a continuidade da carreira no Brasil e no mundo. Então onde a gente quer chegar

com estas pesquisas? A academia tem que constantemente fazer estes questionamentos e produzir trabalhos que contribuam para uma discussão.

Fabírcia: Que bom e é bem isto mesmo o nosso intuito e a proposição da pesquisa ela vem bem próximo disto que você relatou. Eu te agradeço de novo e agora vou paralisar os nossos gravadores.

Jakeline: Obrigada.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Transcrição da Entrevista

FERREIRA, Rogério Baraúna. **Rogério Baraúna Ferreira**: entrevista [set. 2015]. Entrevistadora: Fabrícia Santana. Goiânia: UFG, 2015. Mp3. Entrevista concedida à pesquisa A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Nome: **Rogério Baraúna**

Cidade/UF: **Salvador - BA**

Idade: **51 anos**

Local de Trabalho: **FUNDAC: Fundação da Criança e do Adolescente – CASE Salvador**

Associação de Musicoterapia vinculado(a): **ASBAMT**

Data da realização da entrevista: **30/09/2015**

Rogério: Alô

Fabrícia: Pronto, ok agora a gente voltou para o roteiro da entrevista, de fato.

Rogério: [Risos] Tudo bem

Fabrícia: Então, que a entrevista, a gente pensou da seguinte forma. Ela... está dividida em três blocos. 1 bloco que é só o cabeçalho, onde eu vou preencher: nome, cidade, local de trabalho. O Segundo bloco, a gente vai falar da sua inserção profissional na área social.

Rogério: Certo

Fabrícia: O 3º e último bloco a gente vai falar sobre a sua atuação musicoterapêutica.

Rogério: Certo

Fabrícia: São ao total 18 perguntas. Então, tem questão, que uma pergunta, geralmente, ela vai desencadeando outra. Mas se tiver algum que você preferir não responder, a gente pode passar para a próxima.

Rogério: Certo.

Fabrícia: Se no decorrer, você precisar sair, beber uma água, pode falar também, a gente dá uma pausa. Tudo bem?

Rogério: Está tudo bem.

Fabrícia: Tranquilo. E aí, agora a gente já inicia de fato.

Rogério: Ok!

Fabrícia: Bom...Nome, idade, eu consigo puxar (buscar) do TCLE, que a gente acabou de preencher. Mas qual a tua idade?

Rogério: A minha idade é 51.

Fabrícia: 51. E o local de trabalho?

Rogério: Eu trabalho agora na Fundação, que agora é FUNDAC: Fundação da Criança e do Adolescente – CASE Salvador.

Fabília: Fundação da Criança e do Adolescente da Cidade de Salvador.

Rogério: Não. CASE Salvador. C-A-S-E Salvador, CASE, né?

Fabília: Ah sim,

Rogério: Centro de Assistência Socioeducativo.

Fabília: Qual é a Associação de Musicoterapia que você está vinculado?

Rogério: Associação Baiana de Musicoterapia – ASBAMT

Fabília: A data da realização desta entrevista que é hoje dia trinta de setembro de dois mil e quinze. A gente já preencheu todo o cabeçalho e agora a gente parte para o segundo bloco.

Rogério: Certo

Fabília: Há quanto tempo que você está atuando na área social?

Rogério: Três anos.

Fabília: Três anos?

Rogério: É

Fabília: E qual a tua formação?

Rogério: Eu sou musicoterapeuta, tenho pós-graduação em Metodologia de Ensino Superior e Biofeedback e Neurofeedback.

Fabília: Dos princípios e diretrizes do Sistema Único de Assistência Social o SUAS você conhece algum deles?

Rogério: Conheço as diretrizes sim.

Fabília: Você pode comentar?

Rogério: AS diretrizes básicas da Assistência Social?

Fabília: Isso!

Rogério: Olha! Você me pegou num momento que eu não estou com estas informações muito claras na minha cabeça agora, porque eu tenho receio de me remeter a um universo de informações que na verdade faz um tempo que eu não estou acessando. Então eu tinha que parar e pensar um pouco nas diretrizes. As diretrizes que eu tenha lembrança é o cuidado, o bem estar, a saúde da comunidade, das pessoas inseridas no seu ambiente sócio cultural e seu desenvolvimento biopsicossocial. É mais ou menos?

Fabília: Fale o que você lembrar, você conhece este princípios...

Rogério: Conheço os princípios do SUAS! Inclusive faço parte do aqui no SUAS, tenho ido nas reuniões do SUAS, participado dos eventos.

Fabília: Que bom! Dentre os níveis de proteção da Assistência Social, você em qual nível de proteção você está inserido?

Rogério: Olha! Eu entendo pelo a gente está na área da saúde, estamos inseridos no setor terapêutico na área da saúde, na saúde física e mental dos nossos pacientes dos nossos, na verdade dos usuários do sistema.

Fabília: Quando a gente fala em nível de proteção é porque na Assistência Social pela Tipificação ela é dividida em Proteção Social Básica e Proteção Social Especial, em que ainda a Especial se divide em Média e Alta Complexidade.

Rogério: Certo. Então eu tenho entendimento que nosso atendimento é de alta complexidade, porque nós lidamos com quadro de alteração de conduta, de humor, gravíssimos com pessoas que cometem ato infracional de alta gravidade e outro que apresentem quadro suicidas, outros que apresentam quadro de agressividade, então neste momento em especial por estar um pouco distante do texto do SUAS, eu não saberia dizer exatamente em qual nível seria.

Fabília: Mas você acha que seria no nível de alta complexidade?

Rogério: De alta Complexidade.

Fabília: Tranquilo. Qual que é o seu vínculo empregatício?

Rogério: Eu tenho contrato de trabalho de trinta horas com a FUNDAC – Fundação da Criança e do Adolescente, que por sua vez ela tem todo o quadro contratado via Fundação José Silveira.

Fabília: No caso hoje o teu vínculo é através de contrato?

Rogério: É, CLT.

Fabília: Neste que você atua como musicoterapeuta na Assistência Social, você recebeu ou buscou algum tipo de capacitação?

Rogério: Já fiz várias capacitações. Na verdade tenho participado de congressos, de palestra, não muitas coisas, mas tenho.

Fabília: Mas isto tem sido ofertado pela FUNDAC ou uma busca sua?

Rogério: Tem sido uma busca minha e a FUNDAC também tem oferecido.

Fabília: Então ocorre das duas partes né?

Rogério: É

Fabília: Como que ocorreu a tua inserção como musicoterapeuta?

Rogério: A Associação de Musicoterapia me indicou para um cargo que vagou de musicoterapia. Cristiano saiu então a Associação me indicou para este cargo.

Fabília: Então já tinha musicoterapia.

Rogério: Já tinha.

Fabília: Surgiu uma vaga e você foi indicado. A gente conseguiu contemplar também todas as perguntas que eram sobre a tua inserção e agora a gente parte para as perguntas da atuação musicoterapêutica.

Rogério: Certo.

Fabília: Quais são os espaços onde ocorre o serviço de Musicoterapia? Você tem como descrever?

Rogério: Tenho. Temos setting de Musicoterapia, eu posso dizer que praticamente completo. Eu tenho lá uma bateria, eu tenho um baixo, uma guitarra, tenho cinco violões, tenho vinte flautas, tenho dois saxofones, dois clarinetes, dois trompetes, dois trombones, tenho timbau, tantãs, um tantã grande, um tantã médio, três repiques de mão, três pandeiros, tenho três tamborins e dois xequerê, dois teclados, tenho uma equipamento de som, ar condicionado, tatame e uma sala, isso é o setting de Musicoterapia. Na verdade este setting eu acabei terminando de montar, existindo a existência deste equipamentos para o atendimento de Musicoterapia acontecer com todas as suas demandas de um setting adequado para um atendimento de Musicoterapia.

Fabrícia: Como que é este espaço lá? É uma sala?

Rogério: É uma sala, que mede acho que cinco por oito. É uma sala e tem uns tatames no chão, as figuras geométricas e é neste espaço que eu faço meu atendimento.

Fabrícia: Um sala praticamente completa. Pelo tanto de instrumento que você falou.

Rogério: É uma sala completa. É um setting de Musicoterapia bem aparelhado.

Fabrícia: Muito bom e quais são as ações desenvolvidas pelo musicoterapeuta?

Rogério: Nós estamos lidando com uma clientela, que é um clientela totalmente sem limite. Que tem muita dificuldade de auto controle, de auto contenção e muito baixa inteligência emocional. Então a minha metodologia Musicoterapia Neuroativa, que antes era aplicada apenas a pessoas com lesão cerebral, eu adaptei para atender a demanda desta clientela que é falta e necessidade de autocontenção, percepção de limite, controle e desenvolvimento da inteligência emocional. Então eu utilizo a minha metodologia da Musicoterapia Neuroativa para estimular o sistema nervoso, a nível de formar ou desenvolver o saber neurofisiológico através de associações de diversas informações que ele vai realizando fisicamente. Ou seja, ele tem neste espaço pequeno eles tem que fazer diversas trajetórias dentre os instrumentos e as figuras geométricas e a partir daí eu vou desenvolvendo toda a dinâmica que tem haver com a forma que eles chegam, com o estado de ânimo que eles chegam no momento, a situação que é trazida. Têm diversos tipos de situações que são encaminhadas para a Musicoterapia tanto a nível individual quando a nível de grupo.

Fabrícia: Você cria um trajeto para ele dentro da sala?

Rogério: Na verdade cada um cria uma trajetória dentro da sala porque o que eu busco com este trabalho é que ele perceba a importância do autocontrolar, do autoconter-se, de ter domínio de si mesmo, domínio espacial, localização espacial, auto controle físico. Então eu faço com eles circulem dentro da sala, entre os instrumentos, entre as figuras geométricas, com diferente estruturas rítmicas sem que eles pisem nos instrumentos e sem que eles se choquem entre si, sem que eles se esbarrem nos outros instrumentos que estão no entorno da sala e isso para que ele possa aprender a se controlar. Controlar ao seu próprio corpo para fazer uma analogia às condutas.

Fabrícia: Agora ficou mais claro desta forma que você explicou, destas ações que você faz utilizando a metodologia da...

Rogério: Musicoterapia Neuroativa. Várias voltadas a observar como funciona o sistema nervoso em resposta aos estímulos, a gente elimina a questão da personalidade, porque a personalidade pode ter influências mil, mas o sistema nervoso é comum para todas as pessoas, então ele vai reagir igual para todas as pessoas. Quando você coloca uma baixa frequência de ondas longas, você vai alcançar uma frequência cerebral alfa, inevitavelmente. Então você estará lidando com estimulação física para um órgão com tem a receptividade para este estímulo e que dá feedback.

Fabrícia: As tuas ações ocorrem apenas nesta sala?

Rogério: Não, porque eu faço uma interação com as outras equipes. Eu faço meio que um link com os outros profissionais e aproveito também da música para sociabilizar, inserir outros profissionais em atividades musicais que muitas vezes eles não tem espaço, não tem organização para fazer, então eu organizo o espaço. Fiz a banda FUNDAC, juntei profissionais de várias unidades e formamos o Bandão da FUNDAC. Na unidade também eu reúno vários profissionais para tocarem durante os eventos que ocorre.

Fabrícia: Só os profissionais ou profissional e usuário?

Rogério: Os adolescentes também.

Fabrícia: Profissional e usuário.

Rogério: E os usuários do sistema. Os usuários do sistema já trabalham a apresentação deles por si só. Porque a gente faz uma identificação durante o atendimento das habilidades de cada um, as demandas que um traz e aí encaminha para as oficinas específicas para desenvolver melhor as habilidades que eles vem trazendo.

Fabília: E quais são os usuários contemplados no serviço de Musicoterapia?

Rogério: Os usuários que apresentam quadro melancólicos, depressivos, suicidas, que sofreu abuso sexual, apáticos, que apresentam agressividade, que apresentam quadro de surto, que apresentam problemas de espancamento, de lesão cerebral por espancamento. Os quadros mais clínicos que na verdade demandam de muitas ações terapêuticas.

Fabília: A instituição acolhe qual o tipo de usuário?

Rogério: São menores que cometem atos infracionais no Estado da Bahia. É uma unidade de internação provisória e de sentenças.

Fabília: Provisória e?

Rogério: Sentenciados.

Fabília: Só adolescentes menores de idade.

Rogério: Menores de idade. Tanto masculino quando feminino, mas neste momento

Fabília: São os dois?

Rogério: Os dois, só que a unidade feminina é em outro prédio. Eu já trabalhei com a unidade feminina também, mas neste momento eu trabalho apenas na unidade feminina.

Fabília: Na unidade feminina não desenvolve nenhuma atividade então.

Rogério: Não tem musicoterapeuta.

Fabília: Você comentou sobre os instrumentos, uma gama de instrumentos utilizados nas ações de Musicoterapia, além deles, quais são os recursos que você utiliza nas suas ações.

Rogério: Voz e movimento. Eu trabalho muito a questão da oralidade e a questão do movimento. Por se tratar de uma estimulação global, a gente começa a estimular desde os membros inferiores, médios e superiores. Por isso a gente utiliza a voz e utiliza os movimentos corporais que são estimulados pelos ritmos dos instrumentos.

Fabília: Os instrumentos e você falou alguma coisa sobre figuras geométricas.

Rogério: Então, as figuras geométricas já são a criação que eu tenho a muitos anos pesquisando e a cada figura geométrica é aplicado um ritmo específico. Através da figura geométrica a gente coloca um limite para que o adolescente. Aquele limite é fortalecido de forma bastante lúdica sem que ele perceba que ele está exercitando os limites. Ele vai ter o limite que é a figura, ele vai escutar o ritmo específico da figura, ele vai fazer os movimentos específicos daquela figura e tudo isso vai limitar ele naquele espaço e para que ele possa fazer parte do contexto ele tem que seguir todas essas prerrogativas, para que possa haver um produto final que é a música. É um coletivo onde todos participam respeitando cada um o limite que escolheu durante o processo.

Fabília: E as suas ações são desenvolvidas em equipe?

Rogério: São desenvolvidas em equipe sim. Normalmente a equipe técnica de cada alojamento identifica os quadros, casos, que alteram mais a ordem no alojamento e estes têm mais prioridade, mas o restante também participa das atividades quando tem interesse ou quando apresenta alguma alteração de humor ou algum quadro que demande relaxar, tranquilidade, de mudar os padrões mentais. A Musicoterapia tem sido uma ferramenta muito eficaz e é uma ferramenta muito eficaz que deveria estar em todos os centros de ressocialização, todas as CASES e todos os lugares, porque realmente a gente consegue fazer uma cirurgia no quadro emocional do adolescente em pouquíssimo tempo e com muita durabilidade. A gente percebe que o adolescente volta para o alojamento muito mais tranquilo e passa muito tempo sem envolver em conflitos depois que passa pela Musicoterapia.

Fabília: Você vê um resultado breve, em curto prazo.

Rogério: É imediato, eu digo que é um resultado imediato e muito notório para todos os profissionais que trazem e dão um feedback muito positivo. Trazem resposta muito positivas com relação ao comportamento dos adolescentes após o atendimento. Isto traz uma realização muito grande, a gente vê que está no caminho certo, vê que tem uma ferramenta útil e eficaz na mudança da nossa sociedade, na melhoria de vida da nossa sociedade. E também a gente devolve para as famílias, para as comunidades, um cidadão reparado, pacificado, com valores de cidadão, com auto controle, com vários elementos o mesmo não conseguiria sozinho.

Fabrícia: Quais são os profissionais que trabalham contigo? Que estão envolvidos na tuas ações?

Rogério: Nós temos psicólogos, assistentes sociais, fisioterapeuta, dentista, médico, enfermeira, assistentes sociais já falei né? Psiquiatra, enfermeiros, auxiliar de enfermagem, orientadores e educadores de medida, técnicos de segurança e o pessoal da alimentação e higienização, porteiros e seguranças.

Fabrícia: Quais que participam contigo de alguma ação?

Rogério: Na verdade, diretamente, tem o psicólogo, o assistente social, o educador de medida e os orientadores do alojamento. Então para cada um destes daí, nós trabalhamos em conjunto. Todos identificamos os usuários que necessitam com mais urgência de uma intervenção terapêutica. Porque é muito comum ocorrer distúrbio de conduta e alteração de humor em função da realidade, do ambiente que eles vivem, da privação de liberdade, da abstinência de psicoativos e outros centenas de milhares de situações que vão ocorrendo que vai alterando o humor do adolescente. Nós recebemos este quadro as nossas intervenções terapêuticas.

Fabrícia: Neste tempo que você está atuando como você descreveria as habilidades necessárias para o musicoterapeuta que atua no âmbito social.

Rogério: Primeiro a pessoa tem que ter um compromisso com o país, um compromisso com a humanidade para que possa trabalhar com um cidadão que é o mais excluídos dos excluídos, dos excluídos do país. Que é o adolescente. Ele é excluído do mercado de trabalho, ele é excluído da família, este adolescente em especial usuário do sistema é excluído da família, da comunidade, do bairro, do mercado de trabalho, da escola e acaba sendo excluído dentro da própria unidade de privação. Então é uma pessoa que apresenta um quadro muito delicado de vivência social e que o musicoterapeuta precisa ser muito sensível para lidar com esta fragilidade com bastante paciência, com bastante tolerância, com bastante amor porque mais que tudo, estas são pessoas muito carentes de atenção. Então o musicoterapeuta precisa ser muito atencioso e precisa ter muita musicalidade, porque é através desta musicalidade que nós podemos fazer esta grande cirurgia que é extrair o câncer do ódio, da raiva e transformar isso em algo agradável, suave e doce.

Fabrícia: Tem ser sensível, tem que ter a capacidade do amor, da atenção...

Rogério: Exatamente.

Fabrícia: Quais são os objetivos da Musicoterapia no campo social?

Rogério: Os objetivos da musicoterapia é principalmente desenvolver um quadro biopsicossocial no adolescente onde ele possa conviver em qualquer lugar sem alterar a ordem social. Que ele entenda o quanto ele é um ser que faz parte de uma sociedade e que deve ser adequar as condutas pertinentes a um cidadão. Então nós trabalhamos para que ele resgate esta cidadania através do empoderamento das suas potencialidade e da sua saúde, o valor da liberdade, o valor do convívio familiar, a importância de fazer parte do processo educativo, de estarem inseridos na escola. Os valores humanos e sociais que ele devem ter para ter uma vida social saudável. Nós também fazemos entender que a saúde tem várias nuances que não é só a saúde física, mas tem a saúde social, saúde familiar, saúde comunitária, saúde financeira. Todas estas saúdes o adolescente precisa aprender a traçar para que ele tenha uma vida plena e livre de conflitos e de ações infracionais.

Fabrícia: Então para você estes seriam os objetivos da Musicoterapia no campo social. Você estabeleceria da musicoterapia na Assistência Social e a Musicoterapia Comunitária?

Rogério: Estabeleço sim. Eu acho que a Musicoterapia Comunitária, se houver ela acontecendo em algum lugar, que ela se expanda. Porque se nós tivéssemos atendimentos de Musicoterapia nas escolas, na comunidade, nos centros culturais, em vários lugares, a gente evitaria a proliferação deste tipo de adolescente, porque ele já iria encontrar uma ação profilática anterior, que já traria para ele esta conscientização, que já iria trazer para ele este

fortalecimento da personalidade, este empoderamento do seu self, para que ele não venha cometer atos infracionais, para que ele se perceba atuante e ator da sua sociedade, da sua comunidade. Isto não acontece, não existe esta disponibilidade de atendimento e tem na verdade, possibilitado o aumento dos jovens menores em conflito com a Lei ela possa ocorrer com mais facilidade.

Fabrícia: Então seria o desenvolvimento da Musicoterapia Comunitária para que o adolescente não viesse assumir estas condutas.

Rogério: Infracionárias. Porque daí ele já iria adquirir valores nobres, valores sociais, desenvolver seu auto controle e também fazer o trabalho relaxamento, da interiorização, do autoconhecimento, da auto percepção. Porque o adolescente ele é um ser externo, é um ser que não para pra olhar dentro de si, ele está sempre buscando um mundo lá fora porque a fase da vida dele é esta e muitas vezes ele perde o limite, por não se conhecer, por não se observar, por não parar um pouco para se conectar consigo mesmo. Então a Musicoterapia ela possibilita essa viagem de retorno para dentro de si mesmo, esse resgate do eu e isso possibilita com a pessoa se valorize mais e invista mais no seu futuro.

Fabrícia: Como que você definiria a Musicoterapia na Assistência Social?

Rogério: Eu defino a Musicoterapia na Assistência Social, como um instrumento sistemático de reinserção de todas as funções biopsicossocial do indivíduo, pois vai fortalecer a sua autoestima, devolver para ele a consciência de que ele é capaz de superar as suas dificuldades e agir de forma adequada dentro de uma sociedade.

Fabrícia: Nós já estamos chegando ao final da nossa entrevista, faltam apenas dois questionamentos e a gente tem consegui contemplar todas as questões. De tudo que a gente tem falado, do que você tem compartilhado sobre as ações que você desenvolve dentro da FUNDAC, do trabalho com os adolescentes, com a equipe, sobre a proposta do trabalho, tem algum música que você utilizaria para definir a sua atuação como musicoterapeuta? Nesta área.

Rogério: Ah alguma música? Eu compus uma música, que na verdade é uma música que eu compus para eles, para dizer algo dentro de uma linguagem que fosse acessível, que assemelha ao estilo de música que eles gostam que é um Hip Hop. Você quer que eu cante?

Fabrícia: Fique à vontade.

Rogério: Quando acordei bem cedo vi o sol clarear/ Tudo clareava o mundo inteiro, só não brilhava o meu mundo/Pois com ele vacilei quando fui na contra mão dando brecha pra ganância e nutrindo a ambição/Pensava que sem esforço também se alcançava tudo, sem coragem e confiança não se vence neste mundo/Mesmo estando deitado se alguém lhe der a mão poderá ser renovado com esta queda no chão/E depois que se levantar será de existência porque errando se aprende e a vida segue em frente/Depois que se levantar será forte e resistente porque errando se aprende e a vida segue em frente. É a música é esta!

Fabrícia: Nossa muito bom! Muito bom! Você traz bastantes informações. Você me autoriza copiar ela e colocar como anexo a sua entrevista.

Rogério: Claro!

Fabrícia: E o registro da composição também vai em seu nome, pode ficar tranquilo. Agora nós chegamos na nossa última pergunta, de tudo que nós conversamos você teria algo a acrescentar, algo que não foi abordado nos questionamentos.

Rogério: Tenho sim!

Fabrícia: Fique à vontade, o que você quiser acrescentar.

Rogério: Eu quero acrescentar que nós, a sociedade, precisamos se mobilizar contra a maioria penal porque nós não temos na nossa sociedade, espaço, nem estrutura adequada pra ressocializar o adolescente. Nós temos um sistema de segurança pública viciado com policiais que fogem do flagrante e incriminam o adolescente de periferia, de pele escura, usam de espancamento e tortura. Eu acho que a Lei da palmada ela deveria ser estendida para qualquer cidadão que essa formas de tratamento agressivo, com violência que os policiais tem

cometido, tem que barrar e outra coisa, acho que também os Juízes tem que ser processados, multados cada vez que tomar a privação de liberdade como primeira medida para o adolescente que comete ato infracional. Também considero que nós estamos com uma super população nas unidades, com adolescente que advém do tráfico e quem baixo índice de agressividade e periculosidade e o sistema transforma estes indivíduos, em pessoas perigosas, pessoas muito mais agressivas do que eram. Então eu acho que tem de haver uma mudança, que todos os problemas ligados com drogas devem ser um problema de saúde pública e sair da mão da justiça, da política, para que a gente possa realmente reverter o quadro da violência na nossa sociedade. Acabar com a hipocrisia e encarar de frente os problemas que nós temos com os nossos adolescentes, que são mais problemas de Saúde, de falta de Assistência Social do que de polícia.

Fabrícia: E do que nós conversamos sobre a atuação do musicoterapeuta neste espaço, você teria algo a acrescentar?

Rogério: Tenho sim. Eu acrescento que o musicoterapeuta, dentro deste espaço, ele tem que além de promover o bem estar do adolescente, ele tem que inserir os cuidadores destes adolescentes. Porque estes cuidadores também são pessoas que muitas vezes vivem do mesmo nível social, no mesmo ambiente que estes adolescentes que eles estão cuidando e que também sofrem as mesmas carências, as mesmas falta de assistência e o musicoterapeuta ele pode sim ajudar muito a diminuir a tensão, diminuir o stress do profissional que está de frente atuando com esta clientela.

Fabrícia: Você acha que isto é possível? Incluir os cuidadores?

Rogério: É possível porque eu incluo eles. Todas as vezes que eu vou fazer atendimento, no relaxamento em especial, eu sempre...

Fabrícia: Você fala os profissionais da equipe ou os familiares?

Rogério: São os profissionais da equipe. Os que normalmente atendem diretamente o adolescente que está no alojamento com ele, então quando eles vem para o atendimento, durante o relaxamento eu insiro os orientadores. Isso faz muito bem também, porque a interrelação deles com os adolescentes, neste momento, no momento do processo, ele melhora. Fica uma relação muito mais próxima, com mais respeito, com mais amizade, com mais familiaridade entre eles.

Fabrícia: Que bom. Então estes seriam os cuidadores. Eu entendi anteriormente que o cuidador seria algum familiar.

Rogério: Não, com os familiares tem um atendimento que é uma conversa que nós temos com os familiares, sobre a importância da visita para que seja entendido que o adolescente tem um núcleo familiar para absorvê-lo quando o mesmo for liberado. E a gente orienta que nós estamos num espaço de sócio educação, que o objetivo nosso ali é devolvê-lo para a sociedade reparado, capaz de viver em plena harmonia em qualquer lugar que ele habite como um cidadão que tem condutas sociais adequadas.

Fabrícia: Eu te agradeço por você estar compartilhando todas esta vivência conosco, vai ser muito importante trazer isto para a realidade da pesquisa, do que a gente já tem ouvido dos outros musicoterapeutas que atuam em outros espaços, outra clientela, outro nível, mas a gente busca e espera que ao juntar todas as práticas de cada um de vocês a gente consiga um material de estudos ao final a pesquisa que fale sobre esta atuação do musicoterapeuta na Assistência Social. Eu te agradeço, a gente conseguiu contemplar todas as perguntas, as dezoito perguntas do roteiro de entrevistas. Depois de inúmeras tentativas deu certo. A qualificação está prevista para novembro e a defesa para abril de dois mil e dezesseis. Até eu fico a disposição se você precisa de alguma coisa da tua entrevista que depois você achou interessante acrescentar, pode me procurar que a gente faz este acréscimo e a gente complementa. Eu também estou à disposição para me procurar e saber como está o andamento da pesquisa. Quando chegar a época da defesa eu quero encaminhar um convite para todos vocês porque este produto não é meu, eu só estou recebendo e

Rogério: Direcionando...

Fabrícia: É! Este é um produto que será nosso. Então eu espero que chegando próximo eu consiga enviar um convite para todos vocês e quem puder vir será muito bem recebido e a gente vai ficar muito feliz de recebê-los. Eu vou te deixar um abraços agora e agradecer novamente.

Rogério: Tá bom, estou às ordens.

Fabírcia: Um abraço, tchau.

Rogério: Tchau.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

Transcrição da Entrevista

DREHER. Sofia Cristina. **Sofia Cristina Dreher**: entrevista [jun. 2015]. Entrevistadora: Fabrícia Santana. Goiânia: UFG, 2015. Mp3. Entrevista concedida à pesquisa A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Nome: **Sofia Cristina Dreher**

Cidade/UF: **São Leopoldo** Idade: **35**

Local de Trabalho: **Município de Sapucaia do Sul – CRAS Central**

Associação de Musicoterapia vinculado(a): **AMT-RS**

Data da realização da entrevista: **08/06/2015**

Fabrícia: Prontinho, os dois já estão ligados, já gravando nós duas. Nossa entrevista, ela vai ter 18 perguntas. Mas são perguntas, assim, que uma vai acabar puxando a outra, né? A gente vai conversando, eu vou te deixar bem, assim, à vontade. Pretendo, né? Te deixar à vontade. Se tiver alguma pergunta que você não queira responder, a gente pode pular, né? Pode ver uma outra pergunta. E, se precisar interromper também, você fique à vontade, pode falar, né? Se precisar ir ao banheiro ou alguma coisa assim, a gente dá uma pausa e continua nas perguntas, né? A primeira parte aqui da entrevista é um cabeçalho em que eu vou preencher com os seus dados. O nome e a cidade eu vou deixar porque aí eu já pego no TCLE, né? Você já preencheu pra mim. Aí o que eu preciso complementar aqui é a idade...

Sofia: Você quer a data de nascimento?

Fabrícia: Não, só a idade.

Sofia: 35 anos.

Fabrícia: Outra informação: o local de trabalho atual.

Sofia: Referente à sua pesquisa, né?

Fabrícia: Isso.

Sofia: Tá. É município de Sapucaia do Sul. Eu te pergunto isso é porque eu trabalho em três cidades diferentes, mas referente a esse trabalho na secretaria é em Sapucaia.

Fabrícia: Município de Sapucaia só Sul. E qual é o equipamento?

Sofia: Como assim, qual é o equipamento?

Fabrícia: Assim, o lugar onde você atua como musicoterapeuta na área social.

Sofia: Tá. O local, você disse?

Fabrícia: Isso.

Sofia: Tá. Eu atuo no CRAS Central.

Fabrícia: No CRAS.

Sofia: Isso.

Fabília: A associação de musicoterapia que atualmente você está vinculada?

Sofia: AMT-RS.

Fabília: Pronto. Esses são os dados que a gente coloca no cabeçalho. E agora a gente tem... Assim, a gente dividiu a entrevista em dois blocos. A gente colocou o primeiro com algumas perguntas mesmo de cunho profissional, e o segundo bloco sobre a atuação musicoterapêutica. São sete perguntas do primeiro bloco pra área profissional, e mais nove perguntas da área musicoterapêutica. Então, assim, a primeira questão que a gente está procurando é: há quanto tempo que você está atuando como musicoterapeuta na área social?

Sofia: Desde 2010. Especificamente com o município em que eu estou agora, tá? Eu estou pensando aqui, porque eu já fiz um outro trabalho que já se encerrou dentro da mesma prefeitura, mas que era com famílias. Aquele sistema de vinculação, né?

Fabília: De proteção de vínculo de família?

Sofia: Isso, isso. Só que isso já se encerrou. Então, nesse, especificamente agora, desde 2010. Esse outro eu também comecei...

Fabília: O outro você começou quando?

Sofia: Também foi em 2010. Mas ele teve duração de dois anos. Eu devo ter encerrado ele ali no final de 2011, 2012.

Fabília: É, mas aí no caso eu acredito que ele entraria também, porque é um serviço dentro da área. E qual é a sua formação?

Sofia: Então, eu tenho Bacharelado em Musicoterapia pela FAP, aí eu fiz uma especialização em Comunicação Semiótica na PUC do Paraná e fiz meu mestrado em Filosofia aqui na UNISINOS universidade aqui de São Leopoldo.

Fabília: Que bom. Bem mesclado, né?

Sofia: É, porque durante seis anos eu trabalhei na oncologia, então tinha muito essa questão da terminalidade da vida, então no mestrado em Filosofia eu fiz dentro da bioética, de eutanásia, de distanásia, tutanásia essas coisas assim, então era ligado mais a essa outra área que eu fiz minha formação.

Fabília: E agora na área social, né? E sobre os princípios do SUAS, você conhece os princípios e diretrizes do SUAS?

Sofia: Eu tenho acompanhado as discussões, assim, pela UBAM então sempre que vem material a gente está lendo, se informando, né? Se tem algum material que a secretaria, por exemplo, o próprio projeto tem algumas diretrizes, assim, da formação do próprio projeto ele acabou utilizando algumas questões, né? Assim, no momento tenho lido muitas coisas sobre a clínica ampliada, né? Então você acaba também entrando dentro das diretrizes e dos raciocínios e pensamentos, questionamentos e assim por diante.

Fabília: Mas eles chegam a entregar isso impresso pra vocês?

Sofia: Não, não.

Fabília: Passam quais os lugares, né? Onde vocês vão encontrar esses normativos e aí fica a critério de cada um.

Sofia: Tu falas em relação a secretaria?

Fabília: É. O material que você falou.

Sofia: Nem chegou a passar, Fabília, porque, por exemplo, como eu vou apresentar um trabalho agora no Rio, eu é que pedi até pra ter acesso ao projeto, né? Assim, então foi uma procura minha, uma iniciativa minha, mais

minha do que da Secretaria de estar repassando informações.

Fabília: Então, dos princípios e diretrizes, você acompanha o que é passado pela UBAM e algumas coisas...

Sofia: Mais por interesse próprio, eu diria assim, do que da secretaria tentando informar as pessoas que atuam lá.

Fabília: E, dentre a tua atuação atual, você sabe qual é o nível de proteção que você está inserida?

Sofia: Não.

Fabília: Quando a gente fala nível de proteção, é com base... é um dos normativos do SUAS que a gente chama de tipificação nacional. Então lá ele coloca a divisão entre nível básico e o nível especial, sendo que o especial ainda vai se dividir em média complexidade e alta complexidade. No caso é por isso que eu estou te perguntando se você sabe qual é o nível que você está inserida.

Sofia: Não, não. Eu não saberia te dizer. Você teria que buscar a literatura, né?

Fabília: É. E o teu vínculo atual, como está?

Sofia: Eu sou RPA, tá, Fabília, não é carteira assinada. Desde 2010 foi assim.

Fabília: O que é RPA?

Sofia: É o recibo de profissional autônomo, né?

Fabília: Aí, no caso, como que funciona?

Sofia: Sou um funcionário terceirizado, vamos falar assim. Então, por exemplo, eu presto serviços e, no mês em que eu prestei o serviço, eu recebo esse pagamento, né? E, no mês em que eu não atuo eu não recebo pagamento.

Fabília: Você precisa fazer projeto?

Sofia: Não. Porque foi assim, Fabília, eu atuava num ótimo grupo de facilidade naquela cidade e a assistente social do município ficou sabendo do meu trabalho, foi lá assistir, e ela me disse: “Olha, S., eu fiz um projeto. Na época que eu fiz o projeto eu incluí musicoterapia, só que eu não conhecia nenhum musicoterapeuta. E eu fiquei procurando, procurando, procurando e não achei. Aí eu fiquei sabendo que você estava aqui e vim atrás de você, porque o projeto já foi aprovado. Tem a verba, mas eu não tenho musicoterapeuta.”. Então foi justamente o contrário do processo. Assim, ela elaborou o projeto, incluiu o profissional, mas não tinha ninguém, né? Então depois é que ela foi à caça. Então ela me encontrou e eu comecei a trabalhar nesse projeto.

Fabília: Ah, tá. Então quando você fala, assim, RPA, seria quando você assinou... Você assina recibo?

Sofia: É, é...

Fabília: Uma prestação de serviços.

Sofia: É, é, isso.

Fabília: Ah. Ele tem prazo, esse projeto que ela fez?

Sofia: Ele foi renovado. Agora em 2014 eles tiveram que renovar o projeto, então que readaptar um pouco também, porque agora só pode participar quem tem até uma renda X, né? Pra definir. As pessoas que ganham acima não podem mais, mas quem já está dentro do projeto não sai. Então eles tiveram que adaptar algumas novas diretrizes até, assim, a nível nacional, né? Mas, na verdade, eles continuam mantendo a mesma proposta.

Fabília: A mesma equipe, né? Permaneceu e aí conseguiu manter o vínculo. Que bom. Muito bom. E no período agora, que você está atuando, e até com relação a outros serviços, você teve algum tipo de capacitação ofertada?

Sofia: Não. Isso é algo bem falho dessa secretaria, tá? Porque teve uma gestão, que foi essa pessoa que me

convidou, e aí teve um “racha” político.

Fabrícia: Nossa, acontece muito.

Sofia: É. E na verdade eram dois partidos que tinham essa prefeitura, né? Aí quando foi a reeleição os dois partidos resolveram fazer campanhas separadas e só um ganhou. E então toda essa equipe que tinha montada, todo um projeto, saiu fora. Então assumiu uma outra... Essa transição foi muito complicada, assim, pros idosos. Da equipe antiga pra você ter uma ideia Fabrícia só eu que fui.

Fabrícia: Nossa.

Sofia: Todos os nossos saíram porque tendiam, assim, que tinham ligação com aquele partido político. Na sequência saiu tudo. Então tipo foi feita uma limpa, né? E daí, também com isso, eu também tive toda essa dificuldade de reaproximação porque eles ainda ficavam com dúvidas se eu também não tinha a ver com aquela... aquele partido político...

Fabrícia: Foram investigar ainda, né? Mas, capacitação mesmo não teve?

Sofia: Não.

Fabrícia: E por iniciativa sua, você procurou alguma capacitação de forma individual, que não tenha sido ofertada por eles?

Sofia: Assim, não, por exemplo, capacitações, assim... essas questões assim, não. Vou te falar bem sincera que não. Falo isso porque no meu consultório eu trabalho muito com autista, com Down, né? E trabalho muito com terceira idade em outros asilos, então eu tenho áreas distintas de atuação. E, como esse grupo é uma vez só por semana, uma hora, tu acaba dando prioridade também pra aquelas que atua com mais amplitude, vou falar assim. Mas, assim, claro que quando eu vou aos congressos de musicoterapia, eu sempre procuro estar atenta a quem está trabalhando nessa área, até pra ver, assim... eu converso muito, tem o Alberto que trabalha em Caxias, aqui. Então até agora a gente teve que falar de musicoterapia, até hoje a gente estava falando. E ele tem outra... acho que ele seria uma pessoa melhor pra você poder entrevistar, porque o Alberto tem justamente um posto que eu. Ele tem reuniões de equipe semanais.

Fabrícia: O Alberto trabalha em qual...?

Sofia: Ele trabalha em CASE. E ele tem que fazer relatórios, ele tem equipes semanais e ele está fazendo um trabalho bacana também com as equipes das UBSs, né? Das Unidades Básicas de Saúde. Ele está fazendo um trabalho com as equipes.

Fabrícia: E aqui no caso, a gente também perguntaria como que foi essa inserção. Você me falou um pouco que primeiro foi feito o projeto incluindo musicoterapeuta, mas ainda não sabiam do trabalho que você estava realizando, e depois eles conseguiram te localizar e encaixar na equipe. Mas como que foi esse processo mesmo? Essa questão burocrática, como que foi tua inserção no campo?

Sofia: Nesse sentido ela foi bem tranquila, Fabrícia. Ela me pediu o diploma, a cópia de que eu estava associada na questão da... da carteirinha da associação que estava em dia, né? Então essas questões mais burocráticas, assim. E ela me falou: “Olha...”. Eu lembro que ela brincou muito: “S., você sabe que a prefeitura paga, mas demora pra pagar. Às vezes você vai receber três meses depois...”. Então ela é uma pessoa bem atuante na prefeitura e sabia a realidade também e te deixava a par da situação, né? E então eu comecei a trabalhar com os idosos, para os idosos, principalmente. Eles também não sabiam o que era a musicoterapia. Então “Ah, eu vou aprender a tocar violão!”, “Não, você não vai aprender a tocar violão, não”. Então também, assim, de explicar pra aquele grupo o que era a proposta... Então, e tem gente que está conosco até hoje, assim, estamos indo pro sexto ano e tem gente que foi daquele primeiro grupo de formação que ainda está...

Fabrícia: Permanece naquele grupo.

Sofia: É.

Fabrícia: E aí, de imediato, você começou a trabalhar com o grupo ou teve alguma observação?

Sofia: Não, porque eles têm diversas oficinas dentro desse projeto. O projeto se chama Conviver. Então tem pilates, tem artesanato, tem ginástica, tem teatro, tem várias outras coisas e tem oficina de musicoterapia. Tinha oficina de canto-coral. Então eles te diziam: “Se você quer cantar, por exemplo, então você tem que ir pra oficina de canto. Porque a gente vai trabalhar com a...”.

Fabrícia: Essa oficina de canto-coral, quem que oferecia?

Sofia: Ela era feita por uma estudante de musicoterapia. Mas ela realmente só fazia coro. Não era coro terapêutico, não era... assim, só realmente o canto-coral. Eles se apresentavam, cantavam...

Fabrícia: Você fazia alguma supervisão dessa aluna?

Sofia: Não, porque ela não foi contratada como estagiária de musicoterapia.

Fabrícia: Ela já foi contratada como profissional?

Sofia: Não, ela foi contratada como profissional da música pra fazer esse trabalho de canto-coral. Ela não foi identificada como musicoterapeuta porque ela estava ainda em formação. Então ela falava: “Eu não sou musicoterapeuta e também não estou fazendo estágio. Eu estou fazendo o meu trabalho de música, né?”.

Fabrícia: De canto-coral. Então ela deixou essa parte bem especificada.

Sofia: Bem explicada.

Fabrícia: Então, assim, essas questões mesmo de saber como foi a tua inserção, como é o vínculo, sobre o nível mesmo. Isso vai ser muito importante, pra gente poder observar como está ocorrendo nos demais cantos do Brasil, e eu acho assim, que a gente conseguiu pegar bastante informações. Agora, sobre a sua atuação mesmo como musicoterapeuta. Quais são os espaços que ocorrem os serviços de musicoterapia?

Sofia: Nesse projeto, então, é uma sala dentro do CRAS Central, nesse momento. A primeira vez que nós começamos, era feito num galpão ao lado do Ginásio Municipal. Esse era o espaço que nós tínhamos, né? Então, não só pra musicoterapia mas pra vários outros. Depois nós fomos pro Prato Popular, eu não sei se vocês têm isso aí.

Fabrícia: É um restaurante?

Sofia: Isso.

Fabrícia: Ah, sim.

Sofia: Porque o espaço era alugado pela prefeitura em uma parceria com a GERDAL, que é uma empresa privada, né? Então nós tínhamos aquele espaço pra podermos realizar as sessões. Isso foi até o ano passado.

Fabrícia: Mas ainda funcionava os serviços de refeição?

Sofia: Sim, só que nossos atendimentos são cedo, de manhã. São às terças-feiras das 08:30 às 09:30.

Fabrícia: E como que você fazia pra adaptar o espaço?

Sofia: Era bem tranquilo, porque bem na entrada do local, Fabrícia, tem estantes com livros e tem poltrona, é tipo uma sala de espera, vamos falar assim. Aí atrás ficavam as mesas, e bem lá no fundo o grupo. Então, na verdade, eles abriam pra gente poder entrar enquanto eles estavam organizando, na verdade, já o almoço, né? As portas do almoço só eram abertas a partir das 11:00.

Fabrícia: Aí o serviço já tinha encerrado.

Sofia: E aí nós já tínhamos encerrado, porque era até as 09:30. Então isso era bem tranquilo, assim. E esse ano então que nós fomos pro CRAS Central, numa sala no CASE. Isso também vai modificando muito, assim, as outras oficinas também. Uma hora tem aqui, outra hora... Que é por causa dos aluguéis também, né?

Fabília: Os espaços são diversos, né? E nessa sala agora do CRAS Central, o que você tem lá oferecido?

Sofia: Eu levo tudo, tá, Fabília? Quer dizer, o que a gente tem são as cadeiras. É uma sala também que o pessoal... Por exemplo, tem três máquinas de costura ao fundo, que é o local também onde o pessoal do artesanato faz. Então, eu levo violão, eu levo instrumentos, eu levo paraquedas, eu levo tudo que é material meu eu levo...

Fabília: Tudo que é material seu.

Sofia: É, e não deixo nada lá, porque, como eu trabalho em outros lares de idosos também, eu também carrego pra cá.

Fabília: E esse trabalho nos lares de idosos, é também extensão desse trabalho do CRAS?

Sofia: Não, não. Isso são atendimentos de instituições privadas. Não tem nada a ver com a prefeitura, não.

Fabília: É só questão mesmo da utilização do material e dos espaços também. E quais são as ações que você desenvolve como musicoterapeuta?

Sofia: Então, assim, Fabília, a gente tem uma sessão por semana, de uma hora. O que que eu procuro trabalhar? Assim, por exemplo, com um grupo de idosos. A questão maior que eles trouxeram, que eles estavam procurando convivência.

[Telefone toca]

Sofia: Pode atender, Fabília.

Fabília: Só um minuto. Desculpa.

[Ligação telefônica]

Fabília: Desculpa, eu nunca imaginava...

Sofia: O telefone também pode acontecer...

Fabília: Nossa, é muito difícil tocar meu telefone. Então, tanto que assim, eu organizei e não prestei atenção nele. Deixei ele lá. Porque eu falei: “Nunca toca!”.

[Risos]

Sofia: O meu também pode tocar, então...

Fabília: Tudo bem então.

Sofia: É... a grande queixa deles era a questão de solidão. Porque é um grupo, assim, eles vêm de bicicleta, eles vêm a pé, vêm de ônibus ou vêm de carro, né? Então é diferente, por exemplo, da realidade que eu tenho nos lares, que a maioria das pessoas são cadeirantes, já não têm mais uma mobilidade pra vir, né? Então, a queixa deles é que eles estavam se sentindo muito solitários. Em casos que eles não tinham mais convivência, né? Por isso que o projeto se chama também Conviver, né? Num todo, assim. E então eu comecei a trabalhar, porque eles moravam numa mesma cidade mas muitos não se conheciam, assim, muita gente que veio do interior, de outras cidades em busca de oportunidade de trabalho, de outras coisas. Então no primeiro momento eu comecei a trabalhar com essas histórias.

Fabília: Histórias de vida.

Sofia: Isso. A gente começou a trabalhar, por exemplo, eu pedia pra eles trazerem fotos da mocidade deles. Então muita gente, por exemplo, que não pegou numa boneca, pegou numa enxada primeiro. Só que não tinha brincadeira. Brincadeira era trabalhar na roça pra ajudar pai e mãe, né? Então a gente fez, por exemplo, uma mesa cheia de fotos. A gente começou a olhar, e cada um contava a sua história, e aí nós fizemos uma paródia sobre a mocidade deles. Eu fui trabalhando muito com paródias com eles pra poder dar uma... criar uma história

do papel, vamos falar de coisas que eles foram fazendo e ir tentando constituir um grupo, né? Assim, cada um com a sua história, mas qual vai ser a história desse grupo aqui? Então a gente começou a fazer paródias com eles a partir dessas demandas que foram surgindo também. Então, por exemplo, lá pras tantas tinha aniversário do município. “Ai, a gente podia fazer uma música sobre o município.”.

Fabrícia: Envolvendo questões dessa cidade, né?

Sofia: Isso. Ai a gente começou a ver, assim: “O que vocês acham que funciona bem nessa cidade, o que deixa a desejar, o que a gente poderia fazer aí?”. Então na música a gente falou dessas questões de cidadania também. Assim, o que está funcionando, o que não. Ai a gente foi construindo muitas, assim, muitas paródias mais. Não é todo dia que faço ou uma vez por mês. Demora, assim, um tempo até que a gente encontre algum tema, e a gente vai fazendo uma paródia, né? Então, muitos exercícios, muitas atividades que eu faço de memória, mesmo. Que, assim, é a demanda da questão da terceira idade, né? Envolvendo movimentação corporal, porque também é outra coisa. Eles ficam muito sedentários, sentados, então atividades musicais envolvendo essa movimentação. Também muitas atividades envolvendo nomes, porque eles também têm uma dificuldade, assim, de decorar o nome um do outro. Então eles convivem: “Ah, a fulana não veio”. Você diz: “Que fulana?”. Então a gente elabora atividades pra gente começar a trabalhar: “Não, olha, tem nome”. Assim, então, trabalhando nessas questões assim. De convivência... então esses são os focos, né? E coisas interessantes, assim, Fabrícia, não... Eu tenho muita resistência a fazer apresentações enquanto musicoterapeuta.

Fabrícia: Apresentações externas.

Sofia: Isso. Por isso que eu falo “Olha gente, a gente precisa cantar”.

Fabrícia: Externas e internas, né? Porque tem aquelas apresentações dentro das atividades internas do CRAS, e tem aquelas que fazem externas. As duas você tem dificuldade?

Sofia: É. Na verdade, assim, mais com essas externas. Assim, uma demanda “Ai, a gente precisa se apresentar”. E... aí eu sei que, claro, quando eu tinha atividade, por exemplo, sei lá, que a gente tenha... Semana Farroupilha, que é a semana dos gaúchos, né? Então tem o piquete, tal e tal. Então cada grupo, eles se reúnem, daí eles querem: “Ah, vamos apresentar alguma coisa.”, “Está bom, vamos.”. Sempre quando é uma demanda deles, nesse sentido assim: se eles têm necessidade de fazer isso, a gente vai no encontro. O que eu te falo é... dificuldade assim, não é minha proposta com que eles vão ficar achando vários lugares pra se apresentar, né? Assim, nesse sentido que eu estava te falando. E foi interessante que em dois mil e... vou chutar 2011, eu não tenho certeza agora, a gente acabou gravando o CD com as paródias. Na época eu ainda era professora na faculdade, então eu levei eles pro estúdio, foi um momento muito bacana pra eles e tudo mais. Então a gente gravou as músicas, as paródias, especificamente, né? E aí depois a gente fez um cdzinho pra cada um pra cada um poder ter no grupo. Tem a foto do grupo na frente e tal.

Fabrícia: Foi só para o grupo mesmo.

Sofia: Isso. E a gente fez algumas apresentações como tinha dentro desse projeto maior, né? Então “Ah a gente vai no final do ano fazer uma apresentação pros demais idosos.” Porque daí a gente explicava um pouco: “Olha, essa música foi feita a partir da história deles.”. Porque daí eu tinha espaço pra poder explicar qual o significado...

Fabrícia: O contexto, né?

Sofia: E eu ia te colocar uma outra coisa... Ah, no ano passado eles começaram assim: “Ah, a gente tinha que se apresentar.”. E eu falei... a gente começou a conversar e aí surgiu a ideia da gente cantar em asilos. Porque eles tiveram essa necessidade, que já era uma forma deles também verem os lugares, né? Mas poder entrar em contato com essas pessoas que não poderiam estar vindo para o grupo. E aí a gente começou a fazer isso. E aí foi muito interessante, porque eu trabalho em lares aqui em São Leopoldo, que é uma cidade vizinha. E eu falei: “Olha, eu posso ver uma autorização pra levar vocês lá.”. Só que são lares particulares. E aí eles falaram assim: “Huum, S. eu acho que a gente até pode ir lá, mas a gente tem que ir nos lares aonde eles são mais carentes e na nossa cidade.”.

Fabrícia: Fizeram essa diferenciação sobre... vamos dizer bem econômica mesmo, né?

Sofia: É. E necessidade, assim, do tipo: “Ah, aqueles lá têm recursos pra fazer coral, fazer isso, fazer aquilo lá e

esses daqui estão abandonados e não têm nada.” Então a gente começou a fazer isso. A gente chegou a ir a três lares, só que ao mesmo tempo teve uma reação muito forte deles. Muitos choraram no final de ver... porque a gente foi em asilos, assim, bem precários.

Fabília: Bem precários.

Sofia: Então a gente voltou pro grupo, fez uma discussão sobre essas questões. “Ah, e se a gente um dia tiver nessa situação?”. Então existem apresentações, mas sempre nesse intuito. Quer dizer, assim: “Por que a gente está indo lá...”.

Fabília: E isso no caso partiu deles.

Sofia: É sempre um discussão em conjunto, eu não decido nada sozinha. Posso até levar propostas Fabília, mas a gente sempre vai estar discutindo com eles qual o interesse deles.

Fabília: Mas esta apresentação externa específica foram eles que te apresentaram esta necessidade, deles saírem?

Sofia: Sim

Fabília: E pelo que você está descrevendo são idosos os que participam.

Sofia: Ahan.

Fabília: De toda a sua trajetória você sempre trabalhou com idosos, teve família também...

Sofia: Isso, nesse outro grupo em 2010 foi num bairro mais perigoso da cidade, vamos falar assim. Eu ia inclusive escoltada e com o carro da prefeitura e era feito na Associação de moradores. Que na verdade era a casa de uma pessoa, um bar com mesa de sinuca e tudo. Ele fechava o bar para a gente poder fazer a sessão e depois ele abria o bar de novo. Ali foi um outro trabalho que era trabalho com as família e tinha até um outro nome que era “Emancipa Colina” Colina era o nome do bairro. Que era justamente assim, porque muitos moravam na linha do trem e para eles poderem construir o trem essas casinhas que eram de invasão tiveram que ser retiradas dali e eles construíram estas casinhas neste bairro e eles foram deslocados para lá. Tinha e ainda tem muita violência, muita droga e aí muita gente de cada lado e não tinha formação de grupo, de bairro, de consciência de comunidade então o meu trabalho ali foi diferente, foi trabalhar também de novo a identidade de cada um, mas tentando formar uma identidade desta comunidade.

Fabília: E neste momento participavam todos que queriam participar ou tinha um público específico, só os pais, só crianças, adolescentes, todos juntos?

Sofia: Era aberto porque era para as famílias, mas como era durante o dia também Fabília tinha só o dono da casa que era homem, porque os outros estavam trabalhando. A maioria eram mulheres com crianças.

Fabília: Qual o horário que funcionava?

Sofia: Era de manhã também e era bem cedo porque depois elas tinham que preparar almoço, levar as crianças para a escola. Isso tudo era a assistente social que já preparava “Olha S. nós vamos fazer este horário porque é o melhor para elas”. Não era que eu organizava, era a assistente social que já estava fazendo um trabalho anterior a este.

Fabília: Esta autonomia de organizar os grupos você que faz ou é a assistente social, no caso a técnica, que faz e já te encaminha?

Sofia: A assistente social que já tinha uma fala porque ela ia de casa em casa, falando da propostas.

Fabília: Fazendo visita.

Sofia: E aí dizendo “Olha vai ter oficina tal” porque tinham diversas oficinas também, então eles podiam optar onde eles queriam participar e faziam a inscrição. Então quando eu chegava eu não ia de casa em casa convidar, esse trabalho era feitos pela assistente social. Da mesma forma era com o grupo da terceira idade e até hoje está

aberta as inscrições. Eles podem fazer as inscrições no próprio CRAS.

Fabrícia: Eles mostram para eles quais as oficinas que funcionam e cada um escolhe.

Sofia: Isso!

Fabrícia: É uma procura espontânea do usuário que encaminha pra oficina e dentre os instrumentos que vocês utiliza para as tuas ações, quais são? Instrumentos e outros recursos também.

Sofia: Você fala de instrumentos musicais?

Fabrícia: musicais...

Sofia: Eu levo violão para que eu possa tocar e no grupo a gente tem um gaiteiro, que inclusive ele é músico e compositor então ele me acompanha com a gaita. Eu levo instrumentos de percussão, mas não é toda semana que eu levo. Tem dias que a gente vai trabalhar só com a voz e com movimentação corporal. Tem dia que eu trabalho com instrumentos. Eu tenho aquele paraquedas não sei se você já viu, aquele que é colorido e tem alças de sustentação.

Fabrícia: Mais ou menos. Ele é tipo um colcha grande de retalhos?

Sofia: Isso.

Fabrícia: Mas o nome dele é paraquedas?

Sofia: Isso só que ele é circular.

Fabrícia: sim.

Sofia: Daí ele tem garras e você pode trabalhar movimentação para cima. Eu trabalho também com bolinhas. Então a bolinha, tem um furo no meio do paraquedas e você não pode deixar a bolinha cair ali e nem saltar por fora. Então eles tem fazer um trabalho de equipe, de movimentação, de coordenação e eles dizem “não puxa tanto”, “solta um pouco mais para cá”. Nisso a gente também tem que cantar uma música junto porque aí você vai trabalhando áreas distintas, eu tenho que cantar, eu tenho que cuidar para a bolinha não cair.

Fabrícia: E o movimento sincronizado né?

Sofia: Isso. Também tem outras, tem várias outras atividades então a gente ergue e cada um está com uma cor e eu falo “agora os amarelos vão trocar de lugar” então enquanto o paraquedas está lá em cima eles tem que passar por baixo e achar outro lugar do amarelo por exemplo. Lateralidade, espacialidade, estas coisas que para eles o motor é devagar. Tudo vira uma festa e uma alegria só para eles.

Fabrícia: Imagino.

Sofia: Eu trabalho muito com questão corporais também. Brincadeiras que a gente fazia de infância de adoleta, mãos sobrepostas, então a gente vai cantando uma música tem que ir batendo a mão e aí o colega vai batendo a mão e assim por diante. Porque essa motricidade, essa coordenação eles também vão perdendo. Quando eu mecho “agora mão direita vai por baixo do colega da esquerda” daí eles querem bater de novo com a outra “não tem que ser com a outra”.

Fabrícia: Então o corpo também é um instrumento que você utiliza bastante.

Sofia: As paródias que eu já tinha te dito isto, atividades de movimentação corporal que daí eles tem que dar um abraço no outro e essa troca de afetividade também e a gente canta alguma canções também que são de escolha do grupo. Muita música gauchesca que é o que eles usam muito, marchinha de carnaval que isso é Brasil a fora.

Fabrícia: Aparelho de som você utiliza?

Sofia: Muito raro Fabrícia.

Fabrícia: Lá na comunidade, quando você ia você levava instrumentos também?

Sofia: Levava.

Fabrícia: Eram os mesmo? Violão e percussão?

Sofia: Eram os mesmos, na época eu não tinha paraquedas. Então eu não trabalhava com ele não. Barbante para fazer algumas outras atividades. Deste tipos de materiais, mas musical o violão

Fabrícia: E instrumento de percussão. E assim de recursos o barbante e?

Sofia: Atividades também de memória, eu canto uma canção “Era uma casa muito engraçada, não tinha teto não tinha nada” e aí eu seguro a minha parte do barbante e passo o barbante para outra pessoa. Então essa pessoa tem que achar outra música que tenha a palavra “nada” que foi a última palavra que eu terminei de cantar. Atividade de memória e aí no final eu aproveito para falar na questão das relações porque o barbante vai estar estendido em forma de teia de aranha e aí no final a gente tem rolar e aonde a gente vai parar, na pessoa antes passou a música pra gente daí a gente fala “fala uma palavra boa”, “dá um abraço nesta pessoa”. Já aproveita para fazer o retorno com outra interação. Faço muitas atividades de outro tipo de memória, por exemplo, eu canto só a melodia e eles tem adivinha qual é a música só no Lá, lá, lá ou as vezes eu tenho uma caixa cheia de palavras eles tiram uma palavra e ele tem que lembra de alguma música a partir daquela palavra. Sistemas diferentes de memorização.

Fabrícia: Você contando sobre as suas ações, além do gaitero tem algum outro profissional da equipe que participa com você?

Sofia: Tem mais duas senhoras, uma que traz pandeiro e a outra que traz meia lua. Porque elas tem grupos nos bairros que se reúnem pra fazer roda de samba. Eles nunca tiveram aula de música, mas de tanto elas irem escutando aprenderam a fazer ritmo. Do jeitinho delas. Então elas fazem questão de trazer e é muito engraçado por que elas não podem sentar em outro lugar da roda, fazem questão de sentar do meu lado, como se fosse formação musical. Aqui está a ala dos música e lá a ala dos demais.

Fabrícia: [risos] Ocorre esta divisão meio que “natural”.

Sofia: Então sempre vem, a hora que a gente vai cantar alguma canção elas pegam lá e vão acompanhando.

Fabrícia: Da equipe do CRAS tem alguém que participa?

Sofia: Ninguém participa. Quando era esse trabalho no bairro que eu te falei com as famílias a assistente social ficava a sessão inteira. Fazia as atividades com a gente, participava e aquilo que te falei, no início dos trabalhos com os idosos que era aquela outra equipe de assistência social sempre tinha alguém junto ou era estagiário de assistência social, ou era estagiário de psicologia. Sempre tinha alguém que acompanhava o grupo até mesmo para dar recados “olha tem passar lá para assinar”, “tem que passar na secretaria pra pegar”, “vai ter passeio dia tal”, então era alguém que dava informações neste sentido e depois que trocou não veio mais ninguém.

Fabrícia: Agora nesta nova reformulação do projeto?

Sofia: Não.

Fabrícia: Em 2014 que reformulou o projeto, aí depois disto nenhum profissional da equipe participou?

Sofia: Não

Fabrícia: Além desta atividade você com eles de alguma outra atividade de equipe? Equipe profissionais.

Sofia: Da secretaria tu falas?

Fabrícia: Sim. Do CRAS.

Sofia: É bem difícil Fabrícia. Quando tem alguma atividade, por exemplo, final do ano daí vai ter atividade encerramento e tem apresentação de vários. Tem café, tem um baile depois então neste momento a gente está junto. Eu já fiz tentativas, por exemplo, sempre no início do ano eu sento com a secretária pra a gente alinhar,

tipo olha “vai continuar sendo neste dia, neste horário”. É sempre uma “não este ano a gente vai estar te acompanhando mais”.

Fabrícia: A secretária que você fala é a secretária de assistência social?

Sofia: secretária, ahan.

Fabrícia: Do CRAS mesmo, a coordenação?

Sofia: Não, ninguém, nem sei te dizer quem é Fabrícia.

Fabrícia: Sua comunicação é direta com a secretária?

Sofia: Com a secretária.

Fabrícia: Da equipe do CRAS?

Sofia: Não. Teve um pessoa que como a gente começou esse ano ali, teve um rapaz que me deu as boas vinda e “Olha S. a sala vai estar a sua disposição, se você quiser ligar o ar condicionado está com as meninas aqui o controle. Alguma coisa que você precisar estamos aqui”. Nunca mais vi ele, foi no primeiro dia que eu o vi e nunca mais.

Fabrícia: Então além da tua atividade que você uma vez por semana lá no CRAS não tem nenhuma outra atividade que você participa com a equipe?

Sofia: Infelizmente não.

Fabrícia: Antes que eram os profissionais que estavam contigo nas atividade? Eram os estagiário de psicologia, de...

Sofia: assistência social ou mesmo as psicólogas e as assistentes sociais do projeto e da secretaria.

Fabrícia: Só estes dois. Estas duas categorias a gente pode dizer. Psicologia e Assistência Social. Como que você, que está nesta área a um tempo, já passou por atividade com família e agora está com idoso. Como que você descreveria as habilidades necessárias para o musicoterapeuta para atuar nesta área?

Sofia: Acho que tem uma pessoa, tem que ter uma afetividade principalmente com os idosos porque são pessoas bem carentes de relações, tem que ser uma pessoa que tem uma cabeça bem aberta porque você lida com muitos conflitos, desde assim a Lei Marinha da Penha, “meu filho é drogado”, fazem umas três semanas que veio um filho de uma senhora, esse deve ter quase quarenta ano e sofre de epilepsia, deficiência mental e ela não tinha com quem deixar e ele ficaram ali juntos. Você tem que ter a cabeça aberta neste sentido porque você vai lidar com muitas situações da sociedade, mas que aquela camada, um lado da sociedade que não está dentro das nossas relações vamos falar assim. Que a gente ouve falar e não vivencia em nosso dia-a-dia. Então você tem estar sem preconceitos, você não pode “[suspiro] Ela tem um filho drogado!”, ela e meio mundo. “Ela apanha!” Sim... “Ela apanha”. É a realidade que ele tem. Às vezes é friozão e ele estão vindo só com uma blusinha porque ele não tem o que botar. São pessoas que tem uma renda bem precária pra manutenção deles. Tem que ser uma pessoa disposta a trabalhar com grupo e com grupo que vai ser refazendo a cada semana.

Fabrícia: Um grupo aberto.

Sofia: Porque você não tem essa história de “A agora tá, agora fechou o grupo e vamos...”. Esquece isso não existe. Então o seu trabalho também vai ser modificado a medida que esse grupo for modificado. Porque se antes vocês fazia “assim” agora você vai ter que fazer “assado” porque o grupo já é diferente. Então você tem estar aberto também para ir modificando a proposta de trabalho. Acho que isso é todo o musicoterapeuta. O repertório modifica muito, mesmo dentro do grupo tem gente que gosta de sertanejo e tem gente que não gosta, gente que quer música gospel e gente que quer música gauchesca, gente que quer marchinha de carnaval. Então é lidar com heterogeneidade musical do grupo. Tem que ser uma pessoa aprender a tirar eles um pouco deste buraco, nem que seja por aqueles minutinhos, as vezes você tem que ser um pouco palhaço e fazer alguma coisa mais divertida para que eles possam respirar um pouco porque tem pessoas que tem muita depressão e não vai no psicóloga, que toda a assistência ofertada e que o médico diz pelo menos tem a Musicoterapia.

Fabília: E ali é um espaço onde ele vai poder resolver estas questões também.

Sofia: Às vezes nem vai conseguir resolver Fabília. Tem coisas que são muito sérias e não são só da nossa ordem, mas as vezes é um momento que eles possam respirar um pouco e para poder de novo enfrentar a realidade que vai estar esperando eles lá fora. Eu tenho, por exemplo, uma senhora que tem muita depressão ela ficou mês sem vir porque o marido tinha trancado ela com cadeado dentro do quarto. Então ela não tinha como vir. São várias situações que encaminhava ela para o setor jurídico, para assistência psicológica. Não podia colocar o marido na Lei Maria da Penha porque ele é idoso daí se ela saísse de casa era abandono do lar e ela perderia o direito da casinha dela. Ela não podia colocar ele pra fora porque ele é idoso então tem estas questões legais que tu tentar arrumar por um lado, mas que o outro lado proíbe.

Fabília: O musicoterapeuta também está neste meio né?

Sofia: Sim!

Fabília: É um conflito que a gente acaba está neste meio também.

Sofia: Ele vem pedir a tua ajuda né. Não é que eles vem te pedir “S. me ajuda”, mas ele dizem “ah eu não vim porque meu marido me trancou, ficou me batendo e não me dava comida”. Daí tu pergunta “você já foi no setor jurídico?” Ela responde “Já, mas ela me disse isto” daí tu fica com a cara de que... E gora? Tem coisas que fogem da alçada da gente, mas eu entendo que não é “tu não tem nada o que fazer”, tu tem muito o que fazer. Tu tem que dar este momento em que ela possa rir um pouco e ela mesmo diz assim “Ah pelo menos aqui eu posso rir”.

Fabília: É uma acolhida.

Sofia: É. Mesmo que possa parecer pequeno para ela vai ser muito importante para retornar para o local dela.

Fabília: E da habilidade musicais o que você acha que o musicoterapeuta precisa? Além de ter esta flexibilidade com o repertório como você falou, que muda muito.

Sofia: E a gente tem hoje em dia, apesar que esse gaiteiro é músico, ele já gravou CDs e então a gente não está falando de alguém que não sabe tocar música. Então sim! A gente tem que saber de música porque não é assim que ele vai para o grupo e não vai ter alguém que saiba de música. Muitas vezes a gente vai encontrar alguém que sabe muito de música

Fabília: E precisa ter este domínio também.

Sofia: A gente vai ter fazer música no mesmo nível destas pessoas também. Habilidade vocal sem dúvida nenhuma, nestes trabalho com grupo a voz é muito usada, o violão... para mim o instrumento principal é a flauta transversa na verdade, mas eu nunca usei ela porque como é que você vai cantar e tocar. Você vai tocar e deixar eles cantarem? Não vão cantar ou você puxa ou eles não cantam. Então a voz acha que tem se usada e o violão como um apoio harmônico para fazer um trabalho de voz neste sentido.

Fabília: O gaiteiro ficaria no caso como co-terapeuta?

Sofia: Não! Eu considero ele bem como paciente, porque ele chegou ali assim “Tu vai me ensinar a tocar violão?” falei “Não, não vou te ensinar a tocar violão”.

Fabília: O gaiteiro, então ele é usuário também do serviço?

Sofia: Sim! Sim... E ele tem uma personalidade muito rígida. Tem algumas coisas que o grupo no início se irritava com ele porque ele não conseguiu falar se não tivesse um pinga de conversa. Daí os idosos já começavam a fazer assim [expressão facial de rejeição] “isso aí não vai dar certo”. Eu também tive todo um trabalho de aceitação, de mudança porque quando a gente começava a fazer as paródias pra ele era importantíssimo a finalização em “r, porque aqui tem de terminar em r”.

Fabília: A estrutura musical ele também...

Sofia: Tinha que ser daquele jeito. Eu falei “não tem que ser daquele jeito. Aqui não”. Porque se não Fabília os

outros iriam ficar na chinela entendeu?

Fabrícia: É aquela questão da relação grupal.

Sofia: Isso, daí eu queria colher a frase que eles faziam e falava “legal...” e ele dizia “não pode essa frase aí” então o que ele fazia, ele ia pra casa e trazia a música pronta. Porque as gente falava nas músicas sobre a mocidade, a gente tem duas músicas sobre a mocidade. Um que ele fez sozinho em casa e uma que eu construí com o grupo. Então eu nem dizia o tema que a gente fazer porque eu sabia que ele iria trazer ela prontinha. Então ele com certeza é um paciente.

Fabrícia: Ele participa, ele te dá este suporte e enquanto grupo ele faz como os outros usuários também. É são muitas habilidades que o musicoterapeuta precisa dentro de uma área que é nova.

Sofia: Lidar com o grupo é uma habilidade importante. Fazer com que aquele que fala demais, saiba escutar um pouco mais, aquele não se pronuncia

Fabrícia: Como mediador...

Sofia: É... Aqui a gente tem uma senhora fumante, muito fumante e ela sempre entrou bem quietinha e aí em uma destas atividades que cada uma tinha que escolher uma palavra e cantar uma música, veio uma voz mais um voz Fabrícia que tu não faz ideia. Pensei, “mas isso não pode ser voz de fumante gente, impossível!”. Uma voz suave e fina, assim como uma voz de criança e os idosos diziam assim “Você está escutando esta voz?” eu falei “Tô”.

Fabrícia: Que descoberta...

Sofia: Daí ele diziam “É preciso deixar essa senhora cantar mais vezes”, mas ela cantava [voz sussurrando] bem baixinho. Então estar descobertas, estas coisas de lidar com o grupo, de ajudar a se tornar, porque assim reuni gente não significa grupo né Fabrícia. Você tem um bando de gente, você não tem um grupo. Um grupo não se forma, se constrói, então essa habilidade ajudar a formar um grupo de construiu um grupo também é importante. Estou falando, falando, falando...

Fabrícia: [risos] Eu estou te ouvindo e com certeza é muito rico poder te ouvir. Ouvir de toda esta experiência que com certeza é muito diferente ver a tua experiência do Rio Grande do Sul, depois eu tenho a experiência da Bahia, daí vem outro com a experiência de São Paulo. Cada um vai uma realidade que embora seja o mesmo contexto social, onde envolva várias pessoas com vulnerabilidade, mas a atuação e a dinâmica do profissional é diferente. Se você fosse colocar os objetivos da Musicoterapia na área social quais os objetivos que você colocaria?

Sofia: Neste grupo especificamente eu diria que o primeiro objetivo que eles colocam que é sair deste isolamento e procurar a convivência. Quando eu pergunto para eles porque vocês estão e o que vocês estão buscando, a primeira coisa que ele falam é como uma paródia que ele colocaram a seguinte frase “Tão solitário eu me encontrava, sentindo saudades das amizades. Fui procurar um incentivo para conviver na Musicoterapia”. Eu diria que o número um para este grupo é isto sair do seu isolamento de casa e poder conviver de novo com pessoas da geração deles. Segundo como são idoso eu procuro trabalhar muito a questão de exercícios de memória, envolvendo esta questão cerebral. Terceiro e te diria que são corporal porque eu procuro bater muito nesta tecla com eles por causa do sedentarismo. Talvez neste primeiro desta solidão está envolvido toda a habilidade de lidar de novo com o grupo que são as relações, como estabelecer relações, como ser ouvida e também escutar, então esta troca de convivência a grosso modo eu te diria que são estes três ou quatro.

Fabrícia: Você conseguiria dentro desta área de atuação, estabelecer alguma afinidade da Musicoterapia na Assistência Social com a Musicoterapia Contemporânea?

Sofia: Sim!

Fabrícia: Quais afinidades?

Sofia: Naquele primeiro trabalho que eu fiz ali nas comunidades que envolviam as famílias, para mim ele era muito comunitário, porque eu tenho até um artigo que está na Revista Brasileira de Musicoterapia sobre este trabalho nestas comunidades. Foi muito interessante porque isto, a gente também fazia paródia sobre a vinda

deles, o que ele queria para aquele bairro e aí foi muito interessante que a gente tinha terminado de fazer uma música com o que funcionava naquele bairro e o que tinha de melhorar e aí disseram “Pena que o prefeito não pode escutar isto”. Na semana seguinte a assistente social falou “Ah vai ter uma festa junina na escola” daí eles “a gente poderia apresentar. A gente poderia apresentar esta música”. Eu fiquei bem preocupada porque eles falavam sobre as drogas e vai uma traficante está e escutar isto? Discutimos tudo isto, mesmo assim eles quiseram apresentar. Eu disse “Tudo bem”. Na semana que era da festa a assistente social falou “o prefeito vai estar lá”. Ah a mulherada se sentiu o máximo e disseram “ótimo ele vai escutar o que precisa ser mudado aqui”. Eu pensei “perdi meu emprego”. Perguntei como ele ouviria aquilo e a gente cantou. Enquanto a gente estava cantando a assessora passou do lado da assistente social e falou “manda parar de cantar”. A gente iria cantar outra música e vieram “a S. é pra parar” e eu disse “não vou terminar a música”. Eu terminei a música, na verdade a próxima era a Oração da Família do Padre Zezinho que eles tinham escolhido pra cantar e encerrou nesta música mesmo. O que aconteceu, eu fui guardando as minhas coisas e o prefeito veio e disse “você poderia me dar a letra dessa música? Porque eu queria trabalhar em cima disto, eu não vi isto”. Depois disse eu pensei gente o que aconteceu aqui? Peguei minhas coisas e ninguém mais veio falar, depois que encerrou fui para a minha e na semana seguinte “bom nem vou ter mais emprego”. Cheguei lá “S. você não sabe o que aconteceu! A patrôla já estava passando nas ruas esta semana”. Elas tinham falando que ele não patrôlavam as ruas e era uma buraqueira só, que era barro vermelho.

Fabrícia: Na paródia tinha algo citado sobre isto?

Sofia: Sobre as ruas que tinha de passar patrôla e vieram as patrôlas passar na rua. Eles estavam “viu que foi a música...Que a gente conseguiu...Gente que...” e eu oi o que está acontecendo? Daí a gente foi discutir, a assistente social estava junto, mas eu também procurei trabalhar o outro lado. Que foi trabalhar “gente vocês já se colocaram no lugar do prefeito? Se você fossem prefeitos como vocês reagiriam? Você foi ali participar de uma festa e assim que chega lá as pessoas estão reclamando que não está funcionando”. Eu acho que isso vocês tem que fazer na prefeitura, chegar lá e dizer “olha nós viemos aqui protocolar um pedido que precisar arrumar isto, lá é lugar de fazer isto, na festa ele não vem para isto. Não é um comício, nem um palanque”. Então eu trabalhei com eles “a ele deve ter ficado envergonhas né S.” Eu falei “eu ficaria”.

Fabrícia: Então além de mediar estas questões sociais do isolamento, os problemas que... teve que mediar esta ação política também.

Sofia: É também porque eu fiz este processo dele também enxergarem o outro lado porque eles de um lado. Eles estavam falando que nada funciona e eu falei “então porque tem aquele tanto de lixo na rua?” “É porque o povo bota”; “Isto é culpa do prefeito?” “Não! Isto é a parte que nós devemos fazer”.

Fabrícia: Direito e deveres poderíamos falar assim.

S: Então para mim foi bem um trabalho de terapia comunitária neste sentido, por mais que o projeto inicial não tenha partido neste intuito, mas eu ia construindo com eles o que eles queriam trabalhar. Digamos que... acho que travou você está me escutando?

Fabrícia: Sim, estou te escutando!

Sofia: Então o que o grupo queria fazer, estas coisas assim “ah como que foi para o prefeito... e como foi para vocês”. Eu sei que depois teve uma história que a assistente social veio me dizer que o prefeito tinha pedido a música para levar pra Brasília, pra falar com alguns deputados se tinha como conseguir grana para poder fazer mais trabalho ali dentro do bairro. Se é papo de político ou não é a gente não sabe, mas foi o que chegou pra gente. Então eu acho que sim o trabalho social tem muita, a própria musicoterapia social e comunitária são muito é muito tênue a diferenciação. Entre a Social e a Comunitária é muito sutil a diferença.

Fabrícia: Percebe-se que são próximas uma da outra. Como definiria a Musicoterapia na Assistência Social?

Sofia: [silêncio] Olha, de novo eu vou te dizer assim, eu vi duas faces Fabrícia porque eu trabalho em CRAS, eu dentro de uma OBS como o pessoal chama de OBS, tem uma outra visão porque trabalha em outro sistema. Então é difícil, vai ser uma fala parcial dentro desta visão onde eu trabalhei. Eu acho que foge muito desta coisa do consultório, porque o consultório tem esta coisa demanda individual e no trabalho social é uma demanda muito mais grupal, comunitária das relações, porque tu não tem tempo para poder entrar nestas demandas individuais de cada um. Então uma das grandes características é isto de você trabalhar com este aspecto do grupo, da sociedade, da comunidade e não adentrar nesta...

Fabrícia: É uma musicoterapia que trabalha mais em grupo, na sociedade e ela não tem como acolher o indivíduo, mas ela acolhe ele enquanto grupo?

Sofia: Enquanto cidadão eu diria também, claro e neste grupo de terceira idade eu consigo ir de encontro com uma demanda que é da faixa etária da terceira idade vamos falar assim. Consigo entrar numa especificidade, mas de novo eu vou trabalhar, por exemplo, aquele que tem depressão, aquele que tem um pouco de Parkinson, eu não vou entrar nestas demandas individuais. Eu consigo especificar um pouco, mas novo fica no âmbito do grupo.

Fabrícia: Agora sim, eu vou te pergunta enquanto musicoterapeuta tem alguma música que define essa sua atuação essa sua vivência?

Sofia: [silêncio] a primeira que vem na minha cabeça, falam que a gente tem que falar a primeira que vem na cabeça. É Maria, Maria do Milton Nascimento. A primeira que veio na cabeça e acho que fala das coisas da garra porque tu vê muito sofrimento e eles não desistem. Eu acho que é um povo que é guerrido, que luta pelo que quer. Me veio na cabeça também isto porque quando houve a troca de gestão, houve uma ameaça de que o grupo findasse e foi algo do próprio grupo bater lá no secretário e “não porque a gente que a S. e não quer outra”, porque todos os outros foram indo embora. “A gente não quer outro musicoterapeuta a gente quer a S. Isso é uma injustiça porque vem o dinheiro para o projeto para o trabalho com os idosos e vocês tem utilizar o dinheiro para o trabalho”. Ele iam lá meter a boca e lutar pelo que era deles de direito. Diria Maria, Maria neste primeiro momento.

Fabrícia: Dentre as perguntas que estávamos prevendo nós já conseguimos contemplas todas. Você teria algo mais para acrescentar? Que pode não ter sido perguntado ou algum ponto que você queria acrescentar.

Sofia: Talvez acho que a única coisa que eu diria para quem trabalha nesta área, isso é geral quando eu converso com A. também, ele também estava num período bom e depois começaram a cortar as coisas dele por causa da gestão. Eu acho que isso é o lado ruim de se trabalhar na área social, esse envolvimento de lado negativo da política. Não é uma política boa no sentido de discutir. Você fica à mercê de gestão que as vezes não entendem e por boicote de alguma atividade acabam boicotando o teu trabalho. Então esse é o lado que te desgasta um pouco, te desmotiva a querer continuar. Eu costumo dizer que eu vou lá mais por eles do que pelo dinheiro. Eu tenho que me deslocar para uma outra cidade, eu vou de carro, levo todo o meu material. Lá as pessoas não te passam as informações, porque acha que você está fazendo um outro trabalho. Não é aquela realidade que você gostaria. Eu acho que você tem de ter vontade de trabalhar com aquele público e é isso. Sabe o que tu faz porque tem esse lado que... Várias vezes eu pensava “este ano e acabou” porque tu está pagando para trabalhar.

Fabrícia: A remuneração e estas questões políticas acabam te desmotivando.

Sofia: Então isto é a única coisa que me desmotiva e eu te diria neste sentido, mas eu acho que a gente aprende muito. É uma área muito interessante.

Fabrícia: Nossa que bom, para mim está sendo muito rico ouvir toda a tua experiência e como que você fala do serviço, de onde que já passou e hoje do serviço que está. Para mim com certeza está sendo muito rico poder ouvir estas falas e alguns relatos de situações que você já passou e poder acrescentar. Te agradeço muito, já agradecei algumas outras vezes por e-mail e vou agradecer novamente pela sua disposição em poder participar. Dedicar esta uma hora para a gente conversar sobre o serviço. Eu espero que agora passando este momento de pesquisa, a gente se encontre outras vezes e possa trocar.

Sofia: Você vai para o Simpósio?

Fabrícia: Vou! Antes eu estou indo para o Iberoamericano lá da Argentina e depois a gente vai para o Rio. Quem sabe e-mail, Facebook tudo a gente acha um jeito de se falar.

Sofia: se você precisar de algo para complementar é só avisar. Porque as vezes na hora de transcrever fica faltando então você avisa.

Fabrícia: Você pode ter certeza, aqui os gravadores estão tudo ok e agora a missão é só transcrever tudo direitinho. Eu posso te consultar para você ver se realmente está fiel ao que você queria falar com relação ao questionamento. Obrigada! Também estou à disposição qualquer coisa que você quiser saber da pesquisa, sobre

o andamento, eu estou à disposição. Obrigada! Boa semana!

Sofia: Ok. Boa semana também! .

ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP/UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social

Pesquisadora: Fabrícia Santos Santana

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 39326414.0.0000.5083

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás – UFG

Patrocinador Principal: Patrocínio Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 926.839

Data da Relatoria: 08/02/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa em nível de mestrado, a ser desenvolvido na EMAC-UFG: A Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social. Pesquisadora responsável: Fabrícia Santos Santana. Encontra-se instruído com os seguintes documentos: Termos de compromisso dos pesquisadores participantes, folha de rosto do CONEP, projeto de pesquisa, informações básicas, projeto de pesquisa, modelos de entrevista e TCLE, certidão de aprovação da Comissão de Pesquisa da Pós-graduação da unidade, cronograma e orçamento.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender o processo de inserção e atuação da Musicoterapia na Política Nacional de Assistência Social.

Objetivo Secundário:- Compreender a Política Nacional de Assistência Social no Brasil;- Investigar conceitos e histórico relacionados à Musicoterapia Social e Comunitária; - Conhecer os processos de inserção e vínculos do musicoterapeuta na Assistência Social;- Identificar os espaços, população e níveis de proteção onde há atuação da Musicoterapia na Assistência Social;- Colaborar com a construção do perfil profissional do musicoterapeuta na contemporaneidade, que inclua a atuação nas políticas públicas e no âmbito da assistência social.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

quanto aos riscos: Os possíveis riscos de constrangimento serão minimizados, pois a pesquisadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG

Continuação do Parecer: 926.839

autora deste estudo buscará de forma qualificada, ética, sigilosa, preservar o anonimato e a privacidade de cada participante. Além disso, visando resguardar sua segurança, a autora desta pesquisa estará em acompanhamento, mediante supervisão técnica, de uma professora orientadora.

Quanto aos benefícios: Quanto aos benefícios, acredita-se que o estudo trará contribuições tanto aos participantes, ao proporcionar um ambiente de acolhimento, escuta e reflexão sobre suas atividades profissionais, quanto ao campo da musicoterapia na Assistência Social através da sistematização e apresentação documental de uma área de atuação do musicoterapeuta que se encontra em construção. Acredita-se também, que este trabalho trará benefício para a comunidade acadêmica e não acadêmica disponibilizando aportes bibliográficos para compreensão sobre a prática da Musicoterapia no âmbito social.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa acontecerá através de entrevistas semiestruturadas direcionada a profissionais musicoterapeutas que atuem na área social. As entrevistas serão realizadas em dias e horários pré- agendados com cada participante, podendo ocorrer de forma presencial ou virtual, sendo estas, gravadas em áudio para uma posterior análise.

Critérios de inclusão: 1. Profissionais musicoterapeutas que atuem na área da Assistência Social; 2. Musicoterapeutas que concordem participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); 3. Musicoterapeutas que tenham idade acima de 21 (vinte e um) anos. 4. Musicoterapeutas com capacidade cognitiva preservada e que tenham condições físicas e/ou emocionais para responder as questões da entrevista. 5. Musicoterapeutas vinculados a uma das Associações Estaduais de Musicoterapia ou que sejam indicados por algum colega para participar da pesquisa.

Número previsto de participantes, profissionais da musicoterapia: 10.

Cronograma prevê início da coleta de dados para 02/03/2014.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE apresentado informa: os objetivos da pesquisa, a forma de participação voluntária respondendo à entrevista agendada em local e horário à critério do participante, e a forma de

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG

Continuação do Parecer: 926.839

minimizar/evitar qualquer risco. Garante o anonimato dos participantes, e ainda oferece a opção de divulgação de dados e identidade em parágrafo específico para isso, garante a possibilidade de se retirar da pesquisa sem qualquer prejuízo. Informa a forma de divulgação dos resultados e tempo de armazenamento dos dados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto encontra-se em conformidade com a Resolução CNS 466/12

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que a Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que a pesquisadora responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS nº. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, prevista para 20/04/2016.

GOIANIA, 26 de Dezembro de 2014

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador)

ANEXO II – LETRAS E PARTITURAS DAS MÚSICAS

Mt. 1 e Mt. 4 - O QUE É, O QUE É

Gonzaguinha

Tom: C

Gm A7 Dm Dm/C
 Eu fico com a pureza das respostas das crianças
Bb7 A7
 É a vida! É bonita e é bonita!

(coro)

D F#7 Bm Bm/A G A7
 Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Em A7
 Cantar, e cantar, e cantar
D
 A beleza de ser um eterno aprendiz
A7 D D7
 Ah, meu Deus! Eu sei
G

Que a vida devia ser bem melhor e será

Gm D B7
 Mas isso não impede que eu repita
Em A7 D A7 (bis)
 É bonita, é bonita e é bonita!

Dm D7 Gm
 E a vida? E a vida o que é, diga lá, meu irmão?
Em5-/7 A7
 Ela é a batida de um coração?
Em5-/7 A7 Dm
 Ela é uma doce ilusão?

A7 Dm Dm7+ Dm7 Gm Gm7+ Gm7
 Mas e a vida? Ela é maravilha ou é sofrimento?
Em5- A
 Ela é alegria ou lamento?
Bb A7 Dm
 O que é? O que é, meu irmão?

C7 C7/Bb F
 Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo
Em5-/7 A7
 É uma gota, é um tempo
Eb D7
 Que nem dá um segundo
Gm Dm
 Há quem fale que é um divino mistério profundo

Bb Bb7 A7
 É o sopro do criador numa atitude repleta de amor
Em5-/7 A7
 Você diz que é luta e prazer
Dm
 Ele diz que a vida é viver

A7
 Ela diz que melhor é morrer
 Am5-/7 **D7**
 Pois amada não é, e o verbo é sofrer
 Gm
 Eu só sei que confio na moça
 Dm
 E na moça eu ponho a força da fé
 Bb7
 Somos nós qu e fazemos a vida
 A7
 Como der, ou puder, ou quiser
 Gm **A7** **Dm** **C7** **F**
 Sempre desejada por mais que esteja errada
 A **A7/C#** **Dm** **Bb** **A7**
 Ninguém quer a morte só saúde e sorte
 Em5-/7 **A7** **Dm** **C7** **F** **D7/F#**
 E a pergunta roda, e a cabeça agita
 Gm **A7** **Dm** **Dm/C**
 Fico com a pureza das respostas das crianças
 Bb7 **A7**
 É a vida! É bonita e é bonita!

(coro)

Mt. 2 - MÚSICA EM PARCERIA COM USUÁRIO

G. Em
 Eu sou um cara que gosta
 Am D7
 De jogar uma bola
 G. Em
 De soltar uma pipa
 Am. D7
 De ir para a escola
 Bm Em
 Mas quando eu te vi
 Am. D7
 Eu me apaixonei
 Bm. Em
 Me senti encantado
 Am. D7
 Por ser seu namorado
 G. Em
 Refrão- Menina bonita
 Am. D7
 Dos olhos castanhos
 G. Em. Am. D7
 Da pele morena, dos dentes brancos
 Bm. Em
 Te mando um recado
 Am. D7
 Não tenho coragem
 G. Em. C. Am. D7
 De chegar em você e ganhar um não

 Você parece que sabe
 Onde me encontrar
 Na feirinha ou na praça
 Ou em qualquer lugar
 Mas o que mais quero
 É ficar com você
 Pra tomar um sorvete
 Não tomar mais porrete
 Refrão repete

Mt. 3 - É PRECISO SABER VIVER

Roberto Carlos

Tom: D

Intro: **D D7+ D7 G Gm D Bm E G A****D**

Quem espera que a vida

D7+

Seja feita de ilusão

D7

Pode até ficar maluco

G

Ou viver na solidão

Gm

É preciso ter cuidado

D Bm

Pra mais tarde não sofrer,

E G A

É preciso saber viver.

D

Toda pedra no caminho

D7+

Você deve retirar

D7

Numa flor que tem espinhos

G

Você pode se arranhar

Gm

Se o bem e o mal existem

D Bm

Você pode escolher,

E G A

É preciso saber viver

G D Bm

É preciso saber viver

G D Bm

É preciso saber viver

G D Bm

É preciso saber viver

E G A

Saber viver

(**D D7+ D7 G Gm D Bm E G A**)

(Refrão)

Mt. 3 - TENTE OUTRA VEZ

Raul Seixas

Tom: G

(intro) **E E7**

A C G D
 Veja, não diga que a canção está perdida.

A
 Tenha fé em Deus, tenha fé na vida.

C G Am G Bm E

Tente outra vez.

A C G D
 Beba (beba), pois a água viva ainda ta na fonte (tente outra vez)

A
 Você tem dois pés para cruzar a ponte.

C G Am G G7
 Nada acabou, não, não, não, oh, oh, oh, oh!

C Bm
 Tente, levante sua mão sedenta e recomece a andar.

C G
 Não pense que a cabeça agüenta se você parar.

D
 Não, não, não, não, não, não

C D
 Há uma voz que canta, há uma voz que dança,

F G D E7
 uma voz que gira (gira) bailando no ar.

A C G D
 Queira (queira), basta ser sincero e desejar profundo.

A
 Você será capaz de sacudir o mundo.

C G Am G
 Vai, tente outra vez.

A C G D
 Tente, (tente) e não diga que a vitória está perdida

D A C G Am G
 Se é de batalhas que se vive a vida, tente outra vez.

Mt. 3 e MT 8 - TOCANDO EM FRENTE

Almir Sater

Tom: C

G **F9**
 Ando devagar porque já tive pressa
C
 E levo esse sorriso, porque já chorei demais
G **F9**
 Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
C **G**
 Só levo a certeza de que muito pouco eu sei, OU nada sei

F9 **Dm** **F9**
 Conhecer as manhas e as manhãs,
Dm **C**
 O sabor das massas e das maçãs,
F9 **Dm** **F9**
 É preciso o amor pra poder pulsar,
Dm **F9**
 é preciso paz pra poder sorrir,
C
 é preciso a chuva para florir.

G **F9**
 Penso que cumprir a vida seja simplesmente
C
 Compreender a marcha, e ir tocando em frente
G **F9**
 Como um velho boiadeiro levando a boiada,
C
 eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou,
G
 estrada eu sou

F9 **Dm** **F9**
 Conhecer as manhas e as manhãs,
Dm **C**
 O sabor das massas e das maçãs,
F9 **Dm** **F9**
 É preciso o amor pra poder pulsar,
Dm **f9**
 é preciso paz pra poder sorrir,
C
 é preciso a chuva para florir.

G **F9**
 Todo mundo ama um dia todo mundo chora,
C
 Um dia a gente chega, no outro vai embora
G **F9**
 Cada um de nós compõe a sua história,
C

E cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,

G

E ser feliz

F9 Dm F9

Conhecer as manhas e as manhãs,

Dm C

O sabor das massas e das maçãs,

F9 Dm F9

É preciso o amor pra poder pulsar,

Dm f9

é preciso paz pra poder sorrir,

C

é preciso a chuva para florir.

G

F9

Ando devagar porque já tive pressa

C

E levo esse sorriso, porque já chorei demais

G

F9

Cada um de nós compõe a sua história,

C

E cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,

G

E ser feliz

Mt. 5 – Força Estranha

Caetano Veloso

Tom: C

Intro: **C Em A7 Dm G7****C**

Eu vi um menino correndo

Em A7

Eu vi o tempo brincando ao redor

Dm

Do caminho daquele menino

B°

E pus os meus pés no riacho

Am

E acho que nunca os tirei

D7/9

O sol ainda brilha na estrada

G7

E eu nunca passei

C Em

Eu vi a mulher preparando outra pessoa

A7 Dm

O tempo parou prá eu olhar para aquela barriga

B°

A vida é amiga da arte

Am

É a parte que o sol me ensinou

D7/9

O sol que atravessa essa estrada

G7

Que nunca passou

C E7

Por isso uma força me leva a cantar

Am Gm C7

Por isso essa força estranha no ar

F F#°

Por isso é que eu canto

C/G Am

Não posso parar

D7 G7

Por isso essa voz tamanha

C Em

Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista

A7 Dm

O tempo não para e no entanto ele nunca envelhece

B°

Aquele que conhece o jogo

Am

O fogo das coisas que são

D7/9 G7

É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé é a mão

C Em

Eu vi muitos homens brigando ouvi seus gritos

A7 Dm

Estive no fundo de cada vontade encoberta

B°

E a coisa mais certa de todas as coisas

Am

Não vale um caminho sob o sol

D7/9 G7

E o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada é o sol

C E7

Por isso uma força me leva a cantar

Am Gm C7

Por isso essa força estranha no ar

F F#°

Por isso é que eu canto

C/G Am

Não posso parar

D7 G7

Por isso essa voz tamanha

**Mt. 5 Minha História – Música de usuária
(Entrevistado Hermes Soares – CASE Goiânia/GO)**

Queria tanto ter o poder de voltar pro passado,
E mudar tantas coisas que não poderiam ter concretizado.
E achando que quem me criava era pai de verdade,
Mas aos 8 anos eu descobri que essa não era a realidade.
E nessa relação tive que sofrer calada. Ele batia na minha mãe e eu não podia fazer nada.
Aí o sentimento de impotência começou a brotar, eu perguntava para Deus quando ele ia nos ajudar.
O ódio no peito crescia, o ódio no peito aumentava, acho que por isso cresci uma criança revoltada.
Conheci meu pai biológico, fiquei feliz por um momento,
Mas a felicidade passou quando vi que por mim ele não tinha sentimento.
Posso estar sendo equivocada, mas minha impressão não é errada,
Meus irmãos tinham toda atenção e carinho, enquanto eu não tinha nada.
Quando chegava nos familiares, minha vó só contava os meus erros.
Não via nada de bom em mim, ela só via os meus defeitos.
Me sentia mal-amada, me sentia frustrada, entrei em depressão,
Pensamentos ruins na minha mente passava.
Perguntei a Deus o porquê da minha vida sofrida.
Pensei em dar cabo da minha vida, será que essa seria a saída?
Minha rainha guerreira, que me criou sozinha, te daria tudo, até a minha vida.
Eu sei que não foi fácil você me criar sozinha,
Limpando o chão da casa dos outros para trazer pra nossa casa comida.
A senhora foi mãe e pai, me ensinou tudo o que eu sei.
Te amo acima de tudo. Mãe, nessa vida é só você e eu.
Sentindo a falta de um pai, entrei nessa vida louca,
Comecei a usar drogas e traficar em várias bocas.
Decepcionei minha mãe, meu Deus como eu errei entrando na vida bandida, me tornei fora-da-lei.
Eu saía para festas, ela se preocupava comigo,
Com medo de eu partir mais cedo desse mundo imprevisível.
Desculpa, minha rainha, o quanto eu te fiz chorar.
Dei muito trabalho pra você, mas a partir de hoje eu prometo mudar.
Mãe, vai ser difícil, mas não vai ser impossível.
Tenho muita fé naquele lá de cima e me fortaleço nisso.
Descobrir o meu talento, que é o de compor e cantar,
E o meu sonho é ter sucesso que, com fé em Deus, vai se realizar.
Essa é a história da minha vida que eu acabei de contar.
Pense muito antes de entrar nessa vida, sua mãe pode chorar.

Mt. 6 - SE DEPENDER DE NÓS

Integração Jr.

Se depender de nós os rios e as fontes limpos ficarão
Se depender de nós os lagos e oceanos os peixes nadarão
Se depender de nós livremente as aves voarão
Brotará a semente, se depender de nós

Se depender de nós o cheiro de uma flor perfumará o ar
Se depender de nós a terra o seu fruto sempre vai mostrar
Se depender de nós lá no céu o sol irá brilhar
Sem fumaça impedindo, Se depender de nós

Se depender de nós as matas e florestas permanecerão
Se depender de nós no mundo haverá maior compreensão
Se depender de nós o futuro será razão de seguirmos em
frente
Sempre unindo corrente nessa luta ardente
Contra a poluição (3x)

Mt. 7 - A BANDA

Chico Buarque

Tom: D

D6/9 A7

Estava à toa na vi__da O meu amor me chamou

F#m7 B7 E7(9) A7

Pra ver a banda passar Cantando coisas de amor

D6/9 A7

A minha gente sofri__da Despediu-se da dor

F#m7 B7 E7(9) A7 D6/9

Pra ver a banda passar Cantando coisas de amor

D7M A7

O homem sério que contava dinhei__ro parou

Am6/C B7 Em7 Em/D

O faroleiro que contava vanta__gem parou

C#m7 F#7(9) F#m7 B7

A namorada que contava as estre__las parou

E7(9) Em7(9) A7

Para ver, ouvir e dar passa__gem

D7M A7

A moça triste que vivia cala__da sorriu

Am6/C B7 Em7 Em/D

A rosa triste que vivia fecha__da se abriu

C#m7 F#7(9)

E a meninada toda se asanhou

F#m7 B7 E7(9) A7

Pra ver a banda passar Cantando coisas de amor

D6/9 A7

Estava à toa na vi__da O meu amor me chamou

F#m7 B7 E7(9) A7

Pra ver a banda passar Cantando coisas de amor

D6/9 A7

A minha gente sofri__da Despediu-se da dor

F#m7 B7 E7(9) A7 D6/9

Pra ver a banda passar Cantando coisas de amor

D7M A7

O velho fraco se esqueceu do cansa__ço e pensou

Am6/C B7 Em7 Em/D

Que ainda era moço pra sair no terra__ço e dançou

C#m7 F#7(9) F#m7

A moça feia debruçou na jane__la

B7 E7(9) Em7(9) A7

Pensando que a ban__da tocava pra e__la

D7M A7

A marcha alegre se espalhou na aveni__da e insistiu

Am6/C B7 Em7 Em/D

A lua cheia que vivia escondi__da surgiu

C#m7 F#7(9)

Minha cidade toda se enfeitou

F#m7 B7 E7(9) A7

Pra ver a banda passar Cantando coisas de amor

D6/9 **A7**
 Mas para meu desencan__to O que era doce acabou
F#m7 **B7** **E7(9)** **A7**
 Tudo tomou seu lugar Depois que a banda passou
D6/9 **A7**
 E cada qual no seu can__to Em cada canto uma dor
F#m7 **B7** **E7(9)** **A7**
 Depois da banda passar Cantando coisas de amor
D6/9 **B7** **E7(9)** **A7**
 Depois da banda passar Cantando coisas de amor
D6/9 **B7** **E7(9)** **A7** **D6/9**
 Depois da banda passar Cantando coisas de amor

Mt. 8 - Pra não Dizer que Não Falei das Flores
Geraldo Vandré

Tom: G

Intro:

Em D D Em
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Em D D Em
Somos todos iguais braços dados ou não
Em D Em
Nas escolas nas ruas, campos, construções
Em D D Em
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Refrão:

G D D Em
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Em D D Em
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer (2x)

Em D Em
Pelos campos há fome em grandes plantações
Em D Em
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Bm D A E
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
Bm D A E
E acreditam nas flores vencendo o canhão

(Refrão)

Em D Em
Há soldados armados, amados ou não
Em D Em
Quase todos perdidos de armas na mão
Bm D A E
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
Bm D A E
De morrer pela pátria e viver sem razão

(Refrão)

Em D Em

Nas escolas, nas ruas, campos, construções

Em D Em

Somos todos soldados, armados ou não

Bm D A E

Caminhando e cantando e seguindo a canção

Bm D A E

Somos todos iguais braços dados ou não

Em D Em

Os amores na mente, as flores no chão

Em D Em

A certeza na frente, a história na mão

Bm D A E

Caminhando e cantando e seguindo a canção

Bm D A E

Aprendendo e ensinando uma nova lição

(Refrão) 2x

**Mt. 9 Composição de Rogério Baraúna
(FUNDAC – Salvador/BA)**

Quando acordei bem cedo vi o sol clarear
Tudo clareava o mundo inteiro, só não brilhava o meu mundo
Pois com ele vacilei, quando fui na contra mão, dando brecha pra ganância e nutrindo a ambição
Pensava que sem esforço também se alcançava tudo,
Sem coragem e confiança não se vence neste mundo
Mesmo estando deitado, se alguém lhe der a mão poderá ser renovado, com esta queda no chão
E depois que se levantar, será de existência
Porque errando se aprende e a vida segue em frente
Depois que se levantar será forte e resistente
Porque errando se aprende e a vida segue em frente.

Mt. 10 – Maria, Maria - Milton Nascimento

Tom: D

(intro 2x) **D A/D F/D G/D D#/D D D9/C# Bm Bm/A G C E/B Bb D**

D A/D F/D G/D

Maria, Maria, é um dom, uma certa magia

D#/D D D9/C#

Uma força que nos alerta

Bm Bm/A G C

Uma mulher que merece viver e amar

E/B Bb D

Como outra qualquer do planeta

D A/D F/D G/D

Maria, maria, é o som, é a cor, é o suor

D#/D D D9/C#

É a dose mais forte e lenta

Bm Bm/A G C

De uma gente que ri quando deve chorar

E/B Bb D

E não vive, apenas aguenta

(refrão)

D D7+ D7 D6

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça

C7(5) D D9/C#

É preciso ter gana sempre

Bm Bm/A G

Quem traz no corpo a marca

C E/B Bb D

Maria, Maria, mistura a dor e a alegria

D D7+ D7 D6

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça

C7(5) D D9/C#

É preciso ter sonho sempre

Bm Bm/A G

Quem traz na pele essa marca

C E/B Bb D

Possui a estranha mania de ter fé na vida